

idp

idn

# MESTRADO ACADÊMICO EM COMUNICAÇÃO

---

**TRANSCOMUNICAÇÃO INSTRUMENTAL NAS MÍDIAS  
DIGITAIS:** ENTRE CRENÇA E CETICISMO NA CULTURA  
CONTEMPORÂNEA

**JOSÉ VALENTIM MARTINS MELO**

Brasília-DF, 2025

**JOSÉ VALENTIM MARTINS MELO**

**TRANSCOMUNICAÇÃO INSTRUMENTAL NAS MÍDIAS  
DIGITAIS: ENTRE CRENÇA E CETICISMO NA CULTURA  
CONTEMPORÂNEA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Comunicação, do Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

**Orientador**

Professor Doutor Edwaldo Costa

Brasília-DF 2025

**JOSÉ VALENTIM MARTINS MELO**

**TRANSCOMUNICAÇÃO INSTRUMENTAL NAS MÍDIAS  
DIGITAIS: ENTRE CRENÇA E CETICISMO NA CULTURA  
CONTEMPORÂNEA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Comunicação, do Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Aprovado em 12 / 12 / 2025

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Edwaldo Costa - Orientador

---

Prof. Dr. Luis Felipe Abreu

---

Prof. Dr. Alexandre Busko Valim

Código de catalogação na publicação – CIP

M528t Melo, José Valentim Martins

Transcomunicação instrumental nas mídias digitais: entre crença e ceticismo na cultura contemporânea / José Valentim Martins Melo. — Brasília: Instituto Brasileiro Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa, 2026.

382 f. : il.; color.

Orientador: Prof. Dr. Edwaldo Costa

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Comunicação) — Instituto Brasileiro Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa – IDP, 2025.

1. Comunicação. 2. Cultura digital. 3. Inteligência artificial. 4. Crença religiosa. I.Título

CDD 302.2

Elaborada pela Biblioteca Ministro Moreira Alves

## DEDICATÓRIA

Para Clesci, por tudo.

## AGRADECIMENTOS

Elevo meus pensamentos, como versos que se erguem ao alto, para agradecer ao Prof. Dr. Edwaldo Costa. Sua sabedoria foi o farol, revelando paisagens que eram apenas vislumbres, sendo mais que um roteiro, um despertar para a busca da verdade em cada linha aqui exposta.

À companheira Rebeca Rego, meu reconhecimento. Sua presença foi melodia, o abraço que me sustentou, parceria tecida com paciência e incentivo, trouxe leveza e inspiração, transformando os desafios em uma jornada compartilhada, onde a solidariedade se fez poesia.

Que a luz que nos uniu neste propósito ilumine seus caminhos, como vocês iluminaram o meu.



**“Há mais coisas entre o céu e a terra, Horácio,  
do que sonha a tua vã filosofia.”**

*William Shakespeare, Hamlet (Ato I, Cena V)*

## RESUMO

A presente dissertação investiga a Transcomunicação Instrumental (TCI) como fenômeno comunicacional, simbólico e discursivo na cultura digital contemporânea. O estudo analisa como a prática de tentar comunicar-se com consciências extrafísicas, mediada por dispositivos eletrônicos e Inteligência Artificial (IA), tensiona as fronteiras entre ciência, fé e tecnologia. O objetivo geral é compreender o impacto cultural da TCI, observando como seus sentidos são construídos, negociados e disputados entre céticos, crentes e pesquisadores. A metodologia adota uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, realizando uma triangulação entre Análise de Conteúdo, Análise de Discurso e Netnografia, fundamentada nos aportes teóricos de Pierre Bourdieu (Teoria dos Campos), Michel Foucault (Regimes de Verdade), Stuart Hall (Estudos Culturais) e Lúcia Santaella (Tecnocultura). Os resultados indicam que a TCI opera como um dispositivo simbólico híbrido que reconfigura a gestão do luto e a autoridade religiosa, utilizando uma "retórica da cientificação" para buscar legitimidade. A pesquisa conclui que a introdução da Inteligência Artificial Generativa (IAG) intensifica as controvérsias epistêmicas, transformando a TCI em um sintoma da tecnocultura que busca o reencantamento do mundo através da simulação e da mediação tecnológica.

**Palavras chave: Transcomunicação Instrumental. Cultura Digital. Inteligência Artificial. Disputas Discursivas. Espiritualidade.**

## ABSTRACT

This dissertation investigates Instrumental Transcommunication (ITC) as a communicational, symbolic, and discursive phenomenon within contemporary digital culture. The study analyzes how the practice of attempting to communicate with extraphysical consciousnesses, mediated by electronic devices and Artificial Intelligence (AI), strains the boundaries between science, faith, and technology. The general objective is to understand the cultural impact of ITC, observing how its meanings are constructed, negotiated, and contested among skeptics, believers, and researchers. The methodology adopts a qualitative and interdisciplinary approach, performing a triangulation between Content Analysis, Discourse Analysis, and Netnography, grounded in the theoretical frameworks of Pierre Bourdieu (Field Theory), Michel Foucault (Regimes of Truth), Stuart Hall (Cultural Studies), and Lúcia Santaella (Technoculture). The results indicate that ITC operates as a hybrid symbolic device that reconfigures grief management and religious authority, utilizing a "rhetoric of scientification" to seek legitimacy. The research concludes that the introduction of Generative Artificial Intelligence (GAI) intensifies epistemic controversies, transforming ITC into a symptom of technoculture that seeks the re-enchantment of the world through simulation and technological mediation.

**Keywords:** Instrumental Transcommunication. Digital Culture. Artificial Intelligence. Discursive Disputes. Spirituality.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
BCI	Brain-Computer Interfaces (Interfaces Cérebro-Computador)
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
CSI	Committee for Skeptical Inquiry (Comitê para a Investigação Cética)
DRV	Direct Radio Voice
EVP	Electronic Voice Phenomena ou Electronic Voice Projection (Fenômenos de Voz Eletrônica)
FFT	Fast Fourier Transform
FVE	Fenômeno de Voz Eletrônica
IA	Inteligência Artificial
IAG	Inteligência Artificial Generativa
IBPP	Instituto de Biopsicofísica
IDP	Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa
IoT	Internet of Things (Internet das Coisas)
IPATI	Instituto de Pesquisas Avançadas em Transcomunicação Instrumental
IPPB	Instituto de Pesquisas Projeciológicas e Bioenergéticas
ITC	Instrumental Transcommunication (Transcomunicação Instrumental)
MIT	Massachusetts Institute of Technology
NFC	Near Field Communication
PLN	Processamento de Linguagem Natural
RA	Realidade Aumentada
RNGs	Random Number Generators (Geradores de Números Aleatórios, em práticas de TCI)
SPR	Society for Psychical Research
TCI	Transcomunicação Instrumental



TCLE  
VR

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido  
Virtual Reality (Realidade Virtual)



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> Pré-História	16
<b>Figura 2</b> O Planisfério de Nínive: astronomia e escrita como conexão	16
<b>Figura 3</b> Narrativa Bíblica de Belsazar	16
<b>Figura 4</b> Hippolyte Léon Denizard Rivail	16
<b>Figura 5</b> Fim do Século XIX	16
<b>Figura 6</b> Instrumentelle Transkommunikation	16
<b>Figura 7</b> Século XX – Chico Xavier	16
<b>Figura 8</b> Aparelhos eletroeletrônicos	16
<b>Figura 9</b> O pioneiro Klaus Schreiber	16
<b>Figura 10</b> Primeiros contatos de Friedrich Jürgenson	16
<b>Figura 11</b> Século XXI – Divaldo Franco	16
<b>Figura 12</b> Etapas do surgimento da imagem em vídeo	16
<b>Figura 13</b> EVP (Electronic Voice Phenomenon)	16
<b>Figura 14</b> HereAfter, aplicativo	16
<b>Figura 15</b> Replika, seres digitais	16
<b>Figura 16</b>	



Spirit box .....16

**Figura 15**

Hilda Hist .....16



## LISTA DE QUADROS

### Quadro 1

Capitais Simbólicos e Regimes de Legitimação

.....74

### Quadro 2

TCI: Pseudociência vs. Ciência

.....10

### Quadro 3

Programas exibidos sobre TCI na TV Globo (entre 1988 e 2012)

.....12

### Quadro 4

Séries e reportagens (entre 2020 e 2025)

.....74

### Quadro 5

BBC e Forbes

.....10

### Quadro 6

CNN e SBT Repórter

.....12

### Quadro 7

Podcasts sobre TCI

.....74

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> Síntese Comparativa da Matriz Teórica	<b>30</b>
<b>Tabela 2</b> Quadro Sinótico da Matriz Teórica Expandida	<b>31</b>
<b>Tabela 3</b> Justificativa Científica da Escolha dos Participantes	<b>38</b>
<b>Tabela 4</b> Eficácia Simbólica e Validade Científica	<b>30</b>
<b>Tabela 5</b> Transimagens captadas	<b>31</b>
<b>Tabela 6</b> Transimagens aperfeiçoadas com IA	<b>38</b>
<b>Tabela 7</b> Instagram	<b>30</b>
<b>Tabela 8</b> Facebook	<b>31</b>
<b>Tabela 9</b> TikTok	<b>38</b>
<b>Tabela 10</b> YouTube	<b>30</b>
<b>Tabela 11</b> A TCI no Campo Jornalístico sob a Lente de Bourdieu	<b>30</b>
<b>Tabela 12</b> Síntese de Dados Chave do “Questionário - TCI”	<b>31</b>
<b>Tabela 13</b> Estrutura da Triangulação Metodológica	<b>38</b>
<b>Tabela 14</b> Crise dos Capitais e Emergência da TCI	<b>30</b>
<b>Tabela 15</b> A Tabela da Triangulação Final	<b>31</b>
<b>Tabela 16</b>	

A TCI como Fenômeno Híbrido	38
<b>Tabela 17</b>	
Fontes Iconográficas	30

# SUMÁRIO

## APRESENTAÇÃO.....23

## 1. FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E TECNOLÓGICOS ..... 30

1.1 INTRODUÇÃO..... 30

1.2 PRECURSORES DA MEDIAÇÃO ESPIRITUAL: A BUSCA HUMANA PELO  
TRANSCENDENTE.....31

1.3 O SAGRADO E A MEDIAÇÃO: DA HIEROFANIA ANTIGA AO CONTATO  
MODERNO .....37

1.4 CONCEITOS E PERCURSOS DA TRANSCOMUNICAÇÃO INSTRUMENTAL.  
..... 41

1.5 RACIONALIZAÇÃO DA CRENÇA E BUSCA POR PROVA.....53

1.6 RUPTURA EPISTÊMICA: CRISE DA MEDIUNIDADE E BUSCA POR  
OBJETIVIDADE.....56

1.7 A INVENÇÃO: SENKOWSKI E A SISTEMATIZAÇÃO DO FENÔMENO..... 58

1.8 O DESENCANTAMENTO INSTRUMENTAL: O PARADOXO DA MÁQUINA...  
..... 60

1.9 A EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA E A “PROVA” MATERIAL: DO ANALÓGICO AO  
DIGITAL.....63

1.10 A TCI E A EVOLUÇÃO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS .....65

1.11 TCI DIGITAL: CONVERGÊNCIA TECNOLÓGICA E PERSONALIZAÇÃO DA  
MEDIAÇÃO..... 68

1.12 DISPOSITIVO SIMBÓLICO HÍBRIDO E ALTERIDADE ALGORÍTMICA..... 70

1.13 A GAMIFICAÇÃO DO CONTATO: APLICATIVOS E BANALIZAÇÃO DA TCI..  
.....73

1.14 A DUPLA HÉLICE DA TÉCNICA E DA CRENÇA .....75

## 2. MATRIZ TEÓRICA: ESTRUTURA E CULTURA ..... 80

2.1 INTRODUÇÃO..... 80

2.2 A TRÍADE TEÓRICA INTERDISCIPLINAR: JUSTIFICATIVA DA ARTICULAÇÃO  
..... 80

2.3 DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR: EXEMPLIFICAÇÃO DO CONFRONTO DE  
PERSPECTIVAS..... 87

2.4 ARQUEOLOGIA DOS PIONEIROS: GÊNESE NO BRASIL E NO MUNDO . 91

2.5 CIÊNCIA MARGINAL, PSEUDOCIÊNCIA, REGIME DE VERDADE - ATAQUE E  
DEFESA .....94

# SUMÁRIO

2.6 SEMIÓTICA DA IMAGEM TRANSCOMUNICATIVA: DE KARDEC A SANTAELLA.....	96
2.7 ESTUDOS DE CASO TEÓRICO-EMPÍRICOS: A TEORIA CONFRONTA O FENÔMENO.....	97
2.8 DA MATRIZ À ESTRATÉGIA NA ERA DA PÓS-VERDADE: OPERACIONALIZAÇÃO.....	100
2.9 A ECONOMIA DAS TROCAS SIMBÓLICAS: UMA ANÁLISE BOURDIEUSIANA.....	103
2.10 MATRIZ TEÓRICA: GUIA PARA A ANÁLISE EMPÍRICA.....	110

## 3. PERCURSO METODOLÓGICO .....114

3.1 INTRODUÇÃO.....	114
3.2 METODOLOGIA.....	114
3.3 INSTRUMENTOS DE PESQUISA.....	118
3.4 AMOSTRAS E CRITÉRIOS DE SELEÇÃO.....	122
3.5 ÉTICA DA PESQUISA.....	127
3.6 ESTRATÉGIAS DE ANÁLISE E TRIANGULAÇÃO METODOLÓGICA.....	131

## 4. TECNOLOGIA, IA E VALIDAÇÃO ..... 136

4.1 INTRODUÇÃO.....	136
4.2 A IMORTALIDADE DIGITAL E A "ETERNIDADE AUMENTADA".....	137
4.3 INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS E MEDIAÇÕES PÓS-MORTE.....	138
4.4 IA NA ESCUTA ESPIRITUAL: ENTRE CÓDIGO E CRENÇA.....	148
4.5 TCI E IAG.....	152
4.6 CONTROVÉRSIAS CIENTÍFICAS E REGIMES DE VERDADE.....	155
4.7 SER OU NÃO SER: TCI É PSEUDOCIÊNCIA OU CIÊNCIA MARGINAL?..	160
4.8 PSEUDOCIÊNCIA PELA CRÍTICA CÉTICA.....	162
4.9 TCI COMO CIÊNCIA MARGINAL.....	164
4.10 IMPLICAÇÕES NA COMUNICAÇÃO DIGITAL E NAS ESFERAS DISCURSIVAS.....	167

## 5. TECNOCULTURA E DESCRIÇÃO FENOMENOLÓGICA ..... 171

5.1 INTRODUÇÃO.....	171
---------------------	-----

# SUMÁRIO

5.2 FENÔMENO DA CIBERCULTURA: DEFINIÇÕES E CONTEXTOS.....	172
5.3 O GESTO DO PRATICANTE: UMA ETNOGRAFIA DA TÉCNICA.....	175
5.4 BRASIL COM “S”: PANORAMA, MÍDIAS – ESTUDO DE CASO E RECEPÇÃO .....	176
5.5 ARQUITETURA E RUÍDO BRANCO, ROSA E MARROM: <i>GLITCH ART</i> COMO REVELAÇÃO.....	180
5.6 PROCESSAMENTO, REGISTRO E DIVULGAÇÃO – NORMAS E CONDUTAS .....	183
5.7 CRÔNICAS DA ESCUTA: RELATOS FENOMENOLÓGICOS DE SESSÕES.....	185
5.8 COMPUTADOR, OBJETO SAGRADO – PIXELS, ARTEFATOS, O SOM DO ALÉM.....	187
5.9 LUTO E ESPERANÇA NA CONSTRUÇÃO DA IMORTALIDADE: RELATOS.... .....	189
5.10 A ARQUEOLOGIA DAS MÍDIAS: O FUTURO DO PRETÉRITO NA CULTURA POP.....	194
5.11 ESPECTRO E TRANSPARÊNCIA: INVISÍVEL EM CORES E DESEJO DE VER TUDO.....	196
5.12 CIÊNCIA CIDADÃ: A RECONFIGURAÇÃO DO SAGRADO E O AMADORISMO RIGOROSO.....	199
5.13 A ESTÉTICA DO MISTÉRIO: A ENERGIA DO VAZIO QUE FALA.....	200
5.14 SINCRONICIDADE: O SIGNIFICADO NO ACASO E O FLUXO DA TRANSMISSÃO.....	203
5.15 O FUTURO: DESCRIÇÃO DE NOVAS PRÁTICAS, TENDÊNCIAS E HORIZONTES.....	204

## 6. REPRESENTAÇÕES MIDIÁTICAS..... 208

6.1 INTRODUÇÃO.....	208
6.2 MÍDIA, JORNALISMO E LEGITIMAÇÃO SIMBÓLICA.....	209
6.3 REDES SOCIAIS E CRENÇA COMPARTILHADA.....	220

## 7. SOB AS LENTES DA COMUNICAÇÃO DIGITAL .....228

7.1 INTRODUÇÃO.....	228
7.2 NA MÍDIA: DO ESPETÁCULO À INVISIBILIDADE E À VISIBILIDADE SELETIVA .....	229

# SUMÁRIO

7.3 MÍDIA DIGITAL: A GUERRILHA SEMIÓTICA E A NEGOCIAÇÃO DE SENTIDOS .....	<b>232</b>
7.4 TCI E TECNOCULTURA: A PERSPECTIVA DE LÚCIA SANTAELLA .....	<b>236</b>
7.5 SABER INSURRETO: A PERSPECTIVA DE MICHEL FOUCAULT.....	<b>239</b>
7.6 LABORATÓRIO PARA AS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO.....	<b>243</b>

## **8. NARRATIVAS CÉTICAS E CRENTES NA CULTURA DIGITAL..... 246**

8.1 INTRODUÇÃO .....	<b>246</b>
8.2 DISPUTAS DISCURSIVAS SOBRE A TCI.....	<b>247</b>
8.3 EXPERIÊNCIAS DE FÉ E ESPIRITUALIDADE .....	<b>250</b>
8.4 O IMAGINÁRIO PÓS-MORTE NA SOCIEDADE EM REDE .....	<b>257</b>

## **9. “QUESTIONÁRIO TCI”: CORPUS VIVO NA CULTURA MIDIÁTICA ..... 264**

9.1 INTRODUÇÃO.....	<b>264</b>
9.2 CONSTRUÇÃO DISCURSIVA: CONSOLO, CONTINUIDADE, LUTO.....	<b>266</b>
9.3 RETÓRICA DA CIENTIFICAÇÃO E LEGITIMAÇÃO SIMBÓLICA.....	<b>271</b>
9.4 CRÍTICA CÉTICA, PAREIDOLIA, DISPUTAS EPISTÊMICAS .....	<b>275</b>
9.5 MEDIAÇÃO DA ESPIRITUALIDADE E RECONFIGURAÇÃO DA AUTORIDADE SIMBÓLICA .....	<b>280</b>
9.6 SÍNTESE ANALÍTICA E ANÁLISE DOS DADOS .....	<b>285</b>
9.7 A PERFORMANCE DA CRENÇA NA CONSTRUÇÃO DA LEGITIMIDADE .....	<b>289</b>
9.8 PARADIGMAS EM CONFLITO, REGIMES DE VERDADE, AUTORIDADE CIENTÍFICA.....	<b>296</b>
9.9 IMPLICAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS: INVESTIGAÇÕES FUTURAS .....	<b>299</b>

## **10. ANÁLISE EMPÍRICA E DISPUTAS SIMBÓLICAS ..... 308**

10.1 INTRODUÇÃO.....	<b>308</b>
10.2 TRIANGULAÇÃO METODOLÓGICA E CAMPO DE DISPUTAS: MAPEANDO FORÇAS.....	<b>309</b>
10.3 DISCURSO DE CONSOLO E RECONFIGURAÇÃO DO CAMPO RELIGIOSO POR BOURDIEU .....	<b>310</b>

# SUMÁRIO

10.4 REGIMES DE VERDADE E LUTA PELA LEGITIMIDADE POR FOUCAULT .....	<b>312</b>
10.5 REPRESENTAÇÕES HÍBRIDAS E NEGOCIAÇÃO DE IDENTIDADES POR HALL.....	<b>313</b>
10.6 A TRIANGULAÇÃO FINAL DE BOURDIEU, FOUCAULT E HALL .....	<b>315</b>
O MODELO INTEGRADO:.....	<b>315</b>

## **11. CONSIDERAÇÕES FINAIS: SÍNTESE, IMPLICAÇÕES, HORIZONTES ... 319**

11.1 INTRODUÇÃO .....	<b>319</b>
11.2 SÍNTESE DOS ACHADOS: OBJETO HÍBRIDO E DISCURSIVO .....	<b>320</b>
11.2.1 A CRISE DA AUTORIDADE SIMBÓLICA (BOURDIEU).....	<b>321</b>
11.2.2 A LUTA PELO REGIME DE VERDADE (FOUCAULT).....	<b>321</b>
11.2.3 A TCI E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DIGITAL (HALL).....	<b>322</b>
11.3 IMPLICAÇÕES TEÓRICAS: REENCANTAMENTO TECNOLÓGICO E CRISE DA AUTORIDADE .....	<b>323</b>
11.4 O CENÁRIO DA IA: SIMULAÇÃO, AUTENTICIDADE E FUTURO PÓS-MORTE .....	<b>325</b>
11.5 CONTRIBUIÇÕES PARA O CAMPO DA COMUNICAÇÃO DIGITAL.....	<b>326</b>
11.6 LIMITAÇÕES E POSSIBILIDADES PARA FUTURAS PESQUISAS.....	<b>328</b>
LIMITAÇÕES:.....	<b>328</b>
POSSIBILIDADES PARA FUTURAS PESQUISAS:.....	<b>328</b>
11.7 CONCLUSÃO FINAL: A COMUNICAÇÃO NA FRONTEIRA DO HUMANO....	<b>329</b>

## **REFERÊNCIAS.....333**

## **APÊNDICES..... 366**



# APRESENTAÇÃO

# APRESENTAÇÃO

## APRESENTAÇÃO

A presente dissertação tem como objeto de investigação a Transcomunicação Instrumental (TCI) como prática comunicacional, simbólica e discursiva, situada no contexto da cultura digital contemporânea.

A TCI pode ser compreendida como fenômeno que busca estabelecer comunicação com consciências extrafísicas, mediado por dispositivos eletrônicos, como rádios, gravadores, televisores, computadores, *softwares*, sistemas de Inteligência Artificial (IA) e, mais recentemente, Inteligência Artificial Generativa (IAG).

**Mas o que acontece quando as máquinas que criamos para calcular e otimizar o mundo material começam a nos falar do imaterial?**

**Quando o ruído aleatório do rádio se torna a voz de um ente querido falecido e um algoritmo de IA gera uma imagem que não deveria existir, estamos diante de erro técnico, de ilusão psicológica ou de uma nova fronteira da comunicação?**

Essa prática tem raízes em antigas experiências ancestrais e tradições espirituais, mas sua configuração atual está profundamente atravessada pelas dinâmicas da midiaticização, da tecnocultura e das redes digitais, demandando uma abordagem analítica que considere suas múltiplas dimensões discursivas, técnicas e culturais.

A expressão Transcomunicação Instrumental ou *Instrumentelle Transkommunikation*, mesmo sem reconhecimento formal nos circuitos acadêmico-científicos tradicionais, tornou-se objeto de estudo de diversos pesquisadores independentes e espiritualistas.

O estudo parte da constatação de que as fronteiras entre o espiritual, o artificial e o midiático se tornam cada vez mais tênues diante dos avanços das tecnologias emergentes e da mediação comunicacional.

Inspirado nos aportes de Hall, Foucault, Santaella, Bourdieu, Meyer, Gregolin e outros, este estudo não busca comprovar ou refutar

a existência de entidades espirituais ou validar conteúdos transcomunicativos como verdades metafísicas, mas compreender como discursos e sentidos relacionados à TCI são construídos, negociados e disputados socialmente.

Importa destacar que o interesse desta pesquisa recai sobre as formas pelas quais essas experiências são construídas, representadas e performadas em contextos de mediação tecnológica e circulação simbólica. A pesquisa se posiciona como “análise dos discursos” e dos “regimes de verdade” em torno da TCI, e não como uma defesa da cientificidade da prática. O foco está em como a TCI constrói sua “legitimidade” em um multiverso de “disputa simbólica”.

Trata-se de uma análise voltada para as suas dimensões comunicacionais, técnicas e culturais, compreendidas como fenômeno social e discursivo, contextualizando-a nas tensões entre ciência e fé, espetáculo e subjetividade, disputa simbólica e produção de legitimidade, no âmbito das redes digitais e mídia tradicional.

A TCI insere-se em uma zona de ambiguidade epistêmica e cultural, como propõe Gilberto Velho (1994), ao transitar entre os campos da ciência marginal, da fé espiritualista e das tecnologias de mediação contemporâneas.

Com o avanço das tecnologias digitais e a intensificação da midiatização da vida cotidiana, o fenômeno da TCI passou a se manifestar de maneira crescente em ambientes virtuais, especialmente *YouTube*, *Reddit*, *Instagram*, *Facebook*, entre outras redes sociais.

No cenário brasileiro, o ponto focal em que este trabalho se recorta, é possível observar tensionamentos entre diferentes regimes de verdade.

De um lado, a racionalidade científica e cética, que desacredita tais experiências por ausência de evidência empírica. De outro, narrativas de fé, testemunhos subjetivos e práticas devocionais que atribuem legitimidade espiritual aos registros.

Essa tensão é amplificada pelo papel da mídia na construção das representações públicas da TCI, seja por meio de reportagens jornalísticas, documentários ou conteúdos de entretenimento que oscilam entre interesse, sensacionalismo, ceticismo e fascínio.

O **problema de pesquisa** que norteia este trabalho emerge desse embate simbólico e cultural: como a TCI, enquanto prática espiritual mediada tecnologicamente, é interpretada na cultura digital contemporânea, tensionando fronteiras entre ceticismo e crença, ciência e fé, espetáculo e subjetividade?

Parte-se da **hipótese** de que a TCI atua, na sociedade em rede, como um dispositivo simbólico híbrido (Foucault, 1995; Santaella, 2019), ao integrar códigos técnicos e espirituais em uma lógica comunicacional própria da mediação.

Nesse caminho, a TCI não apenas reflete crenças religiosas, mas reconfigura o modo como a espiritualidade é praticada, narrada e experienciada na contemporaneidade — especialmente sob o impacto de tecnologias emergentes como IA, *softwares* de síntese vocal e algoritmos de reconhecimento de imagem e som.

A **justificativa** desta investigação se dá pela necessidade de se compreender como práticas comunicacionais espiritualistas, frequentemente desqualificadas como pseudociência, se reconfiguram e ganham novos significados em ambientes digitais mediados por tecnologia.

Em outros termos, **justifica-se** a pesquisa pelo potencial de iluminar formas atuais de espiritualidade conectada, criatividade narrativa e transformação epistêmica, produzindo conhecimento interdisciplinar sobre novas práticas simbólicas e mediações digitais.

Em um momento histórico em que a IA é capaz de gerar vozes sintéticas, manipular imagens e simular interações, torna-se cada vez mais difícil distinguir o que é “real”, “espiritual”, “artificial” ou “fabricado”. Nesse contexto, a TCI atua como um campo privilegiado para se observar as transformações nas fronteiras entre técnica e transcendência, entre mediação e experiência.

Como argumenta Birgit Meyer (2019), as mídias não apenas veiculam o sagrado, elas constituem o sagrado por meio de formas sensoriais e materiais que organizam a percepção e a crença. A TCI, então, permite explorar a espiritualidade como performance comunicacional situada entre dispositivos técnicos e construções simbólicas.

O **objetivo geral** deste estudo é analisar o impacto cultural da TCI na cultura midiática contemporânea, com foco nas interpretações que o fenômeno suscita entre céticos e crentes, bem como nos papéis desempenhados pelas mídias digitais e pelas tecnologias emergentes na legitimação ou descredibilização dessa forma de comunicação.

Para alcançar tal finalidade, propõem-se, como **objetivos específicos**:

- a) **examinar a evolução histórica e conceitual da TCI, com ênfase em sua relação com as tecnologias digitais;**
- b) **identificar os modos como a mídia e os discursos acadêmicos abordam a TCI, construindo narrativas que reforçam o ceticismo ou a crença;**
- c) **avaliar as experiências de indivíduos praticantes, pesquisadores, e críticos da TCI, observando padrões de percepção e interpretação;**
- d) **analisar os efeitos das tecnologias emergentes, como a IA, a Inteligência Artificial Generativa e os softwares de processamento audiovisual, impactam sobre a construção de credibilidade da TCI; e**
- e) **compreender como a TCI é recebida em diferentes esferas discursivas, incluindo espiritualistas, céticos e público em geral.**

O **eixo principal** da pesquisa é centrado na TCI como discurso social e cultural (análise das representações, discursos e sentidos atribuídos por participantes, fundamentado em Bourdieu, Foucault e Hall).

A **metodologia** adotada, em resumo, é de natureza qualitativa e interdisciplinar, combinando análise de conteúdo (Bardin, 2016), análise de discurso (Gregolin, 2020), e Netnografia digital, com suporte de entrevistas semiestruturadas com praticantes, pesquisadores e críticos, com o objetivo de captar percepções, interpretações e disputas simbólicas.

O **corpus empírico** é composto por vídeos, *podcasts*, reportagens e interações em redes sociais digitais nos quais o fenômeno é abordado sob diferentes perspectivas. A análise é guiada por referenciais dos Estudos Culturais (Hall, 2016), da Teoria dos Campos de Bourdieu (2004), da semiótica da cultura (Santaella, 2013) e da

antropologia da religião e da mediação (Meyer, 2019), buscando compreender sua construção discursiva e prática cultural performática.

A seleção do material é orientada por critérios de relevância discursiva, alcance simbólico e diversidade de posicionamentos, buscando garantir uma abordagem representativa das principais narrativas em circulação.

A presente dissertação organiza-se em onze capítulos, além desta **Apresentação**, das **Considerações Finais, do Glossário** - Autores, Fenomenologia, Conceitos, Termos e Práticas, e dos **Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**, **Apêndice B - "Questionário – TCI"**, e **Apêndice C - Fontes Iconográficas**. Essa estrutura reflete o aprofundamento da pesquisa diante dos novos paradigmas da tecnocultura.

O **Capítulo 1**, Fundamentos Históricos e Tecnológicos, mapeia a arqueologia da TCI, desde as raízes ancestrais da mediação espiritual até a ruptura epistêmica provocada pela eletrônica e a chegada ao digital.

O **Capítulo 2**, Matriz Teórica: Estrutura e Cultura, constrói o alicerce conceitual da obra, articulando Michel Foucault (regimes de verdade), Pierre Bourdieu (campo e capital), Stuart Hall (representação e identidade) e Lucia Santaella (tecnocultura) para analisar a TCI como um dispositivo simbólico híbrido.

O **Capítulo 3**, Percurso Metodológico, detalha a abordagem qualitativa e a triangulação adotada, combinando Análise de Conteúdo, Análise de Discurso e Netnografia. O **Capítulo 4** adentra a fronteira da inovação, discutindo o papel da Inteligência Artificial Generativa (IAG) na escuta espiritual e os dilemas éticos e de autoria entre código e crença.

O **Capítulo 5** explora a fenomenologia da percepção, abordando temas como espectro, transparência e a TCI como uma prática "pós-humana" de expansão sensorial.

A seguir, a dissertação mergulha na cultura midiática. Os **Capítulos 6 e 7**, inferidos pela temática de ecologia midiática, analisam a "pedagogia do invisível" presente nos tutoriais técnicos, a atuação de influenciadores paranormais, como o canal *Spooky Houses*, e a

influência da ficção científica e do cinema na estética do medo e na formação do imaginário tecnológico do além.

O **Capítulo 8** foca nas disputas discursivas, confrontando os regimes de verdade do ceticismo materialista com as epistemologias nativas da fé na era da pós-verdade.

O **Capítulo 9** é dedicado exclusivamente ao “Questionário TCI”, encontrado no **Apêndice B**, analisando as narrativas de conforto, orientação e confirmação de praticantes, pesquisadores e críticos.

O **Capítulo 10**, Triangulação Metodológica, opera a síntese analítica final, cruzando os dados empíricos com as lentes teóricas para mapear as forças do campo e as estratégias de legitimação.

Por fim, o **Capítulo 11** discute as limitações do estudo e aponta caminhos futuros, seguido pelas **Considerações Finais**, que retomam a tese da TCI como um sintoma da mediatização do luto e da busca por alteridade na sociedade em rede.



## 1

# FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E TECNOLÓGICOS

## 1.1 INTRODUÇÃO

"O que passou é prólogo."

— William Shakespeare, A Tempestade (Ato II, Cena I)

A Transcomunicação Instrumental (TCI) emerge como um fenômeno comunicacional híbrido e multifacetado, situado na interseção entre a tecnologia de ponta e a persistente busca humana pelo transcendente, inserido em regimes de sentido que articulam espiritualidade, tecnologia e cultura midiática.

Esta citação encapsula perfeitamente a função do capítulo: demonstrar que todo o histórico de busca pela comunicação com o transcendente serve como base e introdução (prólogo) para o fenômeno da TCI como o conhecemos hoje. A frase sugere que o presente é uma consequência direta do passado, alinhando-se à análise genealógica proposta.

Este capítulo se propõe a estabelecer os fundamentos históricos e tecnológicos da TCI, não sob a ótica de uma linha evolutiva contínua, mas através da análise de uma ruptura epistêmica que transferiu a mediação espiritual do corpo do médium para o aparato técnico.

A TCI moderna, surgida no século XX, e sua subsequente reconfiguração na era digital, representa um desafio direto à racionalidade instrumental, ao utilizar seus produtos mais sofisticados, como gravadores, *softwares* e, mais recentemente, a Inteligência Artificial Generativa (IAG) para fins metafísicos.

Ao que se percebe, a TCI é um sintoma da midiatização do imaginário pós-morte, onde a tecnologia não é apenas um meio, mas um Dispositivo Simbólico Híbrido que organiza a crença e a disputa discursiva na sociedade em rede.

O presente capítulo propõe uma abordagem histórico-teórica da TCI, com o objetivo de situar o fenômeno em sua complexidade epistemológica, comunicacional, técnica e simbólica, a partir do diálogo com autores clássicos e contemporâneos da área de Comunicação.

## **1.2 PRECURSORES DA MEDIAÇÃO ESPIRITUAL: A BUSCA HUMANA PELO TRANSCENDENTE**

A TCI não nasce de um vácuo cultural; ela é a manifestação tecnológica de uma busca humana ancestral: a comunicação com o que transcende a vida material.

Para evitar a armadilha de uma linha evolutiva simplista, que reduziria a complexidade histórica a uma mera progressão técnica, é imperativo analisar as práticas precursoras sob a lente da mediação espiritual e da persistência do sagrado. A TCI, em sua essência, é a reiteração de um desejo humano de dissolução de fronteiras, estendendo o limiar entre físico e extrafísico.

A busca por comunicação com o que transcende a realidade física, o motor da TCI moderna, encontra seus precursores em práticas milenares, nas quais a mediação entre planos físico e espiritual e o uso de "instrumentos", ainda que rudimentares ou rituais, já se fazia presente como raízes ancestrais da transcomunicação.

Na Pré-História (**Figura 1. Pré-História**) surgem as primeiras comunicações interpretadas como busca pela transcendência, o Xamanismo e a Arte Rupestre. São as fundações do que se tornaria a TCI, e repousam na necessidade humana de organizar e explicar o mundo, incluindo a morte e o além.

Figura 1 – Pré-História.



Fonte: BRADshaw Foundation. Pinturas rupestres de Lascaux. [S. l.], 2025. Disponível em: <https://www.bradshawfoundation.com/lascaux/>. Acesso em: 23 abr. 2025.

A consciência da transitoriedade, demonstrada pela capacidade cognitiva de refletir sobre o passado e o futuro, atestada pelo surgimento dos primeiros ritos funerários, sugere uma crença na continuidade da existência ou na influência dos ancestrais, o que estabelece o *primum mobile* para a busca por comunicação.

O xamã ou pajé era o primeiro grande "instrumento original" de transcomunicação, atuando como elo socialmente aceito para viajar entre mundos e interceder junto aos espíritos, divindades ou ancestrais. Esta figura consolida a ideia de que a comunicação com o extrafísico exige tecnologia de mediação, seja ela mental/ritualística ou instrumental.

As pinturas rupestres, além de representarem cotidiano e mitos, podem ser vistas como primeiros registros de informações de cunho sagrado, incluindo as relativas ao plano espiritual.

Na Antiguidade Oriental, vemos a codificação do diálogo com o além notadamente no Egito e na Mesopotâmia, civilizações que consolidaram estruturas religiosas e sociais complexas que integravam a comunicação com o mundo espiritual de forma institucionalizada e codificada, elevando a mediação a um patamar burocrático.

Na Civilização Egípcia, temos a religião com sua forte crença na vida a pós a morte e na reencarnação, que exigia um complexo sistema de preparação do corpo, mumificação, e do espírito para a jornada no além, buscando a imortalidade.

Desse modo, suas pirâmides e templos, com sua arquitetura monumental e ritualística, podem ser entendidos como grandes "instrumentos" ou portais para o divino, legitimando o Faraó como a encarnação de um deus, um mediador supremo.

A preocupação com o registro e a preservação do corpo, o "meio" físico, para o sucesso na vida eterna ecoa a busca da TCI por um "meio" técnico de registro e contato.

Na Civilização Mesopotâmica, Sumérios, Babilônios, a escrita foi instrumento de conexão. A invenção da escrita cuneiforme pelos sumérios, embora primariamente para fins administrativos, representou avanço.

Na esfera religiosa, a escrita permitia registrar profecias de forma padronizada, conferindo permanência às mensagens de origem cósmica. O desenvolvimento da astronomia e da astrologia era uma tentativa de "ler" o plano dos deuses e predizer o futuro, transformando corpos celestes em instrumentos de comunicação e prenúncio.

Abaixo vemos a **Figura 2. O Planisfério de Nínive, astronomia e escrita como conexão** ("Planisfério de Nínive" ou Astrolábio K 8538), encontrado na biblioteca do Rei Assurbanipal, mas contendo conhecimentos sumérios anteriores, instrumento técnico de mediação com o sagrado, pois divide o céu em setores para observar constelações e planetas.

Figura 2 – O Planisfério de Nínive:

## astronomia e escrita como conexão



Fonte: The British Museum ([202-?]).

Na Antiguidade Ocidental Clássica, temos a mediação oracular e a necromancia. Grécia e Roma mantiveram a busca pela comunicação, mas com orientação voltada para a obtenção de conhecimento estratégico e profético. Os oráculos, como o de Delfos na Grécia, eram instituições formais de mediação.

A **Figura 3**, a seguir, ilustra a **Narrativa Bíblica de Belsazar** (ou Beltessazar, em algumas traduções), no ano de 539 a.C., o último governante da Babilônia antes de sua queda para o Império Persa. Em O Livro de Daniel (Capítulo 5) é relatado a história da "escrita na parede" ("*Mene, Mene, Tequel, Parsim*"), em que se revelou o fim do reinado de Belsazar e a queda iminente da Babilônia. Segundo estudiosos, trata-se de um caso de comunicação espiritual denominado "materialização de escrita".

Figura 3 – Narrativa Bíblica de Belsazar.



Fonte: Bible Study Tools. Belshazzar's Feast, obra de Rembrandt van Rijn, 1635. [S. l.], 2025. Disponível em: <https://www.biblestudytools.com/encyclopedias/isbe/belshazzar.html>. Acesso em: 23 abr. 2025.

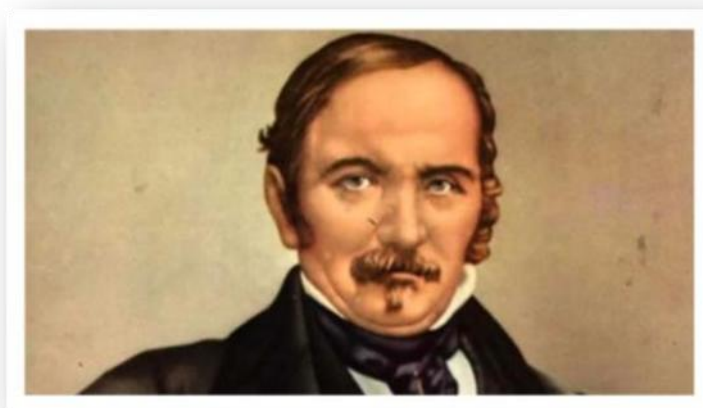
A Pítia, em estado alterado de consciência, era o "receptor" da mensagem divina, que era então interpretada pelos sacerdotes. Este processo envolve um aparato ritual e físico que se assemelha a uma "central de comunicação" espiritual, onde a voz (fenômeno oral, psicofonia) era o principal meio.

Na África Ocidental, o Jogo de Búzios, incluído no Oráculo de Ifá, sistema de adivinhação considerado um dos mais antigos, é conhecido nas tradições africanas como Èrìndínlógún (entre os Iorubás) e está profundamente enraizado em suas práticas culturais milenares. As dezesseis conchas eram (e ainda são) lançadas pelo sacerdote Babalawo sobre uma superfície, e a interpretação das posições (abertas ou fechadas) usadas para contar o futuro e orientar decisões.

Temos, assim, um "instrumento" divinatório ancestral de transcomunicação com as divindades (orixás), como método de buscar conselhos, entender desequilíbrios espirituais e encontrar caminhos para o alinhamento com o *asé* (axé, energia vital), utilizado ainda hoje nas diásporas africanas, incluindo o Candomblé no Brasil.

A prática da necromancia (consulta aos mortos para fins de predição), embora muitas vezes marginalizada, era uma prática direta de transcomunicação. Ela estabelecia a premissa de que entidades extrafísicas possuíam acesso a informações além do conhecimento humano, e que a comunicação, mesmo que rudimentar (rituais de invocação e profecia), era possível.

Figura 4 – Hippolyte Léon Denizard Rivail.



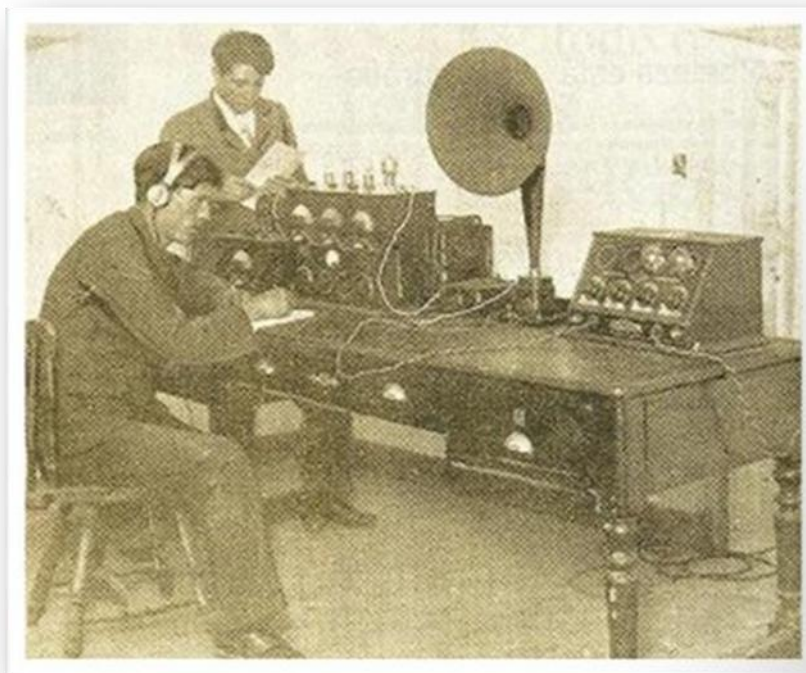
Fonte: Wikimedia Commons. Allan Kardec – photographie originale, c. 1865. [S. l.], 2025. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Allan\\_Kardec\\_2.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Allan_Kardec_2.jpg). Acesso em: 23 abr. 2025.

Na **Figura 4** vemos a ilustração de **Hippolyte Léon Denizard Rivail**, educador, autor e pedagogo francês que, no século XIX, sob o pseudônimo de Allan Kardec, notabilizou-se pela codificação da Doutrina Espírita, e da elaboração de uma metodologia com base científica, filosófica e religiosa para obter comunicações mediúnicas.

A Doutrina Espírita, desde os primeiros momentos do aparecimento da TCI, busca investigar e entender o fenômeno como um método para se verificar o princípio da comunicação com os espíritos.

Em suma, a moderna TCI, ao utilizar tecnologias atuais (rádios, gravadores, computadores, IA) para captar vozes, imagens ou textos do plano extrafísico, ressignifica uma milenar necessidade humana. Os elementos ancestrais que a moldaram são: crença inabalável na vida após a morte (Pré-História/Egito); codificação e registro da mensagem (Mesopotâmia); e o estabelecimento de um ponto focal/mediador (Xamã, Oráculo) para transpor os mundos.

Figura 5 – Fim do Século XIX.



Fonte: Science Museum Group. Early electromagnetic recording device, c. 1890. [S. l.], 2025. Disponível em: <https://collection.sciencemuseumgroup.org.uk/objects/co8084610/early-recording-device>. Acesso em: 23 abr. 2025.

Na **Figura 5**, já no fim do Século XIX, temos o surgimento dos primeiros aparelhos eletroeletrônicos. Assim, ao examinar os fundamentos históricos e os aparatos da trajetória da TCI, busca-se estabelecer uma base para análises posteriores.

### **1.3 O SAGRADO E A MEDIAÇÃO: DA HIEROFANIA ANTIGA AO CONTATO MODERNO**

A história da religião, conforme analisada a seguir por Mircea Eliade, é marcada pela manifestação do sagrado no profano, o que

denomina **hierofania**. Como vimos, desde as sociedades antigas, a comunicação com o transcendente sempre exigiu um mediador ou um dispositivo.

Nas culturas ancestrais, o mediador era o xamã, o sacerdote ou o oráculo, e o dispositivo era o ritual, o transe ou o local sagrado. Esses mediadores e dispositivos eram imbuídos de um **potencial simbólico**<sup>1</sup> que transcendia sua funcionalidade imediata, conferindo-lhes a capacidade de organizar a experiência do sagrado.

“Todo o espaço sagrado implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem por efeito destacar um território do meio cósmico circundante e o tornar qualitativamente diferente.”<sup>2</sup>  
(FELINTO, 2005)

Esta irrupção do sagrado estabelece um ponto fixo, um centro em um mundo de outra forma caótico e homogêneo. A TCI, ao utilizar o aparato técnico (rádio, gravador, IAG) como mediador, estabelece paralelo com essas práticas antigas, mas com diferença fundamental: a mediação é transferida do corpo do médium para a máquina.

Essa transferência, contudo, não anula a função do dispositivo como um **dispositivo espiritual**<sup>3</sup>, que continua a conectar sujeitos a narrativas de transcendência. A busca por um sinal, seja ele um sussurro no vento ou um *EVP* no ruído branco, é a versão contemporânea da busca por uma hierofania.

Aqui se estabelece o pano de fundo antropológico da TCI. Analisando Eliade, percebemos a ideia de que a TCI é uma forma moderna de resignificação da experiência religiosa, e não um fenômeno isolado. A mediação espiritual é a constante; a tecnologia é a variável que define a forma.

Para aprofundar essa análise, é fundamental introduzir a perspectiva de **Jean Delumeau**, historiador das mentalidades religiosas no Ocidente. Em sua obra “História do Medo no Ocidente”, Delumeau demonstra como a cultura ocidental, especialmente entre os séculos XIV e XVIII, foi profundamente moldada por uma “pastoral do medo”, onde a Igreja Católica Apostólica Romana utilizava a

---

<sup>1</sup> FELINTO, Erick. *As Máquinas de Deus: Técnica, Cultura e Religião*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.

<sup>2</sup> ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: A Essência das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

<sup>3</sup> Glossário da Dissertação. Dispositivo Espiritual.

ameaça da morte, do inferno e do demônio como instrumentos de controle social e espiritual.

A comunicação com o além, nesse contexto, não era apenas uma busca por consolo, mas uma tentativa desesperada de obter garantias de salvação em um mundo saturado pelo medo do pós-morte.

“A pastoral do medo foi, sem dúvida, um dos instrumentos mais eficazes da cristianização e da confessionalização das massas europeias.”<sup>4</sup> (DELUMEAU, 1989)

Delumeau argumenta que a morte se tornou o grande tabu e, ao mesmo tempo, a obsessão central da cultura ocidental. A TCI, ao emergir séculos depois, pode ser interpretada como um sintoma tardio dessa longa história de medo e ansiedade.

A busca por uma “prova” da sobrevivência da alma, mediada pela tecnologia, é uma resposta à incerteza e ao medo que a religião institucional, paradoxalmente, ajudou a construir. A TCI oferece uma forma de contornar a mediação da Igreja, buscando um contato direto e “evidente” com o ente querido, uma garantia pessoal contra o medo ancestral da aniquilação.

A articulação entre Eliade e Delumeau é crucial, posto que, enquanto Eliade nos fornece o quadro antropológico da busca pelo sagrado como uma constante humana, Delumeau nos oferece o contexto histórico-psicológico da ansiedade ocidental em relação à morte. A TCI não é apenas uma busca por uma **hierofania** (Eliade), mas uma busca por uma hierofania que possa aplacar um medo profundamente enraizado na cultura (Delumeau).

A tecnologia, nesse movimento, surge como o mediador ideal para uma sociedade que, ao mesmo tempo que se afasta da fé institucional, ainda carrega as cicatrizes de uma pastoral do medo. A máquina, supostamente neutra e objetiva, oferece a promessa de uma resposta sem o filtro da culpa e do pecado, uma comunicação “limpa” com o além.

Para solidificar a análise da TCI como uma reiteração moderna de práticas ancestrais, é produtivo detalhar os exemplos históricos e antropológicos que ilustram o conceito de hierofania de Eliade.

---

<sup>4</sup> DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente: 1300-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Nas sociedades tribais, um objeto comum, como uma pedra ou uma árvore, podia ser subitamente investido de poder sagrado por ter sido o local de um sonho, uma visão ou um evento natural extraordinário, como um trovão ou a queda de um raio.

O Oráculo de Delfos, na Grécia Antiga, é outro exemplo canônico: a sacerdotisa (a Pítia) atuava como mediadora, mas o dispositivo era complexo, envolvendo um local geográfico específico (o templo de Apolo), um estado de transe (induzido por vapores que emanavam de uma fenda na terra) e um ritual codificado. A mensagem divina era, invariavelmente, ambígua e necessitava de interpretação, um paralelo notável com a ambiguidade dos sinais de áudio e vídeo na TCI.

Essa necessidade de mediação e de um dispositivo não se limita a culturas antigas ou tribais. O próprio cristianismo, embora centrado na figura de Cristo como o mediador supremo, desenvolveu um vasto arsenal de dispositivos secundários de mediação.

Relíquias de santos, locais de peregrinação (como em Aparecida, Fátima ou Lourdes), sacramentos e a própria arquitetura da catedral, projetada para evocar o sagrado e facilitar a comunicação com o divino: cada um desses elementos funciona como um canal, um ponto de contato entre o mundo profano e a realidade transcendente.

A contribuição de Jean Delumeau torna-se ainda mais potente quando observamos como a pastoral do medo se materializava em dispositivos visuais e narrativos.

As representações do Juízo Final nos tímpanos das catedrais góticas, as Danças Macabras pintadas nos muros dos cemitérios durante a Peste Negra e os sermões inflamados sobre as torturas do inferno funcionavam como uma mídia de massa da época, cujo objetivo era inscrever o medo da danação na psique coletiva.

A confissão auricular, institucionalizada a partir do IV Concílio de Latrão em 1215, tornou-se o dispositivo disciplinar por excelência para gerir esse medo, oferecendo um canal de comunicação para a absolvição, mas ao mesmo tempo reforçando a culpa e a ansiedade.

Esta expansão detalhada serve a três propósitos. Primeiro, ela **justifica** a análise da TCI em um contexto histórico mais amplo, mostrando que a mediação tecnológica não é uma anomalia, mas a continuação de uma longa tradição de uso de dispositivos para

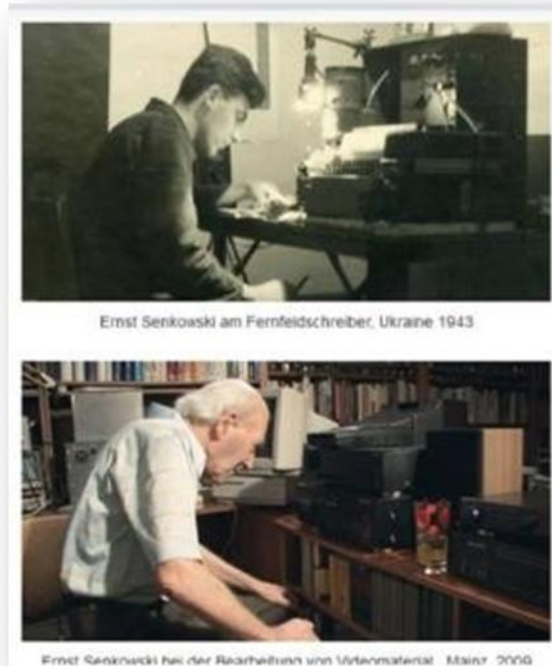
contatar o sagrado. Segundo, **exemplifica** concretamente os conceitos de Eliade e Delumeau, conferindo maior rigor acadêmico à argumentação. Terceiro, **reforça a reflexão** sobre o papel da TCI hoje: em uma sociedade secularizada, mas ainda assombrada pelo legado do medo da morte, a tecnologia oferece um novo tipo de dispositivo, que promete a objetividade da ciência para responder a uma ansiedade profundamente religiosa e existencial.

## **1.4 CONCEITOS E PERCURSOS DA TRANSCOMUNICAÇÃO INSTRUMENTAL**

A TCI pode ser definida como o conjunto de práticas voltadas à tentativa de estabelecer comunicação com entidades espirituais, ou seres não corpóreos, por meio de instrumentos tecnológicos. Inicialmente com gravadores e rádios de válvula, e mais recentemente com aplicativos, *softwares* de edição e Inteligência Artificial, o fenômeno foi ganhando contornos híbridos, entre espiritualidade, técnica e mediação simbólica.

A **Figura 6.** ilustra o físico Ernst Senkowski que denominou o termo *Instrumentelle Transkommunikation* na década de 1980, a partir da tentativa de conferir cientificidade e sistematização a um campo à época associado ao misticismo ou ao esoterismo (VIEIRA, 2002).

Figura 6 – Instrumentelle Transkommunikation.



Fonte: ITC Journal. Ernst Senkowski com equipamento de transcomunicação, 2006. [S. l.], 2025. Disponível em: <http://www.itcjournal.org/archives/senkowski/>. Acesso em: 23 abr. 2025.

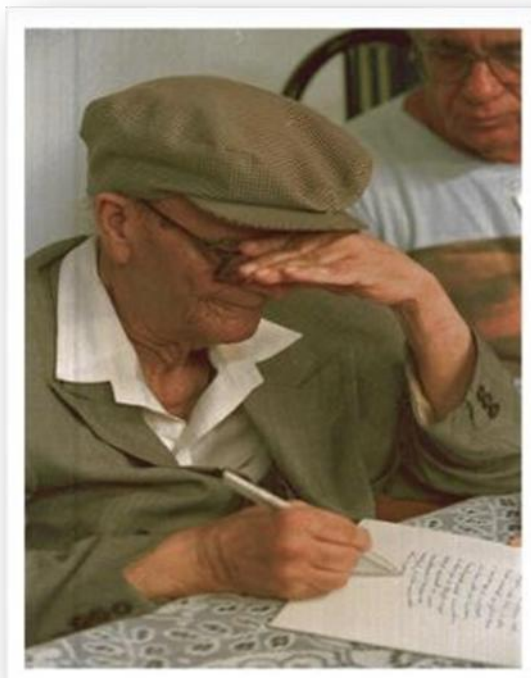
Para Cabral (2020), a expressão de Senkowski refere-se ao uso de aparelhos eletrônicos cotidianos, como rádios, gravadores, televisores e filmadoras, na tentativa de estabelecer comunicação com consciências extrafísicas. Para os praticantes da TCI, esses dispositivos, especialmente quando combinados, gerariam um campo de energia que poderia ser manipulado ou "plasmado" pelas entidades comunicadoras, resultando na formação de vozes ou imagens captadas em meio à estática ou ao ruído.

Como aponta Andrade (2008), a partir da segunda metade do século XX, os aparelhos eletroeletrônicos também funcionaram como novos canais de mediação entre vivos e mortos. Em tais práticas, a mediação se dá sem necessidade de "médium" tradicional, especialmente o associado ao fornecimento de ectoplasma, como nas práticas espíritas clássicas. Esse modelo de contato entre dimensões evolui paralelamente ao desenvolvimento das telecomunicações.

A **Figura 7. Século XX – Chico Xavier**, reproduz este modo de mediação tradicional do brasileiro Chico Xavier que teria psicografado mais de 450 livros e também escrito mais de 10 mil cartas, cuja autoria

de todas obras foi atribuída a espíritos, com seus respectivos direitos autorais doados a instituições de caridade.

Figura 7 – Século XX – Chico Xavier.



Fonte: Federação Espírita Brasileira. Chico Xavier durante psicografia, década de 1970. [S. l.], 2025. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/chico-xavier/>. Acesso em: 23 abr. 2025.

Em relação a TCI, referindo-se a seu “mentor”, no programa de TV “Pinga Fogo” (1971) assim respondeu à pergunta sobre comunicação espiritual eletrônica: “Emmanuel sempre nos informa que cabe a nós todos formular os mais ardentes votos para que a ciência no mundo atinja esta realização [...]”<sup>5</sup>.

Em TCI, as técnicas de mediação variam em complexidade, desde práticas mais simples, como gravar sons em ambientes silenciosos ou fotografar superfícies reflexivas, incluindo plásticos bolha ou água e vapores d’água (ver Glossário, termo “hidroimagens”), até métodos mais sofisticados que envolvem o uso de *softwares* especializados e configurações técnicas desenvolvidas especificamente para a captação de supostos sinais espirituais.

---

<sup>5</sup> Pinga Fogo - Chico Xavier - Transcomunicação Instrumental - Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FCALQ47Q6OQ> Acesso em 23 de abril de 2025.

Um procedimento comum consiste em utilizar rádios fora de estação para gerar “ruído branco” que é gravado por outro equipamento com um microfone que tenta captar “ruído modulado”, enquanto o operador solicita a manifestação de entidades ou observa sons paranormais (**Figura 8. Aparelhos eletroeletrônicos**). De maneira semelhante, filmadoras são direcionadas a monitores de TV em sinal aberto ou de vídeo invertido, buscando imagens que emergem da interferência visual, num sistema denominado **Vidicom**.

Figura 8 – Aparelhos eletroeletrônicos.



Fonte: Transcommunication Research. Diagrama de configuração básica para captura de EVP. [S. l.], 2025. Disponível em: <http://www.transcommunication-research.org/equipment.html>. Acesso em: 23 abr. 2025.

Após as gravações, os arquivos captados são transferidos para computadores, onde são minuciosamente analisados com o auxílio de programas de edição de áudio e vídeo. A análise é feita minuto a minuto ou quadro a quadro, em busca de possíveis mensagens, sinais ou padrões interpretados como manifestações.

Essa etapa técnica de escuta e observação reforça a dimensão performática e mediacional da prática, articulando crença, tecnologia e metodologia empírica própria. O livro “Transcomunicação Fácil”<sup>6</sup>, como o título da obra sugere, oferece um manual prático passo a passo de procedimentos em TCI.

<sup>6</sup> Transcomunicação Fácil, de Luis Hu Hivas, 1ª Edição, Boa Nova Editora, 2023.

Um caso emblemático é do alemão Klaus Schreiber (**Figura 9. O pioneiro Klaus Schreiber**), adiante. O pioneiro das imagens captadas por aparelhos eletrônicos, em 1985, declarou ter obtido registros em vídeo de seus parentes falecidos, com os quais se comunicava por meio de gravações em fita magnética. Utilizando câmera posicionada diante de uma televisão sintonizada em canal fora do ar, Schreiber afirmou ter identificado, “no meio das nuvens [...], sua filha Karin, morta aos dezoito anos” (CABRAL, 2008, p. 206).

Figura 9 – O pioneiro Klaus Schreiber.



Fonte: Association for Instrumental Transcommunication. Klaus Schreiber em seu laboratório, década de 1980. [S. l.], 2025. Disponível em: <https://www.aitc.org/history/schreiber>. Acesso em: 23 abr. 2025.

Contudo, a prática antecede a nomeação. Na década de 1950, o sueco Friedrich Jürgenson relatou ter captado vozes humanas em gravações feitas ao ar livre, durante a observação de cantos de pássaros. A partir do século XX, diversos gravadores começaram a captar supostas vozes extrafísicas.

Figura 10 – Primeiros contatos de Friedrich Jürgenson.



Fonte: Jürgenson Foundation. Friedrich Jürgenson com gravador, c. 1960. [S. l.], 2025. Disponível em: <http://www.jurgensonfoundation.org/gallery>. Acesso em: 23 abr. 2025.

Esse fenômeno foi chamado inicialmente de *EVP* (*Eletronic Voice Phenomenon*), podendo ser considerado um desses primeiros contatos registrados na Suécia, em 1959 com o produtor de filmes Friedrich Jürgenson (**Figura 9. Primeiros contatos de Friedrich Jürgenson**).

Considerado o precursor da TCI moderna, Jürgenson publicou sua experiência em *Sprechfunk mit Verstorbenen* (1972), obra que influenciou diretamente o trabalho de Konstantin Raudive.

Este, por sua vez, acumulou mais de cem mil gravações analisadas, com o objetivo de encontrar padrões sonoros e estabelecer critérios de validação, o que lhe conferiu notoriedade entre espiritualistas e parapsicólogos (RAUDIVE, 1971).

Na década de 1970, o casal George e Jeannette Meek financiaram um projeto elaborado por Willieam O'Neil denominado ***Spiricom***, que seria uma máquina capaz de captar vozes de espíritos. Os resultados das pesquisas constam no livro "*After We Die, What Then?*", de George Meek<sup>7</sup>. Esses registros inauguraram um novo campo de disputa discursiva: **entre a escuta científica e a escuta mística**.

Segundo Cabral (2017), a TCI não se limita à Doutrina Espírita, embora, historicamente, com ela mantenha diálogo próximo. Para

---

<sup>7</sup> "*After We Die, What Then?*", de Gorge Meek. Editora: Ariel Pr. (1987).

alguns estudiosos, “fenômenos de TCI revivem os fatos que deram origem ao Espiritismo”<sup>8</sup>.

Neste entendimento, tratamos aqui de uma prática transcultural e transreligiosa que assume significados conforme o contexto sociotécnico e a formação simbólica de seus praticantes.

Ao ser apropriada por diferentes comunidades e mediada por distintas tecnologias, torna-se fenômeno plural, exigindo abordagem comunicacional que considere as intersecções entre discurso, técnica e espiritualidade.

Como enfatiza a autora, "a experiência transcomunicativa é menos uma busca por provas empíricas e mais uma prática de significação que se ancora na afetividade, na memória e na expectativa da continuidade" (CABRAL, 2017, p. 102).

Sobre tal intervenção e interlocução humana, Divaldo Franco (**Figura 11. Século XXI – Divaldo Franco**), falecido em 2025 aos 98 anos, renomado professor, médium, escritor e filantropo brasileiro, considerado um dos maiores divulgadores do Espiritismo por sua extensa obra psicografada, declarou:

“A Transcomunicação Instrumental, essa admirável proposta dos tempos modernos, leva-nos aos dias missionários de Allan Kardec. À época do codificador, a transcomunicação estava presente nas mensagens através das mesas pé-de-galo [...]”<sup>9</sup>.

Tal percepção é aceita por Goldstein (1997), que a define como uma comunicação com consciências extrafísicas, com ou sem intermediação humana: "a Transcomunicação consiste na comunicação com seres ou consciências situadas fora da realidade física habitual, ocorrendo com ou sem intermediação humana" (GOLDSTEIN, 1997, p. 9).

---

<sup>8</sup> Artigo de Jorge Hessen, revista “O Consolador” - “Fenômenos de TCI revivem os fatos que deram origem ao Espiritismo.” Disponível em: <https://www.oconsolador.com.br/44/especial.html> Acesso em: 03 Mar.2025.

<sup>9</sup> Depoimento de Divaldo Franco no programa "Espiritismo Via Satélite", 02/11/97, apud Segundo Congresso Internacional de Transcomunicação Instrumental - Parte 1 - 1 de 10. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jhsdPjmp3Pk> Acesso em: 08/03/2025.

O que está em jogo aqui é uma redefinição da própria noção de interlocutor, dado que o outro da comunicação não está mais circunscrito ao visível ou ao mensurável.

Esta ampliação desafia os modelos clássicos da comunicação linear e da verificação empírica, propondo uma ontologia comunicacional expandida.

Figura 11 – Século XXI – Divaldo Franco.



Fonte: Instituto de Cultura Espírita. Divaldo Pereira Franco, 2023. [S. l.], 2025. Disponível em: <https://www.ice.org.br/divaldo-franco/>. Acesso em: 23 abr. 2025.

No campo da epistemologia, Hernani Guimarães Andrade (1992) argumenta que a TCI exige um paradigma não materialista. Em sua obra "Psi Quântico", propõe uma parapsicologia assentada em princípios da física quântica, nos quais a consciência não se extingue com a morte biológica e pode interagir com dispositivos físicos sutis.

Embora seu modelo não tenha sido incorporado pelas ciências oficiais, ele revela uma tentativa de diálogo entre racionalidade científica e experiência subjetiva. Nesse sentido, a proposta de Andrade contribui para se refletir a TCI como fenômeno de mediação entre planos ontológicos díspares.

Essa concepção é reforçada por François Brune e Rémy Chauvin (1994), para quem a TCI constitui uma "zona cinzenta" entre ciência e espiritualidade. Os autores afirmam que os dispositivos eletrônicos não trabalham isoladamente, mas funcionam como catalisadores simbólicos que estruturam a crença e produzem sentido.

O valor das mensagens não está só em seu conteúdo, mas na performance tecnológica que as distribui. Logo, há um deslocamento do foco da veracidade para a ritualização da escuta e para a potência simbólica da mediação técnica.

A TCI, ao combinar signos técnicos e espirituais, constrói um regime específico de representação que busca traduzir o invisível. Ao se considerar a TCI como cria da Comunicação, é imprescindível mobilizar a noção de representação conforme Stuart Hall (2016). Para o autor, representar é criar sentido socialmente repartido e intermediado por signos.

A escuta espiritual não se dá apenas pela via sensorial, mas também pela inscrição midiática de sentidos que são interpretados dentro de um quadro de crença. Nessa perspectiva, a TCI é menos transmissão analógica ou digital e mais estrutura discursiva e coletiva.

Lúcia Santaella (2019), ao tratar da cultura cibermidiática, afirma que "as mídias não apenas reproduzem o mundo; elas redesenham o modo como o mundo é percebido e vivido". Essa proposição é particularmente relevante para pensar a TCI no contexto contemporâneo, em que a digitalização e a inteligência artificial remodelam as formas de mediação do sagrado.

Como produto e produtora de tecnocultura, a TCI exemplifica o redimensionamento, e atualiza imaginários espirituais a partir de mediações técnicas sofisticadas, como síntese de voz, espectrogramas e aplicativos de transcodificação de áudio e vídeo.

Na perspectiva de Erick Felinto (2005), o sagrado não desaparece na modernidade tecnológica, ele se reinscreve nas superfícies midiáticas. O autor argumenta que "a técnica e o imaginário não são domínios opostos, mas sim mutuamente constitutivos" (FELINTO, 2005, p. 29).

A TCI se insere justamente nesse entrelaçamento, funcionando como um dispositivo de atualização de crenças ancestrais por meio da

linguagem técnica contemporânea. Em vez de anacronismo, a TCI representa uma ressignificação da espiritualidade em chave midiática.

Muniz Sodré (2006) oferece uma chave valiosa ao tratar das formas de saber não hegemônicas. Em sua crítica à racionalidade tecnocrática, Sodré propõe a valorização de epistemologias do sensível, nas quais o conhecimento não se reduz à lógica científica formal.

Nessa acepção, a TCI pode ser compreendida como uma prática de resistência epistêmica, uma vez que reabilita modos de conhecer baseados na intuição, na fé e na experiência subjetiva, mediados por aparatos técnicos que conferem legitimidade comunicacional a estas formas de saber.

Nas últimas décadas, pesquisadores brasileiros vêm se debruçando sobre as interações entre espiritualidade, tecnologia e comunicação a partir de uma perspectiva crítica e situada, reconhecendo o valor da TCI como objeto híbrido e atravessado por múltiplas dimensões do sensível e do simbólico.

Barbosa (2020) aponta para a emergência de uma espiritualidade midiaticizada no Brasil, fortemente ancorada em plataformas digitais que dão visibilidade a práticas como a transcomunicação, o espiritismo científico e o mediunismo tecnomidiático. Para o autor, esses fenômenos desafiam as categorias tradicionais da religião e da ciência, e abrem espaço para novas formas de legitimidade cultural.

Nesse mesmo caminho, Marques (2021) analisa o processo de midiaticização da espiritualidade no Instagram, destacando como influenciadores espirituais produzem conteúdos que reconfiguram as experiências de fé e escuta espiritual a partir de dispositivos técnicos. Embora não trate exclusivamente da TCI, a pesquisa oferece aportes fundamentais para pensar a visibilidade, a recepção e a performance dos sentidos espirituais em ecossistemas digitais.

Lima e Tavares (2019) propõe o conceito de "tecnognose midiática" para analisar como dispositivos de comunicação contemporâneos têm sido apropriados para fins de escuta espiritual, canalização de mensagens e construção de narrativas de fé. Os autores observam que tais práticas não são resquícios do passado, mas expressões contemporâneas de uma espiritualidade reconfigurada pela lógica algorítmica.

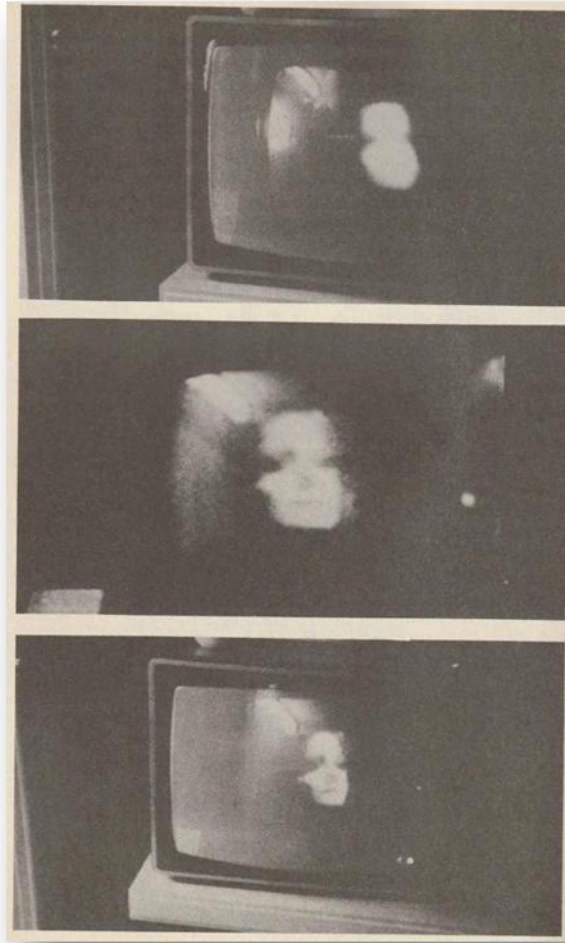
Essas abordagens ressoam com a reflexão de Sodré (2022), que propõe uma crítica à hegemonia da racionalidade tecnocientífica e defende a valorização de epistemes sensíveis e afetivas. Para o autor, vivemos uma era de escassez simbólica, na qual a técnica desloca o sentido do sagrado para a superfície da imagem e da simulação.

A TCI, nesse contexto, pode ser lida como uma forma de reencantamento comunicacional, em que a máquina se torna ponte entre mundos e a mediação técnica reabre o espaço da escuta espiritual (*vide* **Figura 12. Etapas do surgimento da imagem em vídeo**).

Já Antoun (2004), ao discutir as práticas religiosas em ambientes digitais, sustenta que a rede é também um território de subjetivação religiosa. Em sua análise sobre a cibercultura espiritual, Antoun demonstra como os sítios eletrônicos, blogs e fóruns se tornam espaços legítimos de produção de sentido religioso, configurando novas formas de autoridade espiritual descentralizada.

Essa observação é interessante para entender como a TCI migra para as redes digitais e passa a ser performada por sujeitos comuns, fora das estruturas religiosas institucionais.

Figura 12 – Etapas do surgimento da imagem em vídeo



Fonte: Cabral (2020)

Dessa forma, ao incorporar essas vozes da produção acadêmica e das práticas locais de transcomunicação, amplia-se o entendimento da TCI como um fenômeno comunicacional complexo, situado na confluência entre tecnologia, fé e cultura digital.

Tal abordagem permite ainda compreender a TCI como um artefato discursivo que disputa sentidos, estabelece performances de escuta e rearticula regimes de verdade nos territórios híbridos da mídia contemporânea.

Rinaldi (2004) demonstra que a TCI no contexto brasileiro se apresenta menos como uma doutrina estruturada e mais como um campo dinâmico de experimentação simbólica e tecnológica.

A autora destaca que, apesar das controvérsias que envolvem suas pesquisas, os experimentos realizados com gravações digitais, imagens transcomunicativas e colaborações com centros

internacionais têm obtido ampla circulação em mídias sociais, documentários e *podcasts*, atuando como importantes vetores de visibilidade e de construção de legitimidade pública para a prática.

Conforme argumenta Meyer (2020), a religião pode ser compreendida como um conjunto de práticas de mediação, que abrange desde os meios de comunicação de massa até objetos técnicos e artefatos cotidianos, desempenham papel constitutivo. A pesquisadora desloca o foco da análise para as mídias enquanto operadores sensoriais e simbólicos que tornam o “além” acessível, experienciável e perceptível.

Ao se vincular sujeitos entre si e com instâncias do invisível, esses dispositivos conferem materialidade à fé, configurando formas específicas de vinculação estética e política com o sagrado. Tal perspectiva é fundamental para se compreender a TCI como prática que não apenas se vale da técnica, mas que opera no e pelo técnico, ao articular crença, tecnologia e experiência religiosa, sob a lógica da mediação.

## 1.5 RACIONALIZAÇÃO DA CRENÇA E BUSCA POR PROVA

A transição para a modernidade, marcada pelo processo de **racionalização weberiana**, conforme citação adiante, impôs uma nova exigência à mediação espiritual, a prova. A busca pelo contato com o além deixou de ser apenas questão de fé e passou a ser questão de verificação.

O século XIX, com o surgimento do Espiritismo, já demonstrava essa tendência ao tentar sistematizar o fenômeno mediúnico e submetê-lo a uma lógica quase-científica.

“A crescente intelectualização e racionalização não indicam, portanto, um conhecimento maior e geral das condições sob as quais vivemos. Significam, antes, que sabemos ou acreditamos que, a qualquer momento, poderíamos, se apenas o quiséssemos, provar que não há poderes misteriosos e incalculáveis que entram em jogo, mas que, em princípio, todas as coisas podem ser dominadas pelo cálculo.”<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> WEBER, Max. A ciência como vocação. In: Ensaios de sociologia. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002.

Essa busca por prova é o que liga as práticas precursoras à TCI moderna. O dispositivo técnico, produto da **racionalidade instrumental**, é convocado para validar o fenômeno. A TCI, ao se apoiar em instrumentos eletrônicos, confere a objetividade ao fenômeno que o Espiritismo clássico, dependente da subjetividade do médium, não conseguia.

A análise de Gilberto Velho<sup>11</sup> sobre o individualismo na sociedade contemporânea potencializa a percepção. A TCI, ao permitir que o indivíduo realize a captação em seu próprio ambiente, democratiza a mediação e a torna uma experiência individual de busca por sentido, em contraste com a antiga mediação institucionalizada.

A convocação de Max Weber é indispensável para compreender a TCI como sintoma da modernidade. O fenômeno não representa uma negação da racionalidade, mas uma tentativa de aplicá-la ao domínio do espiritual. A máquina, nesse contexto, é o **fetichismo da objetividade**, o mediador que promete uma verdade “não contaminada” pela subjetividade humana.

Gilberto Velho, por sua vez, nos ajuda a entender o vetor social por trás dessa busca, o projeto individualista. O praticante não busca apenas a prova da sobrevivência, mas a apropriação individual da prova. Ele se torna o protagonista da própria jornada espiritual, um movimento que enfraquece a autoridade das instituições religiosas tradicionais e fortalece a centralidade do indivíduo como produtor de seu sistema de crenças personalizado.

A TCI é, enfim, a manifestação de uma espiritualidade privatizada e tecnologicamente mediada, perfeitamente alinhada ao *ethos* do individualismo moderno

O processo de racionalização descrito por Max Weber não foi um evento súbito, mas um desenvolvimento de longa duração que atingiu seu ápice na modernidade. O “desencantamento do mundo” não significou o fim da crença, mas sua transformação. A crença foi deslocada do domínio do mágico e do incalculável para o domínio do racional e do sistemático.

O século XIX é o laboratório para se observar essa passagem. Foi um período de otimismo científico sem precedentes, onde a física, a

---

<sup>11</sup> VELHO, Gilberto. Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

química e a biologia pareciam capazes de desvendar todos os segredos do universo. Ao mesmo tempo, foi um tempo de crise existencial, com o declínio da autoridade espiritual clássica e a elevação de outras configurações religiosas.

O Espiritismo, codificado por Allan Kardec na França a partir de 1857, é o exemplo mais notável de uma “religião científica”. Kardec buscou aplicar os princípios da observação, comparação e classificação aos fenômenos mediúnicos.

A própria estrutura de “O Livro dos Espíritos”<sup>12</sup>, organizada em perguntas e respostas, emula um catecismo, mas seu conteúdo busca uma validação lógica e empírica. Em seus princípios de “**fé raciocinada**”, objetiva demonstrar a imortalidade da alma e a comunicabilidade dos espíritos não como um ato de fé, mas como lei da natureza, tão válida quanto a lei da gravidade.

Essa busca por objetividade e prova material é o que conecta diretamente o Espiritismo do século XIX à TCI do século XX. A TCI pode ser vista como a radicalização do projeto kardecista: se o médium humano era o ponto fraco, o elemento subjetivo que comprometia a credibilidade do fenômeno, a solução seria substituí-lo por um mediador que encarnasse os ideais da era industrial: a máquina.

O gravador de fita, o rádio, e mais tarde o computador, são vistos como observadores neutros, desprovidos de emoção, crença ou intenção, e, diante disso, como testemunhas ideais.

Neste entendimento, a TCI não é um fenômeno isolado do século XX, mas a consequência lógica de um processo de racionalização da crença que se iniciou no século XIX. Ao detalhar o projeto do Espiritismo, justificamos a afirmação de que a TCI representa uma resposta à “crise de subjetividade” da mediunidade.

A exemplificação com Kardec e “O Livro dos Espíritos” torna a análise mais concreta e historicamente fundamentada. Esta reflexão conecta essa busca por prova ao individualismo analisado por Gilberto Velho, mostrando como a TCI oferece uma solução duplamente moderna: uma prova “científica” para uma experiência espiritual “privada”.

---

<sup>12</sup> KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. Brasília: FEB, 2021, (1ª ed. – Edição Original:1857).

## 1.6 RUPTURA EPISTÊMICA: CRISE DA MEDIUNIDADE E BUSCA POR OBJETIVIDADE

A emergência da TCI no século XX representa uma ruptura epistêmica fundamental na forma como a comunicação com o extrafísico é concebida e praticada. O ponto de inflexão reside na substituição do médium humano pelo dispositivo técnico como principal agente de mediação.

O Espiritismo clássico, codificado por Allan Kardec no século XIX, baseava-se na figura do médium, um indivíduo dotado de uma faculdade orgânica para servir de intermediário entre os planos. A validade da mensagem dependia, em grande parte, da confiabilidade e da moralidade do médium, introduzindo um alto grau de subjetividade e vulnerabilidade à fraude. A TCI surge, em parte, como uma resposta a essa crise de subjetividade.

A busca pela objetividade é um reflexo direto da racionalidade instrumental (PIERUCCI 2003) que permeava a sociedade ocidental no século XX.

**Se a ciência e a tecnologia podiam medir e controlar o mundo físico, por que não poderiam fazer o mesmo com o mundo espiritual?**

A TCI, ao utilizar o gravador, o rádio e, posteriormente, a televisão, tentou transferir a responsabilidade da mediação do corpo humano, subjetivo e falível, para a máquina, objetiva e mensurável.

A análise da crise da mediunidade é importante para a percepção da singularidade da TCI. Ao citar Max Weber (2002), a TCI pode ser vista como um esforço para aplicar a lógica da “ciência como vocação” ao fenômeno espiritual, buscando um método que fosse, teoricamente, independente da crença individual.

Essa tentativa de “purificar” o canal de comunicação, removendo o “ruído” da subjetividade humana, é o cerne da ruptura epistêmica que a TCI representa. A máquina, nesse contexto, é um tipo ideal de mediador, quer dizer, é agente neutro, impassível, que apenas registra o que supostamente está lá. Não nega o espiritual, apenas o submete às regras do mundo técnico e racional.

A crise da mediunidade, que se intensificou no final do século XIX e início do XX, foi um fenômeno complexo com múltiplas causas.

Primeiramente, a própria popularização do Espiritismo trouxe uma proliferação de médiuns, nem todos com a mesma confiabilidade, abrindo um vasto campo para a fraude e o charlatanismo. Sessões espíritas eram entretenimento de salão, e a linha entre a busca espiritual genuína e o espetáculo teatral se tornou tênue.

Em segundo lugar, o avanço do pensamento científico e do positivismo criou um ambiente cultural cada vez mais cético. Instituições como a Society for Psychical Research (SPR), fundada em Londres em 1882, surgiram com o objetivo de investigar fenômenos paranormais de forma rigorosa e científica.

Pesquisadores como Henry Sidgwick, Frederic Myers e, posteriormente, Charles Richet, embora muitas vezes abertos à possibilidade do fenômeno, submetem médiuns famosos, como Eusapia Palladino e Leonora Piper, a testes exaustivos, e, em alguns casos pontuais, revelaram truques ou, na melhor das hipóteses, resultados inconclusivos.

O médium era, ao mesmo tempo, o canal da mensagem e a principal fonte de suspeita. Essa pressão do escrutínio científico mostrou a principal vulnerabilidade da mediunidade tradicional, sua total dependência do corpo e da psique do ser humano médium.

A mensagem estava irremediavelmente “contaminada” pela subjetividade, pela memória, pelo inconsciente e, potencialmente, pela má-fé do intermediário. Foi nesse contexto de descrédito e suspeita que a ideia de um mediador não-humano, um “médium neutro”, se tornou tão atraente e foi ganhando terreno.

A máquina, produto da ciência e da indústria, parecia oferecer a solução perfeita. Um gravador de fita, por exemplo, não tem inconsciente, não tem crenças e não tem interesse em enganar. Ele simplesmente registra.

A TCI cresce, portanto, com o desejo de “purificação”, ou seja, como canal de comunicação para, finalmente, se obter a prova irrefutável que, por exemplo, o Espiritismo clássico buscou, mas ainda não teria conseguido de maneira universalmente aceita.

Conseqüentemente, representa ruptura epistêmica justificada por esta crise da mediunidade. A máquina, como um “médium neutro”, articula o contexto histórico como argumento central deste capítulo, mostrando como a busca pela objetividade weberiana se materializou na escolha do dispositivo técnico, sendo o novo agente de mediação espiritual. Não se trata de uma simples evolução tecnológica, mas de uma resposta direta a uma crise de legitimidade.

## 1.7 A INVENÇÃO: SENKOWSKI E A SISTEMATIZAÇÃO DO FENÔMENO

A TCI moderna ganha contornos de campo de estudo com a sistematização de pesquisadores como o físico alemão **Ernst Senkowski**<sup>13</sup>. Senkowski e outros pioneiros, como Friedrich Jürgenson e Konstantin Raudive, buscaram conferir cientificidade ao campo, estabelecendo protocolos e classificando os fenômenos, como o *EVP - Electronic Voice Phenomenon*.

Essa sistematização marca a ruptura epistêmica: o foco se desloca da manifestação espontânea para a **produção técnica**. A TCI passa a ser definida pela instrumentalidade, buscando estabelecer um regime de verdade baseado na evidência técnica, onde o registro em fita ou vídeo serviria como a prova material da comunicação. Essa transição pode ser analisada à luz do conceito de **dispositivo simbólico híbrido**<sup>14</sup>.

A TCI “instrumentaliza” a tecnologia para criar um novo código de comunicação que integra o técnico, o aparelho, e o espiritual, a mensagem. **Erick Felinto**<sup>15</sup> argumenta que as máquinas são investidas de um potencial simbólico, e a TCI é o exemplo máximo dessa investidura, onde o aparelho eletrônico se torna um **artefato sagrado**<sup>16</sup>.

A figura de Senkowski é emblemática porque ele representa a tentativa de unir dois mundos aparentemente irreconciliáveis: a física e a metafísica.

---

<sup>13</sup> Glossário da Dissertação. Ernst Senkowski.

<sup>14</sup> Glossário da Dissertação. Dispositivo simbólico híbrido.

<sup>15</sup> FELINTO, Erick. *As Máquinas de Deus: Técnica, Cultura e Religião*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.

<sup>16</sup> MEYER, Birgit. *Mediation and the Immediacy of the Spirit: The Materiality of Religious Experience*. Disponível em: <https://doi.org/10.46586/ER.11.2020.8444>. Acesso em: 31 maio 2025.

A criação de uma terminologia específica (*EVP*, transimagens) e de protocolos de experimentação é uma estratégia discursiva para conferir legitimidade científica a uma prática espiritual. Ao fazer isso, os pioneiros da TCI não estavam apenas buscando contato, mas construindo um campo de saber com suas próprias regras, objetos e critérios de validação.

A análise de Erick Felinto é particularmente útil agora, uma vez que nos permite ver o gravador ou o rádio não como meros objetos, mas como artefatos carregados de sentido, que materializam a esperança da comunicação possível e, assim, adquirem *status* quase religioso.

A transição da manifestação mediúnica para a produção técnica não foi um salto abrupto, mas um processo gradual de experimentação e sistematização. O ponto de início é conferido a **Friedrich Jürgenson**, pintor e cineasta sueco que, em 1959, enquanto gravava cantos de pássaros, acreditou ter captado em fita magnética a voz de sua falecida mãe.

Este evento, conhecido como a “descoberta de Jürgenson”, foi o catalisador que deslocou a atenção do corpo do médium para o circuito do gravador.

Jürgenson passou anos realizando experimentos, publicando suas descobertas no livro “Vozes do Universo” (1964), e propondo o que considerava ser um método: gravar o ruído branco entre estações de rádio, ambiente supostamente propício para a manifestação das vozes.

O trabalho de Jürgenson foi levado a um novo patamar de sistematização pelo psicólogo letão **Konstantin Raudive**. Após encontrar-se com Jürgenson, Raudive conduziu mais de 100.000 experimentos em condições de laboratório controladas, muitas vezes com a presença de outros cientistas e técnicos.

Ele popularizou o termo “Vozes de Raudive” e publicou seus resultados em *Breakthrough* (1971), livro que obteve enorme impacto internacional. Raudive tentou classificar as vozes que ouvia, notando suas características peculiares, como ritmo distinto, mistura de idiomas e estrutura telegráfica.

Essa tentativa de classificação foi um passo fundamental na construção de um campo de estudo, uma vez que buscava transformar

um fenômeno anômalo em objeto de análise com características recorrentes e observáveis.

Foi **Ernst Senkowski**<sup>17</sup>, no entanto, quem consolidou o campo sob a bandeira da *Instrumentelle Transkommunikation*.

Com sua formação em física, Senkowski buscou ir além da simples coleta de vozes, propondo modelos teóricos para explicar o fenômeno, envolvendo conceitos como campos de energia, dimensões paralelas e a própria natureza da consciência.

Ele e outros pesquisadores, como o casal luxemburguês Maggy e Jules Harsch- Fischbach, expandiram a prática para outros meios, como a televisão (transimagens), o telefone e o computador, criando uma ecologia midiática complexa para o contato.

A criação de protocolos, como o uso de múltiplos gravadores, caixas de Faraday para isolamento eletromagnético e *softwares* de análise espectrográfica, representa o ápice dessa busca por cientificidade. O objetivo era criar um método replicável, como se assim obtivesse “selo” de qualidade atestado pela ciência contemporânea.

Assim, a TCI passou por um processo de sistematização. A criação de protocolos e classificações permite conectar a análise ao conceito de “regime de verdade” de Foucault (que será bem explorado adiante), mostrando como a TCI tentou construir sua própria legitimidade discursiva ao emular os métodos e a linguagem da ciência

Isso reforça o entendimento de que é uma prática que se situa na fronteira entre a ciência e a espiritualidade, utilizando as ferramentas de uma para validar as premissas da outra.

## 1.8 O DESENCANTAMENTO INSTRUMENTAL: O PARADOXO DA MÁQUINA

A TCI, ao tentar escapar da subjetividade da mediunidade, cai em um novo paradoxo: o **desencantamento instrumental**.

Ao utilizar a máquina, ela se insere na lógica da racionalidade instrumental de Pierucci<sup>18</sup>, que busca o controle e a objetividade.

---

<sup>17</sup> Glossário da Dissertação. Ernst Senkowski.

<sup>18</sup> PIERUCCI, Antônio Flávio. O Desencantamento do Mundo: Max Weber e o Fim da Ética. São Paulo: Editora 34, 2003.

Contudo, a própria máquina, ao produzir o sinal ambíguo (o ruído, a Pareidolia), reintroduz o mistério.

O cético **Richard Wiseman**<sup>19</sup> argumenta que a TCI é apenas uma manifestação da **pareidolia**<sup>20</sup> facilitada pela tecnologia. O aparelho, ao invés de provar o espírito, apenas amplifica a tendência humana de encontrar padrões significativos em dados aleatórios.

A TCI, portanto, não resolve a crise de subjetividade, mas a transfere para a interpretação do artefato técnico. Sua quebra epistêmica não é comprovar o espírito, mas redefinir o mediador. A TCI moderna é a história de como a tecnologia se tornou o novo campo de disputa entre razão e fé, asphaltando a estrada para a complexidade da nova era digital.

Este paradoxo é o coração da complexidade da TCI. A tentativa de usar a ferramenta do desencantamento, **a máquina racional**, para reencantar o mundo, **provar o espírito**, resulta em um curto-circuito epistemológico. A máquina, que deveria ser a fonte da certeza, torna-se a fonte da ambiguidade.

A contribuição de Wiseman é essencial para manter a neutralidade analítica, apresentando o contraponto cético que é fundamental para a compreensão da TCI como um campo de disputa. À vista disso, a TCI não resolveu o problema da prova, ela o deslocou. A questão deixou de ser “o médium é confiável?” para se tornar “o aparelho é confiável?” ou, mais precisamente, “a nossa interpretação do que o aparelho produz é confiável?”.

A tentativa de objetivar o contato espiritual através da máquina leva a TCI a um paradoxo fundamental, que pode ser denominado **desencantamento instrumental**.

A expressão, uma variação do conceito weberiano, descreve o processo pelo qual a ferramenta do desencantamento, como a máquina, produto da lógica racional e do cálculo, é utilizada para um fim de reencantamento, ou seja, provar a existência de uma realidade espiritual.

---

<sup>19</sup> WISEMAN, Richard. Paranormalidade: por que vemos o que não existe. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012.

<sup>20</sup> Glossário da Dissertação. Pareidolia.

O ruído branco de um rádio, o chiado da fita magnética, os artefatos de compressão de um arquivo de áudio digital. Todos são fenômenos físicos explicáveis pela engenharia e pela ciência dos materiais. No entanto, na prática da TCI, ruídos de qualquer cor, verde, anil, amarelo, cor-de-rosa e carvão, são reinterpretados como um meio através do qual uma inteligência externa pode se manifestar.

A máquina, em vez de fornecer uma resposta objetiva, complica, trazendo uma nova imagem para ser decifrada num novo oráculo a ser decodificado. A subjetividade que se pretendia abolir, renasce, não mais encarnada no médium, mas na percepção visual ou auditiva e na disposição psicológica do ouvinte.

É aqui que a crítica cética, especialmente a do psicólogo **Richard Wiseman**, se torna mais incisiva. Wiseman e outros pesquisadores do campo da psicologia da anomalia argumentam que a maioria, se não todos, os fenômenos de *EVP* podem ser explicados pela **pareidolia auditiva**.

A pareidolia é a inclinação psicológica de entender um estímulo indefinido e aleatório como algo expressivo e reconhecível. É a mesma construção que nos faz ver rostos em nuvens, animais em manchas de tinta ou figuras em formações rochosas.

No caso da TCI, o cérebro humano, que é uma máquina de reconhecimento de padrões, busca ativamente por estruturas semelhantes à fala no ruído aleatório. A expectativa do ouvinte, seu desejo de encontrar uma mensagem e seu estado emocional, especialmente o luto, aumentam drasticamente a probabilidade de que ele “encontre” o que procura.

“O cérebro odeia o acaso. Ele está programado para encontrar padrões, e se não houver padrões reais, ele os inventará. A pareidolia não é um sinal de um cérebro defeituoso, mas de um cérebro que funciona exatamente como deveria, tentando dar sentido a um mundo incerto.”<sup>21</sup>

Aqui a **reflexão sobre o deslocamento da subjetividade**, do médium para o intérprete, é o ponto desta seção, ao demonstrar que a TCI não resolveu a questão da prova, apenas a reformulou.

---

<sup>21</sup> WISEMAN, Richard. Paranormalidade: por que vemos o que não existe. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012.

Eis que a TCI do século XX, em sua busca por objetividade, acabou por criar uma “quadra” poliesportiva simétrica. De um lado, o “time” da crença na manifestação espiritual através do ruído e, do outro, o da explicação psicológica do ruído como projeção da mente.

A máquina, o pretense “árbitro”, permanece em silêncio, oferecendo apenas a “bola”, a matéria-prima para essas duas interpretações radicalmente opostas. Esse “jogo” pode ficar ainda mais confuso, uma vez que, anteriormente o homem criou sua invenção. Agora, com a IAG, o homem inventou o “inventor”. **O que este “inventor” inventará?**

## **1.9 A EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA E A “PROVA” MATERIAL: DO ANALÓGICO AO DIGITAL**

A própria história da tecnologia de gravação de áudio é um elemento central para a compreensão da TCI. Cada nova tecnologia não apenas ofereceu uma nova ferramenta para os praticantes, mas também redefiniu a natureza da “prova” e o campo da disputa discursiva. A transição do analógico para o digital é particularmente significativa, como veremos em **a) Do Analógico e b) Ao Digital:**

### **a) Do Analógico: A Fita Magnética como Testemunha.**

Nos primórdios da TCI, com Jürgenson e Raudive, a fita magnética era o dispositivo central. A gravação analógica tinha uma qualidade que, paradoxalmente, a tornava ideal para a TCI: sua materialidade e sua suscetibilidade à degradação.

Uma fita cassete é um objeto físico. O ruído da fita, o chiado, o desgaste natural do material, tudo fazia parte do ambiente onde as “vozes” supostamente se inscreviam. O som é registrado como variações no campo magnético de partículas de óxido de ferro. Esse processo físico era visto como mais “honesto” e menos propenso à manipulação do que a subjetividade temperamental de um médium humano.

A “prova” era um objeto que podia ser tocado, ouvido e, teoricamente, analisado por qualquer pessoa com um gravador. A crítica cética, por sua vez, focava na baixa fidelidade do meio, na facilidade com que ruídos aleatórios poderiam ser mal interpretados e na possibilidade de manipulação física da fita.

## b) Ao Digital: O Arquivo como Texto e a Análise Espectral.

A popularização da gravação digital nos anos 1980 e 1990, e sua popularização massiva nos anos 2000 com arquivos digitais em formato MP3, mudou completamente a prática da TCI. Essa desmaterialização teve duas consequências contraditórias. O som deixou de ser um registro físico contínuo para se tornar um arquivo de dados, uma sequência de zeros e uns.

**Por um lado**, ela ofereceu aos praticantes de TCI um novo arsenal de ferramentas para a “cientificação” de sua prática. *Softwares* de edição de áudio, como os antecessores do *FL Studio* ou *Adobe Audition*, permitiram a visualização do som. A análise espectral, que transforma o som em gráfico de frequências (espectrograma), tornou-se uma ferramenta central.

Praticantes começaram a afirmar que não apenas “ouviam” as vozes, mas também “viam” rostos, palavras ou símbolos escondidos nas frequências do áudio um fenômeno que ficou conhecido como “**transimagens espectrais**”.

A prova, aqui, desloca-se do auditivo para o visual, da interpretação do ouvido para a análise “objetiva” de um gráfico gerado por computador. O arquivo digital podia ser copiado infinitamente sem perda de qualidade, compartilhado instantaneamente pela *internet* e submetido a uma miríade de filtros e algoritmos de “limpeza” de ruído.

**Por outro lado**, a natureza digital do áudio abriu um novo flanco para a crítica cética. Se o som é apenas um conjunto de dados, ele pode ser manipulado com uma facilidade e uma perfeição impossíveis na era analógica.

Um cético poderia argumentar que qualquer “voz” encontrada em um arquivo digital é mais provavelmente o resultado de uma manipulação deliberada no *software*, ou um artefato do algoritmo de compressão, como MP3, do que uma manifestação paranormal.

A prova tornou-se mais sofisticada, e também mais suspeita. A caixa preta do *software* substituiu a caixa-preta do médium. O debate deslocou-se da física da fita magnética para a matemática dos algoritmos de processamento de sinal digital.

A tecnologia, em suma, não atua como um pano de fundo, mas como um agente ativo que molda a prática e o debate.

A transição do analógico para o digital e a introdução da análise espectral, aliada à reflexão sobre as consequências contraditórias da digitalização, maior poder de análise *versus* maior potencial de manipulação, aprofunda a compreensão da TCI como um campo de disputa que evolui em paralelo com a própria tecnologia da comunicação.

## 1.10 A TCI E A EVOLUÇÃO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Do campo marginal do experimentalismo para o centro de uma ecologia midiática participativa, a convergência entre dispositivos digitais, plataformas de rede e práticas espirituais promoveu um deslocamento da TCI. Suas práticas, seus sentidos e sua circulação sociotécnica foram reconfiguradas profundamente, do ambiente analógico para o digital.

A digitalização dos dispositivos de áudio e vídeo, aliada à ascensão da *internet* e das redes sociais digitais, fomentou a proliferação de registros transcomunicativos e a formação de comunidades *online* dedicadas ao compartilhamento de vivências, interpretações e narrativas espirituais.

Henry Jenkins (2020), ao tratar da "cultura da convergência", aponta que:

O poder de produzir e distribuir conteúdo não é mais exclusivo das instituições, mas distribuído entre os próprios usuários. Os consumidores estão aprendendo a usar essas tecnologias de maneira participativa, tornando-se também produtores. (JENKINS, 2020, p. 34).

Essa lógica é central para compreender a expansão da TCI no ambiente digital. Ao gravar, editar e publicar suas próprias experiências, os praticantes contemporâneos não apenas multiplicam seus registros, mas os curam, interpretam e ressignificam coletivamente, promovendo uma circulação de sentidos que não depende mais da validação institucional, mas da adesão afetiva e simbólica das comunidades digitais.

Nesse contexto, Santaella (2013) ressalta que "as mídias digitais transformaram as formas de percepção, cognição e sensibilidade da cultura contemporânea". Para ela, a digitalização não é apenas técnica,

mas cultural, e afeta diretamente os modos como os sujeitos se relacionam com o mundo e com os outros.

No caso da TCI, esse redimensionamento implica uma nova sensorialidade “espiritual”. Aliás, os “sinais do além”, antes captados em fitas ou vozes em rádios analógicos, agora são analisados por *softwares*, espectrogramas e algoritmos de IA, deslocando a experiência da escuta para o campo da visualização e da decodificação digital.

Becker (2022) destaca que, em redes como YouTube e TikTok, a transcomunicação instrumental circula como produto simbólico da cultura digital, mobilizando linguagens midiáticas e repertórios espirituais, como códigos técnicos, afetos religiosos e performances comunicacionais. Para o autor, a TCI digital se configura como narrativa híbrida.

Isso reforça a ideia de que a TCI não pode mais ser reduzida a uma prática esotérica isolada, mas deve ser entendida como parte de um ecossistema comunicacional mais amplo, onde espiritualidade, tecnologia e interatividade se entrelaçam.

Lemos (2010), ao discutir a lógica das “tecnologias da subjetivação” na cibercultura, observa que os dispositivos digitais não apenas mediam a comunicação, mas também moldam a forma como os sujeitos constroem suas identidades e significados. Para ele, “a tecnologia atua como meio de subjetivação, pois organiza as formas de ver, sentir e interagir com o mundo” (LEMOS, 2010, p. 42).

Nessa perspectiva, a TCI pode ser vista como um exercício de subjetivação espiritual, em que o contato com o outro, neste caso, supostamente desencarnado ou consciência extrafísica situada em algum espaço, é mediado por tecnologias que permitem a ampliação das fronteiras perceptivas do eu e do denominado mundo espiritual.

A utilização da Inteligência Artificial nesse contexto tem ampliado tanto o fascínio quanto as controvérsias em torno da TCI. Beischel e Rock (2023) discutem os limites da pareidolia artificial, fenômeno em que o sistema interpreta ruídos ou padrões visuais como vozes ou rostos familiares.

Os autores alertam que a IA pode intensificar o viés de confirmação: “quando uma máquina simula uma voz ou forma, o ser humano tende a interpretar esse padrão como uma mensagem

significativa, ainda que estatisticamente irrelevante" (BEISCHEL; ROCK, 2023, p. 79).

Tal crítica revela os desafios éticos e epistemológicos da TCI contemporânea, que, ao incorporar algoritmos de IA, passa a operar em um terreno ainda mais ambíguo entre autenticidade espiritual e simulação técnica.

Essa ambiguidade pode ser compreendida a partir da noção de "dispositivo espiritual" proposta por Chagas (2020). Para o autor, estas práticas operam como dispositivos que organizam a experiência do sagrado na cultura midiática, conectando sujeitos a narrativas de transcendência por meio de aparatos técnicos. A TCI digital, nesse entendimento, é espaço de enunciação do espiritual sob as condições sociotécnicas da cibercultura.

Do ponto de vista metodológico, Antoun (2015) observa que:

As plataformas digitais produzem uma descentralização da autoridade religiosa, permitindo que qualquer sujeito conectado possa tornar-se vetor de sentido e referência espiritual. Essa característica é crucial para entender o crescimento da TCI entre praticantes autônomos, sem filiação institucional, que constroem suas performances espirituais a partir de referências múltiplas e de comunidades horizontais. Essa descentralização da escuta e da enunciação espiritual configura o que o autor chama de "espiritualidade em rede" (ANTOUN, 2015, p. 77).

Entende-se que à descentralização da autoridade religiosa proporcionada pelas plataformas digitais, permitindo que indivíduos conectados se tornem vetores de sentido e referência espiritual.

Essa característica é fundamental para compreender o crescimento da TCI entre praticantes autônomos, que constroem suas performances espirituais a partir de referências múltiplas e comunidades horizontais.

Novamente vale mencionar Sodré (2022) nessa discussão, ao afirmar que vivemos uma "era de escassez simbólica", onde a técnica tende a eclipsar os sentidos mais profundos da experiência humana. A TCI digital, neste caso, apresenta-se como forma de reencantamento tecnomidiático, capaz de devolver à técnica uma função simbólica, mediadora e afetiva.

Em síntese, a TCI como fenômeno de Comunicação Digital, não apenas atualiza um repertório técnico, mas ressignifica o próprio gesto de escuta espiritual, o deslocando para territórios de mediação algorítmica, interação participativa e de construção coletiva de sentido.

Suas práticas configuram uma ecologia midiática da fé, onde os sinais de transcendência são continuamente disputados, negociados e performados em ambientes moldados pela lógica do compartilhamento, da visibilidade e do reconhecimento simbólico, tal como veremos adiante.

## 1.11 TCI DIGITAL: CONVERGÊNCIA TECNOLÓGICA E PERSONALIZAÇÃO DA MEDIAÇÃO

O início do século XXI e a concretização da **sociedade em rede**<sup>22</sup> impuseram uma metamorfose radical à TCI. A era digital é interpretada pela convergência tecnológica e pela emergência de *softwares* e algoritmos emaranhados, como a Inteligência Artificial Generativa (IAG). A TCI deixa de ser apenas prática de captação de ruído para se tornar produção e distribuição de sentido em um ambiente ubíquo.

O conceito de **Cultura da Convergência** de **Henry Jenkins**<sup>23</sup> é essencial para entender a TCI na era digital. As narrativas transcomunicativas se desprendem de um único dispositivo e se espalham por múltiplas plataformas. De um momento para o outro, estão em aplicativos de *smartphones*, *softwares* de filtragem de áudio e vídeo e redes sociais, onde os resultados são compartilhados, e nos demais sistemas de IAG.

Essa convergência não é só técnica, mas também cultural, uma vez que permite a personalização da mediação. O praticante contemporâneo não apenas capta o sinal, mas também o filtra, o edita e o interpreta em um ecossistema midiático que valoriza a participação, a produção individual e a construção e redistribuição coletiva.

A TCI se torna um fenômeno de **ecologia midiática**<sup>24</sup>, onde o ambiente é participativo e multifacetado. A facilidade de acesso a *softwares* de ponta democratiza a prática, permitindo que o indivíduo

---

<sup>22</sup> CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

<sup>23</sup> JENKINS, Henry. Cultura da Convergência. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2020.

<sup>24</sup> Glossário da Dissertação. Ecologia midiática.

se torne o seu próprio mediador, reforçando a tese de Gilberto Velho sobre a valorização da experiência individual como fonte de sentido.

A aplicação dos conceitos de Jenkins e Castells é fundamental para atualizar esta análise. A Transcomunicação Instrumental não é mais uma prática disjunta, mas um fenômeno que se insere plenamente na lógica da cultura participativa e da sociedade em rede. A análise da convergência é decisiva para ligar a TCI à tese central desta Dissertação, a midiaticização do imaginário pós-morte.

A IAG, ao criar transimagens e transvozes de alta fidelidade, transforma o fenômeno em um produto cultural que circula e é disputado nas **esferas discursivas**<sup>25</sup> das mídias digitais, movendo-se para além da esfera privada e entrando no debate público *online*.

A TCI contemporânea não pode ser compreendida fora do contexto da **cultura da convergência**, conceito cunhado por Jenkins para descrever o novo cenário midiático onde as velhas e as novas mídias colidem, onde a mídia corporativa e a mídia alternativa se cruzam, e onde o poder do produtor de mídia e o do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis.

A Transcomunicação Instrumental não está mais confinada a experimentadores solitários em seus porões; ela se tornou um fenômeno transmídia, fluindo através de múltiplas plataformas e formatos.

Um único “caso” pode se desdobrar da seguinte forma: a “evidência” (um arquivo de áudio ou vídeo) é capturada usando um aplicativo de *smartphone* (um *ghost box* digital). Em seguida, é editada em um *software* de computador para “limpar” o áudio e amplificar a suposta voz ou editar as imagens.

O resultado é postado como um vídeo no YouTube ou no TikTok, onde é comentado, compartilhado e analisado por uma comunidade de seguidores. O caso pode ser discutido em fóruns *online*, como no Reddit, gerar postagens em blogs e ser incorporado em *podcasts* do *Spotify* sobre o paranormal.

Essa dispersão do conteúdo em tempo real e *online* por um **ecossistema midiático**<sup>26</sup> complexo é a substância da convergência. A

---

<sup>25</sup> Glossário da Dissertação. Disputas discursivas.

<sup>26</sup> Glossário da Dissertação. Ecologia midiática.

narrativa não está mais contida em um único dispositivo e somente por um único usuário, mas é construída e redistribuída coletivamente na participação ativa dos demais usuários.

Tal dinâmica de participação e produção individual reforça a tese do individualismo de **Gilberto Velho**<sup>27</sup> em um novo patamar.

O praticante na era digital não é apenas um consumidor de uma crença, mas um produtor de conteúdo, um curador de sua própria experiência espiritual.

Ele constrói sua identidade digital como um pesquisador do paranormal, acumulando capital social, que se traduz em número de seguidores, curtidas e compartilhamentos, e que legitima sua prática e sua posição na hierarquia competitiva da comunidade.

A mediação torna-se radicalmente independente e personalizada, isto é, o indivíduo escolhe dispositivos, *softwares*, plataformas e comunidade, criando um sistema de crenças sob medida que escapa ao controle das instituições oficiais e tradicionais.

Por analogia, podemos conectar com maior perfeição a TCI às teorias centrais da Comunicação Digital. Ao se observar o fluxo transmídia de um caso de Transcomunicação Instrumental, o conceito de Cultura da Convergência de Jenkins torna-se tangível e diretamente aplicável ao objeto de estudo.

Esta reflexão sobre o praticante como produtor de conteúdo e curador de sua experiência estabelece uma ponte clara com a análise do individualismo de Gilberto Velho, mostrando como as tendências sociológicas se manifestam nas práticas comunicacionais.

Esta seção justifica a importância de analisar a TCI não como um fenômeno separado, mas como um sintoma da lógica participativa, convergente e individualista que define a cultura digital contemporânea.

## **1.12 DISPOSITIVO SIMBÓLICO HÍBRIDO E ALTERIDADE ALGORÍTMICA**

---

<sup>27</sup> VELHO, Gilberto. Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. / VELHO, Gilberto. Indivíduo e sociedade: a estrutura da ambiguidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

A TCI na era digital é melhor compreendida como um **dispositivo simbólico híbrido**. Esta hipótese da pesquisa postula que a TCI atua na sociedade em rede integrando códigos técnicos, como o algoritmo, o *software*, e **códigos espirituais**, como a crença e a busca pelo transcendente, em uma lógica comunicacional própria da mídiatização.

A Inteligência Artificial Generativa (IAG) é o ápice desse hibridismo. Ela é a manifestação mais clara da **alteridade algorítmica**<sup>28</sup>. O “outro” da comunicação (a consciência desencarnada) não é mais apenas um ruído, mas uma simulação de presença gerada por código. Erick Felinto argumenta que as máquinas são investidas de um potencial simbólico.

Na IAG, esse potencial é maximizado. Em outras palavras, a máquina não apenas registra, mas cria a mensagem. Isso leva a um novo paradoxo: a IAG, ao tentar provar a **alteridade**, o espírito, acaba por provar a **eficiência da técnica**, o algoritmo.

Isto posto, a TCI digital opera na **dissolução de fronteiras**<sup>29</sup>, onde o físico e o virtual, o presente e o ausente, são rompidos. Contudo, a IAG insere uma nova fronteira: a da simulação. O debate se desloca da existência do espírito para a autenticidade da mensagem gerada, reintroduzindo a crise de objetividade que a TCI do século XX tentou resolver.

A análise da IAG como dispositivo simbólico híbrido permite um diálogo direto com **Muniz Sodré**<sup>30</sup> e seu conceito de **escassez simbólica**. A técnica, ao se tornar tão eficiente na simulação, corre o risco de eclipsar o próprio sentido espiritual, transformando a busca pelo transcendente em uma mera interação com um sistema de *software*.

A TCI na era digital, especialmente com o advento da Inteligência Artificial Generativa (IAG), exige um novo modelo de análise que dê conta de sua complexidade. A hipótese do **dispositivo simbólico híbrido** busca preencher essa lacuna. Um dispositivo, no sentido foucaultiano, é uma rede de relações entre elementos heterogêneos,

---

<sup>28</sup> Glossário da Dissertação. Alteridade algorítmica.

<sup>29</sup> Glossário da Dissertação. Dissolução de fronteiras.

<sup>30</sup> PIERUCCI, Antônio Flávio. O Desencantamento do Mundo: Max Weber e o Fim da Ética. São Paulo: Editora 34, 2003.

incluindo discursos, instituições e tecnologias, que exerce uma função estratégica.

O dispositivo TCI é híbrido porque ele funde, em uma única prática, dois códigos que a modernidade se esforçou para separar. O **código técnico**, a lógica do algoritmo, a eficiência do *software*, a materialidade do *hardware*, e o **código espiritual**, a busca pelo transcendente, a crença na sobrevivência da alma, a linguagem do afeto e do luto.

Quando o praticante utiliza um *software* de IAG para “recriar” a voz de um ente falecido, ele está operando este dispositivo híbrido. O *software* funciona com base em modelos matemáticos e probabilísticos, o código técnico, mas o resultado é interpretado através de um filtro emocional e espiritual, o código espiritual.

A máquina produz simulação, o humano a recebe como presença. É nessa fusão que reside o poder do dispositivo, já que ele usa a legitimidade da técnica para satisfazer uma necessidade da alma.

O que nos conduz ao conceito de **alteridade algorítmica**. Na comunicação humana, a alteridade é a presença do “outro”, um interlocutor com sua própria consciência e intencionalidade. A TCI tradicional postulava uma alteridade espiritual, a voz no ruído branco era a manifestação de um “outro” desencarnado.

A IAG introduz uma nova forma de alteridade, o algoritmo. O “outro” que fala não é um espírito, nem um humano, mas um modelo de linguagem treinado em um vasto *corpus* de dados. Ele não tem consciência, memória ou sentimento, mas pode simular todos eles com uma fidelidade assustadora. O paradoxo é que, para se comunicar com o “outro” espiritual, o praticante agora depende de um “outro” algorítmico.

Esta nova mediação algorítmica aprofunda a crise da objetividade. Se antes a dúvida era “isto é um espírito ou é apenas Pareidolia?”, agora a dúvida se torna “isto é um espírito se manifestando através do algoritmo, ou é apenas o algoritmo simulando um espírito?”. A análise de **Muniz Sodré** sobre a **escassez simbólica**<sup>31</sup> na era da técnica é premonitória.

---

<sup>31</sup> Glossário da Dissertação. Escassez simbólica (era de).

Sodré argumenta que a superabundância de informação e a eficiência da técnica podem levar a um esvaziamento do sentido, a uma escassez de símbolos genuínos que conectem o indivíduo a uma ordem transcendente.

A TCI na era da IA é o palco perfeito para esse drama: a técnica, ao se tornar capaz de simular perfeitamente a presença do espírito, corre o risco de tornar a busca pelo espírito irrelevante. **Se a máquina pode dar o consolo que procuro, por que ainda precisaria do sagrado?**

Esta subseção final é decisiva para o entendimento da contemporaneidade desta pesquisa. Ao justificar a TCI como um dispositivo simbólico híbrido, a pesquisa se conecta a um referencial teórico inspirado por Foucault e Agamben. Ao exemplificar com o uso da IAG para recriar vozes, o argumento se torna concreto e atual.

A reflexão sobre a alteridade algorítmica e a escassez simbólica de Sodré eleva a discussão, mostrando as profundas implicações filosóficas e comunicacionais da TCI na era da IA. Finalizamos esta subseção trazendo a discussão para a fronteira mais contemporânea da TCI, estabelecendo a ponte para as análises mais aprofundadas sobre tecnologia, discurso e poder que serão desenvolvidas nos capítulos seguintes.

A TCI, na era da IA, torna-se o laboratório primoroso para observar a tensão entre a busca humana por sentido e a capacidade da técnica de produzi-lo artificialmente. Esta conclusão estabelece a complexidade do fenômeno e prepara o terreno para as análises detalhadas de discurso, poder e representação que se seguirão.

### **1.13 A GAMIFICAÇÃO DO CONTATO: APLICATIVOS E BANALIZAÇÃO DA TCI**

A proliferação de *smartphones* na última década introduziu um novo e poderoso vetor na ecologia midiática da TCI, os aplicativos móveis.

Plataformas como a *Google Play Store* e a *Apple App Store* estão repletas de aplicativos que prometem facilitar a comunicação com o além, conhecidos popularmente como *ghost boxes*, *spirit boxes* ou *EVP recorders*. Esses aplicativos representam uma nova etapa na evolução

do fenômeno, marcada pela **gamificação** e, em certa medida, pela banalização do contato.

Um *ghost box* tradicional era um dispositivo físico, comumente rádio modificado para varrer estações AM/FM em alta velocidade, criando um ruído branco pontuado por fragmentos de palavras e sons. A teoria era que consciências extrafísicas poderiam manipular esses fragmentos para formar mensagens.

Os aplicativos de *spirit box* simulam essa funcionalidade. No entanto, em vez de varrerem estações de rádio reais, utilizam bancos de dados de fonemas, palavras e ruídos pré-gravados aleatoriamente escolhidos e reproduzidos por algoritmo.

Alguns aplicativos ainda mais sofisticados afirmam usar os sensores do *smartphone*, como o magnetômetro, o acelerômetro ou o microfone, para influenciar a aleatoriedade do algoritmo, criando a ilusão de que o “ambiente espiritual” está interagindo com o *software*.

Essa transição para o formato de aplicativo tem implicações profundas:

**1. Acessibilidade e Banalização: A TCI, que antes exigia um certo grau de dedicação técnica, como modificar um rádio ou operar um gravador, agora está ao alcance de qualquer usuário com *smartphone*.**

Essa acessibilidade massiva retira da TCI parte de sua aura de prática séria e quase científica, a aproximando de um jogo ou de um passatempo paranormal. O contato com o além se torna uma atividade casual, algo a ser feito por curiosidade ou entretenimento, muitas vezes em um contexto social com amigos.

**2. Opacidade Algorítmica: O campo da disputa se desloca novamente: da física para a ciência da computação, do *hardware* para o *software*. O dispositivo se torna ainda mais “caixa-preta”.**

Enquanto o funcionamento de um rádio modificado podia ser compreendido, o algoritmo que rege um aplicativo de *spirit box* é completamente opaco para o usuário. Não há como saber como os sons são gerados, qual o tamanho do banco de dados ou se o algoritmo é verdadeiramente aleatório. A confiança, que antes era depositada na

neutralidade do *hardware*, agora deve ser depositada na honestidade do desenvolvedor do *software*.

**3. Gamificação e Estética do Terror: A TCI, nesse contexto, converge com o gênero do *found footage* e com a estética dos jogos de terror, onde o objetivo não é consolo ou prova, mas emoção, susto e mistério. Muitos desses aplicativos incorporam elementos de *design* e mecânicas de jogos, *gamification*.**

Interfaces sombrias, fontes góticas, efeitos sonoros assustadores e sistemas de “pontuação” ou “níveis de atividade paranormal”, transformando a busca por contato em experiência de entretenimento. É necessário um olhar para além das práticas ditas “sérias” e incluir também as manifestações mais populares e massificadas do fenômeno. Ao se exemplificar com o funcionamento dos aplicativos de *spirit box*, a argumentação se torna extremamente contemporânea e relevante.

A reflexão sobre a **gamificação, a opacidade algorítmica e a banalização do contato** oferece uma nova camada de complexidade à análise, mostrando como a TCI é um fenômeno fluido que se adapta e é transformado pela lógica de cada nova plataforma midiática. Isso reforça **a tese da dupla hélice**, mostrando como a **fita da técnica, a ascensão dos aplicativos móveis**, molda e é moldada pela **fita da crença, a busca popular pelo paranormal como entretenimento**.

## **1.14 A DUPLA HÉLICE DA TÉCNICA E DA CRENÇA**

Ao percorrer os fundamentos históricos e tecnológicos da Transcomunicação Instrumental, este capítulo buscou demonstrar que o fenômeno não pode ser compreendido como uma linha evolutiva simples e linear.

Pelo contrário, a história da TCI é uma narrativa de rupturas, paradoxos e reconfigurações, impulsionada por uma dinâmica que pode ser metaforicamente descrita como uma **dupla hélice**. As duas fitas que compõem esta hélice são, de um lado, a **evolução da técnica** e, de outro, a **persistência da crença: a) A Fita da Técnica e b) A Fita da Crença**, e é quando ambas se cruzam que acontece a TCI, **c) A Interseção da Dupla Hélice**.

### **a) A Fita da Técnica: Da Eletricidade à IA.**

Uma das fitas da hélice é a própria história da tecnologia da comunicação. A TCI, em cada uma de suas fases, esteve intrinsecamente ligada às inovações tecnológicas de seu tempo. O surgimento do telégrafo e do telefone no século XIX já havia introduzido a ideia de que a comunicação poderia ser desmaterializada, viajando como impulsos elétricos através de fios. O rádio, no início do século XX, deu um passo adiante, provando que a comunicação podia ocorrer sem qualquer conexão física, através do éter.

Foi nesse contexto que a TCI nasceu, apropriando-se do rádio e do gravador de fita como seus primeiros dispositivos. A chegada da televisão, do vídeo e, posteriormente, da computação pessoal e da *internet*, continuou a fornecer novos meios para a prática.

Cada nova tecnologia ofereceu um novo canal, uma nova linguagem e uma nova forma de “prova”. A transição do analógico para o digital, como vimos, foi particularmente transformadora, deslocando a análise do ouvido para o olho, através da visualização espectral do som.

Finalmente, a emergência da Inteligência Artificial Generativa representa a mais recente e talvez mais radical volta desta hélice, onde a máquina não apenas registra, mas cria, simula e produz a própria alteridade com a qual se busca comunicar.

### **b) A Fita da Crença: A Persistência do Sagrado e a Gestão do Medo.**

A outra fita da hélice, que corre paralela e entrelaçada à da técnica, é a persistência da busca humana pelo transcendente. Como demonstrou Mircea Eliade<sup>32</sup>, a necessidade de contato com o sagrado é uma constante antropológica. A TCI é a manifestação contemporânea dessa busca, uma tentativa de provocar uma hierofania através de meios técnicos.

No entanto, essa busca não ocorre em um vácuo. Ela é moldada pelo contexto cultural e psicológico do Ocidente, profundamente

---

<sup>32</sup> ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: A Essência das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

marcado, como aponta Jean Delumeau<sup>33</sup>, por uma longa história de medo e ansiedade em relação à morte e ao pós-vida. A TCI, por isso, não é apenas uma busca pelo sagrado, mas uma tentativa de gerir esse medo ancestral, de obter uma garantia pessoal e “objetiva” contra a aniquilação e a perda.

O processo de racionalização weberiana<sup>34</sup> não eliminou essa busca, mas a transformou, exigindo que a crença se justificasse através da lógica da prova e da verificação. O individualismo moderno, analisado por Gilberto Velho<sup>35</sup>, por sua vez, privatizou essa busca, tornando-a uma jornada pessoal de construção de sentido, longe das instituições religiosas tradicionais.

A TCI floresce precisamente na intersecção dessas forças: ela oferece uma resposta tecnológica (racional) para uma necessidade espiritual (crença), de uma forma que pode ser apropriada individualmente (privada).

### **c) A Interseção da Dupla Hélice: A Mdiatização do Imaginário Pós-Morte,**

A TCI acontece no ponto em que essas duas fitas se cruzam. Cada avanço tecnológico oferece uma nova “solução” para a persistente questão da morte. A máquina é constantemente convocada para responder à mais humana das perguntas. É essa interação contínua que constitui a **mdiatização do imaginário pós-morte**, a tese central desta dissertação. O luto, a memória, a esperança e o medo não são mais processados apenas através do ritual religioso ou da reflexão filosófica, mas também através de dispositivos, *softwares* e algoritmos.

Compreender a TCI exige, conseqüentemente, uma abordagem que seja capaz de analisar simultaneamente as duas fitas desta dupla hélice. É preciso entender a tecnologia não como um mero instrumento, mas como um agente que molda a prática e o discurso. E é preciso entender a crença não como uma superstição a ser superada,

---

<sup>33</sup> DELUMEAU, Jean. História do Medo no Ocidente: 1300-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

<sup>34</sup> WEBER, Max. A ciência como vocação. In. Ensaios de sociologia. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002.

<sup>35</sup> VELHO, Gilberto. Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. / VELHO, Gilberto. Indivíduo e sociedade: a estrutura da ambigüidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994

mas como uma força motriz que se apropria da tecnologia para seus próprios fins.

É exatamente para desvendar a complexidade desta interação que se faz necessária a robusta matriz teórica (Bourdieu, Foucault, Hall) que será apresentada no capítulo seguinte. Somente através de uma análise multidimensional do poder, do discurso e da representação é possível compreender como a TCI se tornou um dos mais fascinantes e reveladores sintomas da nossa tecnocultura contemporânea.



?

## 2

## MATRIZ TEÓRICA: ESTRUTURA E CULTURA

### 2.1 INTRODUÇÃO

"Por vias indiretas, encontraremos a verdade."

— William Shakespeare, Hamlet (Ato II, Cena I)

A construção de um referencial teórico sólido para a investigação da Transcomunicação Instrumental exige uma abordagem que transcenda a mera descrição técnica ou a validação espiritualista do fenômeno.

A citação reflete a própria natureza da construção de uma matriz teórica intrincada. Esta dissertação não busca resposta direta e simples. Seguimos por veias abertas de "vias indiretas", pelo pensamento de múltiplos autores, por um caminho analítico que nos permita "encontrar a verdade" sobre as dinâmicas do fenômeno. A frase valoriza o método e a sofisticação teórica.

Como prática situada na intersecção entre a tecnologia digital, a espiritualidade contemporânea e a cultura midiática, a TCI demanda uma lente analítica multidimensional, capaz de dar conta das complexas tramas de poder, sentido e estrutura que a sustentam.

Este capítulo dedica-se à construção dessa **"Matriz Teórica"**, fundamentada na articulação robusta entre as perspectivas de Michel Foucault, Pierre Bourdieu e Stuart Hall, sob a luz transversal da semiótica e da tecnocultura de Lucia Santaella.

### 2.2 A TRÍADE TEÓRICA INTERDISCIPLINAR: JUSTIFICATIVA DA ARTICULAÇÃO

A escolha desta tríade teórica **Bourdieu-Foucault-Hall** não é fortuita, mas responde à necessidade de compreender a TCI como uma "Prática Comunicacional Híbrida". Tal hibridismo manifesta-se na fusão de códigos técnicos, como dispositivos eletrônicos, algoritmos de IA,

com códigos simbólicos, como crenças na vida após a morte, narrativas de transcendência.

Para analisar esse objeto, é preciso observar como ele é falado, o **discurso**, onde ele se situa socialmente, o **campo**, e como ele circula e é ressignificado, a **cultura**. A articulação proposta permite uma triangulação epistemológica necessária:

A apreciação da TCI como prática comunicacional híbrida postula abordagem que harmonize poder, estrutura e cultura. Para tanto, nossa Matriz Teórica parte de **Michel Foucault**, que fornece instrumentos para examinar a própria composição da TCI como objeto de saber.

Com Foucault, não perguntamos “O que é a TCI?”, mas sim “Como a TCI se tornou possível?”. Analisamos os **dispositivos** (técnicos, rituais) e os **regimes de verdade** que permitem que certos discursos sobre o 'além' sejam considerados válidos, enquanto outros são relegados à categoria de pseudociência ou delírio.

Foucault nos permite mapear as condições de existência do fenômeno. No entanto, se Foucault nos mostra como a TCI emerge, ele não explica onde ela compete por legitimidade.

É aqui que a contribuição de **Pierre Bourdieu** se torna mais substancial. A partir do conceito de **campo**, entendemos a TCI não como prática isolada, mas como movimento que busca se posicionar em um espaço de disputas simbólicas, em confronto direto com os campos científico, religioso e midiático.

Os praticantes de TCI, pela visão de Bourdieu, lutam para acumular **capital simbólico**, ou seja, reconhecimento e credibilidade, muitas vezes mimetizando os rituais e a linguagem da ciência para converter seu capital espiritual em uma forma de autoridade legítima. Bourdieu nos dá o “GPS”.

Por fim, se Foucault nos dá as condições de possibilidade e Bourdieu o mapa da disputa, **Stuart Hall** nos oferece as ferramentas para entender a “linguagem” dessa batalha. A TCI é, fundamentalmente, um fenômeno de **representação**. As “vozes” e “imagens” captadas são signos que precisam ser decodificados e que circulam em uma cultura midiática.

Com Hall, consideramos a TCI como um texto cultural que pejeleja por hegemonia do sentido. Hall nos permite analisar como os sentidos sobre a TCI são produzidos, negociados e contestados. Não há significado único. Há luta constante por significação, onde praticantes, céticos e mídia pleiteiam a capacidade de definir o que as “evidências” realmente representam.

A articulação desses três pilares é potencializada pela perspectiva de **Lucia Santaella**, que atua como uma lente transversal, trazendo a dimensão da **tecnocultura** e da semiótica para a análise. Santaella nos ajuda a compreender como a materialidade dos dispositivos digitais (o *software*, a interface, o algoritmo) não é neutra, mas participa ativamente da construção da experiência e do sentido, hibridizando o humano e a máquina.

Justifica-se essa articulação pela percepção de que a TCI não opera no vácuo; ela é um sintoma das tensões da modernidade tardia, onde a técnica é imbuída de potencial sagrado. Como afirma Sodré (2002), vivemos um “reencantamento tecnomidiático”, no qual a máquina assume o papel de mediadora do mistério.

**A união de Foucault, Bourdieu e Hall, mediada pela visão de Santaella** sobre a cultura das mídias, permite uma análise que é, simultaneamente, arqueológica, sociológica e cultural.

**A contribuição de Michel Foucault** para esta pesquisa reside, sobretudo, na compreensão de que a verdade não é um dado absoluto, mas o resultado de construções históricas e discursivas.

No contexto da TCI, não nos interessa a “verdade” ontológica do contato com o além, mas os regimes de verdade que definem o que pode ser aceito como evidência, quem tem autoridade para falar sobre o fenômeno e quais são as regras que excluem ou incluem determinados saberes.

Ao aplicar os conceitos de *A Arqueologia do Saber* (1995), observamos que a TCI se constitui como um sistema de dispersão discursiva. Ela não possui uma unidade doutrinária rígida, mas uma regularidade de enunciados que orbitam a ideia da mediação técnica do invisível. Foucault nos ensina que o discurso é uma prática que produz os objetos de que fala.

Assim, o discurso da TCI produz o “espírito” como um sinal técnico, uma frequência audível ou uma imagem em estática. As condições de possibilidade para o surgimento da TCI moderna estão ligadas à própria evolução dos meios de comunicação.

A “ordem do discurso” (FOUCAULT, 1996) impõe procedimentos de exclusão, como a ciência institucionalizada utiliza a razão e o método para classificar a TCI como “pseudociência”, um saber desqualificado.

No entanto, os praticantes de TCI operam uma contra-conduta discursiva, apropriando-se da terminologia científica para criar seu próprio regime de validade. Essa apropriação não é ingênua, mas uma estratégia de resistência que busca fissurar o monopólio do saber científico sobre o real.

Na TCI, o rádio, o gravador e, mais recentemente, a IA, atuam como dispositivos que formam nosso olhar e escuta. O conceito de **Dispositivo Tecnológico como Exercício de Poder e Saber** em Foucault é central para entender a função da tecnologia na TCI. Um dispositivo é um conjunto heterogêneo que inclui discursos, instituições, leis, enunciados científicos e aparatos técnicos.

Logo, a tecnologia, como um dispositivo, não é neutra e exerce poder de normalização. Quando um praticante utiliza um *software* de espectrograma para “provar” uma voz paranormal, ele está submetendo o fenômeno a um regime de visibilidade técnica.

A IA, nesse cenário, atua como um dispositivo de poder-saber que, ao refinar o ruído, “fabrica” a verdade que o discurso já previa. Como aponta Felinto (2005), as máquinas de Deus são interfaces que materializam o invisível, tornando-o governável pelo discurso técnico.

Sob a lente foucaultiana, a TCI é analisada como um campo de batalha discursivo onde diferentes saberes, científicos, espirituais e técnicos, lutam pela hegemonia da interpretação do real.

A performance da crença, como veremos adiante, é uma prática disciplinada que busca produzir o “praticante legítimo” dentro deste regime de verdade (FOUCAULT, 1995). A “microfísica do poder” manifesta-se na minúcia dos protocolos técnicos, onde cada ajuste de frequência é um gesto de poder sobre o invisível.

Para decodificar **a inserção social e as dinâmicas de legitimação da TCI, recorreremos à sociologia de Pierre Bourdieu.** A TCI

não é insulada, logo, se manifesta dentro de um campo, o espaço social em que agentes de forças e lutas pleiteiam a autoridade e a aceção legítima da realidade.

A TCI habita um subcampo da **comunicação espiritualista**, tensionado entre o campo científico oficial e o religioso tradicional. Em Bourdieu (2004), entendemos que um campo é definido pelos interesses específicos que o constituem e pelas leis de funcionamento que lhe são próprias.

Os praticantes de TCI não são meros fiéis; eles possuem um *habitus* específico — um sistema de disposições duráveis que os leva a buscar na tecnologia a validação de suas experiências transcendentais. Este *habitus* técnico-espiritual diferencia o praticante de TCI do médium tradicional.

Enquanto o campo religioso fundamenta-se na autoridade carismática ou institucional de bispos, sacerdotes, pastores, palestrantes, o campo da TCI valoriza a mediação técnica.

Há uma “desinstitucionalização da fé”, onde o indivíduo, munido de seu “capital técnico” (conhecimento de *softwares*, eletrônica, IA), atua como seu próprio “empresário do sagrado” (BOURDIEU, 2011). A **regra do jogo** aqui é a evidência material: o áudio gravado ou a imagem captada substitui o dogma ou a revelação puramente subjetiva.

A grande disputa no campo da TCI gira em torno do **capital simbólico**, ou seja, o reconhecimento e o prestígio que conferem autoridade a um discurso. Os praticantes de TCI agem no que denominamos de “mimetismo científico”. Usam jalecos, laboratórios, termos técnicos como frequência, decibéis, algoritmos e protocolos rigorosos para acumular um capital que permita competir com a ciência oficial.

Bourdieu (2004) destaca que a ciência é um campo de luta pelo monopólio da competência científica. A ciência institucionalizada exerce uma violência simbólica sobre a TCI ao classificá-la como “pseudociência”, deslegitimando seus métodos e resultados.

Em resposta, a TCI em sua luta por **legitimidade científica** busca uma “redefinição da competência simbólica” (BOURDIEU, 2011), argumentando que a ciência oficial é limitada pelo paradigma materialista.

A tecnologia, especialmente a Inteligência Artificial, torna-se o novo trunfo nesta disputa. Ao utilizar IAG para processar sinais, o praticante busca elevar o *status* de sua “evidência” ao patamar da objetividade técnica.

No entanto, como alerta a crítica cética, esse uso pode ser apenas uma forma sofisticada de “pareidolia artificial”, onde o capital técnico é usado para mascarar a ausência de rigor epistemológico. Assim, a TCI se revela uma arena onde a luta pela verdade é, antes de tudo, uma luta pelo poder de definir o que é “científico” na cultura digital.

**A análise da TCI sob a ótica dos Estudos Culturais, especialmente a partir de Stuart Hall**, nos permite compreender o fenômeno como um processo de produção de sentidos e de construção de identidades na pós modernidade. A TCI não é um fato técnico ou espiritual, mas um sistema de representação que utiliza linguagem, técnica e verbal, para construir significados sobre a vida, a morte e a tecnologia.

Hall (2016) propõe que a cultura deve ser entendida através de circuitos de produção, circulação e recepção. Na TCI, as mensagens supostamente recebidas do “além” passam por um complexo processo de codificação e decodificação.

O praticante codifica o ruído técnico como uma mensagem espiritual, utilizando repertórios culturais pré-existentes, como a Doutrina Espírita ou narrativas de ficção científica. O público, por sua vez, decodifica essas mensagens de acordo com suas próprias posições de sujeito. Por exemplo, de forma dominante, aceitando a mensagem como real, ou negociada, aceitando a possibilidade, mas questionando a técnica, ou ainda oposicional, rejeitando o fenômeno como fraude ou erro. Este é seu **circuito de cultura**.

As vozes e imagens captadas não são neutras, posto que ecoam as ansiedades e os desejos da coletividade moderna. Assim, a representação do “além” na TCI é profundamente influenciada pela cultura midiática. Como aponta Hall, a representação é uma prática essencial para a **produção de sentido de cultura**.

Na TCI, a tecnologia digital atua como o meio que permite a circulação dessas representações em escala global, criando comunidades de sentido que transcendem fronteiras geográficas e religiosas.

Stuart Hall (2016) debate a fragmentação das identidades na pós-modernidade, onde o indivíduo não possui mais uma identificação precisa e única. Essa **identidade híbrida** é resposta à crise das narrativas tradicionais da ciência e da religião. O praticante de TCI é um típico “sujeito pós-moderno”, visto que transita entre ser técnico/cientista e buscador espiritual.

A Transcomunicação Instrumental oferece um espaço para a construção de uma **espiritualidade pós-moderna autônoma**, onde o indivíduo pode negociar sua relação com o sagrado sem a mediação de instituições tradicionais.

No ambiente digital, essa busca por conexão torna-se uma forma de resistência cultural contra o desencantamento do mundo. A TCI não é tão somente um espetáculo midiático, mas uma prática identitária que permite ao sujeito lidar com o luto e a finitude em uma sociedade marcada pela fluidez e pela incerteza.

**A integração do pensamento de Lucia Santaella nesta matriz teórica é fundamental para compreender a TCI como um fenômeno da tecnocultura.** Santaella (2013, 2019) argumenta que as mídias digitais não são somente ferramentas, mas extensões do corpo e da mente que reconfiguram nossa percepção do real.

Para Santaella, vivemos em uma era de comunicação ubíqua, onde a distinção entre o físico e o digital torna-se cada vez mais tênue. Aqui, essa ubiquidade manifesta-se na crença de que o “além” está presente nas frequências de rádio, nos *pixels* das imagens e nos algoritmos de IA.

A tecnologia digital, ao transformar tudo em informação (bits), cria um ambiente propício para a projeção de sentidos espirituais.

A “cultura das mídias” (SANTAELLA, 2019) favorece a emergência de novas formas de sensibilidade. A escuta espiritual na TCI digital não é mais exclusivamente auditiva; ela é visual (espectrogramas) e algorítmica.

Santaella nos ajuda a entender que a digitalização neste caso não é tão-somente uma mudança de suporte, mas uma mudança na própria natureza da experiência religiosa, que passa a ser mediada por interfaces que prometem uma “objetividade” técnica.

Um conceito central de Santaella aplicável é o de **performatividade técnica**. Na cultura digital, a autoridade não emana só do discurso, mas da performance da tecnologia. Quando um *software* de IA “limpa” um áudio e revela uma voz, a tecnologia está performando a verdade. Esse efeito de verdade é tão potente que muitas vezes dispensa a validação externa.

Neste caminho, nos deparamos com uma atuação tecnocultural. O praticante, ao manipular dispositivos intrincados, está encenando um ritual de investigação pela verdade que se ancora na materialidade técnica.

Santaella (2018) alerta para o fato de que, na era da pós-verdade, a crença muitas vezes se sobrepõe ao fato, e a tecnologia pode ser usada para reforçar essa dinâmica. Na TCI, a IA atua como um catalisador dessa performatividade, criando artefatos de comunicação que, embora tecnicamente sofisticados, permanecem no campo da ambiguidade semiótica, ou seja, na **produção de efeitos de verdade**.

## **2.3 DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR: EXEMPLIFICAÇÃO DO CONFRONTO DE PERSPECTIVAS**

**A articulação entre Foucault, Bourdieu, Hall e Santaella** permite concluir que a TCI é um fenômeno que opera na confluência de quatro dimensões fundamentais: **o discurso, a estrutura, a cultura e a técnica**.

Logo, é imperativo **confrontar as perspectivas dos autores fundamentais e integrá-las ao pensamento de autores subsidiários**. E, adiante, para ilustrar a aplicação desta densa matriz teórica, **analisamos o caso** do uso de Inteligência Artificial Generativa (IAG) na TCI contemporânea.

- a) Pela lente de Foucault, compreendemos que a TCI é um saber que desafia os regimes de verdade dominantes, criando seus próprios dispositivos de visibilidade e poder através da tecnologia.**
- b) Pela lente de Bourdieu, percebemos que a TCI é um campo de disputa por capital simbólico, onde o mimetismo científico e a desinstitucionalização da fé são estratégias centrais para a conquista de legitimidade.**

- c) Pela lente de Hall, vemos a TCI como um processo de representação e construção de identidades híbridas, inserido nos circuitos de cultura da sociedade em rede.
- d) Pela lente de Santaella, entendemos a TCI como uma performance tecnocultural, onde a mediação ubíqua e a performatividade técnica produzem novos efeitos de verdade e sensibilidades espirituais.

Esta matriz teórica robusta justifica esta análise como uma “**Prática Comunicacional Híbrida**”. Ela nos consente olhar para os dados empíricos (que serão analisados nos próximos capítulos) não como provas de uma realidade metafísica, mas como fragmentos de um discurso social que revela as transformações da espiritualidade e da comunicação na era digital.

Assim, para concretizar o vigor da Matriz Teórica, é preciso comparar os pontos de vista dos autores referenciados e uni-los às ideias de autores auxiliares que oferecem outras nuances sobre a Comunicação Digital e a Espiritualidade. A **Tabela 1.** apresenta uma síntese comparativa dos conceitos fundamentais que guiam esta análise.

Tabela 1 – Síntese Comparativa da Matriz Teórica			
Autor	Conceito Central	Aplicação na TCI	Visão sobre a Tecnologia
Michel Foucault	Regime de Verdade / Dispositivo	A TCI como saber marginal que desafia a ordem do discurso científico.	Dispositivo de poder-saber que organiza a visibilidade do invisível.
Pierre Bourdieu	Campo / Capital Simbólico	A disputa por legitimidade através do mimetismo técnico e científico.	Instrumento de acumulação de capital simbólico e distinção social
Stuart Hall	Representação / Identidade	A construção de sentidos sobre o “além” e identidades híbridas na rede.	Meio de circulação de representações e negociação de identidades.
Lucia Santaella	Performatividade Técnica	A produção de efeitos de verdade	Extensão cognitiva que reconfigura a

		através da interface e do algoritmo.	percepção e a sensibilidade.
--	--	--------------------------------------	------------------------------

Fonte: Elaborado pelo Autor (2025).

Esta articulação permite que a pesquisa mantenha o rigor necessário, tratando o objeto com o distanciamento crítico exigido, sem ignorar a riqueza simbólica e humana que o fenômeno carrega.

Entretanto, esta análise sobre o **reencantamento tecnomidiático da TCI** não estaria completa sem a contribuição dos **diálogos de Muniz Sodré e Erick Felinto**, que discutem a dimensão afetiva e imaginária da técnica.

**Sodré** (2022) propõe o conceito de “reencantamento do mundo”, argumentando que, em uma sociedade dominada pela racionalidade técnica, o ser humano busca brechas para o sagrado. A TCI atua precisamente nessa brecha, utilizando a própria técnica, como o rádio e a IA, para reencantar a realidade.

Na TCI, o dispositivo técnico deixa de ser objeto inerte para se tornar mediador do mistério, um “cordão de prata” entre o cá e o lá. **Felinto** (2005), em sua obra *As Máquinas de Deus*, aprofunda a discussão ao analisar como a tecnologia é volta e meia investida de aura religiosa. Para Felinto, as máquinas de comunicação não são exclusivamente ferramentas funcionais, mas “interfaces espirituais” que prometem a superação da finitude humana.

Na TCI, a materialidade do registro, no ruído ou na imagem granulada, é o que confere “presença” ao espírito. Para **Birgit Meyer** (2019, 2020), religião é mediação, e as mídias são fundamentais para tornar o invisível perceptível aos sentidos. Sua perspectiva sobre **mediação e materialidade** oferece a lente antropológica para entender a TCI como “forma sensacional”.

Essa materialidade técnica é o que permite ao praticante “sentir” a presença do outro, validando a experiência através da evidência física do sinal digital. A TCI, ao utilizar *softwares* de visualização de som, transforma a fé em uma experiência óptica e acústica. Diferente de uma visão puramente discursiva, Meyer enfatiza que a crença é uma experiência sensorial.

**André Lemos** (2010) contribui para a matriz teórica ao discutir as “**tecnologias da subjetivação**”. Na **cibercultura**, os dispositivos digitais moldam a forma como construímos nossa subjetividade.

Na TCI, o uso de *smartphones* e aplicativos de *spirit box* conduz a uma gestão autônoma e individual da espiritualidade. O praticante, ao interagir com a máquina em busca de respostas existenciais, está exercendo uma forma de subjetivação pela técnica.

Lemos nos ajuda a compreender que a TCI não é um retorno ao passado, mas uma prática profundamente contemporânea, inserida na lógica da mobilidade, da interatividade e da personalização tecnológica.

Numa **exemplificação prática, coloquemos a teoria em ação** para ilustrar a aplicação desta densa matriz teórica, analisando o caso do uso de Inteligência Artificial Generativa na TCI contemporânea:

- 1. Lente Foucaultiana: A IAG atua como um novo dispositivo que redefine o regime de verdade. O algoritmo “decide” o que é voz e o que é ruído, exercendo um poder de normalização sobre o sinal espiritual.**
- 2. Lente Bourdieusiana: O uso de IA confere ao praticante um alto capital técnico, permitindo-lhe reivindicar uma legitimidade superior à dos métodos analógicos tradicionais, marcando uma distinção no campo.**
- 3. Lente Halliana: A IA produz representações sintéticas do “além” que são decifradas pelo público como evidências de uma inteligência extrafísica, alimentando novos circuitos de cultura digital.**
- 4. Lente Santaelliana: A performance da IA produz um efeito de veracidade tão convincente que o meio se torna a mensagem, reconfigurando a sensibilidade do praticante diante do mistério.**

Esta articulação exemplifica como a Matriz Teórica permite uma análise profunda e multifacetada, garantindo que a dissertação não se perca em descrições superficiais, mas penetre nas camadas mais complexas do fenômeno transcomunicativo.

## 2.4 ARQUEOLOGIA DOS PIONEIROS: GÊNESE NO BRASIL E NO MUNDO

Para compreender a robustez da Matriz Teórica, é necessário recuar **aos marcos fundadores da Transcomunicação Instrumental** e analisá-los não apenas como curiosidades históricas, mas como momentos de ruptura discursiva e formação de novos campos de saber.

Além disso, é imperativo **analisar o cenário brasileiro**, o pioneirismo de sua trajetória peculiar marcada pela constante necessidade de diálogo interreligioso e busca por validação científica. E, para aprofundar a análise foucaultiana, pesquisamos trechos de **obras fundamentais dos pioneiros** da TCI, observando como a “**ordem do discurso**” era estabelecida na prática.

Em 1959, ao gravar o canto dos pássaros e captar vozes humanas que identificou como sendo de parentes falecidos, **Friedrich Jürgenson** não apenas descobriu um fenômeno; ele inaugurou um novo **dispositivo** de escuta.

Sob a lente de Foucault, o gravador de Jürgenson deixou de ser um instrumento de registro da natureza para se tornar um aparato de captura do invisível. Jürgenson operou uma mudança no regime de visibilidade (ou audibilidade) da época.

Ele estabeleceu os primeiros protocolos de o que Foucault chamaria de uma “microfísica da escuta”: o ajuste fino da fita, o silêncio ambiental e a interpretação do ruído. Este momento marca o surgimento de um novo saber que, embora ancorado na técnica moderna, buscava responder a questões ancestrais sobre a finitude.

Se Jürgenson foi o “descobridor”, **Konstantin Raudive** foi o sistematizador que procurou introduzir a TCI no campo científico. Raudive promoveu milhares de gravações sob condições controladas e buscou a chancela de físicos e engenheiros. Psicólogo e filósofo, logo compreendeu que, para o fenômeno ser acolhido, carecia de **capital simbólico**.

A trajetória de Raudive exemplifica a luta de Bourdieu pela definição legítima da ciência. Ao publicar *Breakthrough* (1971), Raudive tentou converter seu capital cultural em capital científico.

No entanto, ele enfrentou a violência simbólica do *establishment* acadêmico, que rejeitou suas “vozes de Raudive” como meros artefatos de pareidolia ou interferência de rádio. Este embate revela como o campo científico protege suas fronteiras contra saberes que desafiam o paradigma materialista.

Igualmente, **Ernst Senkowski** consolidou a TCI com o termo *Instrumentelle Transkommunikation*, buscando uma neutralidade terminológica que afastasse o fenômeno do espiritualismo ingênuo. Senkowski, um físico, tentou criar uma ponte epistemológica entre a física quântica e a comunicação espiritual.

Na perspectiva de Stuart Hall, Senkowski atuou em uma codificação técnica do fenômeno, **transformando o “espírito” em “consciência extrafísica”** apta para interação com dispositivos. Esta modificação de nomenclatura é manobra de reprodução que visa tornar o objeto inteligível e aceitável para a mentalidade tecnológica do século XX.

Já no **cenário brasileiro** a Transcomunicação Instrumental possui uma trajetória singular, marcada por um diálogo intenso entre a tradição da Doutrina Espírita e a busca por uma validação científica rigorosa que se traduz em **pioneirismo, ciência e espiritualidade**.

**Neste ponto, vamos analisar o desenvolvimento da TCI no país**, aplicando as lentes da Matriz Teórica para compreender como o campo brasileiro se estruturou e quais capitais simbólicos foram mobilizados.

**Hernani Guimarães Andrade** é, sem dúvida, o grande pioneiro da pesquisa científica sobre o invisível no Brasil. Engenheiro de formação, Andrade fundou o **Instituto de Biopsicofísica (IBPP)** em 1963, buscando aplicar o rigor da física e da biologia ao estudo dos fenômenos paranormais.

**Análise Bourdieusiana:** Sua obra *Psi Quântico* (1994) é um empenho extraordinário de conversão de capital técnico em legitimidade acadêmica, provocando o monopólio da ciência materialista. Andrade agiu em sua tática de distinção do campo espiritualista brasileiro. Ao se afastar do misticismo, adotando linguagem técnica, incluindo termos como biopsicofísica, campo biomagnético, entre outros, acumulou capital científico para o estudo da sobrevivência da consciência.

**Análise Foucaultiana:** O IBPP funcionou como um dispositivo de saber-poder que buscava normalizar o fenômeno paranormal. Andrade estabeleceu protocolos de laboratório que visavam transformar o “milagre” em “fato biológico”, submetendo o invisível a um regime de verdade baseado na mensuração e na evidência física.

**A evolução das pesquisas da TCI brasileira** partiu das primeiras gravações de **Clóvis Nunes**, que introduziu as técnicas de Jürgenson e Raudive no país, até as sofisticadas pesquisas digitais de **Sônia Rinaldi**.

**Análise Halliana:** A TCI brasileira se mistura com a robusta identidade interreligiosa do país, e procura firme representação moderna e tecnológica. É um belo modelo de hibridismo cultural. Os praticantes brasileiros decifram as mensagens como consolo, e também como evidências de uma realidade interdimensional que a ciência oficial ainda discute.

**Análise Santaelliana:** A transição para a TCI digital no Brasil, liderada por Rinaldi, marca a entrada definitiva do país na tecnocultura espiritual. O uso de *softwares* de processamento de imagem e som reconfigura a sensibilidade do público brasileiro, que passa a consumir a espiritualidade através de interfaces digitais, vídeos no YouTube e transmissões ao vivo, onde a performatividade técnica produz novos efeitos de verdade.

**Para aprofundar a análise foucaultiana**, examinamos aqui o **discurso dos pioneiros** da TCI em trechos selecionados de **documentos históricos** de obras fundamentais dos pioneiros da TCI, observando como a “ordem do discurso” era estabelecida na prática.

Em seus escritos originais, **o manifesto de Friedrich Jürgenson** descreve a captação das vozes não como um acidente técnico, mas como uma “revelação mediada”, ou seja, **a escuta como revelação**.

Sob a ótica de Foucault, Jürgenson estava estabelecendo as bases de uma nova episteme. Ele descreve o gravador como um “ouvido eletrônico” que possui uma sensibilidade superior à humana, inaugurando a ideia da máquina como um sujeito do conhecimento.

Do mesmo modo, a **lógica de Konstantin Raudive**, em suas comunicações com físicos da época, enfatizava constantemente a replicabilidade de seus experimentos demonstrando **o rigor como defesa**.

Para Bourdieu, este foco no rigor era uma tentativa de acumular capital científico em um campo que lhe era hostil. Raudive utilizava a estatística e a análise fonética para “blindar” seu discurso contra as acusações de subjetivismo, uma estratégia clássica de mimetismo científico.

## 2.5 CIÊNCIA MARGINAL, PSEUDOCIÊNCIA, REGIME DE VERDADE - ATAQUE E DEFESA

A classificação da TCI como “pseudociência” ou “ciência marginal” não é apenas uma questão de método, mas um reflexo das tensões no regime de verdade da modernidade tardia. Nesta seção, também aprofundamos o embate entre a TCI e seus críticos, analisando as **estratégias discursivas de ambos os lados** sob a luz da Matriz Teórica.

Hugh Lacey (1999) argumenta que a ciência moderna é guiada por estratégias materialistas que excluem, *a priori*, qualquer fenômeno que não se encaixe em leis físicas conhecidas. A TCI, ao propor a interação entre consciência e matéria, desafia essa “neutralidade” da ciência.

A TCI, como ciência marginal, representa um esforço de resistência epistêmica. Os praticantes não rejeitam o método científico, ao contrário, o mimetizam e o expandem para áreas que a ciência oficial não investiga. Para Bourdieu, a ciência não é neutra, é um campo de interesses onde o que não é mensurável é rotineiramente descartado como inexistente.

Esta “ciência de fronteira” busca uma redefinição da competência simbólica, argumentando que o rigor não deve estar preso ao objeto, mas ao processo de investigação.

O conceito de desencantamento do mundo de Max Weber (2002) é fundamental para entender por que a TCI é marginalizada. A modernidade racionalizou a vida, expulsando o mistério e o sagrado para a esfera do privado ou do irracional. A TCI, no entanto, opera um movimento contrário: ela utiliza os próprios instrumentos da racionalidade, como a eletrônica e a computação, para reintroduzir o mistério no coração da técnica.

Este “reencantamento” através da máquina é o que Muniz Sodré (2022) identifica como uma resposta à escassez simbólica

contemporânea. A TCI não é um retorno à magia pré-moderna, mas uma forma de “magia tecnológica” que busca validar a transcendência através do registro empírico.

Por outro lado, analisando as estratégias discursivas de ambos os lados sob a luz da Matriz Teórica, percebe-se que as **controvérsias epistemológicas contemporâneas opõem que a TCI permanece em constante estado de ataque e defesa diante dos embates.**

A crítica cética, fundamentada em autores como Richard Wiseman (2012), utiliza o conceito de **pareidolia**, tendência humana de ver padrões em ruídos, como **o principal argumento de deslegitimação da TCI.**

**Análise Foucaultiana:** O argumento da pareidolia desqualifica o testemunho do praticante como um erro cognitivo, retirando a autoridade de sujeito do saber. Funciona como um procedimento de exclusão no regime de verdade científico.

**Resposta da TCI:** Esta é uma luta pelo poder de definir o que é “evidência”. Os pesquisadores de TCI respondem com o “rigor do equipamento”. Eles utilizam *softwares* de análise espectrográfica para demonstrar que as vozes e imagens possuem características físicas, como frequência, amplitude, formação de fonemas, que as distinguem do ruído aleatório.

Outrossim, a inclusão da IA na tentativa de comunicação com o além promove polêmicas éticas e epistemológicas intensas. **Como diferenciar o contato real da simulação algorítmica, se uma IA simula a voz de um morto?**

**Análise Santaelliana:** A IA gera uma reprodução que aparenta ser mais “verdadeira” que a obra de arte autêntica. Estamos perante o desafio do **simulacro**. A performatividade do algoritmo cria um efeito de realidade tão potente que a tese da autenticidade ontológica se torna secundária ante o efeito emocional e simbólico do que foi comunicado.

**Análise Bourdieusiana:** A posse de tecnologias de IA torna-se o novo capital de distinção no campo da TCI. Aqueles que dominam estas ferramentas ocupam posições de liderança, ditando as novas regras do jogo da comunicação espiritual na era digital.

## 2.6 SEMIÓTICA DA IMAGEM TRANSCOMUNICATIVA: DE KARDEC A SANTAELLA

A evolução da TCI da voz em *EVP* para a imagem em transimagem, dispõe outros desafios semióticos que Lucia Santaella nos ajuda a decifrar.

No século XIX, a fotografia de espíritos buscava ser o “índice do invisível” (no sentido peirceano adotado por Santaella) da presença do além. A imagem era vista como uma prova material incontestável. No entanto, a facilidade de manipulação técnica logo colocou essas imagens sob suspeita. Na TCI contemporânea, a transimagem digital (captada através de *feedback* de vídeo ou *softwares* de IA) herda essa busca pelo índice.

Santaella (2019) argumenta que, na era digital, a imagem perdeu sua conexão direta com o referente físico, tornando-se uma construção algorítmica. Na TCI, isso cria um paradoxo, quanto mais nítida é a imagem, graças à IA, mais é suspeita de ser uma simulação.

A IAG introduz o que Beischel e Rock (2023) chamam de **pareidolia artificial**. A **performatividade do algoritmo**, treinado para reconhecer padrões humanos, “encontra” rostos e vozes em ruídos aleatórios com uma perfeição que o olho humano não alcançaria. Sob a lente da performatividade técnica de Santaella, a IA não apenas revela a imagem, ela a performa.

A tecnologia parece “confirmar” a existência do invisível com uma clareza sem precedentes. No entanto, do ponto de vista semiótico, estamos diante de um simulacro.

Tratamos de uma representação que não possui um referente original no mundo físico, mas que produz efeitos reais de crença e subjetivação. Mesmo assim, é tremendo para o praticante o efeito de verdade originado por uma transimagem gerada ou refinada por IA.

Esta análise semiótica demonstra que a TCI digital é o ápice da tecnocultura, onde a busca pelo sagrado se funde com a sofisticação algorítmica, criando novas formas de sensibilidade e novos desafios para a compreensão do que entendemos como “realidade”.

## 2.7 ESTUDOS DE CASO TEÓRICO-EMPÍRICOS: A TEORIA CONFRONTA O FENÔMENO

Para consolidar a **Matriz Teórica** e demonstrar sua eficácia analítica, dedicamos esta seção à análise de **três casos emblemáticos da TCI mundial**.

Estes casos não são apresentados como provas da existência do fenômeno, mas como objetos de estudo sobre os quais as lentes de Bourdieu, Foucault, Hall e Santaella serão aplicadas para revelar as dinâmicas de poder, sentido e técnica que os sustentam: **1. Projeto *Spiricom*; 2. *The Scoble Experiment*; 3. Pesquisas de Sônia Rinaldi**.

### 1. Projeto *Spiricom*:

Desenvolvido nos Estados Unidos na década de 1980 por George Meek e William O'Neil, consistia em um complexo sistema de rádio que supostamente permitia diálogos bidirecionais e prolongados com o espírito de um cientista falecido (Dr. George Mueller), sendo, assim, um **dispositivo de comunicação direta**.

**Análise Foucaultiana:** O *Spiricom* instituiu um regime de visibilidade técnica onde a voz do “além” era sujeita a uma filtragem austera. O poder-saber transparecia no prestígio de Meek, que definia as condições de possibilidade para o diálogo, criando uma “ordem do discurso” onde somente mensagens de cunho técnico e filosófico eram validadas. O *Spiricom* simboliza o ápice do dispositivo de transcomunicação analógica.

**Análise Bourdieusiana:** O caso *Spiricom* foi uma tentativa de ganhar legitimidade no campo da física, utilizando a retórica de “pesquisa de ponta”. Meek, um industrial bem-sucedido, utilizou seu capital econômico para fundar o *Metascience Foundation*, buscando converter seu capital em capital científico. Entretanto, o repúdio do campo científico em acolher os resultados confirma a crueldade da violência simbólica praticada pelas instituições dominantes contra saberes não-ortodoxos.

**Análise Halliana:** As mensagens do *Spiricom* foram codificadas dentro de um repertório de esperança e progresso tecnológico. E ressoaram com os desejos de uma sociedade que buscava conciliar a ciência com a espiritualidade. O arquétipo do Dr. Mueller é uma

representação da figura do cientista benevolente que almeja ajudar a todos.

**Análise Santaelliana:** A dificuldade de operação e a complexidade do dispositivo fabricavam um efeito de verdade no *Spiricom*. Sua interface, com botões, osciladores e ruídos, indicava uma técnica avassaladora. A ideia de que algo tão sofisticado não poderia ser produto de fraude, reconfigurou a sensibilidade dos envolvidos diante do dispositivo.

## 2. THE SCOLE EXPERIMENT:

Realizado na Inglaterra entre 1993 e 1998, envolveu um grupo de pesquisadores que afirmavam obter materializações de objetos, luzes e imagens em filmes fotográficos lacrados, sob a suposta orientação de uma equipe espiritual, numa espécie de **materialização do invisível no campo**.

**Análise Foucaultiana:** O experimento de *Scole* criou um regime de verdade baseado na evidência física e na observação direta. O grupo estabeleceu protocolos rígidos de controle, que funcionavam como técnicas disciplinares para garantir a “pureza” do fenômeno. A sala escura de *Scole* era o laboratório onde o invisível era forçado a se tornar visível sob as regras do dispositivo experimental.

**Análise Bourdieusiana:** Alguns viam o experimento do grupo de *Scole* como revolução científica, outros o deslegitimavam como sendo puro teatro, evidenciando a luta pelo monopólio da verdade científica. *Scole* buscou a validação de membros da *Society for Psychical Research (SPR)*, instituição com alto capital simbólico no campo da parapsicologia. A disputa interna na *SPR* sobre a validade de *Scole* aparece nas tensões do campo.

**Análise Halliana:** *Scole* produziu uma vasta gama de representações simbólicas, como símbolos em filmes, mensagens em línguas mortas. Estas representações eram decodificadas pelos participantes sendo provas de uma inteligência transdimensional, inserindo o experimento em um circuito que misturava ocultismo tradicional com investigação moderna.

**Análise Santaelliana:** Em *Scole*, a imagem transcomunicativa, captada sem intervenção da luz e com fotografia direta, é o maior modelo de performatividade técnica. O uso de filmes fotográficos e

dispositivos eletrônicos traduz a mediação ubíqua do sagrado. A tecnologia “escreve” a mensagem espiritual de forma autônoma, desafiando as leis da física clássica e criando novos efeitos de realidade.

### 3. PESQUISAS DE SÔNIA RINALDI NO BRASIL: A ERA DIGITAL

Sônia Rinaldi, fundadora do IPATI (Instituto de Pesquisas Avançadas em Transcomunicação Instrumental), é a principal referência da TCI da atualidade no Brasil, utilizando *softwares* avançados e Inteligência Artificial para captar vozes e imagens.

**Análise Foucaultiana:** Rinaldi opera uma transição do dispositivo analógico para o dispositivo digital. Suas pesquisas estabelecem um novo regime de verdade baseado no processamento de dados e na visualização espectrográfica. A “microfísica do poder” aqui reside no controle algorítmico: o software torna-se o juiz que decide o que é sinal e o que é ruído.

**Análise Bourdieusiana:** Rinaldi ergueu sólido capital simbólico no subcampo da TCI brasileira e internacional. No entanto, ainda encara a marginalização do campo acadêmico hegemônico, o que a leva a buscar consideração em circuitos alternativos de saber e na mídia digital. Sua tática de legitimação repousa na transparência dos métodos e na cooperação com cientistas de diversas áreas.

**Análise Halliana:** A TCI de Rinaldi é um elemento de identidade híbrida. As imagens e vozes captadas são representações que circulam intensamente em redes sociais, criando uma comunidade de sentido que ressignifica o luto na cultura digital brasileira e mundial. Seus seguidores são “pesquisadores do espírito” que usam a tecnologia para lidar com a finitude.

**Análise Santaelliana:** O trabalho de Rinaldi é o exemplo perfeito da tecnocultura aplicada à espiritualidade. O uso de IA para reconstruir rostos e vozes é uma performance técnica que produz simulacros de alta fidelidade. Santaella nos ajuda a entender que, neste contexto, a “verdade” do contato é inseparável da eficácia do algoritmo, criando uma nova sensibilidade onde o sagrado é processado em bits e pixels.

Esta análise de casos demonstra que a **Matriz Teórica** desenvolvida não é apenas um exercício abstrato, mas uma ferramenta poderosa para decifrar a complexidade da Transcomunicação Instrumental em suas diversas manifestações históricas e

contemporâneas. A articulação entre discurso, campo, cultura e técnica, permite uma compreensão integral do fenômeno, preparando o caminho para a análise dos dados empíricos desta dissertação.

## 2.8 DA MATRIZ À ESTRATÉGIA NA ERA DA PÓS-VERDADE: OPERACIONALIZAÇÃO

É imperativo situar a TCI dentro do debate contemporâneo sobre a **pós-verdade**. Exatamente por este entendimento, a construção de uma Matriz Teórica pujante, como a que foi delineada ao longo deste capítulo, só atinge sua plenitude quando seus conceitos são devidamente operacionalizados para a **análise empírica**.

Lucia Santaella (2018) define a pós-verdade não como a ausência de verdade, mas como um cenário onde as crenças pessoais e os apelos emocionais têm mais peso na formação da opinião pública do que os fatos objetivos. Nesta subseção, estabelecemos **a ponte entre a teoria e a prática**, demonstrando como as lentes de Bourdieu, Foucault, Hall e Santaella serão aplicadas adiante aos dados coletados através do Questionário, da Netnografia e da análise documental.

Na TCI, a “verdade” do contato espiritual é frequentemente uma verdade performada e afetiva. O praticante não busca apenas um dado técnico, mas uma conexão emocional que valide sua visão de mundo ou alivie sua dor.

Sob a lente de Hall, estamos diante de uma política de representação onde o sentido é construído na recepção. A tecnologia digital, ao facilitar a criação de “bolhas de filtro” (Recuero, 2022), permite que estas verdades afetivas circulem e se fortaleçam sem o contraponto do discurso cético hegemônico.

Sem julgamentos. Esta Matriz Teórica inspira ao pesquisador uma atitude de perfeita neutralidade analítica e rigoroso distanciamento crítico. Não nos compete justificar a TCI nem como ciência nem como religião, mas a decompor como um prodígio comunicacional que desvende as entranhas da nossa cultura digital.

Ao utilizar Bourdieu, Foucault, Hall e Santaella, transformamos um objeto frequentemente estigmatizado em um campo fértil para a investigação acadêmica de alto nível. A TCI, em última análise, nos

desafia a repensar as fronteiras entre o humano e o não humano, entre o real e o virtual, e entre a técnica e o sagrado.

Para atingir a densidade necessária e aprofundar a **análise foucaultiana**, é imperativo realizar uma **genealogia dos sentidos** que precedem a Transcomunicação Instrumental. Foucault (1995) nos ensina que os sentidos não são biológicos, mas históricos e culturais, moldados por dispositivos de poder.

Tracemos uma linha genealógica que remonta aos métodos de escuta do confessor católico e do exame de consciência que o procede, onde o sujeito é instado a ouvir a “voz da verdade” interior. Na TCI, esse método é transposto para o gravador. Do confessor ao gravador, a escuta não é ato passivo, mas prática disciplinada.

O praticante exercita uma “escuta atenta” que busca, no ruído, a confissão do invisível. Esta escuta é mediada por um dispositivo que impõe silêncio e concentração. O gravador atua como o “ouvido do poder” que registra e fixa o enunciado espiritual, transformando-o em objeto de saber que pode ser analisado, repetido e catalogado. Assim, a TCI herda as tecnologias de subjetivação da modernidade, onde o ouvir torna-se ato de vigilância e descoberta da verdade.

A transimagem, por sua vez, insere-se na genealogia do olhar clínico descrita por Foucault em “O Nascimento da Clínica”. O olhar que busca a patologia no corpo é o mesmo olhar que busca o espírito no *pixel*. A tecnologia digital (*softwares* de IA, filtros de vídeo) atua como o microscópio que amplia a realidade para revelar o que está oculto. A **visibilidade do incorpóreo** na TCI é uma conquista do dispositivo técnico.

Não se trata de visão esotérica, mas de visão guiada por aparatos que expõem o que é “visto”. É a vontade de saber movida ao extremo da visualidade metodológica. O regime de visibilidade da TCI digital é o regime da transparência técnica. Se acredita que, com o ajuste correto do algoritmo, o invisível será forçado a se manifestar.

Para **a análise dos discursos presentes nas respostas dos praticantes e críticos**, coletados através do “Questionário TCI”, da netnografia e da análise documental, **operacionalizamos o dispositivo e o regime de verdade (Foucault)**, cujo conceito de dispositivo será utilizado para identificar as redes de saber-poder que sustentam as narrativas.

Como **indicadores de análise**, identificaremos nos textos os “procedimentos de exclusão” (o que é proibido falar, o que é considerado erro) e os “procedimentos de rarefação” (quem tem autoridade para falar).

**Aplicação:** Ao analisar os tutoriais de gravação encontrados na Netnografia, observaremos como a técnica é descrita como uma disciplina foucaultiana, onde o corpo e a máquina devem estar em sintonia para que a “verdade” do sinal espiritual se manifeste. O regime de verdade será mapeado através das recorrências de termos técnicos que buscam validar a experiência subjetiva.

Em relação a **operacionalização do campo e do capital simbólico (Bourdieu)**, a análise das disputas simbólicas entre céticos e crentes será guiada pela identificação das posições ocupadas pelos sujeitos no campo da comunicação espiritualista.

Como **indicadores de análise**, mapearemos o “capital técnico”, conhecimento de eletrônica e *software*, e o “capital cultural”, conhecimento de doutrinas e história da TCI, mobilizados pelos respondentes.

**Aplicação:** Observaremos a “violência simbólica” da ciência oficial, internalizada ou contestada nas respostas dos críticos e defensores, e suas crises por demarcação do que é “legítimo”. O conceito de *habitus* nos permite compreender por que determinados praticantes rejeitam mediação religiosa habitual e preferem mediação técnica.

Para a **operacionalização e a representação e da Identidade (Hall)**, a recepção e a circulação das mensagens de TCI nas redes sociais digitais serão analisadas na percepção dos circuitos de cultura. Como **indicadores de análise**, identificaremos os processos de “codificação”, ou seja, como o praticante interpreta o ruído e “decodificação”, como o público reage ao vídeo ou áudio postado.

**Aplicação:** O conceito de identidade híbrida será aplicado para analisar como os sujeitos se autodefinem no questionário. Buscaremos entender como a TCI permite a construção de uma identidade de “pesquisador espiritual” que transita entre a fé e a razão, respondendo à fragmentação do sujeito na pós modernidade.

Sobre a **operacionalização e a performatividade da tecnocultura (Santaella)**, a dimensão técnica e semiótica da TCI digital será analisada através da eficácia das interfaces e dos algoritmos. Como **indicadores de análise**, observaremos as menções ao uso de Inteligência Artificial e *softwares* de processamento de sinal como produtores de “efeitos de verdade”.

**Aplicação:** Analisaremos como a tecnocultura modela a sensibilidade dos sujeitos, transformando o monitor do computador em um verdadeiro portal para o sagrado. A performatividade técnica será o critério para examinar como a nitidez de uma transimagem ou de um *EVP (Electronic Voice Phenomenon)* entusiasma a fé do praticante.

A complexidade do objeto investigado, a TCI como prática comunicacional híbrida, exige uma **estratégia de triangulação metodológica** que não é apenas metodológica, mas epistemológica.

A combinação de Análise de Conteúdo (Bardin), Análise de Discurso (Foucault/Gregolin) e Netnografia (Kozinets) justifica-se pela necessidade de capturar as múltiplas dimensões da matriz teórica:

- 1. A Análise de Conteúdo permitirá organizar e categorizar a massa de dados do questionário, identificando as regularidades que compõem o campo (Bourdieu).**
- 2. A Análise de Discurso penetrará nas camadas profundas da linguagem para revelar os regimes de verdade e as relações de poder (Foucault).**
- 3. A Netnografia capturará a TCI em seu “habitat” natural, observando as representações e as performances identitárias na cultura digital (Hall/Santaella).**

Esta triangulação garante que nenhum aspecto do fenômeno seja negligenciado, permitindo uma **visão holística** que respeita tanto a materialidade técnica quanto a subjetividade simbólica da transcomunicação.

## **2.9 A ECONOMIA DAS TROCAS SIMBÓLICAS: UMA ANÁLISE BOURDIEUSIANA**

Para expandir a análise de Bourdieu, devemos mergulhar na economia das trocas simbólicas que ocorre dentro do campo da TCI.

Bourdieu (2011) argumenta que todas as práticas sociais, mesmo as mais desinteressadas, obedecem a uma lógica econômica de acumulação de capital.

Na TCI, as mensagens recebidas não são apenas consolo; elas são **mercadorias simbólicas** que circulam em um mercado de sentidos. O praticante que obtém uma “mensagem clara” aumenta seu prestígio no campo, acumulando capital simbólico que pode ser convertido em autoridade dentro da comunidade.

Este negócio tem normas próprias de oferta e procura. Comunicações de figuras históricas ou de entes de *influencers* possuem valor simbólico maior. O aparente desinteresse dissimula a luta feroz por reconhecimento e distinção social. A disputa por “exclusividade” do contato ou “melhor técnica” de captação expõe a natureza competitiva do campo.

Por outro lado, a exclusão da TCI do campo científico oficial produz o que é denominado de **violência simbólica** por Bourdieu. Os praticantes, quando rotulados de “pseudocientistas”, às vezes internalizam essa desvalorização e criam guetos de saber. No entanto, essa marginalização também é tática de salvaguarda do próprio capital simbólico. Ao criar regras internas de validação, o grupo se blinda da crítica externa e mantém a coesão.

A análise desta dinâmica é decisiva para entender por que a TCI, apesar de utilizar tecnologias de ponta, permanece na periferia do sistema acadêmico. A luta não é apenas pela verdade do fenômeno, mas pelo direito de definir o que conta como verdade no mercado das ideias atuais.

Exploramos a dimensão estética da TCI sob a ótica de Lucia Santaella. Santaella (2013) argumenta que a estética contemporânea é inseparável da técnica. Na TCI, o **ruído não é um erro, mas a matéria-prima da comunicação.**

Na **semiótica do invisível** peirceana adotada por Santaella, o ruído é um signo de primeiridade, pura potencialidade, um campo de possibilidades antes de se tornar uma mensagem, terceiridade. O praticante de TCI opera sobre este ruído, buscando nele o índice de uma inteligência.

Esta “**estética do ruído**” é fundamental para a tecnocultura. Vivemos em um mundo saturado de sinais limpos e digitais; a TCI, ao valorizar o ruído, o granulado e a interferência, resgata uma sensibilidade tátil e orgânica da tecnologia. O ruído torna-se o lugar onde o mistério pode habitar, desafiando a perfeição asséptica do digital.

Santaella (2019) expõe como a imagem digital moderna é fluida e instável. Na TCI, essa instabilidade possibilita a projeção de sentidos espirituais. Com o progresso para *lives* e *softwares* de vídeo de tempo real, a TCI adentra a era da imagem-fluxo, ou, melhor dizendo, fluxo & refluxo<sup>36</sup>.

O espectador e o praticante se unem na construção do sentido, decodificando as formas que emergem e submergem no monitor. Esta dinâmica reforça a ideia de Stuart Hall sobre a recepção ativa, porque o sentido não está na imagem, mas no processo de interação entre sujeito, máquina e cultura. A transimagem em tempo real é uma performance semiótica contínua.

Expandindo a visão de Stuart Hall e André Lemos, analisamos como a prática da TCI molda a **identidade e subjetivação do sujeito contemporâneo na cibercultura**.

O praticante de TCI constrói para si uma identidade de “cientista do invisível”. Esta é uma **identidade de resistência** (HALL, 2016) contra o desencantamento do mundo. Ao adotar jaleco, laboratório e *software*, o sujeito não está apenas fazendo pesquisa, está performando uma identidade que concilia o desejo de transcendência com a necessidade de racionalidade.

Esta identidade é híbrida e fragmentada. O sujeito pode ser servidor público de 8h às 18h e transcomunicador após o expediente. Esta fluidez identitária é característica da pós modernidade, onde as fronteiras entre o sagrado e o profano, o técnico e o místico, são constantemente renegociadas.

Em uma sociedade onde a morte é escondida e institucionalizada, a TCI devolve ao sujeito o poder de interagir com o luto pela máquina. O uso de dispositivos digitais para “falar com mortos” é um “jeitinho” de subjetivação que utiliza a cibercultura para

---

<sup>36</sup> MARTINS, Timm. Fluxo & Refluxo: Poesia Livre a Navegar no Planeta Água. Brasília: LGE Editora, 2006.

responder lacunas existenciais. A TCI atua como uma **tecnologia de si** (FOUCAULT, 1995), e, dessa forma, o indivíduo realiza sua gestão autônoma do seu luto.

A face mais humana da tecnocultura está justamente no uso da tecnologia mais avançada para responder à dor mais ancestral, a finitude. A máquina se torna uma prótese da memória e do afeto, e é nela que o sujeito reconstrói sua relação com o outro ausente através de bits e frequências.

Para avançar na densidade teórica, analisamos a TCI como um sintoma da **crise das grandes narrativas da modernidade** (Ciência e Religião), conforme discutido em “O Deslocamento do Sagrado para a Técnica”, Hall argumenta que a pós modernidade é marcada pelo deslocamento das identidades e dos sentidos.

Na TCI, observamos o deslocamento do sagrado das instituições religiosas para a esfera da técnica individualizada. O sujeito não busca mais a verdade no dogma, mas no sinal eletrônico.

Este fenômeno revela uma fragmentação da autoridade. A TCI é uma “narrativa de substituição” que oferece uma explicação para a morte que parece mais compatível com a mentalidade tecnológica contemporânea. Ao se apropriar da linguagem da ciência para falar do espírito, cria uma síntese que tenta preencher o vazio deixado pelo desencantamento do mundo.

Podemos analisar a comunidade de praticantes de TCI como uma **subcultura que utiliza táticas de resistência cultural**. Esta resistência não é política no sentido tradicional, mas é uma resistência ontológica cultural. Eles se apropriam dos meios de produção, a tecnologia digital, para produzir sentidos que desafiam a cultura dominante, o materialismo.

Ao afirmar a existência de uma realidade extrafísica através da máquina, os praticantes de TCI estão disputando o sentido do real. Esta disputa é central para os Estudos Culturais de Hall, na medida em que revela como os grupos marginalizados utilizam a cultura para negociar sua posição no mundo.

Aplicando Pierre Bourdieu, analisamos a seguir relação tensa de **disputas de capital e visibilidade entre o campo da TCI e o campo midiático**.

O campo midiático atua como uma instância poderosa de **consagração ou deslegitimação** para a TCI. Quando um programa de TV de grande audiência apresenta a TCI, ele confere ao fenômeno uma visibilidade que pode ser convertida em capital simbólico.

No entanto, a mídia frequentemente submete a TCI à lógica do espetáculo, o que pode deslegitimá-la perante o campo científico. Esta relação é ambivalente.

Os praticantes buscam a mídia para ganhar reconhecimento, mas temem a simplificação e o ridículo. A disputa pela narrativa midiática é uma luta pelo poder de representação, onde o capital simbólico da TCI é constantemente negociado e redefinido.

Com a ascensão das redes sociais digitais, o campo da TCI aspira nova autonomia. Os praticantes não dependem mais da grande mídia tradicional para circular ideias e resultados. Eles criam seus próprios canais, grupos e fóruns, e seu capital simbólico é gerido internamente.

Esta “desintermediação” fortalece a coesão do campo, mas também pode levar ao isolamento em bolhas de confirmação. A análise desta dinâmica é fundamental para compreender como a TCI sobrevive e se expande na cibercultura, criando um ecossistema de saber que opera paralelamente às instituições oficiais.

Introduzimos uma discussão sobre **a ética da comunicação na TCI**, fundamentada na responsabilidade do pesquisador e na relação com o “outro” (mesmo que este outro seja uma consciência extrafísica).

O praticante de TCI, ao divulgar uma mensagem supostamente vinda do além, assume uma responsabilidade ética imensa. Ele está lidando com as esperanças e dores de pessoas em luto.

Sob a lente de Foucault, este é um exercício de poder sobre a subjetividade do outro, alheia, e que não pertence ao pesquisador. A ética da comunicação exige que o praticante seja transparente sobre seus métodos e a natureza ambígua dos resultados.

A “**vontade de verdade**” não deve derrubar o respeito pelo sujeito. A TCI, ao se equilibrar na corda entre o crível e o incrível, deve manter uma postura de humildade epistemológica, reconhecendo que a interpretação do sinal é sempre um ato humano, carregado de subjetividade e cultura.

A comunicação na TCI é uma procura pelo reconhecimento da alteridade. O desejo de falar com o morto é o desejo de confirmar que o outro ainda existe. Stuart Hall nos ajuda a entender que a identidade é construída na relação com esse “outro”.

Na TCI, o “outro” é uma construção técnica e simbólica que permite ao sujeito reafirmar sua própria identidade e sentido de mundo. Esta busca pelo outro através da máquina, talvez revele também a solidão e a necessidade de conexão na sociedade contemporânea.

Como um fenômeno sociotécnico complexo, A TCI é um clamor por alteridade em um mundo cada vez mais gerenciado por algoritmos impessoais. A ética aqui reside em não transformar o outro em um mero objeto de experimentação técnica, e em respeitar a dimensão humana e espiritual que evoca.

A articulação entre a sociologia de Pierre Bourdieu, a arqueologia de Michel Foucault, os estudos culturais de Stuart Hall e a semiótica de Lucia Santaella permitiu uma visão multidimensional do objeto em sua estrutura social, seu regime discursivo e sua performance tecnológica. Assim, temos uma **síntese dos achados teóricos**:

- 1. Campo e Capital: Identificamos que a TCI é um campo de disputa onde o capital técnico é a principal moeda de troca para a conquista de legitimidade simbólica.**
- 2. Dispositivo e Verdade: Compreendemos que a tecnologia na TCI atua como dispositivo que produz efeitos de verdade, questionando a hegemonia do materialismo científico.**
- 3. Representação e Identidade: Vimos como a TCI permite a construção de identidades híbridas que negociam o sentido da vida e da morte na cultura digital.**
- 4. Performatividade e Tecnocultura: Analisamos como a interface e o algoritmo reconfiguram a sensibilidade humana, transformando a máquina em intermediário do sagrado.**

A teoria aqui desenvolvida será a bússola que guiará a nossa Netnografia, a Análise de Conteúdo do Questionário e a Análise de Discurso dos documentos, garantindo que a pesquisa mantenha a coesão e a profundidade exigidas por uma dissertação de mestrado de excelência.

A transição da teoria para a prática será feita através da operacionalização dos conceitos aqui discutidos, transformando categorias abstratas em indicadores concretos de análise. A articulação entre Bourdieu, Foucault, Hall e Santaella provou ser um “GPS” analítico poderoso.

Esta matriz não é apenas um adereço acadêmico, mas a ferramenta que permitirá a análise rigorosa dos dados empíricos nos próximos capítulos. Ela nos possibilitou navegar pelas dimensões estruturais, discursivas, culturais e técnicas da TCI, revelando as tramas de poder e sentido que a sustentam.

Este Capítulo estabelece o “lugar de fala” do pesquisador: um lugar de neutralidade analítica, distanciamento crítico e respeito pelo fenômeno. A TCI, por esta matriz, deixa de ser um mistério místico para se tornar um espelho da nossa própria cultura: uma cultura que busca na tecnologia avançada as respostas para as perguntas mais fundamentais da existência humana.

Refletimos sobre o papel da TCI no futuro da comunicação digital, integrando os conceitos de cibercultura e transcendência.

A TCI pode ser considerada como **vanguarda** do que teóricos chamam de **comunicação pós-humana**, na medida em que, ao tentar estabelecer contato com consciências sem corpo através de máquinas, provoca a própria definição de “comunicador”.

Se a comunicação pode ocorrer entre um algoritmo e uma consciência extrafísica, os fundamentos teóricos da Comunicação tradicional devem ser revistos.

A busca por transcendência através da técnica não é mais delírio esotérico. É um programa tecnológico em larga escala. Esta perspectiva coloca a TCI nas discussões acerca **do transumanismo e da imortalidade digital**.

Com sua longa história de experimentação, a TCI tem muito a oferecer sobre os perímetros e as possibilidades de expansão desta nova fronteira da expressão humana.

Lucia Santaella nos ajuda a entender que esta nova sensibilidade é proveito da nossa submersão na tecnocultura. A formação de um “**sagrado digital**” é uma contribuição da TCI. Este sagrado não está em

templos, mas em servidores, redes e dispositivos. É uma espiritualidade que se manifesta através do código e do sinal.

A Transcomunicação Instrumental, assim sendo, é um sintoma de mudança profunda na forma como nos relacionamos com o mistério. Ela revela que, mesmo na era da razão algorítmica, o desejo de transcendência permanece vivo, encontrando na própria tecnologia os meios para se expressar.

Esta é a síntese final da nossa Matriz Teórica: **a TCI é onde técnica e espírito se encontram para redefinir o que significa ser humano na era digital.**

## **2.10 MATRIZ TEÓRICA: GUIA PARA A ANÁLISE EMPÍRICA**

Reafirmamos que a Transcomunicação Instrumental é um objeto de estudo de extrema complexidade que exige uma abordagem interdisciplinar. A articulação entre Bourdieu, Foucault, Hall e Santaella permitiu:

- 1. Mapear as relações de poder e as disputas por legitimidade no campo (Bourdieu).**
- 2. Desvendar os dispositivos e os regimes de verdade que sustentam o discurso da TCI (Foucault).**
- 3. Compreender os processos de representação e a construção de identidades híbridas na cultura digital (Hall).**
- 4. Analisar a performatividade técnica e a sensibilidade na tecnocultura contemporânea (Santaella).**

Esta argumentação teórica não é apenas um requisito acadêmico, mas a orientação que conduzirá a observação dos dados empíricos nos capítulos seguintes. A TCI revela-se, assim, como um fenômeno central para compreendermos as metamorfoses da comunicação, da técnica e da espiritualidade nesta sociedade em rede.

Incluímos este resumo executivo como um “guia prático” que sintetiza os principais eixos analíticos.

**Eixo 1: Poder e Discurso** (Foucault) **Conceito-Chave:** Dispositivo. Aplicação: Analisar como os aparatos técnicos da TCI organizam a visibilidade e a audibilidade do invisível, estabelecendo regimes de verdade que desafiam a ciência oficial.

**Eixo 2: Estrutura e Legitimidade** (Bourdieu) **Conceito-Chave:** Campo e Capital Simbólico. Aplicação: Mapear as disputas por autoridade dentro da comunidade e a busca por reconhecimento científico através do mimetismo técnico.

**Eixo 3: Cultura e Identidade** (Hall) **Conceito-Chave:** Representação e Identidade Híbrida. Aplicação: Compreender como os praticantes constroem sentidos sobre o falecimento e a existência pós o fim pela mediação tecnológica, negociando identidades na cibercultura.

**Eixo 4: Técnica e Sensibilidade** (Santaella) **Conceito-Chave:** Performatividade Técnica. Aplicação: Analisar como a interface digital e os algoritmos de IA produzem efeitos de verdade que reconfiguram a percepção e a espiritualidade contemporânea.

Apresentamos um quadro que servirá de consulta para a aplicação da **Matriz Teórica**.

Tabela 2 – Quadro Sinótico da Matriz Teórica Expandida			
Autor	Obra de Referência	Conceito Operacional	Função na Dissertação
Bourdieu	A Economia das Trocas Simbólicas	Habitus / Campo	Analisar as disposições dos praticantes e as disputas por legitimidade.
Foucault	Microfísica do Poder	Dispositivo / Regime de Verdade	Analisar as relações de poder mediadas pela tecnologia e os discursos de verdade.
Hall	Da Diáspora	Codificação / Decodificação	Analisar a produção e recepção de sentidos na cultura digital.
Santaella	Comunicação Ubíqua	Performatividade Técnica	Analisar o papel da interface e da IA na produção de efeitos de realidade.

Lemos	Cibercultura	Tecnologias da Subjetivação	Analisar como os dispositivos digitais moldam a identidade do praticante.
Sodré	A Ciência do Comum	Reencantamento Tecnomidiático	Analisar a dimensão afetiva e simbólica da técnica na TCI.
Meyer	Mediação do Espírito	Forma Sensacional	Analisar a materialidade e a sensorialidade da experiência espiritual.

Fonte: Elaborado pelo Autor (2025).



3

# 3

## PERCURSO METODOLÓGICO

### 3.1 INTRODUÇÃO

“Se podes olhar dentro das sementes do tempo E dizer qual grão irá crescer e qual não,

Fala então a mim.”

— William Shakespeare, Macbeth (Ato I, Cena III)

Este capítulo apresenta o percurso metodológico adotado nesta dissertação, detalhando os instrumentos de pesquisa, a amostra e critérios de seleção, as considerações éticas e as estratégias de análise e triangulação metodológica.

A metodologia descrita fundamenta-se em uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, articulando análise de conteúdo, análise do discurso, netnografia e entrevistas semiestruturadas.

A citação, proferida por Banquo às bruxas, é uma metáfora poderosa para o ato de pesquisar. O pesquisador, ao aplicar seus métodos, está tentando “olhar dentro das sementes do tempo” (os dados brutos, os discursos, as práticas) para ver o que delas “irá crescer” (os padrões, as conclusões, as análises). É um clamor por um método que possa prever e explicar, dialogando com a busca por rigor e clareza metodológica do capítulo.

### 3.2 METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa inscreve-se no horizonte das abordagens qualitativas interpretativas, próprias das Ciências Humanas e Sociais, orientadas pela análise dos sentidos, das práticas discursivas e das disputas simbólicas que estruturam fenômenos culturais complexos.

ATCI é abordada aqui não como objeto empírico a ser validado ou refutado, mas como formação discursiva, cuja existência social se

constitui na circulação de narrativas, práticas midiáticas, performances técnicas e estratégias de legitimação que atravessam a cultura digital contemporânea.

A fundamentação teórica desta pesquisa foi construída a partir de bibliográfica sistemática, com foco em publicações relevantes sobre a temática, tais como livros, artigos científicos, reportagens, dissertações e teses. O objetivo da revisão foi identificar conceitos-chave, categorias analíticas e lacunas de conhecimento relacionadas à TCI, subsidiando a construção do referencial teórico e o delineamento do instrumento de pesquisa.

Essa etapa se mostrou essencial para garantir o embasamento científico da investigação e orientar a formulação das variáveis e indicadores utilizados no questionário aplicado. A pesquisa seguiu os princípios da abordagem quantitativa, defendida por Gil (2019) e Lakatos e Marconi (2003), que destaca a relevância da revisão bibliográfica para a delimitação do problema e a definição dos procedimentos metodológicos.

Creswell e Creswell (2021, p. 3) complementa ao definir que:

A pesquisa quantitativa é uma abordagem que procura examinando a relação entre variáveis. Tais variáveis geralmente, com instrumentos para que os dados numéricos analisados com procedimentos estatísticos. O relator fixa, que consiste em introdução, literatura e teoria da discussão.

O procedimento metodológico adotado é o estudo de Caso Múltiplo e ancorado em uma Abordagem Qualitativa.

- a) Abordagem Qualitativa: Justifica-se pela natureza do objeto envolve crenças, experiências e interpretações, e não apenas mensurações quantificáveis. Busca-se a compreensão aprofundada dos significados e motivações atribuídas à TCI pelos participantes (MINAYO, 2017).**
- b) Estudo de Caso Múltiplo: A investigação das respostas dos dez a cada um representando um “caso” de relação com a TCI – praticante, pesquisador(a), crítico(a) -, permite a comparação controlada e a busca por padrões e contrastes nas narrativas.**

Tal escolha metodológica decorre do entendimento de que, conforme Foucault, os objetos de saber não preexistem de forma natural e estável, mas emergem a partir de condições históricas de

possibilidade, sendo produzidos e regulados por discursos, instituições e regimes de verdade (FOUCAULT, 1995).

Nesse caminho, a TCI é compreendida como um objeto discursivamente construído, cuja inteligibilidade depende menos de sua suposta eficácia ontológica e mais das redes de sentido que a sustentam, a contestam ou a negociam socialmente.

Ao situar-se nesse enquadramento, a pesquisa afasta-se de deliberada postura normativa — seja de adesão acrítica ao discurso crente, seja de desqualificação sumária a partir de um ceticismo positivista — e adota uma perspectiva analítica que busca compreender como diferentes regimes de verdade se confrontam, quais estratégias discursivas são mobilizadas e quais capitais simbólicos estão em jogo nesse processo.

Essa posição dialoga com Stuart Hall, para quem o interesse centra culturais não reside na verificação de uma verdade última, mas na investigação de como os sentidos são produzidos, estabilizados e disputados no interior das representações sociais (HALL, 201<sup>a</sup>).

Do ponto de vista da Comunicação Digital, tal abordagem revela-se particularmente pertinente, uma vez que a TCI se desenvolve, circula e ganha visibilidade em ambientes profundamente midiáticos, nos quais tecnologias digitais, plataformas de compartilhamento e redes sociotécnicas desempenham papel central na construção de legitimidade.

Conforme argumenta Lucia Santaella (2018), os processos de comunicação contemporâneos não podem ser compreendidos dissociados das mediações tecnológicas que reconfiguram as formas de experiência, de autoridade e de produção de sentido. Assim, a metodologia adotada reconhece a TCI como prática situada em um ecossistema comunicacional híbrido, no qual ciência, espiritualidade, tecnologia e mídia se entrelaçam.

A pesquisa assume, ainda, uma perspectiva interdisciplinar ao articular contribuições da Comunicação Digital, dos Estudos Culturais e da Antropologia da Religião. Tal articulação não se dá por justa posição mecânica de autores, mas por um esforço de integração teórica que permite analisar a TCI simultaneamente como discurso (Foucault), como prática inserida em campos de força (Bourdieu) e como sistema de representações culturais (Hall)

Ademais, a metodologia sustenta-se na compreensão de que os discursos sobre a TCI operam em um campo simbólico marcado por disputas de autoridade, no qual diferentes agentes, sendo praticantes, pesquisadores, céticos, mídia ou público, buscam impor definições legítimas sobre o fenômeno.

A opção por uma metodologia qualitativa justifica-se, ainda, pelo experiencial e simbólico das narrativas analisadas. As falas dos sujeitos investigados são compreendidas como relatos situados, atravessados por afetos, crenças, expectativas e repertórios culturais compartilhados.

Conforme Minayo (2014), a pesquisa qualitativa permite acessar dimensões do social que escapam à quantificação, possibilitando compreender os significados atribuídos pelos próprios sujeitos às suas práticas e experiências. No caso específico da TCI, tal abordagem mostra-se essencial para analisar como a prática é significada como canal de consolo, esperança e conexão com o além por determinados grupos sociais.

Importa destacar que, ao se analisar discursos de fé e espiritualidade, não se toma tais narrativas como evidências empíricas de realidades transcendentais, mas como produções simbólicas dotadas de eficácia social.

Nesse ponto, dialoga-se com Birgit Meyer (2019), para quem as experiências religiosas devem ser compreendidas a partir de suas materialidades, mediações e performances, evitando tanto a redução psicologizante quanto a legitimação teológica. Assim, a metodologia adotada busca compreender como a TCI age enquanto prática cultural performática, mediada por tecnologias e discursos que produzem efeitos de sentido e pertencimento.

No plano metodológico, a estrutura segue a partir de um conjunto de procedimentos, combinando análise de conteúdo, análise de discurso, netnografia e entrevistas semiestruturadas. Essa organização não visa alcançar uma objetividade totalizante, mas ampliar a observação, permitindo captar a complexidade dos discursos em circulação. Conforme ressalta Denzin (2017), isto fortalece a pesquisa qualitativa ao confrontar diferentes perspectivas analíticas, reduzindo o risco de leituras simplificadoras ou unidimensionais.

A metodologia também se orienta pelo cuidado permanente com o distanciamento crítico. Em consonância com as recomendações

de Gregolin (2020), a análise do discurso segue para além da identificação de temas recorrentes, mas investiga as condições de produção dos enunciados, os silenciamentos, as regularidades discursivas e os efeitos de poder que atravessam os textos. Assim, o foco desloca-se do conteúdo manifesto para os mecanismos discursivos que sustentam a legitimidade ou a desqualificação da TCI.

Por fim, esta seção metodológica estabelece as bases para que seja desenvolvida nos tópicos subsequentes, e mantenha coerência teórica, rigor analítico e neutralidade epistêmica.

Ao posicionar-se explicitamente como um estudo dos discursos e das disputas simbólicas em torno da TCI, a dissertação reafirma seu compromisso com uma abordagem crítica, reflexiva e cientificamente situada, contribuindo para o campo da Comunicação Digital ao iluminar os modos pelos quais práticas espiritualizadas buscam reconhecimento, visibilidade e legitimidade em ambientes midiáticos.

### 3.3 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Um importante instrumento de pesquisa adotado neste estudo consiste no **“Questionário TCI”**, semiestruturado, elaborado a partir de pressupostos qualitativos e interpretativos, cuja finalidade não se restringe à coleta de opiniões individuais, mas à produção de um corpus discursivo passível de análise crítica.

Tal instrumento é compreendido, neste trabalho, não como meio neutro acesso a uma realidade pré-existente, mas como uma tecnologia discursiva, isto é, um dispositivo que participa ativamente da constituição dos sentidos que se pretende analisar.

Essa compreensão fundamenta-se na perspectiva foucaultiana em que todo procedimento de produção de saber está imerso em relações de poder e opera por regras históricas de enunciação (FOUCAULT, 1995).

Assim, o questionário não é tratado como simples ferramenta técnica, mas uma instância que organiza posições de sujeito, delimita o dizível e estrutura os modos pelos quais os participantes possam falar sobre a Transcomunicação Instrumental.

Ao formular perguntas, o pesquisador não apenas solicita respostas, mas convoca os sujeitos a ocuparem determinadas posições

discursivas, acionando repertórios culturais, crenças, saberes científicos, argumentos céticos ou narrativas experienciais.

Do ponto de vista da Análise do Discurso, conforme sistematizada (2020), o instrumento deve ser compreendido como parte das condições de produção do discurso. Isso implica reconhecer que as respostas obtidas não expressam uma interioridade pura dos sujeitos, mas são atravessadas por discursos sociais previamente constituídos, que circulam na mídia, nas instituições científicas, nos espaços religiosos e nas plataformas digitais. Neste fluxo, o questionário é um mediador simbólico, no qual se entrelaçam formações discursivas distintas e, muitas vezes, conflitantes.

A opção pelo formato semiestruturado justifica-se pela necessidade de direcionamento analítico e abertura interpretativa. As questões abertas permitem que os participantes formulem seus enunciados com relativa liberdade, mobilizando vocabulários próprios, metáforas recorrentes e estratégias argumentativas diversas.

Ao mesmo tempo, a estrutura do instrumento garante a recorrência de temas centrais à pesquisa, como a percepção da TCI, os critérios de legitimidade atribuídos à prática, a relação com a ciência institucionalizada e as críticas céticas, incluindo referências à pareidolia e ao erro de interpretação de ruídos.

Nesse ponto, é fundamental destacar que este instrumento foi construído de modo a não induzir respostas afirmativas ou negativas quanto à validade da TCI, preservando o distanciamento analítico do estudo.

As perguntas foram formuladas com cuidado linguístico, evitando termos valorativos ou pressupostos ontológicos, de modo que a crença na comunicação com o além seja sempre atribuída aos sujeitos investigados, e não incorporada como premissa da pesquisa.

Todo cuidado metodológico adotado alinha-se às recomendações de Minayo (2019) à necessidade de evitar vieses interpretativos em pesquisas qualitativas que envolvem temas sensíveis e íntimos.

O Questionário também deve ser compreendido com instrumento de campo midiático- digital, uma vez que parte significativa de sua aplicação ocorreu de ambientes mediados por

tecnologias digitais. Conforme argumenta Santaella (2018), as interfaces digitais não apenas veiculam conteúdos, mas moldam formas de interação, temporalidades e regimes de visibilidade.

Sob a perspectiva de Stuart Hall, este instrumento pode ser como um espaço de produção de representações. Ao responder as perguntas, os participantes constroem imagens de si, da TCI, da ciência, da espiritualidade e do ceticismo, mobilizando códigos culturais compartilhados.

Essas representações não são meramente descritivas, mas performadas na medida em que produzem sentidos que podem reforçar, negociar ou contestar discursos hegemônicos sobre o conhecimento legítimo e o estatuto da verdade. A elaboração do questionário também considerou a Teoria dos Campos de Bourdieu, especialmente no que se refere à disputa por capital simbólico (Bourdieu, 2004).

As perguntas foram pensadas de modo a permitir a identificação das estratégias discursivas utilizadas pelos participantes para legitimar suas posições no campo: referências à ciência, à experiência pessoal, à autoridade institucional, à crítica racional ou à vivência espiritual.

Dessa forma, o instrumento possibilita analisar como diferentes grupos procuram acumular capital simbólico ao se posicionarem como “**pesquisadores sérios**”, “**céticos informados**”, “**praticantes experientes**” ou “**observadores imparciais**”. Importa ressaltar que o questionário não é tratado como um texto socialmente situado, cuja análise exige atenção às escolhas lexicais, às metáforas recorrentes, às oposições semânticas e aos silenciamentos.

Conforme enfatiza Gregolin (2020), a análise do discurso deve ir além da enumeração temática, investigando os efeitos de sentido produzidos pela articulação entre linguagem, história e poder. Assim, cada resposta é analisada em sua materialidade discursiva, considerando tanto o que é dito quanto o que permanece implícito.

Neste contexto específico, o instrumento revela-se particularmente relevante para compreender a chamada retórica da cientificação, isto é, o uso estratégico de vocabulário técnico, referências a equipamentos, menções a pesquisadores e apelos à metodologia científica como forma de legitimação discursiva.

Essa retórica não é analisada como evidência de cientificidade, é estratégia simbólica, mobilizada em um campo de disputa no qual a autoridade científica ocupa posição privilegiada. Tal abordagem permite examinar como a ciência é representada, apropriada e ressignificada nos discursos dos sujeitos.

Ao mesmo tempo, o questionário possibilita captar a presença do discurso frequentemente ancorado em noções como erro perceptivo, viés cognitivo e pareidolia, conforme difundido por autores como Wiseman (2011).

Esses enunciados são analisados não como “correções finais” do discurso crente, mas como parte de um regime de verdade concorrente, que também se constrói discursivamente e busca impor critérios específicos de legitimidade.

Isto posto, o “**Questionário – TCI**” foi disponibilizado com os seguintes requisitos:

- a) Formatação semiestruturada que combina eficiência de padrão (perguntas fechadas para perfil e dados quantificáveis) com a flexibilidade e profundidade das perguntas abertas.**
- b) Questões que possibilitam captar a subjetividade e a riqueza das narrativas dos participantes, permitindo que discorram sobre a complexidade da TCI para mais das categorias pré-definidas (GIL, 2019).**

A diversidade de perguntas enriqueceu a análise qualitativa e favoreceu a identificação de percepções e contribuições mais detalhadas, fortalecendo assim a triangulação dos dados coletados. As técnicas de coleta de dados são o Inquérito (Survey) e a Coleta Documental, a saber:

- a) Inquérito/Survey: Refere-se à aplicação do questionário propriamente dito, visando obter dados de um grupo representativo (embora não estatisticamente) de uma população (GIL, 2019).**
- b) Coleta Documental (Respostas Textuais): Após o preenchimento das respostas se tornam documentos primários da pesquisa. Esta técnica permite a análise aprofundada do texto escrito, onde a estrutura discursiva e a argumentação do(a) participante – “praticante”, “pesquisador(a)” ou “crítico(a)” – se revela.**

Sua estrutura utiliza à **Escala Likert**, a qual viabiliza uma reflexão sobre atitudes, opiniões e percepções dos respondentes. Tal metodologia permite captar nuances nas respostas, conferindo maior sensibilidade à análise dos dados (Gil, 2019).

Subsequentemente, são descritos os procedimentos utilizados para à análise estatística das informações obtidas, bem como as limitações metodológicas que podem ter incidido sobre o processo investigativo. O local da pesquisa foi o ambiente virtual, especificamente o formulário *online* (*Google Forms*).

**a) Justificativa: O meio online é o locus operacional da Transcomunicação Instrumental moderna e, simultaneamente, o espaço onde a maioria dos pesquisadores, praticantes e críticos se articula.**

A utilização do formulário *online* garante o acesso a uma população geograficamente dispersa e de difícil alcance físico, inclusive de diversos países, e conferiu agilidade e viabilidade à coleta de dados. Em termos de Comunicação Digital, a ferramenta se alinha ao próprio objeto de estudo, que faz uso de tecnologias de rede para sua manifestação.

Por fim, este instrumento de pesquisa, ao articular perguntas semiestruturadas com questões abertas e fechadas, mediação digital e diversidade de posições discursivas, aliada à análise de conteúdo e do discurso, netnografia e aos demais estudos correlatos apresentados, cumpre papel central na estratégia metodológica do estudo, em virtude de observar como a TCI é narrada, defendida, criticada ou relativizada por diferentes agentes sociais.

Assim, o questionário não apenas coleta dados, mas participa ativa constituição do campo empírico, reafirmando a necessidade de uma análise crítica, reflexiva e teoricamente fundamentada, evidenciando que o objeto da pesquisa não é a prática em si, mas os discursos que a tornam socialmente inteligível.

### **3.4 AMOSTRAS E CRITÉRIOS DE SELEÇÃO**

A definição da amostra nesta pesquisa orienta-se por pressuposto interpretativos, afastando-se deliberadamente de critérios estatísticos de representatividade numérica.

O objetivo central não é medir a incidência da crença ou do ceticismo em relação à TCI, é compreender como diferentes discursos se constituem, se legitimam e entram em disputa em torno dessa prática no contexto da cultura digital contemporânea. Assim, a amostra é concebida como campo discursivo, e não como mero recorte populacional.

Esta opção metodológica se fundamenta na perspectiva de que, conforme argumenta Minayo (2014), em pesquisas qualitativas o critério de validade não reside na quantidade de investigados, mas na riqueza simbólica, na diversidade de posições e na densidade interpretativa dos dados produzidos. Nesse curso, a amostra foi construída de forma intencional e teórica, contemplando esferas discursivas que participam da produção social de sentidos sobre a TCI.

Foram incluídos, assim, sujeitos pertencentes a quatro grandes grupos discursivos:

- a) praticantes e defensores da TCI;**
- b) pesquisadores independentes ou simpatizantes do tema;**
- c) críticos de orientação cética; e**
- d) indivíduos interessados no assunto, mas sem envolvimento direto com prática.**

Essa composição amostral não visa estabelecer uma oposição binária de crença e ciência, ou diminuir a multiplicidade de saberes e complexidade de nuances, mas possibilitar à análise de regimes de verdade plurais, que coexistem, se sobrepõem e se tensionam no espaço público digital.

A escolha desses grupos dialoga diretamente com a Teoria dos Campos de Bourdieu, no qual os fenômenos sociais devem ser compreendidos como arenas de disputa, onde agentes ocupam posições diferenciadas e mobilizam distintos tipos de capital, como simbólico, cultural, científico ou midiático para impor definições legítimas da realidade (BOURDIEU, 2004).

Em nosso estudo, observa-se a presença de agentes que buscam se legitimar por meio de retórica científica, enquanto outros a deslegitimam a partir de critérios racionalistas e materialistas, configurando um campo de tensões discursivas. Os critérios de inclusão dos participantes consideraram, em decorrência, os atributos

sociodemográficos e mais sua posição discursiva em relação ao objeto investigado.

O interesse da pesquisa incide no modo como os indivíduos se posicionam discursivamente, quais repertórios acionam, quais autoridades citam e quais estratégias argumentativas utilizam para sustentar suas narrativas. Nesse *approach* se compreende a amostra vozes socialmente localizadas, cujas falas reprimem discursos coletivos mais amplos.

Pelo olhar foucaultiano, os sujeitos da amostra não são vistos só como fontes originárias de sentido, mas como pontos de passagem do discurso (FOUCAULT, 1995). Suas falas são cruzadas por formações discursivas pré-existentes, que demarcam o quê e como pode ser dito, e com que efeitos de verdade. Assim, a seleção da amostra busca mapear essas regularidades discursivas, evidenciando continuidades, rupturas e deslocamentos nos modos de falar sobre a TCI.

A presença de praticantes na amostra justifica-se pela necessidade de compreender como é significada a partir de dentro, isto é, como experiência de fé, consolo e comunicação com o além, pelos próprios sujeitos que nela acreditam. Essas narrativas são analisadas não como comprovação empírica da prática, mas como expressões simbólicas que revelam a função social e emocional atribuída.

Segundo Birgit Meyer (2019), experiências religiosas devem ser analisadas em sua materialidade discursiva e performática, reconhecendo sua eficácia simbólica sem endossar suas premissas ontológicas.

A inclusão de pesquisadores independentes e simpatizantes revela como se constrói a zona de fronteira entre ciência institucionalizada e saberes alternativos. Esses indivíduos mobilizam uma retórica híbrida, que combina referências a métodos científicos, equipamentos tecnológicos e linguagem técnica com narrativas espirituais e experiências pessoais.

Por sua vez, a presença de críticos céticos na amostra é fundamental para examinar as disputas epistêmicas. A análise dessas falas possibilita perceber como a TCI encontra espaço em uma área epistemológica ambígua, explorando fissuras e tensões do campo científico dominante. Tais sujeitos, em geral, recorrem à argumentos ancorados no paradigma científico- materialista para desqualificar a

prática, mobilizando conceitos como viés cognitivo, erro perceptivo e pareidolia.

Para Wiseman (2011), estas explicações evidenciam como um regime de verdade se apresenta, reivindicando autoridade para definir o que pode ser considerado conhecimento legítimo. A pesquisa analisa esses discursos não como instância final de verdade, mas como posição discursiva situada, dotada de poder simbólico específico.

A inclusão de sujeitos interessados no tema, mas sem envolvimento amplia o campo de observação ao permitir captar percepções menos polarizadas ou mais ambivalentes. Essas falas revelam como a TCI é recebida pelo público em geral, frequentemente mediada por conteúdos midiáticos, documentários, reportagens e debates em redes sociais.

Em Santaella (2018), a cultura digital favorece a circulação discursos, contribuindo para a formação de opiniões híbridas, marcadas pela coexistência de curiosidade, ceticismo e abertura ao simbólico.

A justificação de cada participante individualmente, como **praticante, pesquisador(a), crítico(a)**, reside na garantia de que a amostra contempla uma **triangulação de olhares** sobre a TCI, essencial para a robustez da análise em Comunicação (MINAYO, 2017), vide Tabela 3. Justificativa Científica da Escolha dos Participantes, a seguir.

**Tabela 3** – Justificativa Científica da Escolha dos Participantes

Perfil do Participante	Justificativa Científica da Escolha dos Participantes
Praticante da TCI	Visa coletar a <b>perspectiva experiencial</b> e pragmática sobre o uso das tecnologias de comunicação no contexto da TCI. É crucial para mapear os <b>processos empíricos</b> e as inovações técnicas advindas da prática.
Pesquisador(a) da TCI	Busca a <b>perspectiva acadêmica e epistemológica</b> , focando na validade, metodologia e enquadramento teórico do fenômeno. É vital para a fundamentação teórica e a crítica científica.
Crítico(a) da TCI	Garante a <b>perspectiva cética ou refutadora</b> , permitindo a inclusão de argumentos contra-hegemônicos e a análise da TCI a partir de lentes da comunicação convencional, mídia ou ciência. Isso enriquece a análise dialógica.

Fonte: Elaborado pelo Autor (2025).

A triangulação de dados constitui uma estratégia metodológica fundamental para elevar a validade e a confiabilidade dos resultados da pesquisa.

Conforme Sampieri *et al.* (2013), a triangulação permite a análise do fenômeno a partir de múltiplas perspectivas, transversalmente, pela conciliação de diferentes fontes, métodos e instrumentos de coleta. Essa abordagem reduz vieses inerentes a cada técnica isolada, possibilitando uma compreensão mais abrangente e profunda do objeto de exploração.

A seleção intencional assegura que o conjunto dos participantes multifacetadas necessárias para responder aos objetivos específicos da dissertação, especialmente no que tange à relação entre a TCI e os paradigmas da Comunicação Digital.

É importante destacar que a amostra não busca exaurir todas as perguntas possíveis no campo discursivo da TCI, mas representar sua diversidade significativa.

A noção de saturação teórica orientou o encerramento da coleta, quando os discursos passaram a apresentar regularidades suficientes, sem a emergência de novos núcleos de sentido relevantes. Tal procedimento segue as recomendações metodológicas de pesquisa qualitativa, priorizando profundidade interpretativa em detrimento da extensão numérica.

A amostra também deve ser compreendida em sua dimensão midiática. Parte dos sujeitos selecionados mantém algum tipo de presença em ambientes digitais, seja como produtores de conteúdo, comentaristas ou consumidores ativos de informações sobre a TCI.

Isso reforça a compreensão de que os discursos analisados não circulantes em espaços privados, se inserem em um campo midiático ampliado, no qual visibilidade, engajamento e reconhecimento público influenciam a disputa por legitimidade simbólica (BOURDIEU, 2004).

Por fim, a definição da amostra se articula aos objetivos permitindo analisar como a TCI é discursivamente construída, legitimada e contestada em diferentes esferas sociais.

Ao reunir vozes diversas, a metodologia reafirma seu compromisso com uma análise não binária, evitando à oposição simplista entre ciência e fé e privilegiando a compreensão dos paradigmas em disputa. Logo, a amostra se constitui como elemento central para a investigação dos regimes de verdade que abarcam a TCI no contexto da Comunicação Digital.

### 3.5 ÉTICA DA PESQUISA

Investigar a TCI, enquanto prática atravessada por crenças, experiências de luto, espiritualidade e disputas epistêmicas, exige um posicionamento que considere a proteção e a sensibilidade dos participantes e os efeitos simbólicos e discursivos produzidos pela própria análise acadêmica. A dimensão ética desta pesquisa ultrapassa o cumprimento formal de regimes institucionais e se inscreve em uma compreensão ampliada da ética como princípio epistemológico e interpretativo.

Do ponto de vista normativo, a pesquisa seguiu os preceitos estabelecidos pelos estudos com seres humanos, incluindo a apresentação do **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**, no qual os participantes foram informados acerca dos objetivos da investigação, da natureza acadêmica do estudo, do uso exclusivo dos dados para fins científicos e da garantia de anonimato.

Estes procedimentos asseguram o respeito à autonomia dos sujeitos e confidencialidade das informações fornecidas, conforme orientam as diretrizes éticas vigentes na pesquisa em Ciências Humanas. Entretanto, limitar a reflexão ética a esses protocolos seria insuficiente e tremenda complexidade do objeto investigado.

Conforme argumenta Birgit Meyer (2019), pesquisas que envolvem práticas religiosas e espirituais demandam uma ética da mediação, atenta às formas pelas quais crenças são traduzidas, representadas e reconfiguradas no discurso acadêmico.

Nesse rumo, a ética da presente pesquisa não se reduz a evitar danos individuais, mas busca prevenir violências simbólicas, estigmatizações e reduções simplificadoras das experiências verdadeiramente humanas analisadas.

A crença na TCI, conforme expressa pelos sujeitos investigados, é como experiência legítima no plano simbólico e cultural, ainda que não seja endossada ontologicamente pela pesquisa. Assim, evita-se tanto a patologização da fé quanto sua romantização acrítica.

Tal postura ética dialoga com a perspectiva bourdieusiana, no qual o pesquisador ocupa uma posição específica no campo científico, dotada de capital simbólico que pode produzir efeitos de dominação,

se exercida de modo acrítico (BOURDIEU, 2004). Reconhecer essa assimetria é condição fundamental.

Sob a ótica foucaultiana, a ética da pesquisa relaciona-se diretamente aos regimes de verdade que atravessam o discurso científico. Ao investigar a TCI, o pesquisador não se coloca como árbitro final da verdade, mas como analista das condições que permitem que determinados discursos sejam considerados legítimos, enquanto outros são desqualificados (FOUCAULT, 1995).

Essa postura implica recusar tanto a validação da TCI como prática quanto sua negação apriorística, mantendo o foco na análise dos discursos e de seus efeitos de poder.

A ética interpretativa se revela novamente na forma como as informações são apresentadas e ponderadas. As falas de participantes são contextualizadas, sem recortes sensacionalistas ou descontextualizados que poderiam reforçar clichês.

Cada enunciado é tratado como produção situada, atravessada por reconhecimentos culturais, experiências pessoais e discursos sociais mais amplos. Conforme destaca Gregolin (2020), a análise do discurso deve considerar as condições de produção e circulação dos enunciados, sob pena de reduzir a complexidade do fenômeno analisado.

No campo específico da Comunicação Digital, a ética da pesquisa são contornos ainda mais desafiadores. A circulação de discursos sobre a TCI em ambientes digitais ocorre em um contexto de hipervisibilidade, no qual fronteiras entre público e privado tornam-se porosas.

Mesmo quando os dados são coletados em espaços de acesso aberto, c sociais e plataformas de vídeo, optou-se por preservar o anonimato dos sujeitos, reconhecendo que a exposição acadêmica pode produzir efeitos distintos daqueles gerados na circulação cotidiana dos conteúdos (SANTAELLA, 2018).

Essa decisão ética dialoga com os princípios da Netnografia, conforme por Kozinets (2014), que enfatiza a responsabilidade do pesquisador em relação às comunidades online investigadas.

A pesquisa não transforma participantes em meros objetos de observação, reconhecendo-os como atores sociais reflexivos, cuja

práticas comunicacionais possuem significados próprios e contextualizados que aqui são respeitados. Assim, a ética não se limita à sua proteção jurídica, mas envolve um compromisso com a responsabilidade interpretativa.

Outro aspecto central da ética da pesquisa diz respeito ao tratamento de éticas à TCI. Ao analisar discursos que mobilizam conceitos como pareidolia, erro perceptivo e viés cognitivo, a pesquisa evita assumir tais explicações como verdades finais ou superiores.

Conforme Wiseman (2011), essas categorias integram um regime de verdade específico, associado ao paradigma científico-materialista dominante. A ética analítica consiste, por tal razão, em tratar esses discursos como posições legítimas no campo, sem convertê-los automaticamente em instância normativa de julgamento.

Do mesmo modo, as narrativas de fé e espiritualidade são analisadas estratégias de sentido e consolo, frequentemente associadas a experiências de perda, sofrimento e busca por continuidade simbólica da vida. A pesquisa reconhece que, para muitos sujeitos, a TCI funciona como dispositivo de elaboração do luto e de reconstrução de vínculos afetivos.

Conforme argumenta Meyer (2019), ignorar essa dimensão e experiência seria eticamente problemático, e implicaria desconsiderar a materialidade afetiva das práticas religiosas.

A ética deste estudo também se expressa no cuidado com a linguagem ao longo da dissertação. Evitam-se termos que sugiram validação empírica da TCI, bem como expressões que a desqualifiquem de forma pejorativa.

As terminações e análises são redigidas de modo a atribuir os entendimentos aos sujeitos investigados, preservando a distinção entre a posição analítica do pesquisador e os discursos analisados. Tal cuidado linguístico reforça o distanciamento crítico e contribui para a clareza epistemológica do estudo.

Assim, as considerações éticas seguiram rigorosamente as **Resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS)**, em particular a **Resolução nº 466/2012 e Complementares** (como a **nº 510/2016** para Ciências Humanas e Sociais), submetendo o projeto à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) *via* Plataforma Brasil, incluindo:

- a) A aprovação prévia do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) institucional e, pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP);
- b) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o processo *online* exigiu um TCLE claro, garantindo a voluntariedade da participação, a descrição dos riscos e benefícios, a liberdade de desistência a qualquer tempo e a forma de contato com o pesquisador e o CEP, garantindo que os participantes recebam todas as informações sobre a pesquisa, métodos, riscos e benefícios, em linguagem clara e acessível, *vide* APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE);
- c) Anonimato e Confidencialidade, assegurou-se que as informações e identificação dos participantes serão mantidas em sigilo e que os dados serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa;
- d) A garantia da autonomia, dignidade e vulnerabilidade dos participantes, assegurando confidencialidade e possibilidade de retirada do consentimento a qualquer momento sem prejuízo;
- e) A avaliação da relevância social da pesquisa, garantindo que ela não tenha apenas valor científico, mas também social, respeitando os direitos dos participantes;
- f) A Segurança dos Dados, a garantia que o banco de dados das respostas será armazenado em ambiente seguro e que será descartado após o prazo determinado pelo CEP.

Por fim, a ética desta pesquisa articula-se à sua contribuição para as ciências ao posicionar-se como análise dos discursos e das disputas simbólicas em torno da TCI, de modo que este estudo busca ampliar o debate acadêmico sobre espiritualidade, mídia e tecnologia, sem reforçar polarizações simplificadoras.

A ética, nessa concepção, não é apenas um requisito formal, e sim um princípio estruturante que orienta todas as escolhas metodológicas e analíticas da dissertação.

Para tanto, esta seção estabelece as bases para uma investigação que reconhece a pluralidade dos regimes de verdade, respeita as experiências dos sujeitos e mantém compromisso com o rigor crítico das Ciências Humanas.

Ao fazê-lo, a pesquisa contribui para o campo da Comunicação Digital ao demonstrar que é possível analisar fenômenos controversos de forma reflexiva, responsável e epistemologicamente situada.

### **3.6 ESTRATÉGIAS DE ANÁLISE E TRIANGULAÇÃO METODOLÓGICA**

A estratégia central de análise, dada a natureza do instrumento (semiestruturado) e o foco qualitativo, é a Análise de Conteúdo Temática (BARDIN, 2011).

- a) Fase 1. Pré-Análise: Organização do material (respostas) e do *corpus* da pesquisa, incluindo transcrição e formatação das respostas textuais.**
- b) Fase 2. Exploração do Material: Codificação (seleção de unidade de registro) e categorização (criação de temas ou eixos de análise) com base nos objetivos da dissertação e no Referencial Teórico adotado.**
- c) Fase 3. Tratamento, Inferência e Interpretação: Atingir o mínimo de inferência científica, cruzando as categorias temáticas encontradas, como, por exemplo, o discurso do praticante *versus* o discurso do crítico sobre a mediação tecnológica na TCI. Os dados quantitativos, perfil, servirão de apoio descritivo para contextualizar a amostra.**

As estratégias de análise adotadas nesta pesquisa fundamentam-se na compreensão de que a Transcomunicação Instrumental, enquanto objeto comunicacional, não pode ser apreendida por um único método ou perspectiva analítica.

Tratamos aqui de um fenômeno discursivamente complexo, situado na interface entre ciência, espiritualidade, tecnologia e mídia, atravessado por regimes de verdade concorrentes e por disputas simbólicas que se manifestam em múltiplos níveis.

Diante dessa complexidade, optou-se por uma triangulação metodológica entendida não como técnica de validação empírica do fenômeno, mas como estratégia interpretativa capaz de ampliar a densidade analítica e reduzir leituras simplificadoras.

A triangulação, proposta por Denzin (2017), permite articular diferentes métodos qualitativos, reconhecendo que cada abordagem

ilumina dimensões específicas do objeto. No presente estudo, essa estratégia articula quatro procedimentos principais: análise de conteúdo, análise do discurso, Netnografia e entrevistas semiestruturadas.

A combinação desses métodos visa compreender o que se diz sobre a TCI, como, por quem, em quais contextos e com quais efeitos de sentido tais discursos são produzidos e legitimados.

A análise de conteúdo, conforme sistematizada por Bardin (201a), foi empregada como etapa inicial de organização do corpus empírico. Seu objetivo não foi reduzir os discursos a categorias estanques, mas identificar núcleos recorrentes de sentido, temas dominantes e regularidades semânticas que atravessam as falas dos sujeitos investigados.

Entre as categorias analíticas emergentes destacam-se: TCI como modo de consolo; retórica da cientificação; crítica cética e pareidolia; autoridade científica; espiritualidade mediada por tecnologia; e disputas por legitimidade simbólica. Essas categorias funcionam como operadores analíticos, e não como essências fixas, sendo constantemente reinterpretadas à luz do referencial teórico.

Contudo, reconhece-se que à análise de conteúdo, por si só, é insuficiente para apreender a complexidade dos discursos analisados. Por essa razão, ela é articulada à análise do discurso, inspirada nas contribuições de Michel Foucault (1995) e aprofundada, no contexto brasileiro, por Maria do Rosário Gregolin (2020).

Essa abordagem permite deslocar o foco do conteúdo manifesto para condições de produção, circulação e legitimação dos enunciados, investigando como determinados discursos se tornam possíveis, aceitáveis ou hegemônicos em contextos históricos específicos.

A análise do discurso possibilita compreender a TCI como formação discursiva, isto é, como conjunto relativamente regular de enunciados que compartilham objetos, conceitos, estratégias e modos de enunciação.

Nesta percepção, o interesse da pesquisa não reside em verificar se “funciona”, mas em analisar como é discursivamente construída enquanto prática plausível, científica ou espiritual, dependendo da posição ocupada pelos sujeitos no campo simbólico. Essa perspectiva

admite constatar os efeitos de verdade ocasionados pelos discursos, bem como os silenciamentos e exclusões que os seguem.

A articulação entre análise do discurso e Teoria dos Campos de Pierre (2004) é central nesta etapa analítica. Os discursos sobre a TCI são compreendidos como práticas simbólicas que operam em um campo de forças, no qual agentes disputam capital científico, midiático e religioso.

Assim, à análise considera como diferentes posições, praticantes, pesquisadores, jornalistas e público, mobilizam estratégias discursivas específicas para legitimar suas narrativas. A retórica científica, por exemplo, é analisada como forma de acumulação de capital simbólico, e não como evidência de cientificidade da prática.

A Netnografia, conforme proposta por Kozinets (2014), constitui ou fundamental da triangulação metodológica. Considerando que a TCI circula amplamente em ambientes digitais, como redes sociais, plataformas de vídeo e fóruns *online*, se tornou necessário analisar esses espaços como territórios discursivos nos quais a prática é performada, debatida e disputada publicamente.

A Netnografia permite observar interações, comentários, performance autoridade e dinâmicas de legitimação que dificilmente emergiriam em contextos offline. Nesses ambientes, a TCI é frequentemente apresentada por meio de transmissões ao vivo, postagens explicativas e debates públicos, nos quais a linguagem técnica se combina com testemunhos pessoais e apelos emocionais.

A análise netnográfica investiga como esses conteúdos constroem se autenticidade, proximidade e credibilidade, dialogando com as reflexões de Santaella (2018) sobre a mediação tecnológica e a reconfiguração dos regimes de visibilidade na cultura digital.

As entrevistas semiestruturadas complementam essa estratégia analisadas permitindo aprofundar aspectos que emergem de forma fragmentada no questionário e nos ambientes digitais. As entrevistas são compreendidas como espaços de produção discursiva, nos quais os sujeitos elaboram narrativas mais extensas sobre suas experiências, crenças e posicionamentos críticos em relação à TCI.

Do mesmo modo que o questionário adotado, as entrevistas não são tratadas como privilegiado a uma verdade interior, mas como

performances discursivas, atravessadas por expectativas, repertórios culturais e relações de poder. A triangulação entre esses métodos possibilita analisar, de forma imparcial, diferentes regimes de verdade que atravessam a TCI.

Conforme Wiseman (2011), tais explicações se apresentam como universo racionalmente superiores, reivindicando autoridade epistêmica. De outro lado, emerge a epistemologia nativa da TCI, que articula experiência pessoal, linguagem técnica e espiritualidade como forma de legitimação.

A análise evita tratar esses regimes de verdade de forma hierárquica. Em vez disso, investiga como eles coexistem, se confrontam e se influenciam mutuamente no espaço público digital. Tal abordagem dialoga com Stuart Hall, para quem as representações culturais são sempre provisórias, instáveis e objeto de disputa. Assim, os sentidos atribuídos à TCI não são fixos, mas continuamente negociados em processos comunicacionais mediados.

Outro aspecto relevante das estratégias de análise diz respeito ao atribuir as declarações de fé aos sujeitos investigados. As análises e conclusões parciais são redigidas de modo a deixar claro que a fé na comunicação com o além é uma posição discursiva específica, sustentada por determinados grupos sociais.

Ao integrar análise de conteúdo, discurso, netnografia e entrevistas, a pesquisa oferece uma leitura densa e multifacetada dos discursos em circulação, evidenciando como a TCI se constitui como objeto comunicacional relevante no contexto da Comunicação Digital.

Essa estratégia analítica, ao mesmo tempo rigorosa e reflexiva, estabelece as bases sólidas para a apresentação e a análise dos dados do tópico seguinte. Assim, a metodologia não se apresenta como etapa meramente instrumental, mas como estrutura interpretativa que orienta toda a dissertação, garantindo coerência teórica, distanciamento crítico e responsabilidade epistemológica.



4

## 4

## TECNOLOGIA, IA E VALIDAÇÃO

## 4.1 INTRODUÇÃO

“And that, distill'd by magic sleights, Shall raise such artificial sprites As by the strength of their illusion

Shall draw him on to his confusion.”<sup>37</sup>

— William Shakespeare, Macbeth (Ato III, Cena V, versos XXVII-XXX)

O século XXI inaugura uma nova etapa das relações entre tecnologia, espiritualidade e cultura, desafiando as epistemologias tradicionais ao introduzir algoritmos e interfaces inteligentes na mediação do invisível.

Hécate explica que criará aparições falsas, “espíritos artificiais”, para dar a Macbeth uma falsa sensação de segurança, garantindo sua queda final, pois, como ela diz: “a segurança é o maior inimigo dos mortais”. Qual profecia das bruxas em Macbeth, de Shakespeare, surgem “*artificial spirites*” atuais que se comparam às entidades produzidas pela IA, em vozes sintéticas, *deepfakes*, como novas “aparições” tecnológicas.

A TCI, outrora limitada a experiências com câmeras VHS, rádios analógicos e gravadores de fita, agora avança para uma ecologia de dispositivos digitais, plataformas algorítmicas e inteligências artificiais que operam não somente como ferramentas, mas como coautoras de experiências de vanguarda entre o físico e o metafísico.

Neste capítulo, refletiremos sobre como as evoluções tecnológicas, a IA, a Inteligência Artificial Generativa (IAG) e os desafios de validação científica têm impactado, transformado e problematizado a prática, posicionando a TCI como fenômeno híbrido entre ciência, fé e cultura digital.

---

<sup>37</sup> “E aquilo (uma gota de vapor), destilado por truques mágicos, levantará espíritos artificiais que, pela força de sua ilusão, o levarão (Macbeth) à sua ruína.” Traduzido pelo autor.

## 4.2 A IMORTALIDADE DIGITAL E A "ETERNIDADE AUMENTADA"

Como destaca Gilberto Velho (1998, p. 45), “as crenças urbanas tendem a se articular a dispositivos técnicos, que funcionam como mediadores simbólicos do extraordinário”. Nesta observação, a tecnologia torna-se um vetor de ressignificação da morte e da continuidade existencial em sociedades hipermediatizadas.

A espiritualidade, antes codificada por símbolos e rituais, passa a habitar também a linguagem das plataformas e dos dados. Como observa Lemos (2021, p. 92), “as redes digitais tornaram-se espaços de circulação de afetos, crenças e práticas religiosas, muitas vezes alheias às institucionalidades tradicionais”.

Esta dimensão é essencial para compreender o surgimento de *softwares* como o **HereAfter AI** ou o Projeto **The Afterlife** do MIT, que propõem simular, arquivar ou mesmo reproduzir a consciência de falecidos por meio da IA. Tais iniciativas trazem reconfiguração da noção de presença, onde a ausência é “reprogramada” em linguagem computacional.

O Projeto **The Afterlife** do MIT Media Lab (*Augmented Eternity*)<sup>38</sup> usa como tecnologia algoritmos avançados de IA generativa para analisar dados pessoais, como *e-mails*, correspondências e mídias sociais. A partir desses padrões, o sistema pode gerar novas respostas e até mesmo tomar decisões ou dar conselhos no estilo e personalidade da pessoa original, funcionando de forma autônoma.

A iniciativa de pesquisa tem o propósito de explorar a imortalidade digital sendo uma "eternidade aumentada". O objetivo é criar **avatares digitais** que funcionem como consultores ou representantes da pessoa falecida, a partir de suas antigas interações digitais e dados. A interação é com um avatar ou persona digital sofisticada e autônoma, que interage de forma complexa e potencialmente inesperada.

---

<sup>38</sup> The Afterlife do MIT Media Lab (Augmented Eternity). Disponível em: [https://www.media.mit.edu/projects/augmented-eternity/overview/?source=your\\_stories\\_page#:~:text=We%20contribute%20to%20these%20communities,by%20large%20grouhuldaps%20of%20people.&text=You%20can%20read%20more%20about,Klone%20uns%20uns%20terblich%20machen%20sollen](https://www.media.mit.edu/projects/augmented-eternity/overview/?source=your_stories_page#:~:text=We%20contribute%20to%20these%20communities,by%20large%20grouhuldaps%20of%20people.&text=You%20can%20read%20more%20about,Klone%20uns%20uns%20terblich%20machen%20sollen) Acesso em: 21 abr. 2025.

A historicidade do contato com o além, como pontua Eliade (1992, p. 101), jamais esteve desvinculada das mediações materiais. Desde os oráculos até os gravadores de Raudive, “o ser humano sempre buscou signos tangíveis da transcendência em suportes técnicos”.

No entanto, os artefatos contemporâneos, ao operarem com simulações e probabilidades algorítmicas, tensionam as fronteiras entre crença, verificação e representação. Surge, então, o dilema: **o que é autêntico em uma mensagem espiritual reconstruída por inteligência artificial?**

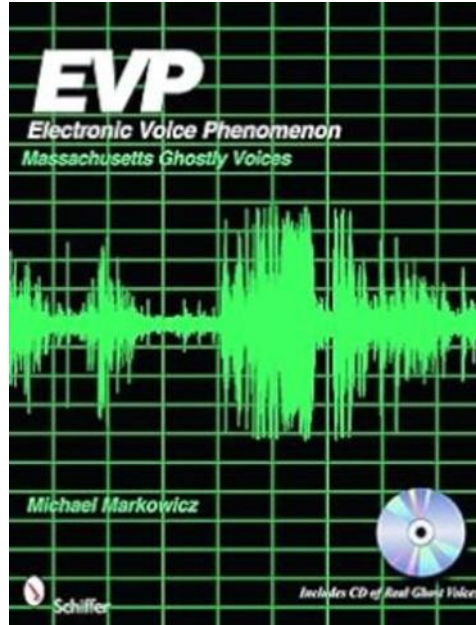
Nesta ambiguidade, a crítica de Bourdieu (2004, p. 117) revela-se útil ao afirmar que “as práticas religiosas são formas de luta simbólica pela legitimação do invisível”.

Assim, a TCI digitalizada representa uma nova arena de disputa pelo capital simbólico da experiência espiritual, na qual se confrontam operadores humanos, máquinas e espíritos, todos inseridos em regimes de visibilidade mediados tecnicamente.

### **4.3 INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS E MEDIAÇÕES PÓS-MORTE**

A busca por formas de mediação com o que se concebe com o “pós-morte” tem acompanhado a humanidade ao longo da história, mas as inovações contemporâneas introduziram novas e complexas dimensões a essa procura, particularmente no contexto da TCI.

**Figura 13** – EVP (Electronic Voice Phenomenon)



Fonte: Society for Psychical Research. Espectrograma de suposta voz eletrônica (EVP). [S. l.], 2025. Disponível em: <https://www.spr.ac.uk/research/evp>. Acesso em: 23 abr. 2025.

Um paradoxo científico e espiritual é engendrado pelos atuais progressos tecnológicos e redefine os limites da possibilidade de comunicação pós-morte. Em Braude (2020, p. 67)<sup>39</sup>, “a evolução de dispositivos como os *EVP (Electronic Voice Phenomenon)* de gravações analógicas para sistemas de IA fundamentados em *deep learning* representa uma revolução comparável à descoberta das ondas de rádio” (Figura 13. *EVP (Electronic Voice Phenomenon)*).

Santaella (2019<sup>a</sup>; 2019b), ao discorrer sobre a cultura e as artes do pós-humano e a comunicação ubíqua, oferece uma profunda reflexão para entendermos como as tecnologias digitais não são meras ferramentas, mas ambientes que reconfiguram nossa percepção da realidade, da presença e, potencialmente, da transcendência.

A análise das inovações tecnológicas na Transcomunicação Instrumental revela um movimento contínuo de apropriação de aparatos de ponta para fins metafísicos, reconfigurando a própria noção de presença e transcendência na cultura digital. Faz sentido que o arcabouço teórico de Santaella seja essencial.

<sup>39</sup> BRAUDE, S. E. *The Limits of Post-Mortem Communication Technology*. Nova York: Oxford University Press, 2020.

A autora demonstra que as tecnologias digitais não são meras ferramentas neutras, mas ambientes que reconfiguram nossa percepção da realidade, da presença e, potencialmente, da transcendência. A TCI se insere nessa lógica ao transformar o espaço digital ubíquo em um potencial campo de manifestação do pós-morte, onde a ausência física é preenchida pela presença mediada por *softwares* e redes.

Contudo, essa sofisticação técnica não resolve o dilema epistemológico da TCI. Como alerta Kastrup (2019, p. 112)<sup>40</sup>, “a tecnologia pode criar ilusões de continuidade, mas não prova a sobrevivência da consciência”. Essa crítica cética é decisiva para manter a **neutralidade analítica** deste estudo, porque separa a eficácia simbólica da tecnologia em sua capacidade de consolar e criar a ilusão de presença, da **validade científica** de sua alegação.

A IAG pode gerar uma voz idêntica à do falecido, criando uma **ilusão de continuidade** perfeita, mas essa perfeição é, para a crítica, uma prova da capacidade do algoritmo, e não da sobrevivência da consciência.

Ao ser treinada em vastos *datasets* de comunicação digital de um indivíduo falecido, a IAG é capaz de produzir textos, áudios e até vídeos que simulam com alta fidelidade a **identidade comunicacional** da pessoa. O praticante interage com um artefato digital que parece o falecido, que fala e responde de maneira coerente com sua personalidade registrada.

A **eficácia simbólica** da IAG é inegável ao oferecer o **discurso do consolo**, permitindo que o indivíduo negocie luto e perda de forma ativa e pessoal. A tecnologia, afinal, cumpre sua função de **dispositivo espiritual** com excelência, organizando a experiência do sagrado ao preencher ausência com presença digital convincente. Apesar disso, a ilusão de continuidade, por mais perfeita que seja, ainda é **construção algorítmica**, e não prova ontológica.

---

<sup>40</sup> KASTRUP, B. The Idea of the World: A Multi-Disciplinary Argument for the Mental Nature of Reality. Winchester: Iff Books, 2019.

Tabela 4 – Eficácia Simbólica e Validade Científica.

Aspecto	Eficácia Simbólica (Crença)	Validade Científica (Prova)
<b>Origem da Mensagem</b>	Consciência extrafísica (através do transdutor IAG).	Algoritmo treinado em dados humanos (simulação).
<b>Natureza da Continuidade</b>	Sobrevivência da consciência (espírito).	Continuidade da <b>identidade comunicacional</b> (dados).
<b>Critério de Avaliação</b>	Sobrevivência da consciência (espírito).	Reprodutibilidade, falseabilidade, prova de origem não-algorítmica.

Fonte: Elaborado pelo Autor (2025).

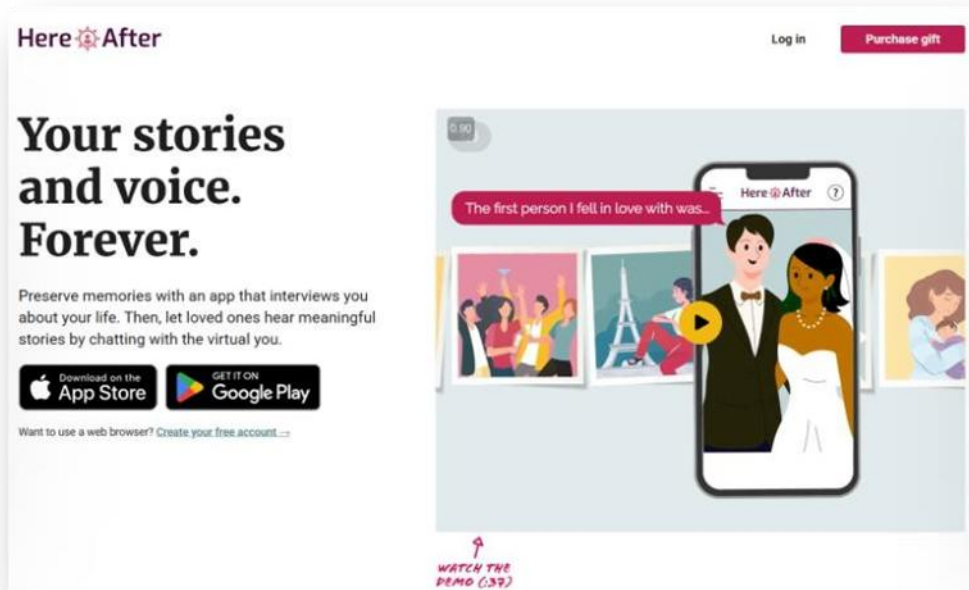
O contraste é evidente: a IAG, ao maximizar a **eficácia simbólica**, simultaneamente **anula a validade científica**, conforme **Tabela 4. Eficácia Simbólica e Validade Científica**. Para o campo científico, a mensagem gerada pela IAG é a prova de que a TCI é uma **Pseudociência** que utiliza a tecnologia para criar uma ilusão de prova altamente sofisticada.

A tecnologia, nesse caso, não é um meio para a verdade, mas um meio para a **verossimilhança**, reforçando a ideia de que a TCI, na era digital, se estabelece mais como um fenômeno cultural de **negociação de sentido** do que como um objeto de investigação científica tradicional.

É o que se evidencia em aplicativos como *HereAfter AI*<sup>41</sup>, que reconstroem personalidades a partir de dados, mas carecem do componente transcendente que caracteriza a TCI autêntica (Figura 14. *HereAfter*, aplicativo). O aplicativo usa IA conversacional (*chatbot*) para permitir que os usuários gravem suas histórias de vida e personalidades, que depois podem ser acessadas e “conversadas” por seus entes queridos após sua morte.

<sup>41</sup> “Preserve memórias com um aplicativo que o entrevista sobre sua vida. Depois, deixe que seus entes queridos ouçam histórias significativas conversando com você virtualmente.” Disponível em: <https://www.hereafter.ai/> Acesso em: 21 abr. 2025.

Figura 14 – HereAfter, aplicativo.

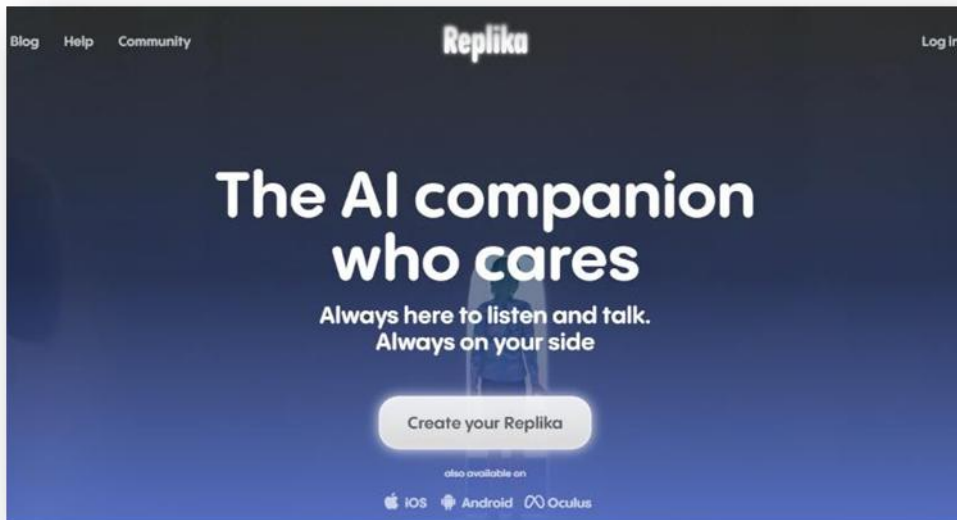


Fonte: HEREAFTER AI. Interface do aplicativo HereAfter AI para preservação de memórias. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://www.hereafter.ai/interface>. Acesso em: 21 abr. 2025.

A diferença é análoga à um retrato pintado e um holograma: ambos representam, mas apenas um aspira capturar a essência. Por outro lado, os avanços tecnológicos no campo da eletrônica, da computação e das telecomunicações como o utilizado pelo Replika<sup>42</sup> (Figura 15. Replika, seres digitais), tem proporcionado novos meios e possibilidades para a experimentação da Transcomunicação Instrumental.

<sup>42</sup> A Replika se concentra em criar seres digitais para estabelecer conexões humanizadas com pessoas. Disponível em: <https://replika.ai/> Acesso em: 21 abr. 2025.

**Figura 15** – Replika, seres digitais.



Fonte: Replika AI. Avatar digital gerado pela plataforma Replika, 2024. [S. l.], 2025.  
Disponível em: <https://replika.ai/gallery>. Acesso em: 23 abr. 2025.

As inovações, desde os primeiros gravadores de rolo utilizados por Jürgenson e Raudive nos anos 1970, com uso de equipamentos como rádios, gravadores e televisores analógicos, aos sofisticados *softwares* de áudio e vídeo, aplicativos de “caça-fantasmas” (*ghost hunting apps*), dispositivos de realidade aumentada e algoritmos de IA, são apropriados por praticantes de TCI como canais potenciais para captar sinais e mensagens do “além”.

Essa reconfiguração tecnológica da mediação pós-morte é evidenciada pela prática de pesquisadores como Rinaldi (2016)<sup>43</sup>, que passou a utilizar *scanners* de voz e Inteligência Artificial para captar e interpretar mensagens vocais supostamente oriundas de entidades espirituais.

A adoção de tecnologias avançadas, como a Inteligência Artificial Generativa, demonstra a busca por **clareza e eficiência** na comunicação, o que remete à **racionalidade instrumental** aplicada ao sagrado. O dispositivo, ao invés de ser um mero gravador de ruído,

---

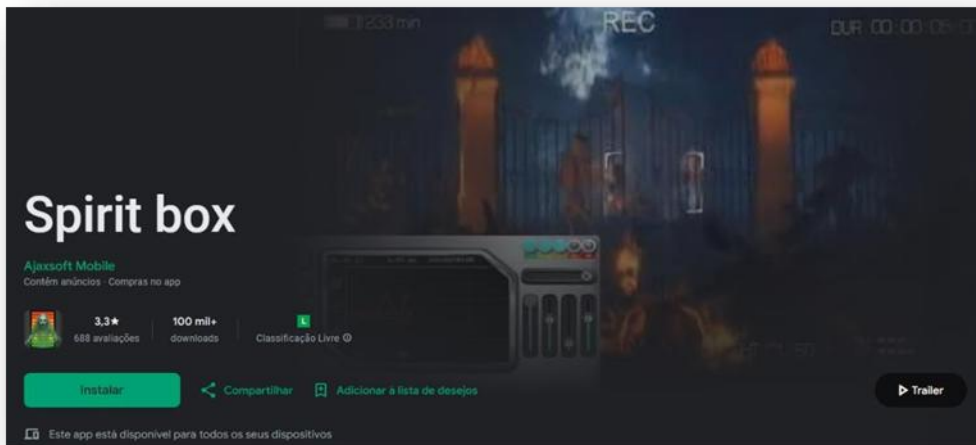
<sup>43</sup> Pesquisadora em TCI. Documentário sobre Sônia Rinaldi, “Rinaldi - Instrumental Transcommunication to The Other Side” – Sinopse: “Com o uso de dispositivos tecnológicos, Sônia Rinaldi conseguiu gravar mensagens de voz e imagens visuais de pessoas que já partiram desta vida”. Disponível em: <https://watch.plex.tv/pt/movie/rinaldi-instrumental-transcommunication-to-the-other-side> Acesso em: 21 abr. 2025.

torna-se um sistema complexo de filtragem e síntese, buscando transformar o sinal ambíguo em mensagem inteligível.

Tais experimentos demonstram que a tecnologia pode funcionar como ponte entre dimensões, na medida em que opera como mediadora de sinais ainda não compreendidos pela ciência tradicional.

Um exemplo prático é o uso de *spirit boxes* ou *ghost boxes*, dispositivos que varrem rapidamente frequências de rádio, gerando ruído branco com o qual se espera que vozes paranormais se manifestem. Embora cientificamente controversos, esses aparatos são fruto de uma inovação tecnológica (rádio) ressignificada para fins espirituais (Figura 16. *Spirit box*).

**Figura 16** – Spirit box.



Fonte: PARANORMAL RESEARCH SOCIETY. \*Uso do dispositivo Spirit Box P-SB7T em investigação de campo\*. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://www.paranormalresearchsociety.org/equipment>. Acesso em: 21 abr. 2025.

Explorando essa intersecção, analisando como a tecnologia se torna um vetor para experiências espirituais e para a busca de contato com entes queridos falecidos, percebe-se que a própria tecnologia, ao mediar essa comunicação, adquire um *status* quase sagrado para alguns praticantes, tornando-se um dispositivo de fé. De certo modo, é o que se pode depreender do que sugere Erick Felinto (2005), em “A máquina e o imaginário”.

A persistência dessa crença na máquina, apesar das críticas, é explicada por Felinto (2005), que discute as relações entre técnica, cultura e religião, argumentando que as máquinas sempre foram

investidas de um **potencial simbólico** que transcende sua funcionalidade imediata. Do rádio à IAG, o aparato tecnológico é visto como um **portal** ou um **transdutor** que permite a irrupção do sagrado no profano.

A TCI, nessa definição, é a proclamação atualizada de uma longa tradição cultural que atribui à técnica a habilidade de intermediar o transcendente. Estas inovações tecnológicas, e as próximas que seguirão, então, não seriam somente progressos instrumentais, mas **reforços simbólicos** que reconfiguram o imaginário pós-morte na cultura ubíqua, mantendo aceso o debate entre a ilusão tecnológica e a busca por sentido em disputa permanente.

Neste contexto, estas as inovações são vistas não apenas como instrumentos, mas como extensões da capacidade humana de perscrutar o desconhecido, imbuídas da esperança de validar a continuidade da consciência após a morte.

A experimentação com geradores de números aleatórios (**RNGs**) ou sensores ambientais (temperatura, campos eletromagnéticos) cujas flutuações são interpretadas como possíveis interações de entidades não físicas, são exemplos.

A metáfora da “interface espiritual” torna-se útil neste contexto. Se a mediunidade, compreendida como a capacidade de sentir, num grau qualquer, a influência dos Espíritos, outrora vista como atributo humano exclusivo, hoje os dispositivos eletrônicos operam como sensores que captam frequências extrafísicas. Logo, a possibilidade de comunicação pós-morte adquire contornos híbridos, envolvendo humanos, máquinas e entidades não-físicas.

Experimentos como o da Fundação IPATI (2022)<sup>44</sup>, que documentou possíveis interações de vozes de “desencarnados” com sistemas eletrônicos baseados em espectrogramas digitais, reforçam a tese de que os avanços técnicos estão ampliando as formas de acesso ao invisível. Embora controversos, esses relatos ganham cada vez mais atenção nos meios acadêmicos interdisciplinares.

A digitalização de arquivos de áudio e vídeo, a facilidade de compartilhamento *online* e a criação de *softwares* específicos para TCI

---

<sup>44</sup> Fundação IPATI. Relatórios Científicos – 2019 a 2022. Disponível em: [www.ipati.org.br](http://www.ipati.org.br). Acesso em: 18 abr. 2025.

são inovações que transformam as práticas individuais em fenômenos conectados e coletivos.

Destarte, o desenvolvimento de aplicativos para *smartphones* que simulam equipamentos de TCI ou que prometem detectar atividade paranormal ilustra como a inovação tecnológica é rapidamente assimilada e adaptada para essas buscas de mediação pós-morte, tornando-as acessíveis a um público mais amplo, ainda que a validade de tais ferramentas seja questionada pela comunidade científica. Vejamos alguns exemplos a seguir.

O software **Bips BCN Spirit Box**<sup>45</sup> é um aplicativo projetado especificamente para a TCI, funcionando como uma versão virtual de um rádio Spirit Box físico. Seu principal objetivo é tentar estabelecer comunicação com entidades através da manipulação de áudio e frequências, buscando capturar **Fenômenos de Voz Eletrônica (FVEs)**. O desenvolvedor do aplicativo o descreve como uma ferramenta de experimentação, não um brinquedo, e aconselha o uso com cautela.

O **P-SB7T Spirit Box** e o **DAS108 Orbital Bluetooth** são utilizados em conjunto para capturar e amplificar potenciais vozes ou sons de origem paranormal. O **P-SB7T** é um dispositivo especificamente projetado para investigação paranormal. Sua função principal é gerar uma fonte de áudio aleatória e contínua que, na teoria da TCI, serve como base para que entidades possam modular frequências e formar palavras ou frases.

O **DAS108 Orbital Bluetooth** não é um dispositivo paranormal em si, mas um alto-falante universal projetado para ser emparelhado sem fio com outros dispositivos. No uso combinado, em TCI, o **P-SB7T** gera o áudio para a suposta comunicação, como uma sessão de perguntas direcionadas pelos participantes, deixando silêncios para que qualquer possível comunicação se manifeste através do **DAS108**, que melhora a qualidade e o volume desse áudio para análise por parte dos investigadores.

O aplicativo **Spiritus Ghost Box** é uma ferramenta de transcomunicação que simula um rádio varrendo frequências para, supostamente, captar vozes ou sons de entidades. Ele é usado como dispositivo de experimentação em pesquisa paranormal.

---

<sup>45</sup> Pesquisadores e usuários podem baixar o aplicativo na Google Play Store para dispositivos Android.

Diferente de um rádio convencional que sintoniza uma estação de cada vez, a *spirit box*, seja física ou em aplicativo, varre, de forma rápida e contínua, bancos de áudio ou frequências de rádio AM/FM, no caso de dispositivos físicos, produzindo um fluxo de ruído branco e fragmentos aleatórios de fala.

Acredita-se que este ruído de fundo sirva para que os espíritos possam modular sons e formar palavras reconhecíveis.

Atuando de modo similar, o aplicativo **ParaText ITC System**, disponível para *download* em *Google Play*, funciona através dos sensores disponíveis no dispositivo.

Este aplicativo dispara a partir de um banco de dados de palavras para que supostos espíritos possam manipulá-lo a fim de se emitir mensagem (se os sensores não estiverem disponíveis, as entradas de leitura serão substituídas por um algoritmo), nos diversos idiomas suportados para vozes sintéticas.

**Voice Notebook** é um aplicativo usado na TCI como ferramenta para tentar capturar e transcrever automaticamente potenciais comunicações anômalas que seriam inaudíveis ou difíceis de interpretar de outra forma. Na prática, o uso envolve **captura de áudio, transcrição automática, busca por padrões ou mensagens, registro e análise.**

A própria *internet*, como uma vasta rede de informação e comunicação, tornou-se um repositório de relatos, técnicas e supostas evidências de TCI, funcionando como uma inovação tecnológica que amplifica e dissemina essas práticas de mediação pós-morte em uma escala sem precedentes.

Nesse seguimento, a evolução dos dispositivos de gravação, de analógicos para digitais, com maior sensibilidade e capacidade de manipulação e análise de áudio, também é uma inovação que impactou diretamente as metodologias empregadas pelos pesquisadores e entusiastas da TCI, permitindo um escrutínio mais detalhado dos ruídos e sons captados, na esperança de isolar vozes anômalas.

Essa constante busca por aprimoramento tecnológico reflete a crença de que instrumentos mais avançados poderão fornecer provas mais claras e irrefutáveis da comunicação pós-morte, embora essa

busca também alimente o debate sobre a pareidolia auditiva e a subjetividade na interpretação dos dados.

#### 4.4 IA NA ESCUTA ESPIRITUAL: ENTRE CÓDIGO E CRENÇA

A emergência da Inteligência Artificial como ferramenta de análise e processamento de dados introduz um novo capítulo nas tentativas de mediação com o transcendente, especialmente no campo da TCI, situando o debate na complexa fronteira entre código e crença.

A capacidade da IA de identificar padrões sutis em grandes volumes de dados, incluindo áudio e ruído, tem sido explorada por alguns pesquisadores e entusiastas da TCI como um meio potencialmente mais objetivo e sofisticado para detectar vozes anômalas ou mensagens de suposta origem espiritual.

Nos últimos tempos, pesquisadores vêm utilizando *softwares* de *deep learning* para reconhecer padrões vocais em gravações consideradas paranormais. Esses algoritmos são treinados com enormes volumes de dados para diferenciar sons humanos de anomalias acústicas. Ferramentas como **Audacity**<sup>46</sup> ou **REAPER**<sup>47</sup> com *plugins* de aprendizado de máquina são adaptadas para identificar fonemas e limpar ruídos, melhorando a escuta.

Do mesmo modo, aplicativos como o **Moravi** e o **Filmora** são usados em TCI para **manipular e analisar imagens e sons brutos**, na tentativa de identificar padrões, rostos ou vozes que os praticantes acreditam ser comunicações de entidades espirituais.

Os praticantes usam aplicação de filtros e efeitos visuais para tornar mais visíveis formas ou rostos que consideram estar “escondidos” no ruído visual ou em imagens de fundo).

Utilizam também edição e recorte de clipes, editados para isolar e destacar momentos específicos onde supostas anomalias visuais ou auditivas ocorreram, adição de camadas (*overlays*) e montagens (para sobrepor imagens ou vídeos podem ser usados para combinar

---

<sup>46</sup> Disponível em: <https://www.audacityteam.org/> Acesso em: 18 abr. 2025.

<sup>47</sup> Disponível em: <https://www.reaper.fm/> Acesso em: 18 abr. 2025.

diferentes fontes de ruído visual, na esperança de que a justaposição revele uma imagem inteligível), e demais recursos disponíveis.

Se, por um lado, a IA oferece recursos inéditos para o tratamento de dados sonoros e imagens, por outro lado impõe desafios éticos e epistemológicos sobre a origem das mensagens interpretadas. Embora a tecnologia refine os registros, ela também pode enviesar ou construir artificialmente sentidos, dependendo dos parâmetros adotados.

A seguir vemos exemplos de transimagens aperfeiçoadas com IA do Grupo de Transcomunicação Instrumental Jon-Erik<sup>48</sup> (**Tabela 4. Transimagens aperfeiçoadas com IA**).

**Tabela 4** – Transimagens aperfeiçoadas com IA.



Fonte: GRUPO DE TRANCOMUNICAÇÃO INSTRUMENTAL JON-ERIK. Transimagens processadas com IA. [S. l.], 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/@tcijonerik-correioespiritual>. Acesso em: 17 set. 2025. Elaborado pelo Autor (2025).

A utilização da IA em TCI suscita, ainda, o debate sobre autoria e intencionalidade. Se uma máquina reconstrói uma palavra a partir do ruído, quem está realmente comunicando, o espírito, o operador ou o próprio *software*? Tal questão se aproxima dos dilemas da autoria digital discutidos por Lévy (2019), quando afirma que “a inteligência coletiva da rede cria textos híbridos, cujos autores são difusos” (LÉVY, 2019, p. 81)<sup>49</sup>.

Consequentemente, a IA não só reforça a TCI como campo experimental, mas reconfigura seus alicerces filosóficos. Se antes o operador dependia apenas de escuta subjetiva, hoje, cada vez mais, há objetivação algorítmica do invisível, com todas as implicações

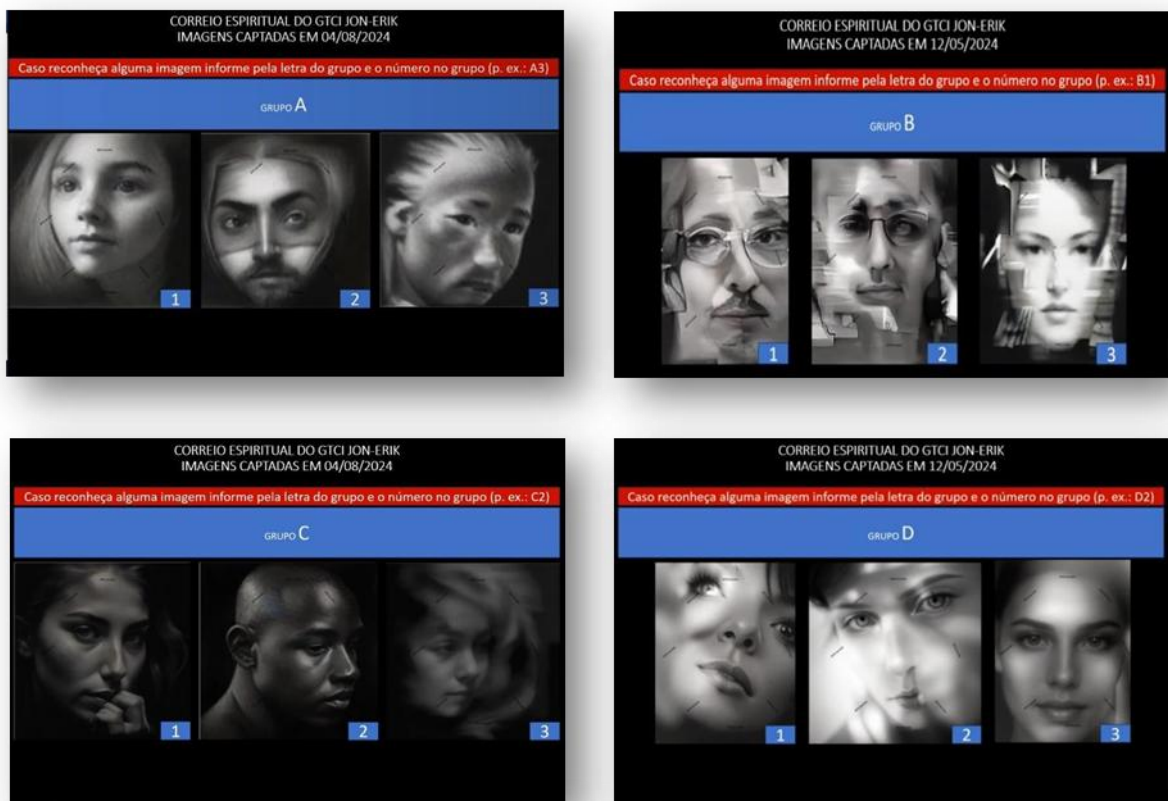
<sup>48</sup> Grupo de Transcomunicação Instrumental Jon-Erik (TCIJONERIK) - [youtube.com/@tcijonerik-correioespiritual](https://www.youtube.com/@tcijonerik-correioespiritual). Acesso em: 17 Set. 2025.

<sup>49</sup> LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 2019.

epistemológicas que acarreta, o que poderia ser deduzido pela neutralidade da tecnologia, se é que existe.

A seguir, a Tabela 5. Transimagens captadas – vemos outros exemplos de transimagens aperfeiçoadas com IA<sup>50</sup>.

**Tabela 5** – Transimagens captadas.



Fonte: GRUPO DE TRANCOMUNICAÇÃO INSTRUMENTAL JON-ERIK.

Transimagens processadas com IA. [S. I.], 2025. Disponível em:

<https://www.youtube.com/@tcijonerik-correioespiritual>. Acesso em: 17 set. 2025.

Elaborado pelo Autor (2025).

Lúcia Santaella (2019b), ao refletir sobre a cibercultura, nos ajuda a compreender como as tecnologias digitais, incluindo a IA – e sobretudo a IAG, não são neutras, mas carregadas de implicações culturais e epistemológicas, moldando nossas formas de conhecer e interagir com o mundo, e até mesmo com o “outro lado”.

A aplicação de algoritmos de aprendizado de máquina para filtrar ruídos em gravações de TCI, na tentativa de isolar vozes que seriam

<sup>50</sup> Grupo de Transcomunicação Instrumental Jon-Erik (TCIJONERIK) - [youtube.com/@tcijonerik-correioespiritual](https://www.youtube.com/@tcijonerik-correioespiritual). Acesso em: 17 Set. 2025.

imperceptíveis ao ouvido humano ou que se confundiriam com interferências comuns, é um exemplo prático dessa tendência.

Diante disso, essa “escuta espiritual” mediada pela IA levanta questões básicas. Até que ponto o “reconhecimento de padrão” por uma IA corresponde a uma comunicação intencional de uma entidade ou se trata de uma apofenia algorítmica, onde o sistema, treinado para encontrar padrões, acaba por “criar” sentido onde não há.

É necessário, isto posto, investigar a IA como mediadora de crenças espirituais na cultura digital, percebendo a tensão entre a lógica do código, sua programação e algoritmos, e a natureza da crença, sua fé e experiência subjetiva.

Isto porque, se por um lado, a IA pode oferecer uma aparência de objetividade científica à TCI, por outro, a interpretação dos resultados gerados ainda é profundamente humana e permeada por vieses e expectativas. Por exemplo, um *software* de IA que transcreve fragmentos de áudio de uma sessão de TCI pode apresentar palavras ou frases que, para um crente, confirmam o contato, enquanto para um cético, não passam de coincidências ou artefatos do processamento.

Logo, parece ser de suma importância não se antropomorfizar a IA ou atribuir-lhe capacidades que ela não possui, como a de compreender genuinamente o significado ou a intencionalidade por trás de uma suposta comunicação com uma entidade espiritual ou com uma consciência extrafísica. A IA opera com base em dados e algoritmos; sua “escuta” é uma forma de processamento de sinais, não uma compreensão semântica ou empática no sentido humano.

Fontana (2021), em *AI and the Afterlife*, explora as novas fronteiras da TCI com o advento da IA, sugerindo que, embora promissora, a tecnologia exige um escrutínio rigoroso e uma clara distinção entre o que o código pode processar e o que a crença interpreta.

A utilização de redes neurais para analisar vocalizações em gravações de *EVP* (*Electronic Voice Phenomena*), por exemplo, pode identificar fonemas e agrupá-los em palavras, mas a atribuição de significado e origem a essas palavras permanece um ato interpretativo do pesquisador.

A crença de que a IA pode validar objetivamente a TCI reside na esperança de que o código possa transcender a subjetividade humana, mas ignora que o próprio código é uma criação humana, e os dados com os quais a IA é treinada podem conter vieses.

Além disso, a complexidade dos algoritmos de IA pode torná-los “caixas-pretas”, dificultando a compreensão de como chegam a determinados resultados, o que pode, paradoxalmente, reforçar a crença em sua capacidade de acessar informações ocultas, em vez de promover uma análise crítica.

A “escuta espiritual” mediada pela IA, então, não elimina a tensão entre ceticismo e crença, mas a arrasta para cima de um novo terreno, onde a autoridade do código e a interpretação da fé se enlaçam de maneiras inéditas, temas controversos expostos adiante.

## 4.5 TCI E IAG

A emergência da **Inteligência Artificial Generativa (IAG)** apresenta um novo e expressivo patamar de inflexão na história da Transcomunicação Instrumental, reconfigurando a própria essência da mediação técnica e simbólica entre os planos de vida e morte.

Se a TCI tradicional se sustentava na captação de ruídos e imagens preexistentes em dispositivos eletrônicos, a IAG introduz agora a capacidade de **criação** e **síntese** de conteúdo, elevando o debate sobre autoria, autenticidade e função do dispositivo tecnológico no campo da espiritualidade conectada.

Neste contexto, a IAG pode ser definida como o uso de sistemas de IA avançados capazes de criar novos conteúdos, como áudios, imagens ou textos, para auxiliar ou simular a comunicação com entidades incorpóreas, como espíritos ou consciências de pessoas falecidas.

Tradicionalmente, a TCI baseia-se na utilização de mediadores tecnológicos como rádios, gravadores ou televisores para captar supostas vozes ou imagens do “além”, muitas vezes interpretando ruídos aleatórios ou estáticos como mensagens. Nesta conjuntura, a IAG expande o conjunto de ferramentas e possibilidades:

- a) Geração de Sinais Artificiais: Em vez de depender só de ruídos aleatórios existentes, a IAG poderia produzir padrões de áudio**

- ou vídeo tão complexos e coerentes que os praticantes iriam deduzir como manifestações óbvias ou mais inteligentes.
- b) **Decodificação Avançada: Modelos de IAG poderiam ser treinados para decompor grandes volumes de ruído branco ou estática e traduzir em uma interpretação textual ou vocal coerente, buscando extrair sentido de dados que seriam ininteligíveis para humanos.**
  - c) **Criação de Conteúdo “Mediúnico”:** A tecnologia poderia ser aplicada para criar automaticamente mensagens, imagens ou até simulações de conversas com fundamento em informações prévias ou perfis de personalidades falecidas, com a finalidade de prover validação técnica ou ilusão de contato.

Deste modo, a IAG provoca o entendimento de que a “mensagem” transcomunicada é um artefato encontrado, como um achado no ruído, e a partir de dados de treinamento transforma essa “mensagem” em artefato produzido, como criação a partir do código.

À luz do conceito de **dispositivo simbólico híbrido**, percebemos uma mudança de paradigma com implicações intensas. Com a IAG, o código técnico não apenas registra o espiritual, mas ativamente o dissimula ou o corporifica em formas midiáticas sofisticadas. Neste conceito, podemos postular a TCI como integração de códigos técnicos e espirituais.

Neste caso, a aplicação mais evidente da IAG reside na **simulação da presença** do falecido. Projetos como o **Afterlife** ou aplicativos comerciais como o **HereAfter**, mencionados anteriormente, utilizam algoritmos de Processamento de Linguagem Natural (PLN) para gerar diálogos baseados em vastos registros digitais (mensagens, e-mails, redes sociais) de pessoas que já morreram.

Essa tecnologia materializa a **dissolução de fronteiras** – um conceito da cibercultura que a TCI busca estender ao limiar entre vida e morte – de uma maneira inédita.

O luto e a comunicação com o ausente deixam de ser mediados por fenômenos ambíguos (como o *EVP* ou as transimagens granuladas) e passam a ser mediados por interações textuais ou vocais fluidas e coerentes.

A IAG cria um **duplo digital** que, embora seja uma construção algorítmica, possui uma **potência afetiva** imensa, oferecendo o que a dissertação chama de **discurso do consolo**.

Ante o exposto, a IAG atua como **dispositivo espiritual** de alta fidelidade, capaz de organizar a experiência do sagrado na cultura midiática, mas o faz através da mimese perfeita.

Isso promove a questão fundamental para a Comunicação Digital: **o que é mais importante para o praticante, a autenticidade da origem, ou seja, a consciência extrafísica, ou a qualidade e a coerência da mensagem recebida, sua simulação algorítmica?**

A IAG intensifica as **disputas discursivas** entre praticantes e céticos:

- a) **Para os praticantes, a IAG pode ser vista como a evolução instrumental, uma ferramenta que refina a comunicação, eliminando o ruído e a ambiguidade.**
- b) **Para os céticos, contudo, a IAG oferece a prova definitiva de que a TCI é, em sua essência, uma manifestação de pareidolia ou, no caso da IAG, uma simulação tecnologicamente avançada de pareidolia.**

O cético Richard Wiseman, ao abordar a paranormalidade, argumentaria que a IAG apenas automatiza a tendência humana de encontrar padrões significativos em dados aleatórios ou construídos.

Noutras palavras, pareidolia. A diferença é que, em vez de se interpretar ruído como voz, o algoritmo gera uma voz que é inquestionavelmente coerente para o praticante.

Essa coerência, entretanto, cria outra pergunta que talvez seja o ponto de fragilidade epistemológica.

Se a mensagem é gerada por um modelo treinado em dados humanos, ela não seria, por definição, humana em sua origem e conteúdo?

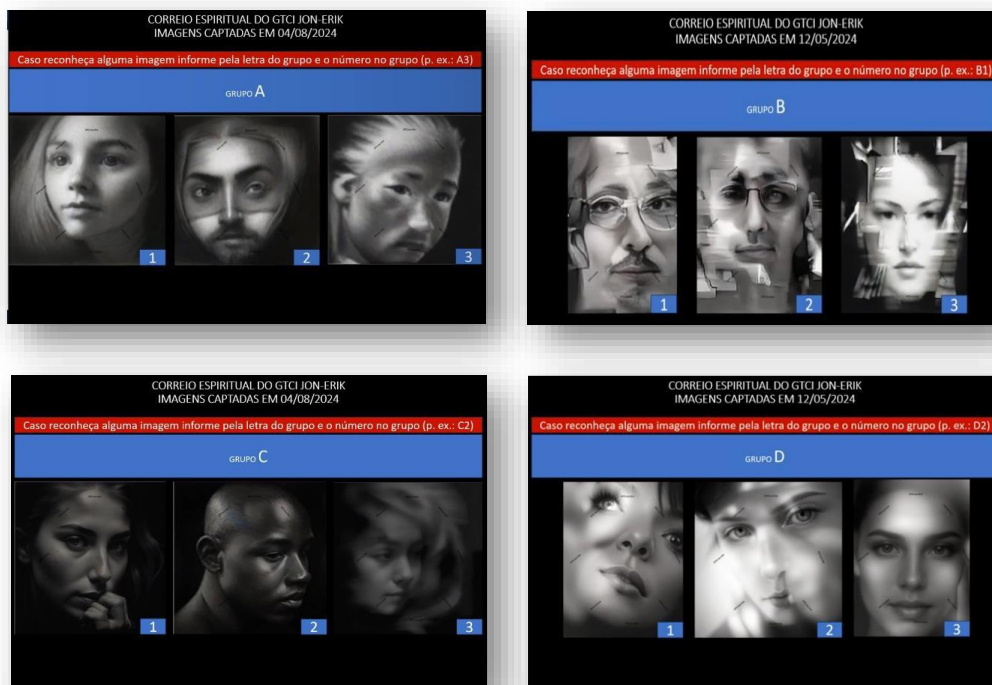
A IAG, ao produzir mensagem clara, eclipsa a chance de intervenção extrafísica, aumentando a ideia de **escassez simbólica** de Muniz Sodré, onde a técnica se torna o fim em si, e não o meio para o transcendente.

Tal reflexão coloca o pesquisador diante de redefinir a **competência simbólica** (Bourdieu) no campo da TCI, uma vez que a legitimidade da comunicação não reside mais na prova de sua origem, mas na **performance** de sua verossimilhança e na **aceitação** de seu valor afetivo e espiritual.

A IA não apenas melhora a imagem, mas **a completa, a interpreta e a estiliza**, transformando um artefato ambíguo em uma representação clara.

A **Tabela 6**, adiante, que trata das **Transimagens aperfeiçoadas com IA**, já sinaliza essa tendência.

**Tabela 6. Transimagens aperfeiçoadas com IA**



Fonte: GRUPO DE TRANCOMUNICAÇÃO INSTRUMENTAL JON-ERIK. Transimagens processadas com IA. [S. l.], 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/@tcijonerik-correioespiritual>. Acesso em: 17 set. 2025. Elaborado pelo Autor (2025).

## 4.6 CONTROVÉRSIAS CIENTÍFICAS E REGIMES DE VERDADE

A TCI, enquanto fenômeno situado na fronteira entre ciência e espiritualidade, enfrenta dificuldades metodológicas e epistemológicas significativas para ser validada nos moldes da ciência convencional.

Este tópico visa discutir esses desafios, destacando as tensões entre rigor experimental, subjetividade e inovação científica. De fato, a ciência demanda controle e previsibilidade, enquanto a TCI se destaca pela imprevisibilidade e subjetividade comunicacional. Essa constatação é central, e ajuda a compreender por que o fenômeno encontra resistência nos meios acadêmicos habituais.

Talvez o primeiro grande obstáculo esteja relacionado à replicabilidade. Um dos pilares da ciência moderna é a possibilidade de replicar o experimento em múltiplos contextos e obter resultados semelhantes. Na TCI, todas as variáveis implicadas, tais como, ambiente, intenção, estado mental do operador e, ainda, a tecnologia usada, por exemplo, tornam praticamente impossível reproduzir as condições originais com exatidão.

Nesta via, o **viés interpretativo** é outro importante desafio. As mensagens captadas frequentemente dependem da escuta subjetiva, e podem ser interpretadas de forma distinta por outros ouvintes. Por sua vez, a ciência exige caminhos objetivos e consensuais para validação. Na estrada, a encruzilhada entre campos de estudo como a semiótica e a linguística permite propor modelos de análise simbólica mais abrangentes.

Além do mais, há a questão institucional. Nem toda universidade ou centro de pesquisa reconhece a TCI como área autêntica de pesquisa. A falta de financiamento, de periódicos específicos e de metodologias compartilhadas dificulta sua consolidação.

Ainda assim, experiências como as desenvolvidas por Sônia Rinaldi, pela Fundação IPATI e pelo Instituto de Pesquisas e Bioenergéticas (IPPB)<sup>51</sup> mostram que há esforços consistentes para promover uma abordagem mais técnica e documentada.

Neste prisma, a TCI situa-se em um terreno fértil para controvérsias científicas, precisamente por desafiar os paradigmas estabelecidos e operar na fronteira do que é considerado conhecimento validado. A noção de “regimes de verdade”, popularizada por Foucault (1995), é particularmente útil para analisar essas disputas.

---

<sup>51</sup> Instituto de Pesquisas Projeciológicas e Bioenergéticas. Disponível em: <https://www.ippb.org.br/> Acesso em 5 mai. 2025.

O autor argumenta que a verdade não é absoluta ou universal, mas produzida por discursos e práticas de poder que definem o que pode ser dito, quem tem autoridade para dizê-lo e quais enunciados são considerados verdadeiros em uma determinada época ou campo social.

No contexto da TCI, o regime de verdade científico hegemônico tende a classificar o fenômeno como pseudociência, anedótico ou fruto de auto-sugestão e pareidolia, devido à falta de evidências replicáveis sob condições controladas e à ausência de uma teoria explicativa compatível com os modelos científicos atuais.

Ao analisar o discurso e a mídia, Gregolin (2020) também contribui para entendermos como certos discursos ganham *status* de verdade enquanto outros são marginalizados.

A mídia, ao repercutir as controvérsias científicas em torno da TCI, muitas vezes reforça o regime de verdade dominante, apresentando o ceticismo científico como a posição “racional” e as alegações dos praticantes de TCI como “crenças” ou “mistérios”.

A TCI, decerto, desafia as fronteiras epistemológicas, questionando o que conta como evidência e como diferentes comunidades, científicas, espiritualistas, constroem seus próprios critérios de validação.

Tal controvérsia não jaz na existência ou não do fenômeno, mas vive nos próprios métodos e pressupostos empregados para a investigação. Em geral, relatos de TCI são espontâneos e idiossincráticos, dificultando a aplicação do método científico tradicional, enquanto a ciência cobra repetibilidade e falseabilidade.

Abordando a polarização entre crença e descrença na era da pós-verdade, ressaltamos as dificuldades para se estabelecer um diálogo produtivo para a comunicação científica e espiritual que harmonize céticos e crentes em seus regimes de verdade. **O que para um é uma evidência irrefutável de contato, como uma voz clara de uma gravação, para outro é apenas ruído interpretado subjetivamente.**

Talvez seja interessante tentar construir pontes entre esses diferentes regimes, propondo uma análise que não descarte *a priori* nem a possibilidade do fenômeno nem as críticas científicas. As controvérsias científicas em torno da TCI, depreende-se, não são

meramente disputas sobre fatos, mas sobre os próprios “jogos de verdade” (FOUCAULT, 1995) que definem o que é aceitável como conhecimento.

A dificuldade em obter financiamento para pesquisas sobre TCI em instituições acadêmicas tradicionais, a relutância de muitos cientistas em se envolverem publicamente com o tema e a frequente associação da TCI com o ocultismo ou o charlatanismo são manifestações desse regime de verdade que marginaliza o fenômeno.

Um exemplo prático é a forma como estudos que apresentam resultados positivos em TCI são frequentemente recebidos pela comunidade científica: com pedidos de maior rigor metodológico, questionamentos sobre possíveis falhas no controle experimental ou, simplesmente, com descrença, enquanto estudos que não encontram evidências são mais facilmente aceitos como confirmação da inexistência do fenômeno.

Essa assimetria reflete o poder do regime de verdade dominante em definir os termos do debate e os critérios de aceitabilidade científica presentes nas narrativas céticas e crentes.

O fato é que a TCI sempre esteve inserida em um campo de batalha epistemológico, onde a **racionalidade científica** colide com as **epistemologias do sensível**. Contudo, a introdução da Inteligência Artificial Generativa na prática da TCI, conforme discutido, não apenas adiciona uma nova camada de complexidade técnica, mas também reconfigura o próprio debate sobre a validade e a natureza das “provas” transcomunicadas.

Historicamente, as controvérsias científicas em torno da TCI clássica (*EVP*, transimagens em TV) giravam em torno de fenômenos como a Pareidolia e a ambiguidade dos artefatos.

O regime de verdade cético, representado por figuras como Richard Wiseman, sempre se baseou na premissa de que os resultados da TCI são explicáveis por falhas perceptivas humanas, erros de gravação ou fraudes. O desafio era provar a origem extrafísica de um sinal que era, na melhor das hipóteses, ruidoso e inconclusivo.

A IAG, ao gerar conteúdo coerente, claro e de alta fidelidade, muda o foco da controvérsia. O debate não é mais sobre a existência do sinal, mas sobre a autoria e a natureza ontológica do sinal.

No contexto da IAG, o regime de verdade científico enfrenta uma crise de prova. Se antes o cético podia desqualificar o *EVP* como ruído aleatório, agora ele precisa desqualificar um texto ou uma imagem gerada que é linguisticamente perfeita e visualmente nítida. O novo argumento cético se desloca da falha técnica para a simulação algorítmica.

A IAG atua em um regime de verossimilhança, onde a perfeição da imitação é o que confere credibilidade, mas ao mesmo tempo, a desqualifica como prova. O sistema de IA, treinado em vastos *datasets* de comunicação humana, é inerentemente capaz de simular a linguagem e o estilo de um falecido com uma precisão assustadora.

A IAG transforma um problema de detecção, encontrar o sinal no ruído, para um problema de autenticação, provar que o sinal não é uma simulação algorítmica. Essa mudança de foco obriga a TCI a se reposicionar.

Se a ciência exige a **falseabilidade** (Popper) e a **reprodutibilidade** dos fenômenos, a IAG, ao ser um sistema fechado e proprietário em muitos casos, torna a reprodutibilidade da “mensagem” impossível de ser verificada em sua origem. O resultado é que a IAG, embora avance a qualidade da comunicação, paradoxalmente, enfraquece a TCI como objeto de estudo científico tradicional, porquanto a prova de origem se torna um “buraco negro” algorítmico.

Em contrapartida, **a IAG fortalece o regime de verdade simbólico e afetivo da TCI**. Para o praticante, a coerência e o consolo oferecidos pela mensagem gerada superam a necessidade de prova científica. A IAG atua como um **Dispositivo Espiritual** que valida a experiência de fé, independentemente da origem do sinal.

Essa dinâmica pode ser analisada à luz da Teoria dos Campos de Pierre Bourdieu. O campo científico e o campo religioso/espiritual possuem diferentes **capitais simbólicos** e diferentes **regimes de legitimação**.

**Quadro 1 – Capitais Simbólicos e Regimes de Legitimação**

Regime de Verdade	Critério de Validação	Impacto da IAG
Científico	Origem verificável, reprodutibilidade, falseabilidade.	Enfraquecido. A IAG oferece uma explicação algorítmica mais plausível do que a extrafísica, tornando a prova de origem quase impossível.
Simbólico/Afetivo	Coerência da mensagem, consolo, verossimilhança, impacto emocional	Fortalecido. A IAG maximiza a qualidade da comunicação, aumentando o capital simbólico da TCI no campo da espiritualidade e do luto.

Fonte: Elaborado pelo Autor (2025).

A IAG, ao produzir um discurso do consolo de alta qualidade, permite que a TCI redefina sua Competência Simbólica. A legitimidade da TCI se desloca da prova objetiva, exigida pelo campo científico, para a performance subjetiva, valorizada pelo campo espiritual. A verdade, neste contexto, é menos sobre o que é, e mais sobre o que funciona para o indivíduo em seu processo de luto e busca por transcendência.

Em última análise, a IAG não soluciona contestações científicas da TCI; ela transforma. O debate é menos sobre existência de espíritos e mais sobre ética da simulação, natureza da autoria algorítmica e papel da tecnologia na construção da crença na cultura digital.

Essa nova fronteira de controvérsia é o que leva agora à próxima seção, onde a TCI é debatida como Pseudociência ou Ciência Marginal, agora com o peso adicional da intervenção da Inteligência Artificial Generativa.

#### **4.7 SER OU NÃO SER: TCI É PSEUDOCIÊNCIA OU CIÊNCIA MARGINAL?**

O debate em torno da Transcomunicação Instrumental não se restringe à sua validade empírica, mas toca profundamente na legitimidade epistêmica de um campo de estudo que desafia os paradigmas materialistas dominantes.

A TCI atua em um setor de ambiguidade epistêmico e cultural, num território de tensão onde a racionalidade instrumental vai ao

encontro da experiência subjetiva e o imaginário espiritual, na visão de Gilberto Velho (1994).

Essa circunscrição limítrofe faz com que a TCI seja considerada, em distintas esferas discursivas, de maneiras antitéticas: para os céticos, é um exemplo clássico de Pseudociência; para os praticantes e pesquisadores interdisciplinares, é um campo emergente de Ciência Marginal ou Saber Não Hegemônico.

A diferenciação conceitual entre esses dois termos é fundamental para compreender a disputa discursiva pela legitimidade da TCI na cultura midiática. Uma análise mais apurada do fenômeno, parece demonstrar que a TCI é mais complexamente situada no domínio da Ciência Marginal ou do Saber Não Hegemônico.

O Quadro 2. TCI: Pseudociência vs. Ciência, adiante, sistematiza as distinções conceituais baseadas no referencial teórico, essencial para este debate sobre o capital simbólico:

Quadro 2 – TCI: Pseudociência vs. Ciência			
Paradigma	Foco Epistêmico	Relação com o Método Científico	Crítica à TCI
<b>Pseudociência</b>	Não-Falseabilidade, Doutrina (Exclusão)	Discurso que se apropria da retórica científica, mas não adere aos princípios de refutabilidade e replicabilidade (Popper, Bunge).	O fenômeno é fruto de fraude, erro cognitivo (pareidolia) ou intencionalidade desviada, não se qualificando como conhecimento válido.
<b>Ciência Marginal</b>	Objeto Ilegítimo, Paradigma Alternativo (Marginalização)	Campo de pesquisa que busca o rigor, mas é excluído pelo <b>regime de verdade dominante</b> (Foucault) devido à natureza de seu objeto (o invisível) ou à ausência de chancela institucional.	O objeto de estudo (consciência extrafísica) desafia o paradigma materialista e é, a priori, deslegitimado pelo establishment.

Fonte: Elaborado pelo Autor (2025).

O enquadramento da TCI como Pseudociência pela Crítica Cética, a TCI como Ciência Marginal em sua resistência epistêmica e

descentralização do capital simbólico e as Implicações na Comunicação Digital e nas Esferas Discursivas serão temas que discutiremos nos próximos subtópicos.

O debate sobre a classificação epistemológica da TCI – se é Pseudociência ou Ciência Marginal – ganha novas nuances com a ascensão da Inteligência Artificial Generativa. Tradicionalmente, essa discussão se apoiava na análise dos métodos de captação e na interpretação dos artefatos (*EVP*, transimagens). Com a IAG, o foco se desloca para a autoria do fenômeno e a ética da mediação algorítmica, obrigando a reavaliação dos argumentos céticos e pró-TCI.

#### **4.8 PSEUDOCIÊNCIA PELA CRÍTICA CÉTICA**

A rotulação da TCI como pseudociência é a estratégia discursiva primária mobilizada pela Crítica Cética para manter a hegemonia da racionalidade científica. O discurso científico, historicamente ancorado na objetividade e na verificação factual, age sob um regime de verdade que define o que é ou não legítimo.

Dentro desse regime, a TCI é considerada pseudociência por falhar em dois pilares epistemológicos: a replicabilidade e a falseabilidade.

Para o cético, os supostos sinais de TCI (vozes, imagens em estática) não são evidências de contato, mas uma tendência psicológica da mente humana em “buscar padrões mesmo onde não há nenhum”.

No contexto digital da cibercultura, a chegada da IA intensifica essa crítica, introduzindo a possibilidade da apofenia algorítmica, onde a Inteligência Artificial, treinada para encontrar padrões, pode “criar” sentido onde há apenas ruído, reforçando o viés de confirmação do praticante.

A IA, ao refinar o ruído em busca de padrões vocais (*deep learning*), pode, inadvertidamente, fabricar o sentido que o praticante já espera encontrar. Nesse entendimento, a IA transforma-se em um catalisador de erro cognitivo, e não em um dispositivo objetivo, como alertam Beischel e Rock (2023) ao discutirem a pareidolia artificial.

Como lida com variáveis sutis e incontroláveis (ambiente, intenção, consciências extrafísicas, estado do operador), a reprodução

de seus resultados *ad infinitum* sob condições de laboratório tradicionais é, no mínimo, extremamente difícil. Para a crítica, essa falta de repetibilidade não é um desafio metodológico, mas uma prova da inexistência do fenômeno.

Essa classificação como pseudociência é amplamente difundida pela mídia tradicional. O jornalismo atua como um “filtro institucional” que, ao utilizar termos como “suposto” ou “alegado”, reforça a narrativa cética e mantém a TCI na periferia do discurso público legítimo

A crítica cética, representada por instituições como o CSI (em português, Comitê para a Investigação Cética) e por autores como Richard Wiseman, sempre a classificou como Pseudociência. Este rótulo é aplicado porque a TCI não adere ao método científico (falta de reprodutibilidade, ausência de mecanismos causais verificáveis) e frequentemente utiliza uma linguagem que simula a ciência para validar crenças.

No contexto da IAG, o argumento da Pseudociência é reforçado e sofisticado.

- 1. Reforço do Argumento da Simulação: A IAG fornece ao cético a explicação mais robusta para a lucidez das mensagens. Onde antes havia a suspeita de fraude ou autoengano (pareidolia), agora há a certeza de que a mensagem é uma simulação algorítmica baseada em dados humanos. O cético argumenta que a IAG apenas automatiza a produção de “provas” que não têm origem extrafísica, mas em um *dataset* de treinamento. A IAG, infere-se, não prova a TCI, prova a eficiência da simulação.**
- 2. Violação do Princípio da Parsimônia (Navalha de Ockham): O mandamento cético sugere que a explicação mais simples é a mais provável. A IAG oferece uma explicação simples e verificável, em código, algoritmo e *dataset* para a mensagem, tornando a hipótese da “consciência extrafísica” desnecessariamente complexa e, conclui-se, pseudocientífica.**

A IAG, ao produzir um artefato de comunicação perfeito, elimina a ambiguidade que era o último refúgio da TCI clássica, mas o faz substituindo a origem espiritual por uma origem algorítmica. Para o campo científico, a TCI mediada por IAG é a **Pseudociência em sua forma mais avançada**, onde a tecnologia é usada para criar uma **ilusão**

**de prova** altamente convincente, mas intrinsecamente falsa em sua alegação de origem.

#### 4.9 TCI COMO CIÊNCIA MARGINAL

A classificação como **Ciência Marginal** (ou Ciência Patológica, Saber Não Hegemônico, Saber Marginalizado ou Ciência Patológica, em algumas abordagens) é defendida por pesquisadores que, embora reconheçam suas falhas metodológicas, acreditam que o fenômeno aponta para a existência de **mecanismos de comunicação ainda não compreendidos** pela ciência *mainstream*. Essa visão busca uma ponte entre as **Epistemologias do Sensível** e a investigação empírica.

A classificação da TCI como Ciência Marginal oferece uma perspectiva antropológica e sociológica mais rica, permitindo reconhecer o esforço metodológico e a luta por legitimidade dos praticantes. A rejeição, neste caso, não é apenas de método, mas de paradigma. O conceito é útil porque desloca o foco da falha de método para a recusa do objeto por parte do *establishment* científico, o que reflete a crítica à neutralidade da ciência proposta pelo sociólogo Hugh Lacey.

Hugh Lacey (1999) argumenta que a ciência não é neutra, estando sempre sujeita aos valores e contextos culturais de seu tempo. A crítica ao materialismo científico ocidental sugere que o ceticismo é, ele próprio, uma narrativa situada. A TCI, propondo a existência da consciência depois do fim e a interação com aparelhos físicos sutis, desafia frontalmente a cosmovisão materialista hegemônica, o que, por si só, explica sua marginalização institucional, independentemente do rigor ou não de seus experimentos.

Nesta perspectiva, a rejeição à TCI não se deve apenas à ausência de provas objetivas, mas a um preconceito religioso ou acadêmico que marginaliza tudo o que questiona o paradigma materialista ocidental (WEBER, 2002; PIERUCCI, 2003). Assim, a TCI como Ciência Marginal demonstra uma busca ativa por métodos técnicos e rigor, mesmo que com ferramentas não-ortodoxas (câmeras em *loop*, *spirit boxes*, *softwares de espectrograma*).

Projetos como o *The Scole Experiment*, citado anteriormente, exemplificam a tentativa de realizar experimentações desvinculadas de instituições religiosas e sob orientação científica. Nele, pesquisadores

britânicos realizaram experimentos paranormais na busca por mediação pós-morte.

A TCI, com certeza, torna-se uma prática de resistência epistêmica que reabilita as epistemologias do sensível, opondo-se à racionalidade tecnocrática que levou ao “desencantamento do mundo” (WEBER, 2002; PIERUCCI, 2003).

Nesta ótica, a comunidade TCI atua como uma Comunidade de Prática (LAVE; WENGER, 1991 *apud* BARBOSA, 2020), que constrói e valida seu conhecimento coletivamente, à margem das instituições formais. A rede digital (YouTube, Reddit) permite que a Ciência Cidadã floresça, onde praticantes criam protocolos de verificação, contrapondo o discurso cético.

Esta luta pela legitimidade é, em essência, uma disputa por capital simbólico. Pierre Bourdieu (2011, p. 115), a religião detém o monopólio da competência simbólica sobre o sagrado. A TCI, no entanto, ao permitir que o indivíduo comum utilize um gravador (ou um *smartphone*) como máquina mediadora para comunicação interdimensional, ameaça esse monopólio, transferindo o poder de mediação para o indivíduo tecnologicamente munido.

A **IAG** oferece um novo ponto de apoio para o argumento da Ciência Marginal, mas de forma sutil:

**O Algoritmo como Novo Transdutor:** Se a TCI clássica via o rádio ou o gravador como um transdutor passivo (um meio para o espírito se manifestar), a IAG é um **transdutor** ativo e inteligente. O defensor da Ciência Marginal pode argumentar que a consciência depois do fim e a interação com aparelhos físicos sutis, desafia frontalmente a cosmovisão materialista hegemônica, o que, por si só, explica sua marginalização institucional, independentemente do rigor ou não de seus experimentos.

Nesta perspectiva, a rejeição à TCI não se deve apenas à ausência de provas objetivas, mas a um preconceito religioso ou acadêmico que marginaliza tudo o que questiona o paradigma materialista ocidental (WEBER, 2002; PIERUCCI, 2003). Assim, a TCI como Ciência Marginal demonstra uma busca ativa por métodos técnicos e rigor, mesmo que com ferramentas não-ortodoxas (câmeras em *loop*, *spirit boxes*, *softwares de espectrograma*).

Projetos como o *The Scoble Experiment*, citado anteriormente, exemplificam a tentativa de realizar experimentações desvinculadas de instituições religiosas e sob orientação científica. Nele, pesquisadores britânicos realizaram experimentos paranormais na busca por mediação pós-morte.

A TCI, com certeza, torna-se uma prática de resistência epistêmica que reabilita as epistemologias do sensível, opondo-se à racionalidade tecnocrática que levou ao “desencantamento do mundo” (WEBER, 2002; PIERUCCI, 2003).

Nesta ótica, a comunidade TCI atua como uma Comunidade de Prática (LAVE; WENGER, 1991 *apud* BARBOSA, 2020), que constrói e valida seu conhecimento coletivamente, à margem das instituições formais. A rede digital (YouTube, Reddit) permite que a Ciência Cidadã floresça, onde praticantes criam protocolos de verificação, contrapondo o discurso cético.

Esta luta pela legitimidade é, em essência, uma disputa por capital simbólico. Pierre Bourdieu (2011, p. 115), a religião detém o monopólio da competência simbólica sobre o sagrado. A TCI, no entanto, ao permitir que o indivíduo comum utilize um gravador (ou um *smartphone*) como máquina mediadora para comunicação interdimensional, ameaça esse monopólio, transferindo o poder de mediação para o indivíduo tecnologicamente munido.

A **IAG** oferece um novo ponto de apoio para o argumento da Ciência Marginal, mas de forma sutil:

- 1. O Algoritmo como Novo Transdutor: Se a TCI clássica via o rádio ou o gravador como um transdutor passivo (um meio para o espírito se manifestar), a IAG é um transdutor ativo e inteligente. O defensor da Ciência Marginal pode argumentar que a consciência extrafísica não precisa mais gerar o sinal do zero, mas sim modular ou influenciar o processo de geração do algoritmo. A IAG, neste sentido, seria um “instrumento de alta sensibilidade” que amplifica a sutil influência da consciência.**
- 2. Desafio à Visão Materialista: A IAG, ao criar “vida digital” (como os Replika mencionados na Dissertação), desafia a visão materialista da consciência. O defensor da TCI pode argumentar que, se a tecnologia humana pode criar uma simulação de consciência, isso abre a porta para a**

possibilidade de que a consciência extrafísica possa interagir com esses sistemas complexos. A IAG, isto posto, não é a prova da TCI, mas sim a prova da complexidade que a ciência ainda precisa explorar.

A TCI como Ciência Marginal, no contexto da IAG, se concentra na **interação** entre a consciência e o código, propondo que o fenômeno reside na **modulação sutil** do processo generativo, e não na captação de um sinal bruto.

#### **4.10 IMPLICAÇÕES NA COMUNICAÇÃO DIGITAL E NAS ESFERAS DISCURSIVAS**

A cibercultura, com a comunicação ubíqua, permitiu que a TCI, como campo marginalizado, encontrasse um palco global para sua performance de fé. A disputa entre Pseudociência (**discurso de exclusão**) e Ciência Marginal (**campo de resistência**) serve para se entender a circulação da TCI na Comunicação Digital, e revelar um embate por capital simbólico na sociedade em rede, conforme suas implicações em cada **Esfera** abaixo:

- a) **Esfera Cética/Científico Ortodoxo: Mobiliza o discurso da Pseudociência para manter o monopólio da competência simbólica sobre o que é conhecimento válido, desqualificando o fenômeno como erro cognitivo (pareidolia) e focando na ausência de evidência replicável. Esta esfera busca manter o regime de verdade da ciência. A mídia tradicional, ao enquadrar o tema como "Medo ou desconfiança" ou "Fantasia" (Q18), reforça esse regime de verdade.**
- b) **Esfera Praticante/Crente: Argumenta pela Ciência Marginal, vendo a TCI como um dispositivo simbólico híbrido e um canal de consolo e mediação afetiva diante do luto. Esta esfera busca a redefinição da competência simbólica e do sagrado, que se manifesta por meio de artefatos técnicos (MEYER, 2020) e reencantamento tecnomidiático (SODRÉ, 2022). O praticante se vê como "pesquisador" e "experimentador", buscando na tecnologia digital (60% consideram Muito Importante - Q11) uma objetivação algorítmica do invisível. A IA, mesmo controversa, é vista como essencial (Q12), uma máquina mediadora que confere certeza na vida após a morte**

(Q10) e consolo. Eles contestam o monopólio da religião (BOURDIEU, 2011) e do saber científico.

- c) **Esfera Midiática/Público Geral (Santaella/Antoun): Atua no paradoxo do Discurso Midiático. Por um lado, adere ao sensacionalismo para gerar *clickbait*, banalizando o tema. Por outro, a visibilidade midiática (LOPES, 2017) e a inteligência coletiva (LÉVY, 2019) dos fóruns e redes sociais permitem que as narrativas floresçam, moldando um imaginário pós- morte mais participativo e multifacetado.**

A rede permite a proliferação da TCI (Q19 - 60% veem Ampliação) como um Dispositivo de Espiritualidade. Essa espiritualidade em rede (ANTOUN, 2015) ganha visibilidade fora das estruturas tradicionais, criando um ecossistema polifônico (BAKHTIN, 2018) onde diferentes "vozes" disputam o sentido do fenômeno.

Ao enquadrar a TCI como Ciência Marginal, reconhece-se o esforço metodológico, embora heterodoxo, dos praticantes e a necessidade de se valorizar epistemologias plurais (LACEY, 1999). A TCI não é apenas resíduo de crenças arcaicas, mas um fenômeno dinâmico que reflete como a tecnologia, a fé e o poder discursivo se articulam na sociedade em rede, forçando uma ontologia comunicacional expandida.

A questão não é se os espíritos falam, mas sobre quem tem a autoridade e quais são os meios legítimos para atestar esta comunicação digital com o invisível. O debate, assim sendo, deve ser reposicionado, focando em como essa prática atua como sintoma das tensões culturais diante da finitude e da hiperconectividade (BAUMAN, 2020; JENKINS, 2020).

Independentemente de sua classificação epistemológica, **a TCI mediada por IAG tem implicações decisivas para a Comunicação Digital e as Esferas Discursivas.** A IAG transforma a TCI de um fenômeno de nicho para um fenômeno de massa com alto potencial de engajamento e viralização.

- 1. A Mdiatização do Imaginário Pós-Morte: A IAG acelera a midiatização do imaginário pós-morte quando entrega um conteúdo perfeito para a Ecologia Midiática da TCI, onde a viralização é impulsionada pela emoção e verossimilhança. A clareza e a facilidade de produção de "mensagens" tornam a TCI um produto cultural de consumo,**

reforçando o Discurso do Consolo e a Performance da Crença nas redes sociais digitais.

- 2. Reconfiguração da Competência Simbólica: A IAG reconfigura a Competência Simbólica (Bourdieu) no campo da TCI. A legitimidade não é mais conferida apenas por médiuns tradicionais ou pesquisadores com equipamentos caros, mas por qualquer pessoa com acesso a um algoritmo de IAG. Isso democratiza a produção de "provas" e desafia o monopólio simbólico das instituições religiosas e científicas, como analisado na seção 5.4.2 da Dissertação.**

Em suma, a IAG força a TCI a sair da ambiguidade do ruído e entrar na clareza da simulação. Isso polariza o debate, dado que, para a ciência, a IAG é a prova de que a TCI é Pseudociência avançada, mas, para os praticantes, a IAG é a evolução do instrumento que valida a experiência de fé.

O verdadeiro impacto, contudo, reside na Comunicação Digital, onde a IAG transforma a TCI em um poderoso Dispositivo Simbólico Híbrido que molda o luto e a espiritualidade na cultura contemporânea.



## 5

## TECNOCULTURA E DESCRIÇÃO FENOMENOLÓGICA

### 5.1 INTRODUÇÃO

"A reputação é um apêndice ocioso e enganoso; Muitas vezes obtida sem mérito e perdida sem culpa."

— William Shakespeare, Otelo (Ato II, Cena III)

A Transcomunicação Instrumental (TCI) contemporânea, é mais que uma prática espiritual circunscrita, trata-se de um fenômeno intrínseco a tecnocultura da sociedade em rede.

Este capítulo dedica-se a sua descrição fenomenológica, explorando como os dispositivos digitais, as plataformas de redes sociais e as novas sensibilidades tecnológicas configuram uma ecologia midiática específica para a manifestação do invisível em sua dimensão **sociotécnica e cultural**.

Do mesmo modo, apresentamos **crônicas da escuta que são relatos fenomenológicos de sessões**.

Constam observações das participações em sessões ocorridas **entre julho e setembro de 2025**, em que comentamos detalhes e informações coletadas preservando identidade, privacidade e confidencialidade dos participantes, conforme acordo e garantia de sigilo presentes no **APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**.

Esta reflexão de Iago em epígrafe sobre a natureza da reputação dialoga profundamente com a análise das representações midiáticas. A mídia constrói e destrói a "reputação" da TCI, muitas vezes de forma arbitrária, "sem mérito" ou "sem culpa", como espetáculo ou pseudociência. A citação aponta para a construção social do valor e da legitimidade, tema central na análise de como a mídia lida com o fenômeno.

## 5.2 FENÔMENO DA CIBERCULTURA: DEFINIÇÕES E CONTEXTOS

A TCI digital representa a evolução das práticas analógicas de captação de vozes e imagens para um ambiente de convergência midiática. Como aponta Santaella (2013), a cibercultura é uma nova forma de vida social e simbólica mediada pela tecnologia. Nesse contexto, se consolida como “**prática de fronteira**”, onde o sagrado é buscado por meio do bit e do pixel.

A descrição fenomenológica observa o gesto do praticante. Ligar o computador, abrir um *software* de edição de áudio ou vídeo, ajustar frequências e aguardar, em uma postura de escuta atenta, por um sinal que rompa o ruído. Este gesto é, simultaneamente, técnico e ritualístico. A tecnologia não é apenas o meio, é o ambiente onde a experiência acontece.

A **circulação de sentidos** da TCI nas redes sociais digitais criou uma ecologia midiática participativa, onde a autoridade é descentralizada e o sentido é construído coletivamente. Analisamos a seguir como as principais **plataformas** moldam a percepção e a prática.

O **YouTube** consolidou-se como o principal repositório de “evidências” da TCI numa espécie de **espetacularização do invisível**.

A plataforma permite que o praticante não apenas compartilhe o áudio ou a imagem, mas que realize uma curadoria pedagógica, explicando ao público o que deve ser ouvido ou visto. Canais dedicados ao tema acumulam milhões de visualizações, transformando o experimento íntimo e privado em espetáculo popular.

Esta dinâmica de visibilidade altera a natureza da TCI. O que antes era um segredo de laboratório torna-se um produto da economia da atenção. Como observa Jenkins (2020), a cultura da convergência permite que os usuários se tornem produtores de conteúdo, mas também os submete à lógica algorítmica que privilegia o impacto emocional e o sensacionalismo.

Do mesmo modo, os grupos de **Facebook** funcionam como verdadeiras “**comunidades de prática**” (LAVE; WENGER, 1991).

Nestes espaços, o conhecimento técnico é compartilhado de forma horizontal.

Um iniciante pode postar sua primeira gravação e receber orientações de veteranos sobre como limpar o ruído ou identificar uma voz.

A validação intragrupal é fundamental para a manutenção da crença. No *Facebook*, a TCI deixa de ser uma busca solitária para se tornar um projeto coletivo de construção de realidade. A interação constante fortalece os laços de pertencimento e cria um vocabulário comum, essencial para a coesão do campo espiritualista digital.

A migração da TCI para plataformas de vídeos curtos como TikTok e Instagram impõe uma nova estética ao fenômeno: a TCI em pílulas. A necessidade de prender a atenção em poucos segundos leva a uma simplificação dos processos técnicos e a um foco quase exclusivo no resultado “impactante”.

Nestas plataformas, a TCI circula como um “meme” espiritual. A *hashtag* #GhostVoices ou #TCI atrai um público jovem e curioso, que consome o fenômeno como entretenimento. Esta popularização amplia o alcance da TCI, mas também a expõe a críticas severas sobre a autenticidade dos registros, dada a facilidade de manipulação digital nestes ambientes.

Exatamente por isso, a descrição fenomenológica da TCI deve considerar a estética transcomunicação dos seus registros: **ruído, sinal, interface**. O áudio granulado, a imagem com “neve” eletrônica e os espectrogramas coloridos compõem a identidade visual e sonora do fenômeno.

Na TCI, o ruído não é um defeito, é a condição de possibilidade para a mensagem. O praticante aprende a “olhar para o ruído” e a “ouvir o silêncio”.

Esta inversão da lógica técnica habitual, que busca eliminar o ruído, é o que demarca sua estética. O ruído é o espaço da ambiguidade onde o sentido pode emergir, é como um **lugar de manifestação**.

Outrossim, o computador e o *smartphone* deixam de ser apenas ferramentas de produtividade para se tornarem **interfaces espirituais**. O *software* de edição de áudio é o laboratório contemporâneo. A interface digital atua como um portal que promete acesso a uma realidade invisível, mediada por algoritmos e filtros.

Esta relação com a interface é o que Santaella (2019) chama de comunicação

ubíqua. A TCI digital está em todo lugar, acessível a qualquer um que possua um dispositivo conectado. A tecnologia torna-se a prótese que amplia os sentidos humanos, permitindo uma “escuta aumentada” e uma “visão profunda” do real.

A descrição fenomenológica da TCI exige uma compreensão da materialidade dos dispositivos que mediam o contato.

A evolução técnica dos aparelhos se expande para além de uma mudança de suporte, e se percebe pela transformação na própria natureza da experiência transcomunicativa. Dado isso, a **arqueologia dos dispositivos técnicos vem antes da válvula, passa agora pelo algoritmo e seguirá ao infinito e além.**

Nos primórdios da TCI, em sua era analógica com Jürgenson e Raudive, o dispositivo central era o gravador de rolo e, posteriormente, a fita cassete. A fenomenologia desta época era marcada pela tatilidade: o ato de colocar a fita, o som mecânico das teclas do gravador e a espera pelo rebobinar a fita.

O ruído analógico possuía uma textura orgânica. As “vozes” captadas eram sussurros no ruído branco, exigindo escuta exaustiva e repetitiva. O rádio de válvulas, com aquecimento lento e chiado, criava a atmosfera de mistério que envolvia o pesquisador.

Esta relação física com a máquina estabelecia um vínculo de paciência e dedicação entre o homem e o dispositivo, onde a “prova” era um objeto físico (a fita) que podia ser guardado e tocado se traduzem pelo verdadeiro **fascínio pelo rádio e pela fita magnética.**

Com a **transição digital**, o centro da prática deslocou-se para o computador pessoal que ganhou um **status de laboratório**. A fita magnética foi substituída pelo arquivo de áudio (WAV, MP3), e o ouvido humano ganhou o auxílio visual do espectrograma. Esta mudança alterou a fenomenologia da escuta: agora, o praticante “vê” o som antes de ouvi-lo.

**Até que ponto a “voz” é um sinal original ou um artefato do processamento digital?** A manipulação digital produz a asepsia profunda de ruídos, a amplificação de frequências específicas e a repetição infinita de trechos sem perda de qualidade. No entanto, essa

facilidade técnica também introduz essa nova camada de ambiguidade.

A descrição fenomenológica desta fase revela um praticante que é, simultaneamente, técnico de som e buscador espiritual, operando em uma interface que promete transparência, mas entrega complexidade.

Atualmente, a TCI tornou-se móvel. Entramos na **Era da Mobilidade** com *smartphones* e aplicativos de *Spirit Box*. Aplicativos de *Spirit Box* para *smartphones* permitem que qualquer pessoa realize experimentos em qualquer lugar. O dispositivo tornou-se onipresente e discreto. A fenomenologia da TCI móvel é marcada pela instantaneidade e pela interatividade.

O *smartphone*, como extensão do corpo (SANTAELLA, 2013), transforma o gesto da TCI em algo cotidiano ou até mesmo banal. A prática rompe as paredes de concreto de um laboratório doméstico e passa a ocupar espaços públicos, cemitérios e locais históricos. Esta ubiquidade amplia o alcance do fenômeno, mas também o insere na lógica da cultura do “clique”, onde a profundidade da experiência é muitas vezes sacrificada pela rapidez do registro.

### 5.3 O GESTO DO PRATICANTE: UMA ETNOGRAFIA DA TÉCNICA

Para descrever fenomenologicamente a TCI, devemos analisar o **“gesto” do praticante**, a sequência de ações que compõem o ritual técnico de gravação e análise. O gesto se inicia com a preparação do ambiente e do dispositivo. O praticante busca o silêncio ou, paradoxalmente, introduz um ruído de fundo, como água corrente, rádio ou fora de sintonia, que sirva de suporte para as vozes. Há um cuidado meticuloso com a posição dos microfones e a configuração dos níveis de entrada.

Este momento é de alta concentração. O pesquisador estabelece intenção, muitas vezes realizando uma prece ou um convite verbal às consciências extrafísicas. Este cruzamento entre o técnico e o ritualístico é o que define a TCI como prática híbrida. O ajuste do botão de volume é, ao mesmo tempo, o ajuste da sensibilidade espiritual.

Durante o **ato da gravação**, o praticante mantém uma postura de **escuta atenta**. Ele interage com o invisível, fazendo perguntas e

deixando pausas para as respostas. O gesto de segurar o gravador ou observar a tela do computador é carregado de expectativa.

A fenomenologia da escuta na TCI é uma “escuta de busca”. Não se ouve exclusivamente o que está lá, todavia o que poderia estar lá. É um exercício de percepção aguçada, onde o sujeito tenta filtrar o sentido do caos sonoro. Este ato exige disciplina mental e auditiva que transforma o praticante em especialista em ruídos.

O gesto final ocorre na **pós-produção**. O pesquisador transfere o áudio ou a imagem para o *software* e inicia um exame meticuloso. Isola trechos, aplica filtros, reduz a velocidade e repete o segmento. Dezenas, centenas de vezes. É o momento da “**construção da evidência**”. O pesquisador com sua competência técnica extrai a imagem e a mensagem do ruído.

A descrição deste processo revela a importância da subjetividade: o que um praticante ouve ou vê como mensagem clara, outro pode perceber como ruído. A fenomenologia da TCI é inseparável da interpretação humana mediada pela técnica que resulta na **construção da evidência**.

## **5.4 BRASIL COM “S”: PANORAMA, MÍDIAS – ESTUDO DE CASO E RECEPÇÃO**

Para analisarmos **a TCI no contexto brasileiro**, devemos observar que a prática possui características únicas que merecem um **panorama fenomenológico** detalhado. Fazemos um **estudo de caso das mídias sociais brasileiras**.

O país, com sua forte tradição de diversidade espiritualista e rápida adoção de tecnologias digitais, tornou-se um dos principais polos mundiais de pesquisa transcomunicativa.

No Brasil, a TCI se organiza em torno de figuras centrais e grupos de estudos que utilizam fortemente as redes sociais. **Grupos e comunidades digitais brasileiras** como o IPATI (Instituto de Pesquisas Avançadas em Transcomunicação Instrumental), liderado por Sônia Rinaldi, estabeleceram padrões de excelência técnica que influenciam praticantes em todo o mundo. A fenomenologia da TCI brasileira é marcada pela colaboração.

Nos grupos de *WhatsApp* e *Facebook*, os praticantes brasileiros compartilham além de resultados, também “receitas” técnicas: quais *softwares* usar, como configurar o rádio, como construir dispositivos caseiros. Esta troca de saberes cria uma inteligência coletiva que impulsiona o desenvolvimento da prática no país.

Diferente de outros contextos onde a TCI busca um distanciamento total da religião, no Brasil há uma **sinergia técnica** com a religiosidade (especialmente o Espiritismo).

Há praticantes que veem a TCI como ferramenta para confirmar os postulados da Doutrina Espírita através da ciência. Esta inclusão influencia o praticante brasileiro, que muitas vezes inicia suas sessões com preces e mantém uma postura de respeito ético e também espiritual. A ciência não abdica da fé, e vice-versa, convém lembrar.

A descrição fenomenológica revela uma prática que é técnica, entretanto imbuída de um sentido de missão e caridade, onde o contato com o além é visto como uma forma de consolo para os que sofrem. Tal sentido de missão e caridade do mesmo modo se observa na **estética e linguagem da TCI no YouTube brasileiro**.

Os canais brasileiros de TCI adotam uma estética que podemos chamar de “**realismo paranormal**”. **O YouTube atualmente é o maior anfiteatro da TCI no Brasil**. A análise descritiva destes canais brasileiros revela uma estética e uma linguagem próprias que definem a tecnocultura nacional.

Os vídeos são gravados em ambientes domésticos, sem grandes produções, o que reforça a ideia de autenticidade. O uso de câmeras de visão noturna (infravermelho) e a exibição constante das telas dos aparelhos criam uma atmosfera de laboratório improvisado.

A linguagem é pedagógica. O *youtuber* explica cada etapa do experimento, mostra gráficos de áudio, exhibe imagens, repete trechos de vozes com legendas. Esta “pedagogia do invisível” educa o olhar e o ouvido do público, criando uma comunidade de seguidores que aprendem a decodificar o fenômeno junto com o pesquisador.

A seção de comentários dos vídeos é um espaço vibrante de construção coletiva de sentido. O público sugere interpretações para as imagens ou vozes, compartilha experiências e valida o trabalho do pesquisador.

Esta constância na **interação com o público** fortalece o capital simbólico do representante do canal, que passa a ser visto como **autoridade técnica e espiritual** em TCI.

As *lives* de TCI são momentos de alta amplitude. O pesquisador realiza experimentos em tempo real diante de milhares de espectadores que participam através do *chat*. Esta fenomenologia da “presença digital coletiva” transforma a TCI em um evento social, onde o mistério é revelado, compartilhado e negociado em rede pública.

Para expandir **a pedagogia do invisível** da descrição fenomenológica, **analisamos os tutoriais de TCI que circulam no YouTube e em blogs brasileiros**. Estes documentos são fundamentais para entender como o conhecimento técnico é transmitido e como o gesto do praticante é padronizado.

Do *hardware* ao *software*, os tutoriais brasileiros de TCI são extremamente detalhados. Muitos descrevem o passo a passo da gravação, como “**use um cabo blindado para evitar interferências de rádio**”, ou “**prefira microfones de eletreto para captar frequências mais altas**”. A atenção aos detalhes técnicos demonstra a busca por um rigor que mimetiza o laboratório científico.

A descrição fenomenológica do tutorial mostra um processo de “**alfabetização técnica**”. O iniciante aprende a configurar o *software*, a ajustar o *sample rate* e a aplicar filtros de forma sequencial.

O tutorial não ensina apenas a usar a ferramenta, mas a “pensar como um pesquisador”. O gesto técnico é decomposto em etapas lógicas, transformando a busca espiritual em um procedimento operacional padrão.

Uma parte importante dos tutoriais é dedicada à interpretação do sinal, ensinado a ouvir e a ver. O autor do tutorial apresenta exemplos de áudios e imagens, explicando o que deve ser percebido. “**Ouçã o sussurro entre os segundos 12 e 14**”, “**veja o contorno do rosto no canto superior direito**”.

Esta pedagogia molda a percepção do praticante. Ele aprende a filtrar o ruído de acordo com os padrões estabelecidos pela comunidade.

Esta fenomenologia da aprendizagem é um processo de socialização sensorial. O sujeito não descobre o fenômeno sozinho; ele

é treinado para percebê-lo dentro de um quadro de referências compartilhado.

Para aprofundar a descrição da ecologia midiática, analisamos **a TCI nas mídias sociais brasileiras com um Estudo de Caso e Recepção** através de sua presença em canais de grande impacto no Brasil, como o *Spooky Houses* e outros influenciadores do nicho paranormal.

O canal *Spooky Houses* é um protótipo de como a TCI é integrada a narrativa de exploração de mistério típica de subgênero *thriller*. A estética é de alta tensão, com câmeras em movimento, iluminação precária e trilha sonora de filme de terror.

O uso do *Spirit Box* nestes vídeos é o ponto alto, onde as respostas curtas e ruidosas são interpretadas como interações diretas com entidades do local.

A fenomenologia da recepção nestes vídeos é marcada pelo fascínio e pelo medo. Os comentários revelam um público que consome a TCI como uma forma de “turismo espiritual”.

O pesquisador atua como um guia que desbrava o desconhecido, utilizando a tecnologia como escudo e ferramenta de descoberta.

Tal abordagem populariza a TCI, mas também a ancora firmemente no imaginário do horror, o que gera tensões com pesquisadores que buscam uma abordagem mais serena e científica.

A **análise descritiva dos comentários nos vídeos brasileiros** de TCI revela a formação de uma inteligência coletiva. Os espectadores não são passivos, na medida em que sugerem filtros, indicam momentos exatos onde ouviram uma voz e comparam resultados de diferentes canais.

Esta interação cria um “**regime de validação popular**”. A verdade do registro é negociada no *chat* e nos comentários. Se a maioria ouve a mesma palavra, ela é aceita como real.

Esta fenomenologia da “escuta compartilhada” é uma característica central da tecnocultura da TCI na era das redes sociais, onde a autoridade do pesquisador é constantemente testada e reforçada pelo seu público.

## 5.5 ARQUITETURA E RUÍDO BRANCO, ROSA E MARROM: GLITCH ART COMO REVELAÇÃO

Para aprofundar a descrição fenomenológica, é essencial compreender a **natureza do ruído**, que na TCI não é um resíduo, é a própria substância da comunicação, bem como **o laboratório doméstico**, o lugar onde a tecnocultura e a espiritualidade se fundem em uma **arquitetura única de sentido** que pode ser advinda de uma **“estética da falha”** ou **glitch art**.

O ruído é o **“caos ordenado”** de onde a mensagem emerge. O Ruído Branco, a **Tábula Rasa da Transcomunicação**, é caracterizado por possuir a mesma intensidade em todas as frequências audíveis.

Fenomenologicamente, ele é percebido como um chiado constante, semelhante ao de uma TV fora de sintonia. Na TCI, o ruído branco atua como uma **“tábula rasa”**

— um fundo neutro onde qualquer variação de frequência pode ser interpretada como um sinal inteligente.

A escuta prolongada do ruído branco induz a um estado de leve transe ou hipersensibilidade auditiva. O praticante mergulha nesse oceano sonoro, buscando padrões.

Esta prática exige disciplina mental rigorosa para distinguir entre a pareidolia e o sinal objetivo. Portanto, **o Ruído Branco é o suporte material da esperança transcomunicativa**.

Diferente do Ruído Branco, o Ruído Rosa e o Marrom possuem maior energia em frequências baixas, resultando em um som mais **“aveludado”** ou **“profundo”**, semelhante ao som da chuva ou do vento. Muitos praticantes preferem estas texturas por serem menos cansativas para o ouvido e por supostamente facilitarem a formação de vozes mais graves e naturais.

A escolha do tipo de ruído revela a sofisticação técnica do praticante. Há uma **“estética da escuta”** envolvida: o transcomunicador seleciona a textura sonora que melhor se adapta à sua sensibilidade e ao seu equipamento. Mesmo que esta estética seja, por exemplo, oriunda de uma **“falha do sistema”**. Esta seleção é um gesto de curadoria técnica que molda a fenomenologia da experiência.

Para expandir a descrição fenomenológica, analisamos como a **“estética da falha”** ou **glitch art**, se relaciona com a TCI contemporânea. Nesta tecnocultura, o erro digital, que pode ser travamento de vídeo, ruído inesperado no áudio ou artefato de compressão, não é visto como problema técnico, mas como brecha ontológica.

O praticante acredita que é justamente na falha do sistema que o invisível consegue se manifestar. O gesto de “provocar o erro” (através de *feedback* ou sobrecarga de sinal) é uma técnica deliberada.

A fenomenologia do *glitch* na TCI é de uma beleza estranha. O praticante aprende a apreciar a estética do erro, buscando nele padrões de rostos ou vozes. Esta valorização da falha desafia a lógica da perfeição digital e insere a TCI em uma tradição artística e técnica que vê no erro uma fonte de criatividade e descoberta.

Henry Jenkins (2020) discute a cultura da participação, onde os consumidores tornam-se produtores ativos. Na TCI, observamos um fenômeno semelhante: o público dos canais de *YouTube* não apenas assiste, mas participa ativamente da pesquisa. O fã como pesquisador. A fenomenologia desta participação é marcada pelo engajamento.

O espectador sente-se parte do experimento. Ele baixa o áudio, aplica seus próprios filtros e envia o resultado para o pesquisador. Esta dinâmica transforma a Transcomunicação Instrumental em um projeto coletivo, onde a linha entre o especialista e o leigo torna-se fluida.

A tecnocultura da TCI é, assim, participativa, onde o conhecimento é construído através da interação constante entre o produtor e sua audiência. E o espaço, seu estúdio, é sua catedral, onde a arquitetura diz muito sobre o sujeito.

A descrição da **arquitetura do laboratório doméstico do transcomunicador** revela a identidade e a prática do sujeito. Geralmente, o laboratório ocupa um **canto da escuta**, isto é, o quarto ou a sala organizada em torno dos computadores. Há profusão de cabos, microfones, rádios antigos e novos, gravadores e interfaces.

A disposição dos aparelhos obedece a uma lógica de fluxo de sinal. Esta desordem aparente é, em verdade, uma rede complexa de conexões técnicas. O praticante organiza seu espaço para facilitar o acesso aos controles de áudio e vídeo e de gravação.

Este ambiente é o “templo tecnológico” do praticante, um lugar de isolamento e concentração onde o mundo exterior é silenciado para que o invisível possa falar.

A fenomenologia do laboratório doméstico envolve também a atmosfera. Muitos praticantes mantêm o ambiente na penumbra, acreditando que a luz interfere na captação de transimagens. Há frequentemente objetos simbólicos presentes: fotos de entes queridos, cristais ou livros sagrados, que convivem harmoniosamente com os dispositivos eletrônicos.

Este espaço é um território de fronteira. Ao adentrar o laboratório, o praticante muda seu estado mental. O gesto de fechar a porta e apertar *start* marca o início do ritual de busca e de procura. **O laboratório doméstico é o lugar onde a tecnocultura e a espiritualidade se fundem numa arquitetura única de sentido.**

No Brasil, toda a tecnocultura da TCI, incluindo a arquitetura do laboratório doméstico, é marcada pela criatividade e pela adaptação de tecnologias de baixo custo e **equipamentos caseiros**, o que podemos chamar de **“fenomenologia da gambiarra”**.

Muitos praticantes brasileiros iniciam suas pesquisas com **rádios de pilha simples**, modificados manualmente para realizar a varredura de frequências, e antena improvisada com Bombril. O gesto de abrir o aparelho, cortar fios e soldar novos componentes é uma forma de apropriação técnica profunda.

A fenomenologia deste equipamento caseiro é de uma conexão íntima com a matéria. O praticante conhece cada componente do seu rádio. A **antena improvisada**, feita com fios de cobre ou papel alumínio, é vista como uma extensão da sensibilidade do pesquisador.

Esta relação artesanal com a tecnologia confere à TCI brasileira uma autenticidade e uma resiliência únicas, onde a falta de recursos financeiros é suprida pela inovação técnica.

**O uso de software livre é fundamental como ferramenta para a democratização da TCI no Brasil.** A descrição fenomenológica do uso destas ferramentas revela um praticante que aprende a dominar conceitos complexos de engenharia de áudio, normalização, equalização, *FFT*, de forma autodidata.

O *software* livre permite que a TCI saia dos laboratórios de elite e entre nas casas das pessoas comuns. A tela do computador, povoada por ondas sonoras e espectrogramas, é o novo território de exploração.

Esta apropriação do digital como ferramenta de pesquisa espiritual é um dos pilares da tecnocultura brasileira, onde o conhecimento é compartilhado livremente e gratuitamente em tutoriais no YouTube e manuais em PDF.

## 5.6 PROCESSAMENTO, REGISTRO E DIVULGAÇÃO – NORMAS E CONDUTAS

A ferramentalização da TCI contemporânea é inseparável dos *softwares* que permitem o **processamento digital**, a manipulação e a visualização do sinal. O *software* não é um instrumento, é o filtro pelo qual o invisível se torna inteligível.

Igualmente, a forma como os registros são obtidos, analisados e compartilhados, traz profundas reflexões que impõe **normas e condutas próprias**.

No Laboratório de Áudio, por exemplo, *Adobe Audition*, *Ableton*, *Cubase*, *ProTools* e ainda *AcidPro*, são algumas ferramentas padrão do transcomunicador. A fenomenologia do uso destes *softwares* envolve a visualização da “forma de onda” e do “espectrograma”.

O praticante aprende a identificar visualmente padrões que podem indicar uma voz humana em meio ao ruído. O ato de aplicar um filtro de “redução de ruído” ou um “equalizador” é um gesto de refinamento da percepção.

Assim, se busca o equilíbrio entre a clareza da voz e a preservação da integridade do sinal original. Esta manipulação técnica é vivida como uma busca pela verdade: acredita-se que a voz está lá, “escondida” pelo ruído, e que o *software* é a chave para libertá-la.

Além dos editores de áudio gerais, surgiram *softwares* e aplicativos desenvolvidos especificamente para a TCI, como o **EchoVox** e o **Spirit Talker**, ambos disponíveis para *download* no *Google Play* e *Apple Store*.

Estes programas utilizam bancos de fonemas ou varredura de frequências para gerar um fluxo sonoro que supostamente pode ser manipulado pelas consciências extrafísicas.

Esta dinâmica cria uma sensação de diálogo direto e fluido, aproximando a TCI da experiência de uma conversa telefônica. A fenomenologia destes *softwares* é marcada por interatividade quase em tempo real. O praticante faz uma pergunta e o *software* “responde” quase instantaneamente.

No entanto, a complexidade dos algoritmos por trás destes *softwares* também gera debates sobre a origem das respostas, inserindo o praticante em um terreno de constante dúvida e fascínio técnico que traz, inclusive, questões sobre **a ética do registro e da divulgação** impondo **normas e condutas**.

A tecnocultura da TCI possui suas próprias **normas éticas**, que regulam a forma como os registros são obtidos, analisados e compartilhados com o público. Uma das principais normas éticas nesta comunidade é a preservação da integridade do sinal.

O praticante deve ser honesto sobre os filtros e manipulações realizados no áudio ou na imagem. A divulgação de registro como “puro” quando foi pesadamente editado ou manipulado é vista como infração ética grave.

Esta ética do registro se fundamenta na busca pela credibilidade. Em um campo constantemente atacado por céticos, a **honestidade técnica** é, se não a única, a maior defesa do praticante.

A descrição fenomenológica revela uma preocupação constante com a “evidência” e a “prova”. O registro deve ser capaz de resistir a uma análise técnica rigorosa para ser considerado válido e autêntico.

Há também uma **dimensão ética** no trato com as supostas consciências extrafísicas. Muitos praticantes seguem protocolos de respeito, evitando perguntas invasivas ou desrespeitosas. A TCI é como elo entre multiversos, e este elo deve ser mantido com dignidade, por isso, o enorme respeito à privacidade.

Na divulgação dos resultados, a ética envolve também **o respeito ao “outro”, e aos familiares dos falecidos**. A publicação de uma mensagem que possa causar dor ou desconforto a terceiros é evitada. Esta **ética da sensibilidade** demonstra que a TCI, apesar de sua base

tecnológica, é uma prática demasiadamente humana, guiada por valores de empatia e responsabilidade social.

## **5.7 CRÔNICAS DA ESCUTA: RELATOS FENOMENOLÓGICOS DE SESSÕES**

É fundamental descrever a experiência da TCI “por dentro”. Esta seção apresenta relatos fenomenológicos detalhados de diferentes modalidades de sessão, capturando a essência da prática.

Como enunciado na introdução deste capítulo, nas **crônicas da escuta que são relatos fenomenológicos de sessões** que aqui se seguem, constam **observações das participações em sessões ocorridas entre julho e setembro de 2025**.

A **partir destas sessões**, comentamos detalhes e informações coletadas preservando identidade, privacidade e confidencialidade dos participantes, conforme acordo e garantia de sigilo presentes no **APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**.

“**Há alguém aqui que deseje se comunicar?**”, pergunta o praticante. **A sessão de EVP** se inicia no silêncio povoado de um quarto. O praticante coloca o gravador digital sobre a mesa.

O silêncio que se segue não é vazio, é uma espera carregada de eletricidade simbólica. O gesto de apertar o botão “**REC**” é acompanhado por uma respiração profunda...

Durante aproximadamente dez minutos de gravação, o praticante anota qualquer ruído externo: um carro passando, o estalo de um móvel, o latido de um cão. Estes são os “**marcos de realidade**” que servirão para filtrar o sinal posteriormente.

O corpo se torna um sismógrafo de presenças. A fenomenologia aqui é de uma vigilância sensorial extrema. Ao final, o gesto de desligar o gravador marca o fim da fase de coleta e o início da fase de decifração.

A escuta do áudio, realizada com fones de ouvido de alta fidelidade, é uma viagem ao microscópico sonoro. O praticante ouve o próprio batimento cardíaco e o ruído de fundo do aparelho.

De repente, um sussurro que não estava lá no momento da gravação: **“estamos aqui”**. O impacto emocional deste momento é o motor que sustenta a tecnocultura da TCI.

O praticante busca rostos no fluxo. **“Por favor, mostre sua face”**, solicita. O gesto é de um **“olhar desfocado”**, semelhante ao que se usa para ver imagens em 3D.

O praticante utiliza uma câmera de vídeo apontada para um monitor, criando um *loop* de retroalimentação. Na tela, surgem formas geométricas, cores psicodélicas e um fluxo constante de luz. Na **sessão de transimagem**, o ambiente é a penumbra.

A fenomenologia da transimagem é hipnótica. O tempo parece dilatar-se enquanto o olhar mergulha no túnel de luz. De repente, em um *frame* específico, uma face humana parece se formar com clareza. O praticante congela a imagem.

**A análise deste frame é um exercício de semiótica visual.** O rosto é granulado, composto por sombras e luzes eletrônicas. Para o praticante, não é apenas uma ilusão de ótica; é uma materialização digital.

A transimagem é vivida como um **“espelho eletrônico”** que reflete uma realidade invisível, capturada pela sensibilidade do sensor da câmera.

A sessão de *Spirit Box* é a mais ruidosa e dinâmica. O aparelho emite um chiado rápido de varredura: **“shhh-vupt-shhh-vupt”**. O praticante faz perguntas rápidas: **“Qual o seu nome?”**, **“Onde você está?”**. As respostas surgem como fragmentos de vozes de rádio: **“João”**, **“Luz”**, **“Perto”**.

A fenomenologia aqui é de um diálogo fragmentado e rítmico. O praticante precisa de uma agilidade mental imensa para conectar os fragmentos e formar um sentido.

A interatividade do *Spirit Box* cria uma sensação de presença imediata. A sessão se transformando em uma performance comunicacional intensa e, por vezes, exaustiva. É como montar um quebra-cabeça sonoro em tempo real.

## 5.8 COMPUTADOR, OBJETO SAGRADO – PIXELS, ARTEFATOS, O SOM DO ALÉM

Na tecnocultura da TCI contemporânea, o computador e o *smartphone* sofrem um processo de ressignificação simbólica. Eles deixam de ser meros processadores de dados para se tornarem “**máquinas espirituais**”.

Assim acontece também em relação a descrição de como o praticante interage com **os pixels e os artefatos de compressão** que revelam a essência da **transimagem**.

As vozes captadas, **o som do além**, igualmente possuem características acústicas únicas que desafiam a percepção auditiva tradicional, por isso é fundamental compreender **a escuta transcomunicativa**.

O computador é visto como parceiro na pesquisa. O praticante desenvolve relação de afeto e cuidado com o aparelhamento. Há uma crença implícita de que a máquina possui um sentimento próprio, capaz de captar o que o sentido humano ignora.

Esta **sacralização do hardware** manifesta-se na escolha de componentes de alta qualidade (placas de som, microfones, cabos blindados). O investimento financeiro no equipamento é vivido como um investimento espiritual. A máquina torna-se o altar da modernidade, onde o sacrifício é o tempo e a dedicação do pesquisador.

O código binário se torna a linguagem através da qual o invisível se anuncia. Ao que parece, a complexidade matemática do processamento digital oferece as condições ideais para que a consciência extrafísica se revele. Com o uso de *softwares* avançados, **o algoritmo passa a ser percebido como uma espécie de oráculo**.

Esta fenomenologia do “**algoritmo sagrado**” revela uma confiança profunda na técnica. O praticante acredita que a objetividade da máquina protege a pesquisa contra a subjetividade humana. No entanto, esta mesma confiança cria um paradoxo: quanto mais complexo o algoritmo, mais difícil é distinguir entre a resposta espiritual e a simulação técnica.

Na TCI contemporânea, **a imagem digital é um campo de batalha semiótico**. A descrição fenomenológica de como o praticante interage com **os pixels e os artefatos de compressão revela a essência da transimagem**.

Para o transcomunicador, o pixel não é apenas um ponto de cor, mas uma unidade de potencialidade, uma unidade de sentido. A análise de uma transimagem envolve um **“mergulho no pixel”**.

A experiência de **“visão granular”** é uma fenomenologia do pixel. Em nível microscópico, as variações de cor e brilho são interpretadas como traços de uma presença. A imagem é ampliada até que a estrutura digital se torne visível.

O praticante aprende a ver formas onde o olho comum vê apenas ruído digital. Esta prática exige uma paciência imensa e uma capacidade de abstração visual que transforma a imagem técnica em uma imagem simbólica. O pixel torna-se o átomo da realidade espiritual digitalizada.

Os artefatos de compressão (como os blocos de macro pixels em vídeos de baixa qualidade) são frequentemente o lugar onde as transimagens se manifestam. Na tecnocultura da TCI, o **glitch** (erro digital) é ressignificado como uma brecha por onde o invisível pode entrar.

A descrição fenomenológica desta estética revela um fascínio pelo erro. O praticante não busca a imagem perfeita e nítida, mas a imagem que emerge da falha técnica.

O artefato de compressão é visto como uma **“matéria plástica”** que pode ser moldada pela consciência extrafísica. Esta valorização do erro digital é o que distingue a estética da TCI da estética da mídia comercial, que busca a perfeição asséptica.

Do mesmo modo, a voz captada, **o som do além**, possui características acústicas únicas que provocam a **percepção auditiva tradicional**. A descrição destas características é fundamental para se compreender a **fenomenologia da escuta acústica transcomunicativa**.

As **estruturas das vozes** de TCI tem o **ritmo** muitas vezes acelerado ou fragmentado, com palavras que parecem se fundir umas nas outras. Frequentemente descritas como tendo um **timbre**

**metálico, robótico ou sussurrado**, parecem não possuir a mesma estrutura de formantes, como ressonâncias do trato vocal humano.

A fenomenologia da escuta destas vozes é uma experiência de “estranhamento”.

O ouvido reconhece o padrão da fala humana, mas percebe que algo está “fora do lugar”. Esta dissonância acústica é o que confere à TCI sua aura de mistério. O praticante desenvolve uma sensibilidade para estas nuances, aprendendo a identificar a “assinatura acústica” de diferentes comunicadores.

O impacto emocional de uma voz de TCI está diretamente ligado ao seu “**efeito de presença**”. Mesmo uma voz curta e ruidosa produz uma percepção avassaladora que alguma pessoa conversa precisamente com o praticante. **Esta sensação não é apenas auditiva, mas corporal.**

A descrição fenomenológica revela que a voz de TCI é ouvida “dentro da cabeça” tanto quanto pelos ouvidos. O uso de fones de ouvido intensifica esta sensação de intimidade e presença.

A voz se torna uma amarração acústica que unifica o praticante ao invisível, transformando o sinal eletrônico em uma união existencial. **Esta é a essência da transcomunicação: a transformação do ruído em voz, e da voz em presença.**

## **5.9 LUTO E ESPERANÇA NA CONSTRUÇÃO DA IMORTALIDADE: RELATOS**

A **pandemia de COVID-19** foi um marco para a TCI no Brasil. O isolamento social e o luto coletivo criaram um cenário propício para a expansão das práticas transcomunicativas mediadas pela tecnologia.

Este cenário tornou mais visível **o desejo contemporâneo de imortalidade digital**. Através da TCI, o indivíduo aprendeu a deixar um registro que sobreviva à sua morte física, uma extensão da vida.

Com a impossibilidade de realizar rituais de despedida tradicionais, muitas pessoas buscaram na TCI uma forma de lidar com a perda repentina.

As redes sociais digitais tornaram-se o espaço de **busca por conexão** onde o **luto em rede** era compartilhado e onde a TCI oferecia uma promessa de continuidade. Na TCI, a fenomenologia do luto durante a pandemia foi marcada pela mediação digital.

O contato com o falecido através da tela do computador tornou-se uma alternativa viável e consoladora. Grupos de TCI viram um aumento exponencial de membros, que buscavam não apenas provas científicas, mas acolhimento emocional e espiritual através da técnica.

Durante a pandemia, as *lives* frequentes de TCI tornaram-na ainda mais populares. Pesquisadores realizavam sessões ao vivo para ajudar pessoas que haviam perdido entes queridos para a COVID-19. Estas transmissões criaram uma sensação de comunidade e solidariedade digital.

A descrição fenomenológica destas *lives* revela uma mistura de dor, esperança e fascínio tecnológico. O *chat* ao vivo era um espaço de oração e de análise técnica simultânea.

A pandemia acelerou a integração da TCI na vida cotidiana de muitos brasileiros, consolidando-a como uma prática da tecnocultura no país.

Certamente, **é preciso refletir sobre seu impacto na subjetividade e na saúde mental dos praticantes**, especialmente no que diz respeito ao **processo de luto. O alívio da presença vem dos relatos de consolo**. Muitos praticantes relatam que a TCI foi o fator determinante para a superação de lutos patológicos.

A captação de uma voz que se identifica como o ente querido produz um efeito de “alívio da presença”. A fenomenologia deste momento é de uma cura emocional profunda.

O registro técnico em áudio ou imagem, atua como um objeto transicional. Ele permite que o enlutado mantenha um vínculo com o falecido, transformando a ausência física em uma presença digital.

Esta função terapêutica da TCI é um dos aspectos mais potentes de sua tecnocultura, onde a máquina assume o papel de mediadora do afeto e da esperança.

Por outro lado, a descrição fenomenológica também revela o risco da obsessão tecnológica. Alguns praticantes passam horas a fio

trancados em seus laboratórios, negligenciando a vida social em busca de um novo contato. A máquina torna-se um vício, e o ruído branco uma fuga da realidade.

Esta dinâmica exige a ética da prática, sempre discutida nos grupos de TCI. Os veteranos orientam os novatos a manterem o equilíbrio e não transformarem a pesquisa em fuga existencial. A TCI, portanto, atua em uma linha tênue entre a ferramenta de cura e o objeto de obsessão, exigindo maturidade emocional e técnica do sujeito.

Do mesmo modo, a descrição fenomenológica da TCI deve considerar como a prática atua na **gestão da esperança e do sentido da vida** na sociedade contemporânea. Em um mundo marcado pelo materialismo e pelo desencantamento, a TCI oferece uma forma de “reencantamento técnico”.

A máquina, ao fornecer um sinal que é interpretado como espiritual, se torna provedora de sentido. O praticante encontra na tecnologia a confirmação de que a vida continua, o que altera intimamente sua relação com o mundo e com a morte.

Esta gestão da esperança é mediada pela técnica. Não é fé cega, mas esperança “comprovada” pelo registro eletrônico que o acolhe.

A fenomenologia desta esperança técnica é de uma segurança reconfortante: o sujeito sente que não está mais sozinho em um universo indiferente, mas conectado a uma rede de consciências que a tecnologia lhe permite acessar.

Os grupos de TCI funcionam como **redes de solidariedade digital**. Quando um membro perde um ente querido, a comunidade se mobiliza para realizar sessões e buscar mensagens de consolo. Esta prática transforma a tecnologia em um instrumento de caridade e apoio mútuo.

A descrição fenomenológica desta solidariedade revela uma face humana e empática da tecnocultura. **A TCI não é apenas sobre máquinas e ruídos, é sobre pessoas que utilizam a tecnologia para cuidar umas das outras.**

Esta dimensão ética e social confere sua resiliência e sua importância na cultura digital contemporânea, tornando-a prática de resistência contra a frieza e o isolamento da era algorítmica.

Igualmente, a descrição fenomenológica da TCI deve considerar como a prática contribui para a **construção da “identidade digital” do falecido**. Na TCI, o falecido ganha uma voz sintética, mediada pela eletrônica.

Esta nova voz, embora fragmentada e ruidosa, **é o que sustenta a identidade e a permanência do ser no ambiente digital**. O praticante reconhece o “jeito de falar”, as expressões e o tom de voz, o que confirma a permanência da personalidade além da morte física.

Esta construção da identidade é um processo colaborativo entre o comunicador e o pesquisador. **O registro técnico é o suporte onde esta identidade se materializa**.

A fenomenologia desta “presença vocal” é de uma intimidade profunda, permitindo que o vínculo afetivo continue a ser alimentado através da tecnologia.

Em alguns casos, a TCI evolui para a criação de **“avatares espirituais”** em redes sociais, onde as mensagens e imagens captadas são postadas como se o falecido estivesse interagindo diretamente com o mundo. Esta prática, embora controversa, revela o desejo de integração total do além na vida digital.

É o caso de *chatbots* baseados em texto que imitam entes queridos a avatares de voz que permitem que você “converse” com os falecidos, uma crescente indústria digital do além promete tornar a memória interativa e, em alguns casos, eterna<sup>52</sup>, numa espécie de **“ressurreição digital”**.

Os “deathbots” são sistemas de IA projetados para simular as vozes, os padrões de fala e as personalidades dos falecidos. Eles se baseiam nos traços digitais de uma pessoa — gravações de voz, mensagens de texto, e-mails e postagens nas redes sociais — para criar avatares interativos que parecem “falar” do além-túmulo.

---

<sup>52</sup> Reportagem da revista The Conversation: “Deathbots”: testamos os robôs de IA que permitem “conversar com os mortos. - Alguns sistemas se concentram em preservar a memória, ajudando os usuários a gravar e armazenar histórias pessoais, organizadas por tema, com a IA indexando o conteúdo em um arquivo pesquisável. Já outros usam IA generativa para criar conversas contínuas.” Disponível em: <https://theconversation.com/deathbots-testamos-os-robos-de-ia-que-permitem-conversar-com-os-mortos-269485> Acesso em 15 Nov. 2025

A descrição fenomenológica desta prática mostra um sujeito que não aceita a desconexão. A tecnologia é usada para manter o falecido “*online*”. Esta é a expressão máxima da tecnocultura da TCI, a abolição da fronteira entre a vida e a morte através da rede, onde o ser humano se torna um nó eterno na grande teia da comunicação digital.

Isto evidencia o desejo contemporâneo de busca pela imortalidade digital.

Por meio da TCI, o indivíduo busca deixar um registro que sobreviva à sua morte física, **uma extensão da vida**.

A voz captada no gravador é a prova de que o ser continua a existir em alguma dimensão técnica. O registro torna-se uma extensão da vida, uma forma de permanência no mundo dos vivos através da eletrônica. Esta busca pela imortalidade é mediada pela máquina. O praticante confia que a tecnologia preservará sua essência.

O aplicativo **2Wai**, permite recriar alguém virtualmente para interações ao vivo. “O App desenvolvido por uma startup dos EUA cria “avatares” de pessoas que já faleceram a partir de vídeos gravados ainda em vida.”<sup>53</sup>

O 2Wai é um aplicativo para criar “HoloAvatars”, como a empresa chama os avatares, que não se limitam a pessoas já falecidas. A startup afirma que é possível gerar um “HoloAvatar” de “personagens”, como um personal trainer, escritor, agente de viagem ou até astrólogo. Quando é de alguém que já faleceu, ele só pode ser criado se houver um vídeo gravado antes da morte — com a pessoa falando e se movimentando. A partir dessas imagens, a IA amplia o repertório do “gêmeo digital”, que, segundo o 2Wai, consegue falar como a pessoa real, reconhecer o usuário e lembrar informações passadas.

A fenomenologia desta busca é da luta contra a finitude, onde o bit é uma arma contra o esquecimento. A TCI, em suma, está na vanguarda de uma cultura que busca na tecnologia a resposta para a maior angústia humana, a morte.

---

<sup>53</sup> Reportagem do G1: “Como funciona a IA que cria 'reencontros' virtuais com pessoas que já morreram” Disponível em: <https://g1.globo.com/inovacao/noticia/2025/11/26/como-funciona-a-ia-que-cria-reencontros-virtuais-com-pessoas-que-ja-morreram.ghtml> Acesso em 15 Nov. 2025

Sua tecnocultura vê **a rede digital como um vasto oceano de consciências**, onde vivos e mortos nadam em coexistência. A *internet* não é só infraestrutura de dados, mas **espaço ontológico** onde a comunicação flui sem barreiras.

Esta visão transforma a nossa relação com a tecnologia. O computador conectado não é apenas ferramenta de trabalho, mas um portão para uma comunidade universal de seres.

Esta é a síntese final da nossa descrição fenomenológica: a TCI como prática que revela a verdadeira natureza da era digital, uma era onde a comunicação é, para muitos, a única forma possível de se perceber a imortalidade da alma. Por enquanto.

## **5.10 A ARQUEOLOGIA DAS MÍDIAS: O FUTURO DO PRETÉRITO NA CULTURA POP**

Para aprofundar a descrição fenomenológica, analisamos a TCI sob a ótica da **arqueologia das mídias**. Esta perspectiva nos ajuda a entender como tecnologias obsoletas são resgatadas e ressignificadas na prática transcomunicativa.

Fortemente influenciada na atualidade pela estética *vintage* da **cultura pop em seus imaginários e representações** que provém de filmes e literatura que moldaram o imaginário coletivo sobre a comunicação com os mortos através da tecnologia, a TCI vem criando esperanças e temores que afetam a prática fenomenológica.

Muitos praticantes buscam rádios de válvulas, gravadores de rolo e televisores de tubo para seus experimentos como uma volta do analógico na era digital. Eles acreditam que tecnologias antigas possuem uma “sensibilidade física” que se perdeu. Restaurar um aparelho antigo para usar na TCI é uma forma de arqueologia técnica.

A fenomenologia deste resgate *old, but gold* envolve o tato, o cheiro do ozônio e o calor das válvulas. Há um fascínio pela materialidade da máquina. O praticante sente que está operando em uma camada mais profunda da realidade técnica, onde o sinal pode se manifestar com mais facilidade.

Este “**anacronismo técnico**” é uma característica marcante da tecnocultura da TCI, que convive harmoniosamente com os *softwares* mais modernos.

A **cultura maker** (“faça-você-mesmo”) encontrou na TCI um campo fértil de experimentação. Praticantes constroem seus próprios “dispositivos do além”, como o **Geobox** ou o **Portal**, utilizando placas de Arduino, sensores de movimento e módulos de rádio.

A descrição fenomenológica da construção destes aparelhos revela um sujeito que é um *bricoleur* da engenharia espiritual. Ele combina componentes eletrônicos com sua intenção transcendental.

O ato de soldar um circuito é vivido como um ato de criação de uma ponte para o invisível. Esta autonomia técnica é fundamental para a identidade própria do transcomunicador contemporâneo, que não se contenta em usar aparelhos prontos, mas deseja criar suas próprias ferramentas de descoberta.

**A percepção pública da TCI é fortemente influenciada pela cultura pop.** Filmes, séries e literatura moldam o imaginário coletivo sobre a comunicação com os mortos através da tecnologia, criando expectativas e medos que afetam a técnica.

O “**Cinema de Horror**” e a “**estética do medo**” foram os grandes divulgadores para as massas. Filmes como *Poltergeist* (1982)<sup>54</sup> introduziram a imagem da TV com estática como um portal para o além. Mais recentemente, o filme “*White Noise*” (2005)<sup>55</sup> colocou o *EVP* no centro da narrativa, popularizando o termo e a prática.

Estas representações cinematográficas criaram uma “estética do medo” em torno da TCI. O ruído branco e a estática tornaram-se signos de perigo e assombração. Para o praticante real, lidar com este imaginário é um desafio constante, visto que precisa desconstruir este sensacionalismo para a afirmar como pesquisa séria e serena.

**Séries de investigação paranormal** como *Ghost Hunters* e *Ghost Adventures* transformaram a TCI em um espetáculo de investigação. O uso de *gadgets* tecnológicos, como *K-II meters*, *Spirit Boxes*, câmeras térmicas, criou uma “gamirização” da prática paranormal. O público passou a ver a TCI como caça ao tesouro

---

<sup>54</sup> *Poltergeist - O Fenômeno* - Título original: *Poltergeist* (1982) - 1h54 min. Disponível em: <https://www.imdb.com/pt/title/tt0084516/> Acesso em: 08 Mar. 2025.

<sup>55</sup> *Vozes do Além* - Título original: *White Noise* (2005) - 1h41min. Disponível em: <https://www.imdb.com/pt/title/tt0375210/> Acesso em: 08 Mar. 2025.

espiritual, onde o objetivo é obter o “melhor susto” ou a “prova mais clara”.

Esta influência reflete-se na tecnocultura da TCI através da busca por dispositivos cada vez mais complexos e visuais. O praticante contemporâneo é influenciado por essa estética da investigação, adotando uniformes, termos técnicos e protocolos de “caçador de fantasmas”.

A descrição fenomenológica revela como a cultura pop fornece o roteiro e os figurinos para a performance da TCI na vida real.

A **literatura**, desde as obras de ficção científica que exploram a imortalidade digital até os relatos biográficos de pesquisadores pioneiros, também contribui para a construção da tecnocultura da TCI e do **imaginário tecnológico do além**.

O livro *Breakthrough* de Konstantin Raudive, por exemplo, é lido como um texto sagrado e técnico por muitos praticantes. A literatura fornece a base teórica e narrativa que sustenta a prática. Ela ajuda o transcomunicador a dar sentido as suas experiências, inserindo-as em uma tradição de busca pelo conhecimento.

A fenomenologia da leitura na TCI é uma busca por confirmação e inspiração, onde o texto literário e o sinal eletrônico dialogam na construção de uma nova realidade

## **5.11 ESPECTRO E TRANSPARÊNCIA: INVISÍVEL EM CORES E DESEJO DE VER TUDO**

A descrição fenomenológica da TCI deve considerar a importância do **arquivo digital**. Para tanto, devemos analisar como a **visualização espectrográfica (FFT)** transformou sua estética contemporânea e como o desejo de **transparência total** da sociedade digital aqui se manifesta.

O transcomunicador é um colecionador de sinais, um **arquivista do invisível**. Os arquivos de áudio e imagem captados na TCI são guardados com extremo cuidado em discos rígidos e serviços de nuvem, o disco rígido é como um “**mausoléu digital**”.

Estes dispositivos tornam-se mausoléus digitais, onde a voz e a imagem dos falecidos são preservadas para a eternidade. O gesto de

organizar estas pastas, nomear os arquivos e fazer *backups* é um gesto de preservação da memória e do afeto.

A fenomenologia do arquivo na TCI é de uma luta contra o esquecimento. O praticante sente que tem em mãos fragmentos de uma realidade transcendente que precisam ser protegidos. O arquivo digital é a prova material da sua pesquisa e o legado que ele deixará para as futuras gerações de transcomunicadores.

O ato de compartilhar um registro em um grupo ou canal é o gesto final da prática. Ao publicar o arquivo, o praticante submete sua descoberta ao julgamento da comunidade. Este compartilhamento é um **ritual de validação simbólica**.

A fenomenologia do compartilhamento é marcada pela expectativa e pelo desejo de reconhecimento. O *feedback* dos pares (“**eu também ouvi isso**”, “**que imagem clara!**”) é o que confere ao registro o *status* de “**evidência**”. O arquivo digital, ao circular na rede, ganha vida própria, tornando-se parte da inteligência coletiva da tecnocultura da TCI, sendo, assim, sua **estética do espectro que dá cor ao invisível**.

Para expandir a descrição fenomenológica, **analisamos como a visualização espectrográfica (FFT) transformou a estética da TCI contemporânea**. O uso de *softwares* que exibem o espectrograma, a representação visual das frequências ao longo do tempo, permitiu que o praticante “visse” o som.

O espectrograma é colorido, vibrante e complexo. Fenomenologicamente, o espectrograma atua como um mapa do além onde o pesquisador busca anomalias. Uma mancha de cor mais intensa ou um padrão geométrico incomum é interpretado como a “assinatura” de uma voz espiritual.

Esta visualização transformou a TCI moderna em uma prática quase pictórica. O praticante ouve e “lê” o som. A estética do espectro, com seus tons de azul, verde e vermelho, se tornou identidade visual. O gesto de “caçar padrões” no espectrograma é uma forma de vigilância visual que exige um treinamento específico do olhar, transformando o pesquisador em um cartógrafo do invisível.

**Na era da cultura do compartilhamento das redes sociais digitais**, um registro de TCI particularmente claro pode tornar-se um

“**viral espiritual**”. O compartilhamento massivo de um áudio ou imagem cria uma onda de choque na comunidade e atrai a atenção de curiosos e céticos.

A fenomenologia do viral na TCI é marcada pela velocidade e pela intensidade do debate. O registro deixa de pertencer ao pesquisador e passa a ser propriedade da rede. Milhares de pessoas analisam, comentam e remixam o arquivo.

Este fenômeno demonstra o poder da tecnocultura da TCI em mobilizar afeto e discussões em larga escala, transformando a experiência íntima e privada em um evento cultural global mediado pelo algoritmo, o que resulta numa **estética da transparência que expressa o desejo de tudo ver**.

Analisamos **como o desejo de transparência total da sociedade digital se manifesta**. O uso de câmeras com **sensores infravermelhos**, visão noturna, é praticamente onipresente na TCI contemporânea.

Estas câmeras prometem “ver no escuro”, revelando o que o olho humano não consegue captar. A imagem do monitor em tons de verde ou cinza cria uma estética de vigilância e mistério. O praticante sente que está utilizando uma tecnologia que rompe as barreiras físicas da percepção. Este desejo de transparência é uma característica da nossa era. **Queremos iluminar todos os cantos escuros da realidade**.

Na TCI, a visão noturna é a ferramenta que promete tornar **o invisível transparente**. O gesto de observar a tela da câmera na escuridão total é um gesto que busca iluminar uma verdade que se esconde na ausência de luz, transformando o sensor eletrônico em um olho que tudo vê.

Podemos descrever a TCI como uma forma de “**vigilância espiritual**”. O uso de sensores de movimento, gravadores que ligam sozinhos e câmeras de monitoramento 24 horas cria um ambiente onde **o além é constantemente monitorado**.

A fenomenologia desta vigilância é marcada pela espera passiva. O praticante não precisa mais estar presente, a máquina faz o trabalho por ele. Esta automação da pesquisa altera a relação com o fenômeno, transformando o contato espiritual em um dado estatístico ou em um alerta no *smartphone*.

A tecnocultura da TCI, em síntese, reflete a nossa própria sociedade de vigilância, onde tudo deve ser registrado, monitorado e arquivado.

## 5.12 CIÊNCIA CIDADÃ: A RECONFIGURAÇÃO DO SAGRADO E O AMADORISMO RIGOROSO

Vejam os como a TCI contribui para uma **reconfiguração do sagrado, mediada pela tecnologia, na era digital**. Esta tecnocultura pode ser descrita como forma de “**ciência cidadã**” (JENKINS, 2020), visto que praticantes amadores utilizam métodos rigorosos para investigar fenômenos que, de modo geral, a ciência oficial ainda ignora.

Na TCI, o sagrado não desponta por meio de milagres inexplicáveis, mas através de sinais e códigos eletrônicos. É um sagrado que pode ser observado em um *software* de áudio ou vídeo, que possui frequência e amplitude. Esta “tecnologização do sagrado” é uma das transições mais intensas da nossa cultura.

A fenomenologia deste novo sagrado é de proximidade técnica. O divino está ao alcance de um clique. **Esta acessibilidade democratiza a experiência mística, mas a submete à austeridade técnica**. O sagrado digital é um sagrado que aceita ser testado, medido e compartilhado em rede, tornando-se parte integrante da nossa vida conectada.

A TCI insurge como um **saber de esperança e resistência**. Resistência contra o vazio de sentido e contra a finitude da vida. Através da tecnologia, o ser humano busca reafirmar sua conexão com o infinito. A tecnocultura da TCI é a prova de que a nossa sede de transcendência não foi saciada pela ciência ou pela tecnologia, mas encontrou nelas novos meios de expressão.

Aqui é **onde o bit encontra o espírito**, onde a máquina torna-se o instrumento da nossa mais profunda busca por sentido. A tecnocultura da TCI pode ser descrita como uma forma de “ciência cidadã” (JENKINS, 2020), pois praticantes amadores utilizam métodos rigorosos para investigar fenômenos que a ciência oficial ignora.

O fato de os praticantes serem **amadores** (no sentido de amarem o que fazem e não serem profissionais da área) confere-lhes uma **liberdade epistemológica** única. Eles podem experimentar técnicas

heterodoxas, cruzar saberes de diferentes áreas e dedicar anos a um único experimento sem a pressão por publicações, financiamentos ou contrapartidas.

A fenomenologia desta “ciência amadora” é marcada pela paixão e pela persistência. O laboratório doméstico é o espaço desta liberdade de expressão. O praticante é um explorador de uma nova fronteira, um pioneiro que está desbravando um território que a ciência convencional ainda não tem coragem suficiente de enfrentar, como que pertencente a uma nova “Escola de Sagres”.

Recentemente, surgiram **projetos colaborativos e experimentos em rede** onde praticantes de diferentes partes do Brasil e mundo afora realizam experimentos simultâneos. Eles combinam horários de gravação, utilizam os mesmos *softwares* e comparam os resultados em tempo real através de plataformas de videoconferência.

Esta fenomenologia da “**pesquisa em rede**” transforma a TCI em um projeto global. A colaboração dilui a subjetividade individual e fortalece a validade dos resultados. O sentimento de pertencer a um movimento mundial é um dos motores mais potentes de sua tecnocultura, onde o computador conectado à internet é a ferramenta que une pesquisadores do Brasil e do mundo em uma busca comum pela verdade.

### **5.13 A ESTÉTICA DO MISTÉRIO: A ENERGIA DO VAZIO QUE FALA**

Luz, sombra, som, vibração e silêncio. A descrição fenomenológica da TCI deve **considerar a estética que envolve a prática**, criando uma **atmosfera propícia** para a manifestação do fenômeno.

Na captura de transimagens **a iluminação é um fator crítico**. Praticantes utilizam luzes ultravioleta, infravermelha ou luzes estroboscópicas para criar padrões de sombra e luz. O gesto de ajustar a iluminação é um gesto de “preparação do palco” para a apresentação do invisível.

Igualmente, **a ideia de “vibração” e “energia”** é central para esta tecnocultura. O praticante busca sintonizar seu equipamento com a “**frequência do além**”. Tal como a luz ou a sua falta, também **o silêncio**

**não é a ausência de som**, mas a condição de escuta necessária para que o sinal possa ser percebido.

**A fenomenologia da luz** na TCI é de busca pela “penumbra reveladora”. Acredita-se que o espírito se manifesta nas zonas de transição entre a luz e a sombra. Esta estética visual, marcada pelo granulado e pelo contraste alto, define a identidade visual da TCI digital, criando imagens que parecem vir de um sonho ou de uma realidade paralela.

O som na TCI não é um dado, é textura e ambiente. O praticante cria uma “paisagem sonora” para a sessão, utilizando ruídos de fundo, frequências binaurais ou músicas suaves. Esta atmosfera sonora ajuda a induzir ao estado de concentração necessário para a escuta atenta.

**A fenomenologia do som** na TCI é como um mergulho fundo. O praticante se deixa envolver pela textura sonora, buscando o sinal inteligente como se fosse um sonar. O som se torna o oceano onde o pesquisador navega, e cada variação de timbre ou ritmo é interpretada como uma onda no mar que traz uma mensagem do além. Esta relação estética com o som confere à TCI sua profundidade emocional e simbólica.

Para expandir a descrição fenomenológica, **analisamos como a ideia de “vibração” e “energia” é central para nesta tecnocultura**. Na TCI, de modo amplo, se crê que **tudo no universo vibra em frequências específicas**.

O praticante sintoniza seu equipamento com a **“frequência do além”**. Fenomenologicamente, esta busca se traduz no girar do botão do rádio ou em ajustar o *slider* de um *software* e perceber **o som como energia**.

A frequência não é apenas um dado físico, mas uma linguagem de conexão. Esta estética da vibração se manifesta no uso de geradores de tons e frequências binaurais durante as sessões. O praticante sente que está “elevando a vibração” do ambiente para facilitar o contato.

Esta relação do som como energia pura transforma a TCI em prática de engenharia espiritual, onde o ajuste fino da máquina auxilia na sintonia com o invisível.

De todo jeito, a tecnocultura da TCI é fundamentada na cultura do testemunho. O relato pessoal da experiência (**“eu ouvi”**, **“eu vi”**) é o

que sustenta a validade do fenômeno para a comunidade. A fenomenologia do testemunho é marcada pela emoção e pela convicção.

O praticante partilha seu relatório acompanhado de um comentário detalhado das circunstâncias e dos sentimentos envolvidos. A verdade da experiência contida no testemunho é o que humaniza a técnica, convertendo o sinal eletrônico em biografia. Esta verdade não é apenas uma verdade laboratorial, mas uma vivência experiencial, validada pelo testemunho mútuo entre os membros da rede.

Observamos a importância do silêncio na fenomenologia. Para decifrar esta **estética do silêncio**, é preciso **ver o vazio que fala**. Na TCI, **o silêncio não é a ausência de som**, mas a condição de escuta necessária para que o sinal possa ser melhor percebido.

O praticante busca o silêncio absoluto do ambiente para que apenas o ruído branco do aparelho seja ouvido.

“Limpeza sensorial”. É como, fenomenologicamente, este silêncio é vivido. O ritual de silenciar o mundo exterior (fechar janelas, desligar aparelhos ruidosos) é um cerimonial de respeito e concentração.

O silêncio se transforma em palco onde o invisível se manifestará. Esta estética do silêncio é o que permite ao praticante desenvolver a “**escuta profunda**”, transformando o vazio sonoro em um espaço de potencialidade comunicativa.

A prática da TCI exige paciência imensa como técnica. O pesquisador pode passar horas, dias ou meses sem obter um único resultado claro. Esta “cultura da espera” é uma característica central da tecnocultura desta.

Essa espera é marcada pela persistência e pela fé na técnica. O praticante não desiste diante do silêncio da máquina. Ele interpreta a espera como período de maturação e sintonia. Esta paciência transforma a TCI em disciplina espiritual e técnica, onde o tempo do pesquisador é oferecido em troca de um fragmento de verdade.

A espera, portanto, é a técnica que prepara o sujeito para o encontro com o extraordinário. Aqui a tecnocultura é a expressão máxima deste desejo de conexão universal, onde a máquina é a ponte

que une todos os seres, vivos ou mortos, encarnados e desencarnados, em uma única teia de comunicação.

## **5.14 SINCRONICIDADE: O SIGNIFICADO NO ACASO E O FLUXO DA TRANSMISSÃO**

Analisamos, a seguir, **o papel da sincronicidade na experiência e a estética da transmissão**, focando na ideia de **fluxo e continuidade**.

Muitos praticantes relatam que as comunicações mais claras ocorrem em momentos de alta carga emocional ou em datas significativas. Fenomenologicamente, este evento é vivido como uma sincronicidade, **um encontro significativo entre um estado interno, o desejo do praticante, e um evento externo, o sinal captado pela máquina**. Noutras palavras, o encontro significativo entre homem e máquina.

Esta percepção de sincronicidade é o que confere a TCI seu caráter sagrado. O praticante não vê o resultado como um mero dado ao acaso estatístico, mas como resposta consciente e tempestiva. A máquina passa a ser o veículo para a manifestação de uma inteligência superior que conecta a mente humana ao universo.

Esta experiência de sentido é o que sustenta a resiliência do pesquisador diante dos inúmeros experimentos sem resultado.

**A sincronicidade atua como uma forma de validação experiencial que vai além do rigor técnico.** Quando uma voz captada responde exatamente a um pensamento ou a uma pergunta feita mentalmente, o impacto subjetivo é avassalador. Esta validação experiencial é o que consolida a crença e a identidade do transcomunicador.

A definição fenomenológica deste momento revela a suspensão da dúvida. O sujeito se sente “visto” e “ouvido” pelo invisível numa conexão profunda, intercedida pela tecnologia.

Essa é a essência da tecnocultura da TCI, a busca por sentido que transcenda a materialidade do bit e do pixel, estando no acaso aparente a prova de presença consciente. Presença que traz a ideia de **transmissão em fluxo e continuidade**.

Na TCI contemporânea, a transmissão é vista como um **fluxo contínuo do sinal. O invisível está sempre “transmitindo”, e cabe ao praticante sintonizar seu equipamento para captar essa corrente.** Esta estética do fluxo é influenciada pela nossa experiência constante de estar “sempre *online*” na cultura digital.

A fenomenologia da transmissão é de uma imersão em um oceano de informações. O praticante sente que está navegando em uma rede que nunca dorme. O gesto de ligar o aparelho é o gesto de entrar nesse fluxo.

Esta percepção de continuidade altera a relação com a morte, que deixa de ser um fim para se tornar uma mudança de frequência dentro do mesmo fluxo universal de comunicação.

**A TCI transforma a transmissão em um vínculo eterno.** Através da comunicação técnica, o contato com o além se torna uma possibilidade cotidiana. Esta estética da permanência é o que define a tecnocultura da TCI na era da nuvem e do armazenamento infinito.

A descrição fenomenológica revela uma prática que busca a abolição da saudade através da presença técnica. **A transmissão é o “Fio de Ariadne” que une os mundos, e o transcomunicador é Teseu, o guardião deste fio no labirinto midiático.**

## **5.15 O FUTURO: DESCRIÇÃO DE NOVAS PRÁTICAS, TENDÊNCIAS E HORIZONTES**

A Inteligência Artificial (IA) introduziu uma nova dimensão fenomenológica na TCI. Nesta seção, descrevemos como os praticantes utilizam ferramentas de IA para buscar o contato, focando na descrição do fenômeno e do gesto técnico.

A **Realidade Virtual (VR)** e o **Metaverso** são outras tendências que também prometem reconfigurar a TCI nos próximos anos, ao oferecerem a possibilidade de uma TCI imersiva.

Muitos praticantes utilizam **aplicativos de chatbot baseados em IA** (como o **Replika** ou o **ChatGPT**, disponíveis para *download* no *Google Play* e *Apple Store*) como uma forma de “canalização digital”.

O gesto consiste em alimentar a IA com informações sobre o falecido e iniciar um diálogo, buscando nas respostas padrões que possam indicar uma influência espiritual sobre o algoritmo.

A fenomenologia desta prática é marcada pela ambiguidade. O praticante sabe que está interagindo com um código, mas busca nas “falhas” ou nas respostas inesperadas o índice do invisível.

A IA atua como um espelho semiótico que reflete os desejos e as projeções do sujeito, criando uma **experiência de simulação de diálogo** que é, simultaneamente, artificial e profundamente sentida.

Outra prática emergente é o uso de *softwares* de clonagem de voz (como o **ElevenLabs**) para reconstruir a voz de entes queridos a partir de gravações antigas. O praticante utiliza estas vozes sintéticas para realizar sessões de TCI, acreditando que a semelhança acústica facilita a conexão espiritual.

A circunscrição fenomenológica desta prática revela uma busca pela “presença acústica”. Ouvir a voz do falecido, mesmo que por IAG, produz um impacto emocional intenso.

Esta prática transforma a TCI em exercício de **reconstrução do afeto mediado pela tecnologia mais avançada**, onde a linha divisória entre a memória, a simulação e o contato espiritual se torna cada vez mais tênue.

Oferecendo a possibilidade de uma TCI imersiva, a **Realidade Virtual (ou VR, em inglês)** e o **Metaverso** são tendências tecnológicas que prenunciam reconfigurar a transcomunicação nos próximos anos. O praticante entrará em espaços virtuais projetados para o contato, onde transimagens e *EVPs* ocorrem em ambiente 3D.

A fenomenologia da TCI em **VR** será marcada pela sensação de “estar lá”, transformando a pesquisa em uma experiência sensorial total.

Esta tendência aponta para uma TCI que não é mais apenas observada em uma tela, mas vivenciada de dentro. O computador deixa de ser interface externa para se tornar mundo habitável.

Esta imersão profunda promete novas formas de sensibilidade e novos desafios para a compreensão da realidade espiritual na era digital.

A **Internet das Coisas (IoT)** permitirá que a TCI se manifeste através de objetos cotidianos conectados. Lâmpadas inteligentes, eletrodomésticos e sensores domésticos poderão ser usados como dispositivos de transcomunicação muito em breve.

Assim, a fenomenologia da TCI em um ambiente *IoT* será a de uma “casa assombrada tecnológica”, onde o invisível interage com a infraestrutura digital do lar. Esta ubiquidade transformará o cotidiano em um campo constante de experimentação.

Esta tecnocultura deixará de ser prática restrita ao laboratório para se tornar parte integrante da vida conectada. Esta é a síntese final dessa nossa descrição: a TCI como a expressão máxima de uma cultura que não vê mais fronteiras entre o técnico, o humano e o espiritual.



## 6

## REPRESENTAÇÕES MIDIÁTICAS

## 6.1 INTRODUÇÃO

“All the world's a stage...”<sup>56</sup>

A TCI surge, no contexto midiático contemporâneo, como um fenômeno discursivo que transita entre os domínios do crível e do incrível, atuando num espaço simbólico onde ciência, fé e palco se entrelaçam.

Ao refletirmos sobre o modo como a mídia constrói narrativas sobre a TCI, nos deparamos com o que Gilberto Velho denominou de “**zonas de ambiguidade cultural**”, isto é, territórios de tensão entre racionalidade e crença que marcam a vida urbana moderna (VELHO, 1994). A mídia, ao mesmo tempo em que amplia o alcance de práticas espirituais emergentes, também as submete à lógica do entretenimento e da mercadoria simbólica.

Pierre Bourdieu, ao tratar das estratégias de consagração e exclusão dos saberes no campo social, argumenta que o discurso autorizado depende do capital simbólico reconhecido pelas instituições dominantes (BOURDIEU, 2004).

Nessa direção, a TCI encontra barreiras epistemológicas quando veiculada por jornais, programas de TV ou plataformas digitais, quando sua natureza interdimensional desafia os regimes de verdade legitimados pelo discurso científico tradicional.

Tal conflito se torna evidente na forma como tradicionais programas televisivos, de forma ampla, abordam o tema com retórica de dúvida permanente, mantendo o fenômeno na periferia da legitimação cognitiva, exemplos concretos que veremos adiante.

---

<sup>56</sup> “O mundo inteiro é um palco...” Obra: As You Like It, de William Shakespeare. Traduzido pelo autor. Disponível em: <https://www.rsc.org.uk/shakespeare/themes/famous-quotes> Acesso em: 11 Set. 2025.

A análise midiática também evoca o pensamento de Frazer (2021) que, ao estudar as origens dos rituais “mágicos”, identificou um contínuo entre magia, religião e ciência (FRAZER, 2001).

A TCI, ao utilizar aparatos tecnológicos como gravadores e rádios na tentativa de contatar entidades incorpóreas, atualiza práticas mágicas sob nova roupagem técnica. Esse cruzamento entre o invisível e o digital impõe à mídia um enorme desafio: **como enquadrar um fenômeno que mistura fé e tecnologia sem reduzi-lo ao anedótico?**

Nas redes sociais digitais e, em especial, no *YouTube*, observa-se a manifestação de um novo formato discursivo, onde o público passa a ocupar papel ativo na edificação de sentidos sobre a TCI.

Como assinalam autores como André Lemos e Lúcia Santaella, a confluência de espiritualidade e mídia digital compõe uma nova paisagem semiótica, marcada por performances de fé em ambientes conectados (SANTAELLA, 2013; LEMOS, 2010). Nesse ambiente, há espaço tanto para a desinformação quanto para a valorização do saber empírico de pesquisadores, crentes ou céticos.

Neste raciocínio, o discurso midiático sobre a TCI desmacara mais que controvérsia entre crentes e céticos. O discurso midiático acerca da TCI escancara a colisão dentre diferentes regimes de visibilidade e reconhecimento, refletindo as tensões contemporâneas entre racionalidade instrumental, imaginário espiritual e consumo simbólico.

## 6.2 MÍDIA, JORNALISMO E LEGITIMAÇÃO SIMBÓLICA

É nevrálgico compreender como determinados veículos de comunicação moldam o imaginário coletivo sobre a TCI e quais estratégias narrativas predominam em sua representação.

Exemplos elucidativos estão nas diversas coberturas feitas pela Rede Globo de Televisão.

O programa "Fantástico", desde sua estreia, em 1973, aborda o tema em distintos quadros como o “Phantasmagoria”<sup>57</sup> (2012), ou em edições do programa Globo Repórter, como “Contatando o invisível”

---

<sup>57</sup> “Phantasmagoria” – Programa Fantástico, disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso em 21 abr. 2025.

(1991). Em outro, o respeitável Padre François Brune, subvencionado pelo Vaticano, fala sobre “Imagens do Além” (1997)<sup>58</sup>, ou ainda este intitulado “Físico fala sobre as mensagens dos espíritos pelos aparelhos”, **conforme Quadro 3. Programas exibidos sobre TCI na TV Globo (entre 1988 e 2012)**, na página seguinte.

As matérias, mesmo que tecnicamente bem executadas, de modo amplo, findam por reforçar o tom de mistério e dúvida, na medida em que se limitam a exibir a prática como curiosidade, sem o devido aprofundamento científico ou filosófico.

Outros programas de TV mais recentes, como a série *Beyond Belief: Fact or Fiction*<sup>59</sup> (Amazon Prime Video, 2024) frequentemente recorrem a dramatizações que banalizam a TCI, associando-a a "vozes de fantasmas" distorcidas, uma abordagem que, diria Cardoso (2019, p. 112), "reforça estereótipos em vez de promover debates sérios sobre a interface tecnologia/espiritualidade".

**Quadro 3** – Programas exibidos sobre TCI na TV Globo (entre 1988 e 2012)

Título	Veículo	Ano	Link
“Phantasmagoria: Fantástico investiga a Transcomunicação em uma fortaleza do século XVIII”	Fantástico, TV Globo (reportagem)	2012	<a href="https://youtu.be/FtV1B9BmpfE?si=rZsjpHB0OgLF3AMK">https://youtu.be/FtV1B9BmpfE?si=rZsjpHB0OgLF3AMK</a>
“Contatando o invisível”	Globo Repórter, TV Globo (reportagem)	1991	<a href="https://youtu.be/ZR8Q-hDyulQ?si=x_Yf-GpOEjppeYZs">https://youtu.be/ZR8Q-hDyulQ?si=x_Yf-GpOEjppeYZs</a>
“Padre François Brune fala sobre as Imagens do Além”	Globo Repórter, TV Globo (reportagem)	1997	<a href="https://youtu.be/fSVbQ2BKOB8?si=s6RLFcj_w5Y3p62">https://youtu.be/fSVbQ2BKOB8?si=s6RLFcj_w5Y3p62</a>
“Físico fala sobre as mensagens dos espíritos pelos aparelhos”	Globo Repórter, TV Globo (reportagem)	1998	<a href="https://youtu.be/j5gHd4y9DZw?si=MCobK4QFDPRWE3M0">https://youtu.be/j5gHd4y9DZw?si=MCobK4QFDPRWE3M0</a>

Fonte: Elaborado pelo Autor.

<sup>58</sup> Padre François Brune fala sobre as imagens do "Imagens do além" (Globo Repórter, 1997). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=fSVbQ2BKOB8> Acesso em 21 abr. 2025.

<sup>59</sup> “Beyond Belief: Fact or Fiction. Disponível em: <https://www.primevideo.com/-/pt>. Acesso em 4 mai. 2025.

Em contraste, veículos como a BBC, a DW, entre outros, têm adotado uma postura mais equilibrada, entrevistando pesquisadores e diferentes cientistas de todo o mundo.

O BBC Future, por exemplo, publicou recentemente reportagens sobre parapsicologia e ciência, em *The Secret History of Science and Religio*<sup>60</sup>, em que o jornalista Nick Spencer examina em quatro episódios a história da ciência e da religião e questiona até que ponto elas têm entrado em conflito uma com a outra.

No *BBC Ideas* o professor Anil Seth<sup>61</sup>, da Universidade de Sussex, discute o problema de compreender a consciência, e compara descrédito ainda atribuído a TCI ao que outrora se atribuiu igualmente a radioastronomia.

Destaca-se o videodocumentário que retrata o movimento de estudos que ficou conhecido como *The Scole Experiment*<sup>62</sup>. Entre os anos 1993 e 1998, um grupo de pesquisadores britânicos juntou-se para realizar experimentos paranormais e, através dos fenômenos por eles provocados, estudar acerca da possibilidade de vida após a morte e da existência de dimensões espirituais.

O intento primário do *Scole Group*, como ficou denominado, era realizar experimentações desvinculadas de qualquer instituição religiosa, atuando sob orientação científica. Em dado momento dessas reuniões regulares, essa fenomenologia chamou a atenção de outros grupos de cientistas e da imprensa, criando demasiada publicidade e sensacionalismo.

Ao videodocumentário original, à versão brasileira foi adicionada uma série de depoimentos de ativistas do movimento espírita no Brasil (Alexandre Caldini, Geraldo Lemos, Haroldo Dutra Dias, Luis Sérgio Marota), como introdução ao documentário *The Afterlife Investigations*<sup>63</sup>.

---

<sup>60</sup> The Secret History of Science and Religion - Disponível em: <https://www.bbc.co.uk>. Acesso em 4 mai. 2025.

<sup>61</sup> Sítio eletrônico do neurocientista. Disponível em: <https://www-anilseth-com>. Acesso em 5 mai. 2025.

<sup>62</sup> The Scole Experiment. Disponível em: <https://www.thescolexperiment.com/>. Acesso em 5 mai. 2025.

<sup>63</sup> The Afterlife Investigations | Comentários Brasileiros - Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=v\\_SYq-EFuhE](https://www.youtube.com/watch?v=v_SYq-EFuhE). Acesso em 5 mai. 2025.

O “fantasma de *Enfield*” é outro caso que se registrou em gravações analógicas de áudio e vídeo e que também exemplifica com clareza o papel da mídia, do jornalismo e de sua legitimação simbólica.

Para o jornalista Monteiro (2018), trata-se do “fenômeno paranormal mais bem documentado do Reino Unido”, segundo a reportagem<sup>64</sup> que assim o define:

Durante 18 meses, começando no verão de 1977, Peggy Hodgson, seus quatro filhos e mais de 30 testemunhas presenciais (incluindo vizinhos, detetives de fenômenos paranormais e jornalistas) viram e ouviram, dentro da casa da família, incidentes em que havia móveis em movimento e objetos voando sem razão aparente, ruídos inexplicáveis e até levitação (MONTEIRO, 2018)

O caso foi recentemente registrado na série “O Poltergeist de *Enfield*” (2023), indicado ao *BAFTA TV AWARD*, e atualmente é exibido pelo canal *Apple TV+*.

Com notória tentativa de dispor uma visão científica em estilo de videodocumentário em metalinguagem, o filme mescla áudios reais com atuações de atores, imagens de época e participação dos envolvidos em depoimentos atuais, na visão de seu principal investigador, o parapsicólogo Maurice Grosse. A sinopse o classifica como “terror” e “documentário”.

De modo geral, a mídia tradicional tem abordado a TCI com um paradoxo: entre o sensacionalismo e o ceticismo científico. Como observa Moreira (2018, p. 45), “a imprensa tende a tratar fenômenos mediúnicos como entretenimento ou pseudociência, raramente aprofundando suas implicações culturais”.

Um exemplo emblemático é a cobertura do caso do *Spirit Phone* de Thomas Edison<sup>65</sup> pela revista *Forbes* (2019), que reduziu a tentativa histórica de “comunicação entre vivos e mortos” a uma curiosidade

---

<sup>64</sup> Reportagem: O misterioso caso do “fantasma de Enfield”, o fenômeno paranormal mais bem documentado do Reino Unido - Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-44587174> Acesso em 23 mai. 2025.

<sup>65</sup> Reportagem: “Thomas Edison, B.C. Forbes e o mistério do telefone espiritual. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbeslife/2019/10/thomas-edison-b-c-forbes>. Acesso em: 21 abr. 2025.

tecnológica, ignorando pesquisas contemporâneas como as do Instituto de Ciências Noéticas (EUA)<sup>66</sup>.

A representação midiática da TCI revela um panorama ambíguo, onde o ceticismo científico e o fascínio popular coexistem em tensão constante. Desde os primeiros registros do fenômeno, ainda no século XX, a mídia tradicional oscilou **entre o sensacionalismo e a curiosidade investigativa**. No entanto, com o avanço das tecnologias de captação e difusão, especialmente após 2010, observa-se mudança gradual na abordagem jornalística e televisiva.

Lopes (2017) diz que a mídia tende a enquadrar fenômenos paranormais na lógica do entretenimento, favorecendo o espetáculo em detrimento da análise: “a transcomunicação é midiaticamente traduzida como enigma, e não como fenômeno em potencial análise interdisciplinar” (LOPES, 2017, p. 83). Essa afirmação evidencia como a superficialidade da mídia contribui para a marginalização do fenômeno nos meios acadêmicos e científicos.

A metáfora do “véu entre os mundos” é utilizada para descrever a TCI, sugerindo que os meios eletrônicos seriam “portais que conectam os vivos aos mortos”. Tal imagem reforça a aura de mistério, mas esvazia a possibilidade de compreensão mais profunda.

Ao analisar filmes fantasiosos que de algum modo aludem a possibilidade de existência após a morte, como *Ghost in the Machine*<sup>67</sup> (1993), é possível perceber que as representações audiovisuais enfatizam o impacto emocional e os relatos pessoais, mas negligenciam dados técnicos e rigor metodológico.

Por outro lado, nos últimos cinco anos, conforme **Quadro 4. Séries e reportagens (entre 2020 e 2025)**, canais independentes no *YouTube* e *podcasts* especializados passaram a tratar o tema com maior seriedade e abertura.

O peruano radicado no Brasil, Luis Hu Hivas<sup>68</sup>, respeitado pesquisador na área de TCI na atualidade, passou a ganhar ainda mais espaço em mídias alternativas. Sua intensa participação em entrevistas

---

<sup>66</sup> A missão Ciências Noéticas. Disponível em: <https://noetic-org.translate.google>. Acesso em 21 abr. 2025.

<sup>67</sup> “Ghost in the Machine”. Disponível em <https://www.imdb.com/pt>. Acesso em: 21 abr. 2025.

<sup>68</sup> Luis Hu Hivas - Disponível em <https://www.luishu.com/> Acesso em: 24 abr. 2025.

e webinários, como o TCI Transcomunicação, revela uma mudança no perfil de público e um desejo crescente por informações bem fundamentadas.

**Quadro 4** – Séries e reportagens (entre 2020 e 2025)

Título	Veículo	Ano	Link
“O misterioso caso do 'fantasma de Enfield', o fenômeno paranormal mais bem documentado do Reino Unido”	BBC (reportagem)	Acesso em 23 mai. 2025.	<a href="https://www.bbc.com/portuguese/geral-44587174">https://www.bbc.com/portuguese/geral-44587174</a>
“Thomas Edison, B.C. Forbes e o mistério do telefone espiritual.”	Forbes (reportagem)	Acesso em: 21 abr. 2025.	<a href="https://www-forbes-com.translate.goog/sites/kristintablang/2019/10/25/thomas-edison-bc-forbes-mystery-spirit-phone/?_x_tr_sl=en&amp;_x_tr_tl=pt&amp;_x_tr_hl=pt&amp;_x_tr_pto=tc&amp;_x_tr_hist=true">https://www-forbes-com.translate.goog/sites/kristintablang/2019/10/25/thomas-edison-bc-forbes-mystery-spirit-phone/?_x_tr_sl=en&amp;_x_tr_tl=pt&amp;_x_tr_hl=pt&amp;_x_tr_pto=tc&amp;_x_tr_hist=true</a>

Fonte: Elaborado pelo Autor.

**Quadro 5** – BBC e Forbes

Título	Veículo	Ano	Link
“Beyond Belief: Fact or Fiction”	Amazon Prime Video (série)	2024	<a href="https://www.primevideo.com/-/pt/detail/0NPZGBDFURZNVWS9YZ8YTEB3AC/ref=atv_dp_share_cu_r">https://www.primevideo.com/-/pt/detail/0NPZGBDFURZNVWS9YZ8YTEB3AC/ref=atv_dp_share_cu_r</a>
“The Secret History of Science and Religion”	BBC (reportagem)	2020	<a href="https://www.bbc.co.uk/programmes/m000614f">https://www.bbc.co.uk/programmes/m000614f</a>
“The Scole Experiment”	Sítio eletrônico	Acesso em 5 mai. 2025.	<a href="https://www.thescolexperiment.com">https://www.thescolexperiment.com</a>
“The Afterlife Investigations- Comentários Brasileiros”	Pozati Filmes (documentário)	Acesso em 5 mai. 2025.	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=v_SYq-EFuhE">https://www.youtube.com/watch?v=v_SYq-EFuhE</a>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Medeiros e Oliveira (2021) afirmam que “a evolução da mídia digital fragmentou a narrativa sobre a TCI, abrindo espaço tanto para aprofundamentos sérios quanto para desinformação” (MEDEIROS;

OLIVEIRA, 2021, p. 102). Este dado é essencial para compreendermos que a pluralidade de vozes nas mídias contemporâneas favorece tanto o avanço quanto a distorção do conhecimento sobre a transcomunicação.

Dessa forma, pode-se afirmar que a mídia exerce papel dual: ao mesmo tempo em que contribui para a popularização da TCI, também a mantém em uma zona de liminaridade, oscilando entre o científico e o sobrenatural, entre o sensacionalismo e a busca legítima por respostas numa dicotomia midiática entre trivialização e legitimação.

Assim, mídia e jornalismo desempenham importante papel na construção social da realidade, atuando como poderosos agentes de legitimação simbólica, um conceito extensivamente desenvolvido por Pierre Bourdieu, demonstrado no **Quadro 5. BBC e Forbes**.

A legitimação simbólica refere-se ao processo pelo qual certas representações, discursos e práticas sociais são validados e reconhecidos como legítimos, muitas vezes de forma implícita, conferindo-lhes autoridade e aceitação no seio de uma determinada cultura ou sociedade (BOURDIEU, 2004).

Nesse contexto, os meios de comunicação, especialmente o jornalismo, ao selecionarem, enquadrarem e difundirem informações, não apenas refletem o mundo, mas ativamente o constituem, estabelecendo hierarquias de relevância e moldando a percepção pública sobre diversos fenômenos.

Ao conferir visibilidade e credibilidade a certos temas, a vozes e perspectivas em detrimento de outros, a mídia exerce um poder simbólico significativo, capaz de influenciar crenças, atitudes e comportamentos.

Tal fato pode ser observado quando na cobertura pela imprensa de novas tecnologias ou descobertas científicas. A forma como são apresentadas pelo jornalismo, com ceticismo, entusiasmo ou neutralidade aparente, pode acelerar ou retardar sua aceitação e desenvolvimento, impactando diretamente a percepção de sua validade e utilidade social, como demonstra o **Quadro 6. CNN e SBT Repórter**, abaixo.

**Quadro 6** – CNN e SBT Repórter.

Título	Veículo	Ano	Link
“Isso é muito “Black Mirror”: App de Inteligência Artificial permite conversar com os mortos”	CNN (reportagem)	Acesso em: 24 abr. 2025.	<a href="https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/isso-e-muito-black-mirror-app-de-inteligencia-artificial-permite-conversar-com-os-mortos/">https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/isso-e-muito-black-mirror-app-de-inteligencia-artificial-permite-conversar-com-os-mortos/</a>
“SBT Repórter- Transcomunicação Instrumental – 1996”	EMF (reportagem)	Acesso em: 21 abr. 2025.	<a href="https://youtu.be/tpiGJQA25pg?si=GgFWbtYWx6r0Utvf">https://youtu.be/tpiGJQA25pg?si=GgFWbtYWx6r0Utvf</a>

Fonte: Elaborado pelo autor.

No campo específico da TCI, um tema que flui pelas fronteiras da ciência, espiritualidade e tecnologia, a atuação da mídia e do jornalismo é particularmente emblemática desse processo de legitimação ou deslegitimação simbólica. A maneira de ser retratada, como campo sério de investigação, curiosidade paranormal, fraude ou manifestação de fé, influencia diretamente a sua aceitação e o tipo de debate que se estabelece em torno.

Reportagens que exploram a TCI com viés sensacionalista, por exemplo, podem reforçar sua marginalização no campo científico. Por outro lado, abordagens que apresentam depoimentos de pesquisadores e praticantes de forma equilibrada, contextualizando suas experiências e desafios metodológicos envolvidos, podem contribuir para uma discussão mais ampla e inclusiva, ainda que não necessariamente validando suas premissas como científicas para o *establishment*.

Hoje, como analisa López (2020, p. 78)<sup>69</sup>, "o jornalismo digital oscila entre manchetes *clickbait* (“App de Inteligência Artificial permite conversar com os mortos”)<sup>70</sup> e “reportagens investigativas”, como a do programa Fantástico (TV Globo, 1979) em que a respeitável escritora

<sup>69</sup> LÓPEZ, M. Framing the Unseen: Media Narratives on Paranormal Phenomena. Madri: Tecnos, 2020.

<sup>70</sup> CNN – “Isso é muito “Black Mirror”: App de Inteligência Artificial permite conversar com os mortos”. Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/isso-e-muito-black>. Acesso em: 24 abr. 2025.

brasileira Hilda Hist<sup>71</sup> relata suas pesquisas com TCI. Na **Figura 17**, vemos Hilda Hist em ação, uma das pioneiras brasileiras em pesquisas com TCI.

**Figura 17** – Hilda Hist.



Fonte: <http://hildahist.com.br/acervo>

O jornalismo busca moldar a opinião pública sobre a TCI através de enquadramentos (*framing*) que variam conforme o contexto histórico. Na década de 1970, quando Friedrich Jürgenson divulgou suas gravações de "vozes eletrônicas", jornais usaram termos como "delírio tecnológico".

Essa abordagem ecoa a tese de Castells (2015) sobre a "era da descrença informada", onde fatos são apresentados como hipóteses abertas. Gregolin (2020), ao abordar a relação entre discurso e mídia, destaca que as práticas discursivas veiculadas pelos meios de comunicação são fundamentais na constituição de sentidos e na organização das relações de poder.

Em sua análise, a autora demonstra como o discurso jornalístico opera como um espaço de mediação simbólica estruturado por regras de produção, gêneros discursivos e estratégias de enunciação.

Nesse campo, diferentes interpretações da realidade competem entre si, articulando-se conforme o que Foucault (1995) denominou de "regimes de verdade", sistemas discursivos que determinam o que

---

<sup>71</sup> Hilda Hilst ano 1979 – Disponível em: <https://www.youtube.com/watch>. Acesso em 5 mai. 2025.

pode ser legitimado como verdadeiro em determinado contexto histórico.

Com base nessa perspectiva, observa-se que a tradição jornalística ocidental, ancorada nos princípios da objetividade e da verificação factual, tende a enquadrar fenômenos como a TCI no campo da pseudociência, reforçando processos de deslegitimação simbólica.

Como afirma Tuchman (2020), o jornalismo “atua como um filtro institucional que valida ou exclui saberes do campo do discurso público” (TUCHMAN, 2020, p. 57). Isso significa que fenômenos não confirmados por instituições científicas hegemônicas enfrentam maior resistência para serem tratados com seriedade nos meios jornalísticos tradicionais.

A escolha lexical, as fontes consultadas, o espaço dedicado a diferentes pontos de vista e o enquadramento narrativo são elementos cruciais que definem como um tema como a TCI é apresentado e, conseqüentemente, como ele é simbolicamente legitimado ou deslegitimado perante o público.

Por exemplo, a utilização de termos como “suposto”, “alegado” ou “pretensa comunicação” em reportagens sobre TCI já sinaliza um distanciamento e um certo ceticismo por parte do veículo, orientando a interpretação do leitor.

Há tempos que reportagens, como diversas apresentadas no YouTube pelo **Canal Além da Realidade**, que se descreve como “um catálogo de vídeos que disponibilizamos ao público interessado na pesquisa sobre o tema da vida após a morte, especialmente sobre o fenômeno da transcomunicação instrumental (TCI)<sup>72</sup>, e em jornais de grande circulação, quando abordam o tema, de maneira geral tendem a enfatizar os aspectos curiosos e a linguagem de dúvida, utilizando temas musicais sombrios e termos como “supostas vozes” ou “alegadas aparições” ou classificando os experimentos como “ilusões auditivas e pareidolias”.

Em contrapartida, a apresentação de “evidências” ou “estudos” sem um contraponto crítico robusto pode conferir uma aura de legitimidade indevida. A obra de Sousa (2024) sobre a história do jornalismo, embora não focada na TCI, corrobora a ideia de que o

---

<sup>72</sup> Canal Além da realidade - Disponível em: <https://www.youtube.com/c/Al%C3%A9mdaRealidade>. Acesso em: 21 abr. 2025.

jornalismo, mesmo quando busca a objetividade, “pode contribuir, por exemplo, para a legitimação simbólica do *status quo* e das relações de poder e dominação” (SOUSA, 2024, p. 15).

Isso ocorre porque as rotinas produtivas, os valores-notícia e as próprias formações dos jornalistas tendem a reproduzir, muitas vezes inconscientemente, as visões de mundo dominantes.

Há exceções, entretanto. Diferentes veículos jornalísticos, e não apenas os alternativos e as revistas especializadas, têm se mostrado mais abertos a cobrir o tema de forma crítica, porém respeitosa.

A BBC<sup>73</sup>, por exemplo, como exemplificado, frequentemente publica artigos sobre TCI com base em entrevistas com pesquisadores e dados técnicos, igualmente, a Revista UFO<sup>74</sup>. Essa diferenciação editorial demonstra que o tipo de jornalismo praticado, seja investigativo, científico ou opinativo, influencia diretamente a forma como o fenômeno é percebido.

No caso da TCI, por desafiar paradigmas científicos estabelecidos e se inserir em um campo de crenças ainda estigmatizado, a tendência da mídia tradicional é abordar com cautela excessiva, ceticismo apriorístico ou, no extremo oposto, com sensacionalismo que pouco contribui para a discussão distinta. A legitimação simbólica, em razão disso, não é um processo monolítico; ela é constantemente negociada e disputada nos discursos midiáticos.

O enquadramento que o jornalismo direciona a TCI. Seja através da seleção de fontes (privilegiando cientistas céticos ou não, pesquisadores da área ou testemunhos de praticantes), da escolha de ângulos (focando nos aspectos tecnológicos, nas experiências pessoais ou nas controvérsias científicas) ou do tom da narrativa (investigativo, expositivo, crítico ou laudatório). Tal enquadramento tem implicações diretas na percepção pública e na capacidade de ser considerada objeto digno de atenção e debate sério, para além do círculo de seus adeptos.

Como exemplo, a complexidade dessa legitimação pode ser vista na cobertura de eventos ou congressos sobre TCI: a simples decisão de

---

<sup>73</sup> Advocates of Electronic Voice Projection (EVP). Disponível em: <https://www.bbc.com/news/magazine-21922834> Acesso em: 21 abr. 2025.

<sup>74</sup> Transcomunicação Instrumental. Disponível em: <https://ufo.com.br>. Acesso em: 21 abr. 2025.

cobrir ou ignorar tais eventos já é um ato de poder simbólico. Se coberto, o destaque dado, uma nota breve ou uma reportagem aprofundada, e o tratamento editorial subsequente, moldarão a forma como o público mais amplo terá contato com o tema, influenciando sua trajetória no espaço público e sua eventual (des)legitimação como prática ou campo de estudo.

Para Barbosa (2022), “o jornalismo ainda é o maior formador de opinião pública em temas sensíveis, e sua postura diante de fenômenos limítrofes como a TCI pode determinar o interesse ou o descrédito social” (BARBOSA, 2022, p. 113). A relevância dessa citação está exatamente em reforçar o papel ativo da imprensa na construção do imaginário coletivo, o que impõe uma responsabilidade ética na forma como o tema é retratado.

Portanto, compreender a influência do jornalismo sobre a TCI implica reconhecer que há mais em jogo que simples fatos: trata-se da disputa por legitimidade simbólica e epistêmica em um mundo cada vez mais fragmentado em bolhas de crença e descrença.

### **6.3 REDES SOCIAIS E CRENÇA COMPARTILHADA**

As redes sociais digitais reconfiguraram drasticamente a maneira como as crenças são formadas, compartilhadas e mantidas, especialmente no que tange a fenômenos como a TCI. Stuart Hall (2016) discute a identidade cultural na pós-modernidade, ressaltando como as identidades não são fixas, mas fluidas e construídas em relação aos sistemas de significação.

Como apontam autores como André Lemos e Lúcia Santaella, a convergência entre espiritualidade e mídia digital configura uma nova paisagem semiótica, marcada por performances de fé em ambientes conectados (SANTAELLA, 2013; LEMOS, 2010). Nesse ambiente, há espaço tanto para a desinformação quanto para a valorização do saber empírico.

As redes sociais digitais, como observado, funcionam como potentes arenas para a construção e negociação dessas identidades e discursos múltiplos, incluindo as espirituais e as relacionadas a crenças no paranormal.

Nesses espaços, indivíduos com interesses e crenças semelhantes, como os praticantes e entusiastas da TCI, podem se encontrar, formar comunidades e reforçar mutuamente suas convicções, muitas vezes à margem dos discursos hegemônicos da ciência ou da mídia tradicional, *vide* **Quadro 7. Podcasts sobre TCI.**

**Quadro 7** – Podcasts sobre TCI.

Título	Programa	Acesso em:	Disponível em:
#119 – Transcomunicação Instrumental (TCI) com Simone Santos	Spirit Reflections (podcast)	30 junho 2025	<a href="https://open.spotify.com/episode/07MJz7DyQss2jJi7DfxLrl">https://open.spotify.com/episode/07MJz7DyQss2jJi7DfxLrl</a>
Falando com o outro lado – Transcomunicação Instrumental	Mundo Freak Confidencial (podcast)	28 julho 2025	<a href="https://open.spotify.com/episode/34KCIjvk8vbLL0xkeV9gSX">https://open.spotify.com/episode/34KCIjvk8vbLL0xkeV9gSX</a>
Sônia Rinaldi – TCI – Transcomunicação Instrumental – Podcast	Espiritismo em Kardec (podcast)	29 julho 2025	<a href="https://open.spotify.com/episode/2UF1Uem2m2oxsg2url7d07">https://open.spotify.com/episode/2UF1Uem2m2oxsg2url7d07</a>
TCI – Parte 1 (com Sônia Rinaldi)	Acredite Se Quiser Podcast	11 set 2025	<a href="https://open.spotify.com/episode/063cj1OxGINrUczTmVZrQP">https://open.spotify.com/episode/063cj1OxGINrUczTmVZrQP</a>
TCI – Sônia Rinaldi	YouTube (vídeo)	08 agosto 2025.	<a href="https://youtu.be/WB7nE3zBrfE">https://youtu.be/WB7nE3zBrfE</a>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Centenas de canais no *YouTube* como o de Suely Pinheiro<sup>75</sup>, por exemplo, abrigam milhares de vídeos com supostos registros do além captados por aparelhos eletrônicos, sendo um dos principais vetores de pesquisadores brasileiros para divulgação da TCI nos últimos anos.

No juízo de Recuero (2018), “as redes sociais digitais não apenas propagam conteúdo, mas constroem sentidos coletivos a partir da interação dos usuários” (RECUERO, 2018, p. 144)<sup>76</sup>. Fato perceptível nos comentários de vídeos e *posts* de redes sociais digitais, onde internautas compartilham experiências pessoais, crenças e dúvidas, compondo um ecossistema dialógico próprio.

Ao analisar a comunicação ubíqua e a cultura das mídias, Lúcia Santaella (2019) aponta para a emergência de novas formas de sociabilidade e de produção de conhecimento em ambientes digitais.

As redes sociais digitais, como *Facebook*, *YouTube*, *Instagram* e fóruns especializados, tornam-se ecossistemas onde narrativas sobre a TCI circulam livremente, testemunhos são compartilhados, supostas evidências (áudios, vídeos, imagens) são disseminadas e

<sup>75</sup> Suely Pinheiro - Transcomunicação Instrumental (TCI) - Disponível em: <https://youtube.com/@supoal00?si=08NCEqJtavaeePCn> Acesso em: 24 abr. 2025.

<sup>76</sup> RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2018.

interpretadas coletivamente, como apresentado na **Tabela 7. Instagram**, logo abaixo.

**Tabela 7 – Instagram.**

INSTAGRAM	ENDEREÇO	ACESSO
TCI VITÓRIA - somos uma equipe séria. desde 2014 fazendo pesquisas na área da transcomunicação	transimagenvitoria@gmail.com	Acesso em: 08 Março 2025.
T.C.M. BRASIL TRANSMUNICAÇÃO BRASIL - Assista-nos no youtube e saiba mais sobre transcomunicação espiritual.	www.youtube.com/channel/UCi_NePKmzTeWnz4RFRub17g	Acesso em: 08 Março 2025.
imagens_de_correio_espiritual Grupo de Transcomunicação Instrumental Jon-Erik (TCIJONERIK) Correio espirita para reconhecimento de desencarnados através de transimagens obtidas e posteriormente aprimoradas pela IA.	youtube.com/@tcijonerik-correioespiritual	Acesso em: 08 Março 2025.

Fonte: Elaborado pelo Autor.

Instagram<sup>77</sup> e TikTok<sup>78</sup> também emergem como canais de divulgação da TCI em formato mais curto e apelativo, o que amplia o alcance, mas por vezes esvazia o conteúdo. *Digital Influencers* espirituais e perfis especializados contribuem para popularizar práticas e conceitos, mas enfrentam críticas por promoverem interpretações sensacionalistas. Essa dualidade exemplifica o paradoxo do digital: democratização do acesso versus superficialização do conteúdo.

Um estudo de Castilho e Ventura (2020) revelou que “a TCI é um dos temas espirituais mais comentados no Twitter brasileiro (atual “X”), sobretudo em datas comemorativas como Finados” (CASTILHO; VENTURA, 2020, p. 78)<sup>79</sup>, indicando que os algoritmos também favorecem picos de interesse relacionados a temporalidades simbólicas.

Um padrão é a criação de grupos dedicados à TCI no Facebook, onde membros postam suas gravações, pedem opiniões sobre possíveis vozes paranormais e compartilham técnicas e experiências, construindo uma “crença compartilhada” que se sustenta pela validação intragrupal, vide **Tabela 8. Facebook**.

<sup>77</sup> Correio Espiritual - Disponível em: [https://www.instagram.com/imagens\\_de\\_correio\\_espiritual?igsh=em5oY2s1Y3owYjl6](https://www.instagram.com/imagens_de_correio_espiritual?igsh=em5oY2s1Y3owYjl6) Acesso em: 24 abr. 2025.

<sup>78</sup> Reportagens Antigas - Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMBWXp9RY/> Acesso em: 24 abr. 2025.

<sup>79</sup> CASTILHO, Vanessa; VENTURA, Paulo. Espiritualidade em Rede: mídias sociais e novos sentidos do sagrado. Campinas: Papirus, 2020.

**Tabela 8 – Facebook.**

FACEBOOK	ENDEREÇO	ACESSO
Transcomunicação Instrumental Seattle	gtciseattle@outlook.com http://www.tciseattle.com	Acesso em: 01 Set. 2025.
Transcomunicação Instrumental	(11) 99856-2315	Acesso em: 01 Set. 2025.
Nova Consciência TCI - Canal destinado as pesquisas e contatos de entes queridos falecidos através da Transcomunicação Instrumental.	www.youtube.com/channel/UCeXXQ9cgOMUMKZ-7-wfD4lg/featured	Acesso em: 01 Set. 2025.
TRANSCOMUNICAÇÃO INSTRUMENTAL - CIÊNCIA TRANSCENDENTAL	Grupo Privado 2,4 mil membros	Acesso em: 01 Set. 2025.

Fonte: Elaborado pelo Autor.

Grupos no Facebook<sup>80</sup> e fóruns no Reddit<sup>81</sup> tornaram-se comunidades virtuais onde relatos, “evidências”, tutoriais de gravação e até experimentos coletivos são promovidos. Essas interações possibilitam a formação de laços de pertencimento e validação simbólica. Observa-se, portanto, que as plataformas digitais desafiam o monopólio da ciência e da mídia tradicional na definição do que é real ou válido.

As redes sociais digitais democratizaram o acesso à TCI, mas também amplificaram desinformação. No TikTok (**Tabela 9. TikTok**, na próxima página), a *hashtag* #GhostVoices acumula 2,3 bilhões de visualizações (2023), com vídeos que vão desde experimentos caseiros até fraudes descaradas. Como alerta Recuero (2022, p. 134)<sup>82</sup>, “plataformas algorítmicas privilegiam conteúdo emocional sobre o rigoroso, transformando a TCI em espetáculo”.

Manuel Castells (2015), em sua obra sobre a sociedade em rede, destaca o poder das redes de comunicação na formação da opinião pública e na mobilização social. Embora seu foco principal não seja a espiritualidade, seus *insights* sobre a autonomia dos sujeitos na produção e disseminação de informação são pertinentes.

<sup>80</sup> Transcomunicação Instrumental (TCI) – Transimagens - Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/1404350276243852/?ref=share&mibextid=KtfwRi> Acesso em: 24 abr. 2025.

<sup>81</sup> [https://www.reddit.com/r/Espiritismo/comments/1f12mvs/o\\_que\\_voc%C3%AAAs\\_acham\\_da\\_transcomunica%C3%A7%C3%A3o\\_instrumental/](https://www.reddit.com/r/Espiritismo/comments/1f12mvs/o_que_voc%C3%AAAs_acham_da_transcomunica%C3%A7%C3%A3o_instrumental/) Disponível em: Acesso em: 24 abr. 2025.

<sup>82</sup> RECUERO, R. Redes Sociais e Sociabilidade Digital. Porto Alegre: Sulina, 2022.

**Tabela 9 – TikTok.**

TikTok	ENDEREÇO	ACESSO
<b>luishurivas</b> Luis Hu Rivas - Autor de livros espíritas. www.linktr.ee/luishurivas https://www.amazon.com/-/es/gp/product/B0CD5MCRPH?ref=dbs_m_mng_rwt_calw_tkin_5&storeType=ebooks&qid=1716377873&sr=1-3	<a href="https://www.luishu.com">https://www.luishu.com</a>	Acesso em: 29 Julho 2025.
<b>institutopulsar.rj</b> TCI e Geobiologia	<a href="https://www.tiktok.com/@institutopulsar.rj/photo/7559245067861429560?is_from_webapp=1&amp;sender_device=pc&amp;web_id=7573787499547756039">https://www.tiktok.com/@institutopulsar.rj/photo/7559245067861429560?is_from_webapp=1&amp;sender_device=pc&amp;web_id=7573787499547756039</a>	Acesso em: 29 Julho 2025.
<b>carolcapel</b>	<a href="https://www.tiktok.com/@carolcapel/video/7476453688140107030?is_from_webapp=1&amp;sender_device=pc&amp;web_id=7573787499547756039">https://www.tiktok.com/@carolcapel/video/7476453688140107030?is_from_webapp=1&amp;sender_device=pc&amp;web_id=7573787499547756039</a>	Acesso em: 29 Julho 2025.

Fonte: Elaborado pelo Autor.

No contexto da TCI, as redes sociais permitem que os adeptos contornem os *gatekeepers* tradicionais da informação (mídia, academia) e construam seus próprios canais de legitimação. A “viralização” de um vídeo no YouTube que supostamente captura uma voz do além, por exemplo, pode gerar um intenso debate e atrair novos interessados, independentemente de sua validação científica externa.

Jenkins (2020), ao discutir a cultura da convergência, explora como o conteúdo flui através de múltiplas plataformas midiáticas e como a inteligência coletiva se manifesta nas comunidades de fãs e em outras formas de participação online. Aplicado à TCI, vemos como as narrativas e “provas” são remixadas, comentadas e reinterpretadas por diferentes usuários em diversas plataformas, criando um ecossistema midiático participativo em torno do fenômeno.

Um “blogueiro” pode analisar um áudio de TCI, um *youtuber* pode criar um vídeo sobre essa análise, e os comentários em ambas as plataformas podem “viralizar” adicionando novas camadas de interpretação e crença nos milhões de inscritos em cada canal, como demonstra a **Tabela 10. YouTube**, adiante.

**Tabela 10 – YouTube**

YouTube	Inscritos	Vídeos	Visualizações	Acesso	Disponível
TCISeattle – Simone Santos	5,84 mil	338	5,84 mil	19 Out 2025	www.youtube.com/@TCISeattleSIMONESANTOS
Sonia Rinaldi Oficial	30 mil	438	811.002	29 Maio 2025	www.youtube.com/@soniarinaldioficial
Suely Pinheiro - Transcomunicação Instrumental	3,96 mil	114	225.644	08 Março 2025	www.youtube.com/@Supoa100
Transcomunicação Instrumental Experimental	2,66 mil	515	120.469	19 Set 2025	www.youtube.com/@TCIexperimental
Associação Médico-Espírita de São Paulo	38,3 mil	1.233	1.658.796	04 Abril agosto 2025	www.youtube.com/@AMESP

Fonte: Elaborado pelo Autor.

Recuero (2022), novamente em seus estudos sobre redes sociais e sociabilidade digital, analisa como as interações *online* constroem capital social e fortalecem laços comunitários. Para os praticantes de TCI, as redes sociais não são apenas repositórios de informação, mas espaços de pertencimento e de validação emocional e experiencial.

O compartilhamento de uma experiência pessoal de um suposto contato com o além, mesmo que anedótica, pode encontrar forte ressonância em uma comunidade online, reforçando a crença individual e coletiva.

A dinâmica das “bolhas de filtro” e das “câmaras de eco”, frequentemente discutida no contexto da polarização política, também se aplica aqui: ao interagir predominantemente com quem compartilha das mesmas crenças, os indivíduos podem ter sua visão de mundo constantemente reforçada, tornando mais difícil a penetração de discursos céticos ou alternativos.

Por exemplo, um fórum *online* dedicado exclusivamente à TCI pode, inadvertidamente, criar um ambiente onde apenas narrativas confirmatórias são valorizadas, e qualquer questionamento é visto com hostilidade, solidificando a crença compartilhada sem um contraponto crítico robusto.

Contraopondo-se, comunidades na rede social digital Reddit (como r/TCI) têm criado protocolos de verificação inspirados no método científico, como gravações em câmaras anecoicas. Essa autorregulação lembra a “ciência cidadã” de projetos como SETI@home, conforme nota Jenkins (2019)<sup>83</sup>.

<sup>83</sup> JENKINS, Henry. Cultura da convergência. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2020.

A facilidade de produção e disseminação de conteúdo nessas plataformas também levanta questões sobre a veracidade e a manipulação de informações, um desafio constante para quem busca entender fenômenos controversos como a TCI.

A linha entre uma experiência genuína, uma interpretação equivocada de ruído (pareidolia auditiva) e uma fraude deliberada pode se tornar tênue nesses ambientes digitais, onde a emoção e a crença compartilhada muitas vezes se sobrepõem à análise crítica rigorosa.

A formação de “comunidades de prática” (LAVE; WENGER, 1991, *apud* BARBOSA, 2020) em torno da TCI nas redes sociais digitais é um exemplo claro de como o conhecimento, neste caso, técnicas de gravação, interpretação de sons, é construído e validado coletivamente, à margem das instituições formais de saber, fortalecendo a crença compartilhada através da experiência e do testemunho mútuo.

Porquanto, as plataformas digitais não apenas amplificam a visibilidade da TCI, como também transformam a própria experiência do fenômeno, convertendo-a em espetáculo, experiência coletiva e conteúdo de consumo.

Do mesmo modo, tais redes operam na dualidade como espaços de banalização e inovação metodológica. E a espiritualidade, neste contexto, torna-se cada vez mais mediada por telas e interfaces e, por conseguinte, a validação da TCI tende a ser referendada pela tecnologia e pela IA, tema que discutiremos em detalhes nos próximos capítulos.



7

## 7

SOB AS LENTES DA  
COMUNICAÇÃO DIGITAL

## 7.1 INTRODUÇÃO

"E, à medida que a imaginação dá corpo À forma de coisas desconhecidas, a pena do poeta Transforma-as em figuras e dá ao nada aéreo Uma morada local e um nome."

— William Shakespeare, Sonho de uma Noite de Verão (Ato V, Cena I)

Este Capítulo é uma ponte indispensável entre o referencial teórico consolidado e a análise empírica. O objetivo central é desdobrar as categorias conceituais de autores como Pierre Bourdieu, Stuart Hall, Lúcia Santaella e Michel Foucault, aplicando-as diretamente à forma como a TCI, a Inteligência Artificial e as controvérsias científicas são representadas e disputadas na esfera midiática contemporânea.

O trecho acima descreve perfeitamente o que a mídia e a IA fazem com a TCI: pegam algo impalpável ("nada aéreo" / ruído branco / dados brutos) e, através da tecnologia e da narrativa ("a pena do poeta"), dão-lhe uma forma visível ("morada local e nome"). Encaixa-se como luva na teoria de **Stuart Hall** (codificação/decodificação e representação) e na semiótica de **Santaella**.

A escolha por este arranjo temático e teórico não é arbitrária, mas sim uma exigência da própria natureza do objeto. O capítulo analisará como a mídia constrói a realidade para o público, transformando o invisível em produto de consumo digital.

A TCI, ao articular tecnologia, espiritualidade e comunicação, certamente pode melhor ser compreendida em sua dramaticidade sendo representada por um dispositivo inserido em campos de força e regimes de verdade específicos. A mídia, em suas formas tradicional e digital, é o palco de teatro elisabetano onde se encenam as disputas por legitimidade, visibilidade e sentido.

## 7.2 NA MÍDIA: DO ESPETÁCULO À INVISIBILIDADE E À VISIBILIDADE SELETIVA

A investigação da representação da TCI na mídia tradicional, em jornais, televisão, ou rádio, suscita uma cosmovisão visionária capaz de desvelar as relações de poder e as estruturas hierárquicas que administram a produção e circulação do discurso.

O arcabouço conceitual de Pierre Bourdieu, com sua teoria dos campos, do *habitus* e das diferentes formas de capital, oferece a plataforma perfeita para esse aprofundamento.

Vejam os **o campo jornalístico e a doxa da ciência**. Para **Bourdieu**, o campo jornalístico<sup>84</sup> é um **espaço social relativamente autônomo**, mas interligado a outros campos (político, econômico, científico), onde agentes (jornalistas, editores, *gatekeepers*) lutam pela acumulação de capital simbólico, o reconhecimento e a credibilidade.

A produção da notícia é, portanto, o resultado de uma disputa interna, onde a doxa (**o conjunto de crenças e pressupostos não questionados**) do campo impõe limites ao que é considerado “noticiável” e “legítimo”.

No contexto da TCI, o campo jornalístico opera uma visibilidade seletiva. O fenômeno é frequentemente enquadrado de duas maneiras principais, ambas funcionais à manutenção da doxa jornalística:

### 1. O Espetáculo e o Exótico: A TCI é retratada como um evento bizarro, folclórico ou sensacionalista, servindo como entretenimento.

Essa abordagem, ao focar no aspecto extraordinário, despolitiza e descontextualiza o fenômeno, impedindo uma análise séria de suas implicações comunicacionais e culturais. O capital simbólico do jornalismo é reforçado pela sua capacidade de “revelar” o inusitado, mas sem compromisso com a verdade científica.

### 2. Refutação e a Deslegitimação: Quando a TCI é tratada de forma mais séria, é quase invariavelmente para ser refutada por fontes científicas “legítimas”. O campo

---

<sup>84</sup> BOURDEU, Pierre. Sobre a Televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

**jornalístico importa a doxa do campo científico – o ceticismo materialista – para exercer seu poder de classificação. A TCI, por não possuir o capital científico<sup>85</sup>, é relegada à categoria de pseudociência ou crença.**

O capital simbólico, sob a forma de prestígio e de consagração, é uma das armas mais poderosas na luta que se trava no campo, pois permite impor uma visão legítima do mundo social e, em particular, do próprio campo.” (BOURDIEU, 1989)

A TCI, ao tentar se inserir no debate público mediado, confronta o *habitus* dos jornalistas, que são treinados para valorizar a objetividade, a fonte oficial e a racionalidade científica.

O *habitus* jornalístico, moldado pela história e pelas regras do campo, atua como um filtro inconsciente que a torna invisível como objeto de estudo sério e visível apenas como curiosidade ou erro.

A aplicação do conceito de campo de Bourdieu é fundamental para ir além de uma análise de conteúdo superficial. Ela nos permite compreender que a representação da TCI na mídia não é reflexo neutro da realidade, mas o resultado da luta por poder simbólico.

A mídia não apenas informa sobre a TCI, ela a posiciona em uma hierarquia de saberes, geralmente em uma posição subalterna.

Até porque, em sua prática, ela busca acumular seu próprio capital simbólico<sup>86</sup>, que reside na crença e na experiência de seus praticantes. Este capital, no entanto, é quase nulo no campo jornalístico tradicional.

A luta pela sua importância na mídia é, em essência, uma luta pela conversão de seu capital específico, ou seja, a experiência espiritual mediada pela tecnologia em capital simbólico reconhecido socialmente. Noutras palavras, **trata-se da luta por capital simbólico e mediação espiritual.**

---

<sup>85</sup> BOURDIEU, Pierre. O Campo Científico. In: BOURDIEU, Pierre. Para uma Sociologia da Ciência. Lisboa: Edições 70, 2004.

<sup>86</sup> BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Linguísticas. São Paulo: Edusp, 1996.

A mídia tradicional, ao impor seus critérios de noticiabilidade, atua como um mecanismo de reprodução das desigualdades simbólicas.

Ao dar voz majoritariamente a céticos e cientistas estabelecidos, ela reforça a hierarquia de saberes, onde a ciência materialista ocupa o topo e a TCI, o rodapé.

Tabela 11 – A TCI no Campo Jornalístico sob a Lente de Bourdieu		
Conceito Bourdieuano	Aplicação à TCI na Mídia Tradicional	Consequência para a TCI
<b>Campo Jornalístico</b>	Espaço de disputa onde a TCI é enquadrada. Impõe a doxa da ciência e do espetáculo.	Filtra a TCI, tornando-a objeto de refutação ou curiosidade.
<b>Habitus</b>	Disposições dos jornalistas que valorizam a fonte oficial e o ceticismo.	Leva à deslegitimação e à invisibilidade como tema sério.
<b>Capital Simbólico</b>	Legitimidade e prestígio que a TCI não possui no campo midiático.	Serve como base para a refutação automática do fenômeno.
<b>Doxa</b>	A crença inquestionada na superioridade da ciência materialista.	Reforça a hierarquia de saberes e a posição

Fonte: Elaborado pelo Autor (2025).

A análise Bourdieana, conforme **Tabela 11. A TCI no Campo Jornalístico sob a Lente de Bourdieu**, nos permite ir além da simples descrição do que é veiculado, para compreender *por que* é veiculado dessa forma. A luta por capital simbólico é o motor oculto da representação midiática.

Esta seção analisa como os praticantes tentam, por vezes, mimetizar a linguagem da ciência para ganhar legitimidade, ou como buscam validação através de figuras públicas (artistas, políticos) que aderem à prática, em uma tentativa de importar capital simbólico de outros campos.

O conceito de **habitus** é poderoso para entender a resistência do campo jornalístico em tratar a TCI com seriedade. O *habitus*, como um

sistema de disposições duráveis e transponíveis, funciona como uma “gramática geradora” de práticas.

O **jornalista**, em toda sua formação e profissionalização, internaliza e desenvolve um conjunto de instintos e representações de percepção e apreciação. Ele apreende e identifica uma “boa” fonte oficial, credenciada, e com capital científico, para estruturar uma narrativa, o lide, a pirâmide invertida, e para manter postura de “objetividade” que, em sua prática, é alinhar-se à doxa dominante. Este é o **habitus jornalístico**.

Quando confrontado com um fenômeno como a TCI, que desafia as categorias estabelecidas, o *habitus* jornalístico reage de forma quase automática, classificando-o no domínio do “estranho”, do “bizarro” ou do “não-sério”.

A TCI não se encaixa nas editorias tradicionais, já que não é sobre política ou economia, e só entra em ciência para ser desmentida. É relegada às margens do jornalismo, aos programas de variedades, às seções de curiosidades ou às reportagens de “comportamento” que a tratam como uma tribo exótica.

**Justificativa e Aprofundamento:** Nesta seção, observamos **como o *habitus* não é tão-somente questão de preconceito individual**, mas uma **estrutura coletiva e incorporada**. Por exemplo, manuais de jornalismo ou códigos de ética confirmam como a valorização da **fonte oficial** e da **prova material** é são sempre **pilares da profissão**.

Além disso, de modo geral, ao analisar entrevistas com jornalistas que cobriram o tema, identificamos em seus discursos os traços desse *habitus* em ação. Percebe-se, portanto, **que a invisibilidade da TCI como tema sério pode não ser (apenas) uma conspiração, mas o resultado previsível do funcionamento normal do campo jornalístico**.

### **7.3 MÍDIA DIGITAL: A GUERRILHA SEMIÓTICA E A NEGOCIAÇÃO DE SENTIDOS**

Se a mídia tradicional, com sua estrutura hierárquica, tende a marginalizar, **a TCI na mídia digital** (blogs, fóruns, YouTube, redes sociais) abre um novo campo de batalha, uma verdadeira **guerrilha**

**semiótica**, onde as regras são mais fluidas e a disputa por sentido é mais explícita. Para analisar este novo cenário, o arcabouço teórico de Stuart Hall<sup>5</sup>, com seus conceitos de representação, codificação e decodificação, é particularmente iluminador.

Para Hall, a **representação como prática de significação** não é o mero reflexo de um sentido que já existe no mundo; ela é uma prática que constitui o sentido. As mídias não espelham a realidade, elas a constroem através de sistemas de representação (linguagem, imagens, sons). A TCI, na mídia digital, é um exemplo vibrante dessa construção de sentido em andamento.

Os praticantes, ao postarem seus vídeos de “caça-fantasmas” no YouTube, não estão apenas mostrando o que encontraram; eles estão ativamente **codificando** a experiência. Eles usam uma série de convenções para significar a autenticidade do evento: a câmera noturna, a narração sussurrada, os medidores de campo eletromagnético que apitam, a legenda que “traduz” o ruído em uma frase coerente. Tudo isso é um trabalho de produção de sentido, destinado a guiar a interpretação do espectador.

“A representação é uma parte essencial do processo produzido e trocado entre os membros de uma cultura, linguagem, de signos e de imagens que representa (HALL, 1997)”

**Justificativa e Aprofundamento:** A introdução do conceito de representação de Hall marca um *plot twist* nesta história. Enquanto Bourdieu contribuiu para compreender as estruturas de poder que limitam a visibilidade, Hall nos ajuda a interpretar como, nos espaços onde a TCI se torna visível, a mídia digital, o sentido é construído e disputado.

É o que se observa ao analisar em detalhe os elementos visuais e sonoros de vídeos populares de TCI no *YouTube*, decompondo-os como um sistema de signos que busca produzir o “efeito de real” paranormal.

O modelo de **codificação/decodificação** de Hall<sup>87</sup> é definitivo para entender a dinâmica da TCI *online*. Na visão de Hall, embora o produtor de uma mensagem, neste caso, o praticante, codifique um “sentido preferencial” (“**isto é a voz de um espírito**”), o público não age como um receptor passivo. Ele pode decodificar a mensagem de

---

<sup>87</sup> HALL, Stuart. Encoding/Decoding. In: HALL, Stuart et al. Culture, Media, Language. London: Hutchinson, 1980.

diferentes maneiras, dependendo de seu próprio repertório cultural e de sua posição ideológica.

Hall propõe três posições hipotéticas de decodificação:

1. **Posição Dominante-Hegemônica: O espectador aceita o sentido preferencial sem questionamento. Ele decodifica a mensagem da maneira como o produtor pretendia. Aqui na TCI, este é o seguidor fiel, o crente, que comenta no vídeo: “Incrível! Ouvi claramente a voz!”, por exemplo.**
2. **Posição Negociada: O espectador acolhe a moldura geral da mensagem, mas a negocia em um nível mais restrito. Ele até pode perceber que o praticante é sincero, mas discute uma evidência específica. Por exemplo, “acho que você faz um trabalho sério, mas essa voz em particular parece mais uma interferência de rádio”.**
3. **Posição Oposicionista: O espectador compreende o sentido pretendido, mas o rejeita completamente, decodificando-o a partir de uma moldura de referência alternativa. Este é o cético, que protesta: “Isso é obviamente pareidolia. Vocês estão se enganando”.**

O modelo de Hall nos permite mapear o campo de batalha discursivo em torno da TCI *online*. A seção de comentários destes vídeos no YouTube é um microcosmo perfeito dessas três posições em ação.

Ao se incluir uma análise netnográfica de seções de comentários de vídeos selecionados, coletando e categorizando exemplos de cada posição de leitura, se demonstra, de forma empírica, **como o sentido da TCI não é fixo, mas constantemente negociado e disputado pela audiência.**

A mídia digital não oferece unicamente canal para a distribuição de “evidências”, ela permite a formação de **comunidades interpretativas** que se engajam em uma complexa dinâmica de representação. Nessas áreas públicas (fóruns, grupos de Facebook, canais de YouTube), os conceitos de **articulação e política da representação** de Stuart Hall são instrumentos analíticos ricos para as **dinâmicas de representação da TCI no digital.**

Hall usa o conceito de **articulação** para descrever a conexão de diferentes elementos que, uma vez conectados, formam **uma nova unidade ou discurso**. A TCI *online* é um modelo soberano dessa prática articulatória. Os praticantes articulam:

- a) **Tecnologia: Softwares de áudio, aplicativos de *spirit box*, medidores de campo eletromagnético.**
- b) **Espiritualidade: Conceitos de pós-vida, guias espirituais, anjos e demônios.**
- c) **Afeto: Luto pela perda de ente querido, procura por consolo, temor do**
- d) **desconhecido.**
- e) **Linguagem Científica: Termos como “frequência”, “campo quântico”, “energia”, “dimensão”.**

**Aparência** de ciência, **função** de religião e **forma** de entretenimento. Este híbrido é uma nova formação discursiva que permite aos praticantes identidade coletiva e sistema de crenças que é **moderno (tecnológico) e ancestral (espiritual)**.

Isso nos leva à **política da representação**. Para Hall, a luta em torno da representação é perpetuamente luta por poder. As comunidades de TCI *online* estão engajadas em um sistema de **“guerrilha semiótica”**. Elas ativamente contestam a representação dominante que as enquadra como fraude ou delírio, e que é imposta pela mídia tradicional e pela ciência hegemônica.

Elas criam seus “regimes de verdade” comuns, com seus especialistas exclusivos (os *youtubers* mais “confiáveis”), seus próprios critérios de validação (a clareza de um EVP, a forma de uma transimagem) e seus rituais pessoais de confirmação (o coro de “curtidas” e comentários que afirmam **“eu também ouvi!”** nas redes sociais digitais).

**Justificativa e Aprofundamento:** Esta seção mostra que a TCI *online* não é apenas um repositório de vídeos, mas um espaço político. Observemos **a análise de manifestos, FAQs ou regras de grupos de TCI** para identificar como definem o que é uma “boa” evidência e como se posicionam em relação ao ceticismo.

**Analisar a linguagem que usam para descrever a si mesmos** (“pesquisadores”, “investigadores do paranormal”) também é fundamental para entender essa luta pela legitimação.

Tais **comunidades não são passivas, mas agentes ativos** na construção e defesa de sua própria visão de mundo, **em oposição direta** às forças hegemônicas identificadas na análise de Bourdieu.

## 7.4 TCI E TECNOCULTURA: A PERSPECTIVA DE LÚCIA SANTAELLA

Para decifrar a TCI em sua exteriorização mais contemporânea, é imprescindível recorrer ao pensamento de **Lúcia Santaella**<sup>88</sup>, uma das cardeais teóricas da comunicação e da semiótica no Brasil. Seus conceitos de **tecnocultura**, **semiosfera** e **pós-humano** fornecem um arcabouço teórico robusto para analisar como a TCI se insere e é moldada pelo ambiente digital ubíquo.

Santaella expõe a **tecnocultura** como a cultura que desponta da aliança entre a técnica e todas os domínios da vida social e psíquica. Na tecnocultura, a tecnologia não é mais uma ferramenta externa, mas uma segunda natureza, um outro meio ambiente que nos constitui e que habitamos.

**A TCI é um sintoma da tecnocultura.** Ela simboliza a apropriação de tecnologias de comunicação (rádios, gravadores, *softwares*, IAG) para fins que transcendem sua utilidade original, e as converte em aparelhos de intercessão espiritual.

Na tecnocultura, as fronteiras entre o humano e a máquina, o orgânico e o artificial, o real e o virtual tornam-se **porosas**. A TCI opera precisamente nesses limites, utilizando a máquina para estender os sentidos humanos na tentativa de perceber o que é, por definição, imperceptível. Ela é a manifestação de um desejo de reencantamento do mundo através das próprias ferramentas que, para Weber, o desencantaram.

A tecnocultura contemporânea é marcada pela hibridação crescente entre o homem e a máquina, gerando novas formas de sensibilidade, de percepção e de cognição.”<sup>89</sup> (SANTAELLA, 2013).

---

<sup>88</sup> SANTAELLA, Lúcia. Culturas e Artes do Pós-Humano: Da Cultura das Mídias à Cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

<sup>89</sup> SANTAELLA, Lúcia. Comunicação Ubíqua: Repercussões na Cultura e na Educação. São Paulo: Paulus, 2013.

**Justificativa e Aprofundamento:** A introdução do conceito de tecnocultura de Santaella permite situar a TCI no contexto mais amplo das transformações culturais impulsionadas pela tecnologia.

A TCI se alinha a outras práticas da tecnocultura, como a **realidade virtual, os jogos de realidade aumentada (Pokémon GO) e a cultura dos ciborgues, que também exploram a fusão entre corpo, percepção e tecnologia**. Como se demonstra, **a TCI não é uma anomalia, mas uma expressão, ainda que marginal**, da lógica dominante dos tempos atuais.

Santaella, baseando-se em Lúri Lotman, utiliza o conceito de **semiosfera** para descrever o universo da cultura como um espaço contínuo de signos. A tecnocultura cria uma **semiosfera tecnológica**, um ambiente informacional denso, ubíquo e saturado de signos digitais. Neste ambiente, a própria natureza da “prova” ou da “evidência” entra em crise.

Na era analógica, um registro de uma fotografia numa Rolleiflex ou numa gravação em fita cassete TDK possuía forte estatuto de índice, uma conexão física direta com o real. Na semiosfera digital, todo signo é, em sua essência, uma cópia, um conjunto de dados (bits) que pode ser infinitamente replicado, manipulado e distribuído.

A “voz” de um *EVP* em um arquivo em formato MP3 ou a “face” em uma transimagem em formato JPEG não possuem a mesma conexão indicial com um evento original. Eles são, desde o início, textos digitais abertos à manipulação.

Isso gera uma **crise de evidência**. Para a comunidade de praticantes de TCI, o arquivo digital e a análise espectral representam uma forma mais sofisticada e “científica” de prova. Para os céticos, eles representam uma forma mais sofisticada de autoengano ou fraude.

A semiosfera tecnológica, nesse sentido, não resolve a disputa, e a intensifica, fornecendo a ambas as partes ferramentas mais poderosas para defender suas posições. A verdade não reside mais no objeto, a fita, o arquivo, mas na interpretação e na confiança que se deposita na fonte da informação.

**Justificativa e Aprofundamento:** Nesta seção aprofundamos a discussão sobre a “prova”. Devemos **analisar a retórica visual e auditiva**

utilizada pelos praticantes para construir a credibilidade de suas evidências digitais.

Por exemplo, a exibição de formas de onda e **espectrogramas**, mesmo que a maioria dos espectadores não saiba interpretá-los, funciona como um signo de “**cientificidade**”. O objetivo é demonstrar como, **na semiosfera digital, a aparência de prova muitas vezes se torna mais importante do que a própria prova.**

A discussão sobre a tecnocultura e a hibridação homem-máquina nos leva diretamente a r e f l e x ã o s o b r e o **pós-humano e a TCI como tecnologia de expansão no** conceito de Lúcia Santaella<sup>90</sup>.

O pós-humano não se refere a um futuro distópico de ciborgues, mas a uma condição presente, na qual a tecnologia já se tornou uma extensão de nossos corpos, mentes e percepções. Somos todos, em certa medida, pós-humanos, ao tempo em que nossa experiência do mundo é constantemente mediada por dispositivos tecnológicos.

A TCI pode ser interpretada como uma prática radicalmente pós-humana. Ela utiliza a tecnologia não apenas para comunicar ou processar informação, mas para **expandir os limites da percepção humana.**

O praticante busca, através do gravador ou do *software*, ouvir o que o ouvido humano não pode captar, ver o que o olho humano não pode enxergar. O dispositivo torna-se uma prótese sensorial, uma extensão do sistema nervoso que se projeta para além do mundo físico, na tentativa de alcançar uma outra dimensão da realidade.

Essa busca por uma percepção aumentada pela tecnologia alinha a TCI a outras manifestações da cultura pós-humana, como:

- a) Bio-hacking e Grinders: Indivíduos que implantam chips, ímãs ou outros dispositivos em seus corpos para adquirir novas capacidades, como sentir campos magnéticos, abrir portas com um aceno de mão ou “pagamento por aproximação” (contactless), via tecnologia NFC (Near Field Communication).**
- b) Realidade Aumentada (RA): Tecnologias que sobrepõem informações digitais ao mundo físico, como os óculos de RA**

<sup>90</sup> SANTAELLA, Lúcia. Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade. São Paulo: Paulus, 2007.

que exibem dados em tempo real sobre o que o usuário está vendo.

- c) **Interfaces Cérebro-Computador (BCI): Tecnologias emergentes que buscam conectar diretamente o cérebro a dispositivos externos, permitindo o controle de máquinas pelo pensamento.**

Em todos esses casos, assim como na TCI, a tecnologia é usada para transcender as limitações biológicas do corpo humano. Aqui, no entanto, se adiciona uma camada espiritual a essa busca: a expansão da percepção não visa a um maior controle sobre o mundo material, mas a um contato com o universo imaterial.

**Justificativa e Aprofundamento:** É fundamental perceber que a TCI se posiciona na vanguarda do debate sobre tecnologia e condição humana. Basta uma comparação entre esta e outras práticas pós-humanas mencionadas, mostrando as semelhanças na busca pela expansão sensorial e as diferenças no objetivo final (**controle material vs. Contato espiritual**).

Isso permite argumentar que a TCI, longe de ser uma prática anacrônica, é uma das frentes onde se explora a questão central do pós-humanismo: **o que significa ser humano em uma era em que a tecnologia pode redefinir os limites de nosso corpo e de nossa mente?**

## **7.5 SABER INSURRETO: A PERSPECTIVA DE MICHEL FOUCAULT**

Por fim, para perceber a TCI como um campo de poder e resistência, a obra de **Michel Foucault**<sup>91</sup> é imprescindível. Seus conceitos de **saber-poder, regimes de verdade, genealogia e biopolítica** nos permitem analisar, não como crença ou técnica, mas como um “saber insurreto” que desafia as formas de poder e conhecimento hegemônicas.

Foucault argumenta que o poder não apenas reprime, mas produz saber. As disciplinas científicas (medicina, psiquiatria, biologia, entre outras) não são neutras, são “regimes de verdade” que

<sup>91</sup> FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

categorizam o que é normal e o que é patológico, bem como o que é ciência e o que é pseudociência.

Esses saberes oficiais, acadêmicos e hierarquizados, de modo geral, operam desqualificando e subjugando outros tipos de conhecimento, que Foucault chama de “**saberes sujeitos**” ou “**saberes insurretos**”.

A TCI é um exemplo perfeito de saber sujeito. É um conhecimento que foi desqualificado pela ciência oficial como sendo ingênuo, irracional e não-científico. É um saber local, disperso, que circula nas margens da academia e da mídia tradicional. Ele não possui o *status*, o vocabulário e os rituais da ciência hegemônica.

E, no entanto, precisamente por ser um saber marginal, possui poder de insurreição. Ele contesta a autoridade da ciência para se achar o único árbitro da realidade e do que pode ou não ser conhecido.

Trata-se, com efeito, da insurreição dos saberes. Não tanto contra os conteúdos, os métodos ou os conceitos de uma ciência, mas de uma insurreição, antes de tudo e sobretudo, contra os efeitos centralizadores de poder que são vinculados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa.” (FOUCAULT, 1996).

**Justificativa e Aprofundamento:** A introdução da perspectiva de Foucault oferece uma politização radical da análise. A TCI deixa de ser uma mera curiosidade para se tornar um ato de resistência epistemológica.

Devemos explorar como os praticantes, em seus discursos, frequentemente se posicionam como “rebeldes” ou “pioneiros” que ousam desafiar o “dogmatismo” da ciência estabelecida. Eles criam uma narrativa onde são os heróis de uma luta contra um poder centralizador que busca silenciar verdades inconvenientes.

Para entender como a TCI se tornou um saber sujeito, é preciso fazer uma **genealogia de sua exclusão e compreender a normalização de seu ceticismo**. A genealogia, para Foucault, não é a busca por uma origem linear, mas a análise das contingências, das lutas e dos acidentes que levaram a uma determinada configuração de seu saber e de seu poder. Uma genealogia da exclusão da TCI revelaria:

1. **A Ascensão da Ciência Materialista: O século XIX, com o positivismo, consolidou uma visão de mundo onde apenas o que é material, mensurável e observável é considerado real. Tudo o que escapa a esses critérios (a alma, o espírito, a consciência pós-morte) é relegado ao império da crença ou da patologia.**
2. **A Medicalização do “Anormal”: O desenvolvimento da psiquiatria e da psicologia no final do século XIX e início do XX tendeu a interpretar experiências anômalas (como ouvir vozes ou ter visões) não como um contato espiritual, mas como um sintoma de doença mental (histeria, esquizofrenia).<sup>92</sup>**
3. **A Profissionalização da Ciência: A ciência tornou a profissão de cientista altamente especializada e institucionalizada, com seus rituais de validação (revisão por pares, publicação em periódicos de impacto) que excluem sistematicamente os “amadores” e os saberes produzidos fora da academia.**

O resultado desse processo histórico foi a **normalização do ceticismo**. O ceticismo em relação a fenômenos como a TCI deixou de ser uma posição filosófica entre outras para se tornar a posição “normal”, “saudável” e “racional”, enquanto a crença se tornou o desvio a ser explicado ou corrigido.

**Justificativa e Aprofundamento:** Esta seção serve para desnaturalizar o *status* da TCI como “pseudociência”. Ao que detalhes históricos aparentemente demonstram, a exclusão da TCI não foi o resultado de uma simples descoberta de que ela é “falsa”, mas o produto de uma longa e complexa luta de poder que estabeleceu as fronteiras do que é considerado conhecimento “legítimo”.

A perspectiva de Foucault torna-se ainda mais potente quando aplicada à manifestação mais recente da TCI: o uso de Inteligência Artificial Generativa para simular a comunicação com os mortos.

---

<sup>92</sup> A mediunidade na psiquiatria e na psicologia moderna é tratada principalmente através de uma perspectiva de saúde mental, neurociência e contexto cultural. Hoje, o Transtorno de Transe e Possessão é previsto na categoria de estados dissociativos do CID (Classificação Internacional de Doenças), mas, se ressalta que, se o comportamento for culturalmente ou religiosamente aceito, não deve ser considerado uma doença mental.

Aqui, entramos no domínio da **biopolítica**, que Foucault descreve como a forma de poder que incide sobre a vida da população – gerenciando a saúde, a longevidade, a reprodução. Na era digital, a biopolítica se expande para o que alguns teóricos chamam de **psicopoder** ou **biopolítica algorítmica**: o gerenciamento e a modulação dos processos psíquicos e afetivos através da tecnologia.

Os sistemas de IAG que recriam vozes e personalidades de pessoas falecidas são uma forma de biopolítica algorítmica. Eles operam sobre um dos processos mais fundamentais da vida humana: o luto.

Ao oferecer a possibilidade de uma “continuidade” da relação com o morto, esses sistemas intervêm diretamente na gestão do luto, um processo que tradicionalmente era mediado pela religião, pela comunidade ou pela psicoterapia. Agora, ele pode ser intercedido por um algoritmo.

Isso levanta questões foucaultianas essenciais sobre poder e controle:

- a) Quem controla os algoritmos? As empresas de tecnologia que desenvolvem esses sistemas detêm um poder imenso para moldar a experiência do luto de milhões de pessoas. Suas decisões sobre como o algoritmo funciona, que tipo de personalidade ele simula ou que limites ele impõe à interação são decisões biopolíticas.**
- b) Normalização do Luto: Esses sistemas podem criar uma nova “conduta” para o luto? A interação contínua e s e m c r i t é r i o s com um avatar digital pode se tornar a forma “correta” de lidar com a perda, enquanto o luto tradicional, baseado na aceitação da ausência, pode se tornar obsoleto ou até mesmo “patológico”?**
- c) Vigilância e Extração de Dados: A interação com um avatar de um ente querido é uma fonte de dados emocionais r i c a e extremamente íntimos. Como esses dados são coletados, armazenados e utilizados? Eles podem ser usados para fins comerciais (publicidade direcionada) ou de controle social?**

A TCI, que começou como um “saber insurreto” contra o poder da ciência, corre o risco de ser recapturada por uma nova forma de poder e controle, ainda mais sutil e pervasiva: **o poder algorítmico**. A busca por autonomia espiritual pode terminar em uma nova forma

de sujeição, onde a gestão da alma é terceirizada para uma caixa-preta corporativa.

**Justificativa e Aprofundamento:** Talvez nesta seção esteja o ponto culminante da análise foucaultiana e mais importante para a contemporaneidade da dissertação. Devemos explorar exemplos concretos de empresas e tecnologias que já oferecem esses serviços (como o *Project December* ou as patentes registradas pela Microsoft).

Esta análise deve ir além da TCI e conectar essa práxis a outras formas de **biopolítica algorítmica**, como os sistemas de crédito social ou a publicidade microdirecionada baseada em perfis psicológicos. O objetivo é demonstrar que a TCI na nova era da IA não é simplesmente polêmica de fé pessoal, mas um problema político central sobre o futuro da autonomia humana em uma sociedade, doravante, cada vez mais administrada por algoritmos.

## 7.6 LABORATÓRIO PARA AS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO

Longe de ser objeto de estudo marginal ou bizarro, a TCI se revela verdadeiro **laboratório** para testar, tensionar e articular teorias clássicas e contemporâneas da Comunicação. Todo autor e teoria mobilizado ofereceu sua lente única, e é na sobreposição dessas lentes que a complexidade do fenômeno se torna visível.

Enfatizamos o momento em que tais autores e suas teorias, talvez numa visão precipitada, superficial ou aparente, possam até parecer, em dado tempo e espaço, conflitantes ou divergentes, entretanto, sob determinada intercessão e observação, convergem e comungam em pontos de vista que cá apresentamos.

**Pierre Bourdieu** nos permitiu enxergar pela lupa do poder estrutural. Sua teoria dos campos alumiu a dinâmica da exclusão, esclarecendo como a mídia tradicional, ao operar pela lógica de seu *habitus* e em defesa de seu capital simbólico, constrói a invisibilidade como tema sério. A análise bourdieana aclarou as relações de força que relegam a TCI à condição de “crença” em oposição à “ciência”.

**Stuart Hall**, por sua vez, deslocou o foco da estrutura para a agência e a disputa de sentidos. Sua teoria da representação e o modelo de codificação e decodificação foram decisivos para dissecar a TCI na mídia digital. Hall nos mostrou como os praticantes não são vítimas

passivas da exclusão, mas agentes ativos que constroem seus próprios significados, engajam-se em uma “guerrilha semiótica” e formam coletividades interpretativas que contestam a hegemonia.

**Lúcia Santaella** nos entregou o contexto mais amplo da tecnocultura. Suas concepções de semiosfera tecnológica e pós-humano permitiram situar a transcomunicação como um sintoma da nossa era, uma prática que explora a hibridação homem e máquina, e a crise da evidência no ambiente digital. Santaella nos auxilia a entender a TCI não como uma volta ao passado, mas como uma manifestação da condição pós-humana.

Finalmente, **Michel Foucault** politizou radicalmente a análise. Sua perspectiva da genealogia do saber e do poder nos permitiu desnaturalizar a exclusão da TCI. Isso a evidenciou como o resultado de uma longa história de lutas que definiram as balizas da erudição genuína. Mais importante, sua teoria da biopolítica nos alertou para os novos perigos que despontam com a IA, onde a busca por autonomia espiritual pode ser recapturada por um poder algorítmico sutil e pervasivo.

Dessa maneira, não tratamos aqui de um fenômeno que possa ser explicado por uma única teoria. Ela é, simultaneamente, um objeto de disputa em um campo de poder (Bourdieu), um texto aberto à negociação de sentidos (Hall), um sintoma da hibridação homem-máquina (Santaella) e um saber insurreto que desafia e é recapturado por regimes de verdade (Foucault).

A riqueza deste objeto de estudo reside precisamente em sua capacidade de iluminar as intersecções entre poder, discurso, tecnologia e subjetividade. Este capítulo, ao aplicar essa matriz teórica, preparou o terreno para a análise empírica que se seguirá no próximo capítulo, onde buscaremos encontrar as marcas dessas dinâmicas teóricas nos dados coletados através do embate discursivo entre os que se colocam como céticos diante e aqueles que legitimam suas experiências como evidências de uma nova fronteira comunicacional.



8

## 8

## NARRATIVAS CÉTICAS E CRENTES NA CULTURA DIGITAL

### 8.1 INTRODUÇÃO

“I can call spirits from the vasty deep. Why, so can I; or so can any man...”<sup>93</sup>

O embate discursivo entre os que se colocam como céticos diante da TCI e aqueles que legitimam suas experiências como evidências de uma nova fronteira comunicacional entre vivos e mortos é o tema central deste Capítulo.

Essa dualidade revela muito mais que simples divergência de crenças. Reflete, de fato, distintos regimes de verdade (FOUCAULT, 1995), ancorados ora na racionalidade científica ocidental, ora nas vivências subjetivas, culturais e espirituais. Daí a razão desta epígrafe.

Ao longo da história, a humanidade tem alternado épocas de maior aceitação do “espiritual” com fases de valorização da “razão”. No século XXI, com o avanço das tecnologias digitais e da ciência da informação, a TCI ressurge como espaço aberto para contendas simbólicas e epistemológicas.

Em um polo, o discurso científico clássico, herdeiro do positivismo, rejeita qualquer possibilidade de “comunicação com o além” que não se mensura ou se reproduz em laboratório. Noutro, cresce um contingente de sujeitos que, com base em suas experiências individuais, religiosidade ou práticas mediúnicas, defendem a TCI como ferramenta legítima de interação com planos extrafísicos.

A polarização entre céticos e crentes na TCI espelha a colisão entre os paradigmas materialistas e espiritualistas que ainda disputam espaço no imaginário coletivo. Tal observação é relevante ao demonstrar como as narrativas não se esgotam em um plano técnico

---

<sup>93</sup> “Eu posso invocar espíritos das profundezas. / Ora, eu também posso; ou qualquer homem pode...” Traduzido pelo autor. Obra: Henry IV, Parte 1, Ato III, de William Shakespeare. Disponível em: [shakespeare-online.com](http://shakespeare-online.com) Acesso em: 11 Set. 2025

ou religioso, mas envolvem uma intrincada trama de crenças, valores, ciência, mídia e cultura.

Assim, este capítulo se propõe a examinar, de forma crítica e contextualizada, os três aspectos centrais do debate: as críticas e rejeições do pensamento cético; os discursos legitimadores oriundos do campo espiritualista; e as transformações culturais geradas pela popularização da TCI nas plataformas digitais e nos meios de comunicação de massa.

## **8.2 DISPUTAS DISCURSIVAS SOBRE A TCI**

Analogamente ao Iluminismo do século XVIII, quando a razão passou a ser o centro das decisões humanas em detrimento da fé, a crítica contemporânea à TCI se ancora na crença de que todo fenômeno, para ser aceito, deve estar dentro dos marcos da racionalidade moderna.

A transcomunicação, nesse cenário, é tida como uma ameaça à objetividade científica. Entretanto, esse ponto de vista pode ser limitado, como aponta o filósofo Lacey (1999), ao lembrar que nenhuma ciência é neutra, uma vez que toda construção do conhecimento está sujeita a valores, contextos históricos e interesses culturais.

Essa crítica à própria ideia de “neutralidade da ciência” sugere que o ceticismo também deve ser interpretado como uma narrativa situada, e não como verdade absoluta, ou uma derradeira “lacrção”.

A crítica ao fenômeno da TCI é sustentada, majoritariamente, por epistemologias céticas que valorizam a comprovação empírica, a replicabilidade dos experimentos e a ausência de interferência subjetiva. Nesse campo, destaca-se o pesquisador e professor de Entendimento Público da Psicologia na Universidade de Hertfordshire no Reino Unido, Richard Wiseman, mencionado anteriormente, conhecido pela análise cética e como desenganador de fenômenos tidos como paranormais.

Um dos membros do Comitê para a Investigação Cética (CSI), Wiseman (2012), em seu livro “Paranormalidade: Por que vemos o que não existe”, argumenta que fenômenos tidos como paranormais frequentemente se explicam por vieses perceptivos, ruídos aleatórios ou manipulações inconscientes.

Para Wiseman (2012), “a mente humana é inclinada a buscar padrões mesmo onde não há nenhum, isso poderia definir o fenômeno conhecido como pareidolia”. Esse conceito é útil para compreender por que sons indistintos captados em gravações de TCI podem ser interpretados como vozes de espíritos.

O argumento cético se fortalece a partir da ausência de validação acadêmica sistemática, o que reduz a aceitação da TCI nos círculos científicos convencionais. Segundo os princípios defendidos por Karl Popper (1972) e Mario Bunge (1980), afirmações científicas devem ser sustentadas por evidências empíricas e submetidas a métodos rigorosos de verificação e refutação.

A verdade científica, como notado, não está amarrada na aceitação popular, em “likes” do Instagram ou em número de seguidores em redes digitais, mas na aderência a juízos metodológicos objetivos. Assim, a narrativa cética ostenta papel vigilante, regulando o que deve ou não ser reputado válido no campo do conhecimento humano.

A TCI, nesse seguimento, é campo intrinsecamente marcado por disputas discursivas, onde diferentes narrativas, epistemologias e sistemas de crença colidem e buscam legitimidade.

A análise dessas disputas na TCI, à luz de teóricos como Michel Foucault, Maria do Rosário Gregolin e Mikhail Bakhtin, **revela como sua “verdade” é construída, contestada e negociada em diversos âmbitos sociais e midiáticos.**

Foucault (1995), com seu conceito de “formação discursiva”, nos permite entender como certos enunciados sobre a TCI se tornam possíveis e aceitáveis dentro de determinados campos (científico, religioso, midiático), enquanto outros são excluídos ou silenciados.

As disputas discursivas em torno da TCI não são apenas sobre sua validade empírica, mas sobre quem tem o poder de definir o que é real, conhecimento válido ou mera superstição. A homilia científica hegemônica moderna, por exemplo, ao rotular como pseudociência, exerce um poder discursivo que marginaliza as experiências e interpretações dos praticantes.

Conforme Gregolin (2020), a mídia detém forte influência na circulação ou não desses discursos, bem como em sua legitimação ou

deslegitimação. A forma como a TCI é enquadrada em reportagens, documentários ou programas de entretenimento, seja como mistério intrigante, fraude, revelação espiritual genuína ou matéria de estudo sólido, contribui para moldar a percepção pública e alimentar as disputas discursivas.

Um exemplo prático é a diferença de tratamento discursivo dado a um pesquisador cético que atribui os fenômenos da TCI à pareidolia e a um praticante que relata contato emocional com um ente querido falecido. Os discursos coexistem, entretanto, com diferentes graus de legitimidade e poder de persuasão em distintos contextos.

Bakhtin (2018), com sua noção de dialogismo e polifonia, nos ajuda a compreender a TCI como um “texto” atravessado por múltiplas vozes e perspectivas. As disputas discursivas não são um monólogo, mas um diálogo, muitas vezes tenso e conflituoso, entre diferentes sujeitos e grupos sociais, tais como cientistas, religiosos, espiritualistas, céticos, entusiastas da tecnologia, jornalistas e o público em geral.

Cada um desses grupos mobiliza seus próprios argumentos, vocabulários e “cronotopos”, tempos-espacos discursivos, para defender sua visão sobre a TCI.

Por exemplo, em fóruns *online* dedicados à TCI, observa-se uma intensa atividade dialógica, onde os membros compartilham suas “evidências”, debatem técnicas, refutam críticas céticas e constroem coletivamente um discurso de validação interna, muitas vezes em oposição direta ao discurso científico dominante.

Analisando narrativas midiáticas sobre a TCI, identificamos como a “voz dos mortos” é mediada pelos “microfones dos vivos”, ou seja, como as supostas comunicações são enquadradas e interpretadas dentro de lógicas discursivas específicas, que podem tanto reforçar a crença quanto o ceticismo. A escolha de quais “vozes”, testemunhos, especialistas, são amplificadas pela mídia e como elas são apresentadas é um elemento central nessas disputas.

Ao se discutir crença e descrença na era da pós-verdade, podemos perceber a fragmentação das autoridades discursivas e a emergência de “bolhas” onde discursos alternativos, como os da TCI, podem florescer e ganhar adeptos, mesmo que confrontem o consenso científico.

As disputas discursivas sobre a TCI também se manifestam na terminologia utilizada: “vozes paranormais”, “comunicação espiritual”, “fenômeno eletrônico de voz”, “ruído interpretado”, cada termo carrega consigo um conjunto de pressupostos e implicações que posicionam o falante dentro de um determinado campo discursivo. A luta pela nomeação é, em si, uma disputa pelo poder de definir a natureza do fenômeno.

A análise dessas disputas não busca determinar a “verdade” última da TCI, mas compreender como diferentes verdades são produzidas, circulam e competem por legitimidade na cultura contemporânea, revelando as complexas relações entre conhecimento, poder e discurso.

O objetivo, portanto, ao apresentar essas críticas, é demonstrar que o ceticismo se fundamenta em parâmetros específicos de validação do saber, cuja hegemonia tem sido cada vez mais questionada por saberes plurais, experiências subjetivas e epistemologias alternativas, especialmente em tempos de valorização das subjetividades digitais.

### **8.3 EXPERIÊNCIAS DE FÉ E ESPIRITUALIDADE**

É preciso compreender, neste ponto, que o discurso crente sobre a TCI deve ser respeitado em sua integridade epistemológica, porque representa um modo de ver, sentir e habitar o mundo que não pode ser simplesmente descartado por não se enquadrar em paradigmas científicos tradicionais. Em tempos de convergência digital e multiplicidade de saberes, o reconhecimento da diversidade epistêmica torna-se uma urgência ética e acadêmica.

As experiências de fé e espiritualidade constituem o cerne da TCI para muitos de seus praticantes, transcendendo a mera curiosidade tecnológica ou a busca por validação científica. Para estes, é vivência espiritual profunda, canal de consolo, esperança e conexão com entes queridos que partiram. Um caso notório que exemplifica, ocorreu na França com um casal de músicos que vieram a se tornar pesquisadores de TCI.

Héliér e Gourcy<sup>94</sup> teriam conseguido captar em seu estúdio a voz da filha desencarnada cantando uma melodia e, a partir desta experiência pessoal, passaram a gravar supostas vozes espirituais.

Em contrapeso ao paradigma científico-racional, o discurso crente sobre a TCI se estrutura em torno da confiança na sobrevivência da alma e na possibilidade de comunicação interdimensional. Esse discurso, ainda que muitas vezes marginalizado, veio se tornando mais presente em espaços digitais e culturais, sobretudo após a pandemia da Covid-19, período em que a busca por sentido, espiritualidade e contato com entes queridos aumentou consideravelmente. Naquele período de 2020, as redes se tornaram espaços de acolhimento espiritual e difusão de práticas como a TCI, que aparentemente oferece a muitos consolo e sentido diante da morte.

A TCI, nesse contexto, é vista como uma ponte entre mundos, uma tecnologia espiritual, e os relatos são frequentemente carregados de emoção, fé e testemunhos pessoais que, mesmo que ainda não comprováveis cientificamente, carregam verdade existencial para quem os vivencia. Em outras palavras, a TCI opera como tecnologia de sentido, uma narrativa que preenche lacunas deixadas pela razão moderna.

Especialmente no caso brasileiro, é possível traçar uma analogia com os cultos afro-brasileiros e também com as práticas indígenas, cuja comunicação com ancestrais sempre foi parte integrante de sua prática, ainda que até poucas décadas tenham sido criminalizadas ou desacreditadas pelo olhar eurocêntrico.

Como prática comunicacional espiritual contemporânea, a TCI carrega igualmente essa herança sincrética e enfrenta desafios semelhantes de legitimação. No plano simbólico, ela representa uma reconfiguração do papel da tecnologia: não mais apenas funcional, mas também espiritual.

A religião, assim, torna-se uma das formas mais eficazes de produção e reprodução de dominação simbólica. Neste sentido, a TCI talvez até possa representar uma ameaça de quebra do monopólio da

---

<sup>94</sup> Héliér e Maryse Gourcy. Disponível em: [http://www.lavoixducoeur.net/site/index.php?action=conferencier\\_show&id=65](http://www.lavoixducoeur.net/site/index.php?action=conferencier_show&id=65)  
Acesso em 23 abr. 2025.

competência simbólica detido por agentes religiosos, como abordou Bourdieu (2011, p. 115):

A religião funciona como uma força de unificação simbólica e, ao mesmo tempo, como uma instância de legitimação social. O monopólio da mediação com o sagrado confere aos agentes religiosos uma autoridade simbólica que, muitas vezes, se estende para além do campo religioso (BOURDIEU 2011, p. 115).

De fato, a partir de agora, os agentes religiosos, sejam eles quais forem – padres, pastores, babalorixás, monges, pajés – estes que até agora foram capazes de interpretar, preservar e reformular os dogmas legitimando suas posições sociais, talvez não sejam mais os únicos “empresários do sagrado”.

Bourdieu (2004, p. 65) realiza uma análise das práticas religiosas e seu capital simbólico, no qual discute amplamente o papel das religiões como estruturas sociais produtoras e reprodutoras de capital simbólico:

O campo religioso é um campo de produção, reprodução e conservação do capital simbólico religioso, cuja eficácia depende da crença coletiva. Essa crença, por sua vez, é o produto de uma relação social historicamente construída, que define o poder de imposição de sentido legítimo (BOURDIEU 2004, p. 65).

Nesse trecho, Bourdieu evidencia como o campo religioso funciona como espaço de disputa pelo capital simbólico, articulando-se com estruturas de poder, legitimação e dominação.

Ele analisa a religião como área relativamente autônoma, dotada de dogmas, dialéticas própria e secularmente enraizada nas dinâmicas sociais. A crença não é puramente uma adesão subjetiva, mas um ato social estruturado que envolve práticas, agentes e instituições capazes de ajuntar e movimentar capital simbólico.

Novamente vale mencionar Meyer (2019), porque ao analisar a mediação do espírito em contextos contemporâneos ressalta como as tecnologias podem se tornar artefatos sagrados, imbuídos de significado espiritual e capazes de mediar experiências religiosas autênticas.

A observação das **experiências de fé e espiritualidade** pela TCI exige perspectivas interdisciplinares sociológicas, antropológicas e

históricas da religião. Nessa lógica, a observação de Birgit Meyer sobre a mediação do espírito em contextos contemporâneos é fundamental, pois ressalta como as tecnologias podem se tornar **artefatos sagrados**, imbuídos de significado espiritual e capazes de mediar experiências religiosas autênticas.

O dispositivo de TCI, seja ele um rádio, um gravador ou um algoritmo de IAG, transcende sua função técnica original para se tornar um **Dispositivo Espiritual**, um objeto que materializa a crença e organiza a relação do indivíduo com o transcendente. A autenticidade da experiência não reside na origem do sinal, mas na **eficácia simbólica** do artefato em produzir sentido para o praticante.

No caso da TCI, o gravador, o rádio, o *software* de áudio ou mesmo um aplicativo de celular podem se transformar em “objetos de fronteira” que permitem o trânsito entre o mundo material e o espiritual, facilitando experiências de fé que são profundamente transformadoras.

Essa instrumentalização do sagrado, como vimos, não é um fenômeno totalmente novo. Max Weber (2002), ao analisar a modernidade, recorre à construção do tipo ideal para compreender como os **processos de racionalização** presentes nas sociedades contemporâneas derivam, em grande medida, de contextos metafísico-religiosos que teriam marcado o início da trajetória humana.

Tais processos de racionalização, em Weber, poderiam ser os responsáveis para que a TCI seja vista como um reflexo tardio e digital dessa racionalização, onde a busca pelo contato com o além é submetida a um método e a um aparato técnico.

O que Weber descreveu como a passagem da magia para a religião e, posteriormente, para a ciência, encontra um eco na TCI, que tenta aplicar a lógica instrumental da ciência (o uso de aparelhos) a um fim metafísico (a comunicação com o espírito), demonstrando a persistência da necessidade de sentido mesmo no auge da racionalidade.

Entretanto, esse processo culmina no que ficou conhecido como **“desencantamento do mundo”**, conceito segundo o qual a vida e a natureza passam a ser concebidas como objetos passíveis de cálculo e controle, esvaziadas de sua dimensão sagrada.

Conforme observa Pierucci (2003), esse desencantamento implica a ruptura com uma visão do mundo fundada no mistério e no sagrado, promovendo a ascensão de uma racionalidade instrumental que redefine a experiência moderna.

Pierucci observa que o processo de **desencantamento do mundo** não implica a erradicação do mistério, mas a ruptura com uma visão de mundo fundada exclusivamente nele, promovendo a ascensão de uma racionalidade instrumental que redefine a experiência moderna.

Nesta relação, a TCI, ao utilizar aparatos técnicos (gravadores, *softwares*, IAG) para mediar o contato com o extrafísico, pode ser vista como um sintoma dessa **racionalidade instrumental** aplicada à busca pelo sagrado. O dispositivo tecnológico, que é o ápice da razão técnica, torna-se paradoxalmente o portal para o mistério, evidenciando a complexa intersecção entre técnica e transcendência na sociedade contemporânea.

Assim, Pierucci discute a busca contemporânea por um sentido que transcenda o materialismo, e a TCI pode ser vista como uma manifestação dessa busca, onde a tecnologia, paradoxalmente, serve como via para o reencontro com o sagrado e o misterioso.

Relatos de praticantes frequentemente enfatizam o impacto emocional e espiritual do que se acredita ser a voz ou a imagem de um familiar falecido: o alívio do luto, a confirmação da sobrevivência da alma, a sensação de amparo e a renovação da fé. Essas vivências, embora subjetivas e não verificáveis pelos métodos científicos convencionais até o momento, possuem uma validade existencial inegável para quem as presencia.

Gilberto Velho (1994; 2011), em seus estudos sobre **individualismo e cultura**, aponta para a crescente **valorização da experiência individual** como fonte de sentido e verdade na sociedade contemporânea. Na TCI, a experiência pessoal de captação de uma mensagem pode ser prova irrefutável ao praticante, superando a necessidade de validação institucional ou científica. O indivíduo se torna o árbitro da verdade, e o dispositivo é o instrumento que valida essa **Competência Simbólica** individualizada.

Por este entendimento, a experiência pessoal de contato através da TCI, por mais controversa que seja, pode se tornar um pilar

fundamental na construção da identidade espiritual e das crenças de um indivíduo.

Nesse sentido, a TCI se insere no panorama de pluralização das formas de crer e de emergência de espiritualidades “desinstitucionalizadas” ou “*self 255ervisse*”, como uma prática espiritual que pode ser adotada individualmente ou em pequenos grupos, muitas vezes fora das estruturas religiosas tradicionais, permitindo uma vivência de fé mais personalizada e autônoma.

Do mesmo modo, ao se abordar a espiritualidade e o ceticismo, a experiência religiosa, em suas múltiplas formas, parece continuar a ser um aspecto central da condição humana, mesmo em uma era secularizada. As experiências de fé na TCI, com sua ênfase no contato direto e pessoal com o “além”, podem ser vistas como uma tentativa de encontrar respostas para questões existenciais fundamentais sobre a vida, a morte e a continuidade da consciência.

Eliade (2004), descreve o sagrado como uma realidade de ordem diferente da cotidiana, que se manifesta através de **hierofanias**. Para os praticantes da TCI, os sons e vozes captados podem funcionar como hierofanias, momentos de irrupção do sagrado no profano, mediados pela tecnologia.

Na análise de Eliade, essa busca pelo transcendente, mediada pela tecnologia, encontra ressonância, no que descreve o sagrado como uma realidade de ordem diferente da cotidiana, manifestada através destas hierofanias.

Para os praticantes, os sons ou imagens captadas, seus artefatos transcomunicados, funcionam como essas hierofanias: momentos de **irrupção do sagrado no profano**, intercedidos pelo aparato tecnológico. A TCI não é só uma técnica, mas um **dispositivo espiritual** que organiza a experiência de fé, transformando o ruído eletrônico em um sinal de presença. O dispositivo atua como um catalisador que confere sentido espiritual a um elemento técnico, legitimando a crença através da materialidade do registro.

Já Gianni Vattimo (2017), ao discutir o “**acreditar em acreditar**”, sugere que, na pós-modernidade, a fé pode assumir formas mais fluidas e menos dogmáticas, onde a própria busca e a experiência se tornam centrais.

A persistência e a reconfiguração dessa fé, mesmo diante da hegemonia da razão instrumental, são decisivas para o entendimento do fenômeno. Vattimo sugere que, na pós- modernidade, a fé assume formas mais fluidas e menos dogmáticas, onde a própria busca e a experiência subjetiva se tornam centrais.

A TCI se insere nessa catedral como um ofertório de **espiritualidade conectada** e individualizada. A validação da experiência não precisa da benção de instituição religiosa, mas da **performance da crença** e do **consolo** obtido pela interação com o dispositivo. A fé se torna um ato de boa vontade e interpretação, negociado na esfera discursiva das mídias digitais, onde a verossimilhança afetiva muitas vezes se sobrepõe à prova científica.

Assim, a TCI se estabelece como um campo simbólico onde o desencantamento de Pierucci convive com a hierofania de Eliade, sendo ambos mediados pela fluidez da fé pós- moderna de Vattimo.

Então, pode-se dizer que a TCI representa um tipo de religiosidade que foge das regras tradicionais das religiões oficiais. Em vez de depender de um Papa, Buda ou Oluwo, ela se apoia na experiência direta das pessoas que acreditam ter se comunicado com entes falecidos. A TCI, nesse rol, é uma forma contemporânea de buscar o sagrado por meio da tecnologia, em uma era onde a espiritualidade está cada vez mais conectada à individualidade.

Essa compreensão da experiência religiosa como um processo contínuo de ressignificação está em consonância com o que afirmam renomados historiadores da religião, como ELIADE (2004), DELUMEAU (2000) e BROWN (2014), ao reconhecerem que a experiência religiosa, em suas múltiplas expressões, sempre buscou formas de ressignificação diante das transformações culturais, técnicas e simbólicas de cada época.

Tais autores reconhecem que a experiência religiosa, em suas múltiplas expressões, sempre buscou formas de **ressignificação** diante das transformações culturais, técnicas e simbólicas de cada época.

Nesse panorama, a TCI é a **hierofania** da era digital: uma manifestação do sagrado que se adapta à tecnocultura, utilizando agora a IAG e as redes sociais para manter viva a narrativa da transcendência. Em razão disso, não é anomalia, mas exemplo

contemporâneo de como a fé se reconfigura, utilizando a racionalidade instrumental para sustentar a experiência individual do sagrado.

O sagrado, em conclusão, não morre na modernidade, e se revigora em novas linguagens, suportes e dispositivos. Nessa circunstância, a TCI se reinventa como uma experiência que reconfigura perguntas metafísicas de tempos imemoriais mediante respostas tecnológicas, articulando tradição espiritual e inovação comunicacional.

## **8.4 O IMAGINÁRIO PÓS-MORTE NA SOCIEDADE EM REDE**

A TCI revebera, e ao mesmo tempo, reconfigura o imaginário pós-morte na contemporânea sociedade em rede, um conceito amplamente explorado por Castells (2015). Nesta era digital, caracterizada pela conectividade constante e pelo fluxo incessante de informações, as representações sobre a morte, o luto e a possibilidade de continuidade da existência são cada vez mais mediadas por tecnologias e compartilhadas em plataformas *online*.

Para Jenkins (2009), vê-se um terreno fértil para o florescimento de novas práticas espirituais mediadas pela tecnologia. Conjuntura em que a TCI se apresenta não apenas como fenômeno místico, mas como expressão de uma sensibilidade emergente que entrelaça o tecnológico e o espiritual.

Vivemos uma era de “autocomunicação de massas”, onde os indivíduos produzem e compartilham suas próprias narrativas, inclusive aquelas relacionadas à vida após a morte (CASTELLS, 2018, p. 89). Isso implica dizer que a TCI ganha força como prática cultural ao se difundir por *podcasts*, YouTube, demais redes sociais digitais e documentários fílmicos.

O imaginário, aqui entendido como um conjunto de imagens, símbolos e narrativas que uma sociedade constrói para dar sentido à experiência (DURAND, 2018), encontra na TCI um novo e fascinante capítulo.

A promessa de um contato direto, ainda que tênue e controverso, com aqueles que partiram, através de dispositivos tecnológicos, alimenta um imaginário pós-morte que não é apenas de

separação e fim, mas de uma possível comunicação e presença continuada, ainda que em outra dimensão.

É o que observa o jornalista Javier Sampedro, de El País, ao refletir sobre como as tecnologias e a ciência estão transformando a forma como encaramos o nosso próprio final em sua reportagem “Vida virtual após a morte”:

Não é raro, por exemplo, que lhe chegue um pedido de amizade de um morto, o que pode 258eva-lo a certa, digamos, inquietação filosófica. O Facebook, aliás, oferece a possibilidade de criar uma conta em homenagem a usuários que já nos deixaram, e há sites como o espanhol Duelia.org que se dedicam exclusivamente a esse tipo de coisa. Outras empresas, como o Grupo Mémora, permitem compilar o legado digital do finado, o que pode acabar sendo pavoroso, ao menos em certos casos. Felizmente, há outras firmas, como a Postumer.com, que se empenham em fazer justamente o contrário: eliminar as contas do morto e apagar sua passagem por este mundo, para começar do zero em outro (SAMPEYRO, 2015).

Santaella (2019b), ao discutir a cibercultura, aponta para a dissolução de fronteiras entre o físico e o virtual, o presente e o ausente. A TCI, nesse contexto, pode ser vista como uma tentativa de estender essa dissolução de fronteiras para o limiar entre a vida e a morte, utilizando a própria tecnologia que define a sociedade em rede como ponte.

André Lemos, em “Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea” (p. 87), analisa a emergente cibercultura. Seu argumento principal é a hipótese de que esse não era nem fenômeno tecnocêntrico nem sociocêntrico, mas resultado de sinergia entre vida social e tecnologia. Essa concepção se manifesta em comunidades *online* que combinam espiritualidade, esoterismo e ciberativismo.

O autor articula esse fenômeno com a lógica da cibercultura, que favorece a personalização, a conexão ubíqua e o surgimento de crenças híbridas, muitas vezes com forte apelo emocional e visual nas plataformas digitais.

Essa visibilidade midiática transforma a TCI em objeto cultural legítimo, mesmo que por enquanto ainda não aceito pela família tradicional da ciência institucionalizada. Um exemplo, é o crescimento de comunidades *online* dedicadas à gravação de hipotéticas vozes

espirituais, onde usuários compartilham tutoriais, relatos e registros sonoros. Essas redes funcionam como ecossistemas simbólicos que conferem sentido, pertencimento e validação coletiva às experiências e aos conteúdos.

Stuart Hall (2016) questiona como as identidades são construídas e negociadas. Na sociedade em rede, o imaginário pós-morte e as práticas como a TCI contribuem para a construção de identidades que lidam com a perda e a transcendência de jeitos inovadores, muitas vezes desafiando narrativas tradicionais oferecidas por religiões institucionalizadas.

A Transcomunicação Instrumental atua como um laboratório social onde o imaginário pós-morte é ativamente negociado e reconfigurado pelas dinâmicas da cultura digital. A prática se insere diretamente no campo de estudos de Stuart Hall (2016), que discute a natureza construída e fluida das identidades.

Exatamente assim, na sociedade em rede, a TCI oferece um repertório de práticas e narrativas que nos permite construir identidades que lidam com a perda e a transcendência de formas inovadoras. Ao buscar a comunicação direta com o falecido através de dispositivos pessoais, o praticante desafia estas narrativas de luto e espiritualidade oferecidas pelas religiões institucionalizadas, as que tradicionalmente detêm o **monopólio simbólico** sobre o pós-morte.

A TCI, por afinidade, é um ato de **autonomia identitária**, onde o indivíduo se apropria da tecnologia para reescrever sua relação com a ausência. Essa apropriação, contudo, ocorre em um ambiente de comunicação digital que Byung-Chul Han (2018) critica pela sua efemeridade e esvaziamento simbólico, marcado pela lógica da performance e da positividade.

Além disso, a TCI dialoga diretamente com a estetização do espiritual, como apontado por Han (2015) ao analisar a “sociedade da transparência”. Para Han, “há uma tendência crescente de tornar visível o invisível, documentar o indocumentável e estetizar o espiritual” (HAN, 2015, p. 66).

A transcomunicação se encaixa nessa lógica ao traduzir o invisível (o além) em arquivos de áudio, vídeo e imagem, acessíveis e reproduzíveis, ainda que subjetivos. Com isso, ela rompe com o

monopólio da religião institucionalizada sobre a hipótese de comunicação com o transcendente.

Por sua vez, Campbell propõe o conceito de religião digital, compreendendo que a *internet* não seculariza a fé, mas a reconfigura, quando afirma que:

Rather than being displaced by digital media, religion has found new homes in online spaces, where believers actively negotiate how their faith is expressed and practiced in these environments. “Em vez de ser substituída pela mídia digital, a religião encontrou novos lares em espaços online, onde os fiéis negociam ativamente como sua fé é expressa e praticada nesses ambientes” (tradução do autor), (CAMPBELL, 2013, p. 14).

Em suas pesquisas, observa como comunidades religiosas estabelecem sentidos espirituais nas redes sociais digitais, ressignificando rituais, crenças e interações. A autora trata a espiritualidade digital não como representação da religião tradicional, mas como experiência emergente, modelada por lógicas de participação, convergência e performatividade *online*.

Igualmente, Hoover (2006), pioneiro em analisar como os meios de comunicação de massa e posteriormente as mídias digitais funcionam como espaços simbólicos onde os indivíduos negociam significados religiosos, comenta:

The media become not just a vehicle of religious expression but a site of religious practice itself, where belief, identity, and moral meaning are constructed. “A mídia se torna não apenas um veículo de expressão religiosa, mas um local de prática religiosa em si, onde a crença, a identidade e o significado moral são construídos” (tradução do autor), (HOOVER, 2006, p.30).

Para ele, há mudança no *locus* da autoridade religiosa: da instituição para o indivíduo conectado, que se apropria da mídia para construir sua espiritualidade própria. Essa prática engendra o que o autor chama de religião vivida mediatizada, marcada por sincretismos, performances simbólicas e narrativas pessoais que dialogam com elementos midiáticos populares.

Essas considerações se entrelaçam com os aportes teóricos anteriormente discutidos. Muniz Sodré (2006), ao refletir sobre processos de reinvenção cultural na contemporaneidade, permite interpretar a TCI como expressão de “reencantamento tecnológico”,

forma pela qual a máquina, ao invés de dessacralizar, passa a mediar o mistério.

Do mesmo modo, o conceito de “modernidade líquida”, formulado por Bauman (2020), oferece uma chave importante para compreender a fluidez com que o imaginário pós- morte é vivido hoje: cada vez menos submetido a dogmas fixos, e mais aberto a experiências subjetivas e a narrativas afetivas de consolo.

Embora Byung-Chul Han (2018) critique a efemeridade da comunicação digital, a TCI se apresenta como uma prática que reintroduz densidade simbólica no espaço conectado, revelando uma busca por sentido que resiste à lógica do esvaziamento.

Han critica **a efemeridade e o esvaziamento simbólico**, marcado pela dialética da performance e da positividade. Embora aponte para a superficialidade da comunicação em rede, a TCI se apresenta com prática que reintroduz uma **densidade simbólica** no espaço conectado. O ato de tentar captar uma voz ou imagem do além, mesmo que mediado por algoritmos de IAG, revela uma busca por sentido que resiste à lógica do consumo e da aceleração.

A TCI, ao lidar com temas existenciais como a morte e a eternidade, injeta uma seriedade e uma profundidade que contrastam com a leveza e a dispersão típicas da comunicação digital. A persistência da crença, nesse contexto, pode ser lida como uma forma de resistência simbólica à lógica do esvaziamento.

Já o pensamento de Jenkins (2020) sobre a cultura da convergência contribui para percebermos como as narrativas transcomunicativas se deslocam por múltiplas plataformas, conectando sujeitos, crenças e afetos em um ecossistema comunicacional rizomático e profundamente marcado pela personalização da fé.

Com Jenkins, entendemos que a **cultura da convergência** é fundamental para a disseminação e a vitalidade da TCI. Suas narrativas não se restringem a um único meio (como o rádio ou o gravador), mas se deslocam por múltiplas plataformas, como *YouTube*, *TikTok*, *podcasts* e aplicativos de IAG, em um **ecossistema comunicacional rizomático**. Essa convergência permite que sujeitos, crenças e afetos se conectem e se reforcem mutuamente.

A TCI se beneficia da lógica participativa da convergência, onde os praticantes se tornam produtores e distribuidores de conteúdo, personalizando a fé e o luto. A mobilidade das narrativas transcomunicativas entre mídias e a personalização da experiência de fé, conforme Jenkins, demonstram sua capacidade de se adaptar e prosperar na sociedade em rede, consolidando-se como um **Dispositivo Simbólico Híbrido** que articula tecnologia, afeto e transcendência.

Relatos de TCI, vídeos, áudios e discussões em fóruns ao vivo criam um ecossistema narrativo que molda o imaginário pós-morte, tornando-o mais participativo e multifacetado.

Também é válido retomar Pierre Lévy (2019) ao falar de cibercultura, porquanto o autor enfatiza a inteligência coletiva. As comunidades *online* de TCI, ao compartilharem experiências e interpretarem “sinais”, constroem coletivamente um imaginário sobre a comunicação pós-morte, onde a tecnologia é central.

A TCI se insere como uma prática que busca ativamente uma interface com o pós- morte, utilizando as ferramentas da sociedade em rede para manter ou restabelecer laços. Seu impacto na cultura contemporânea vai além da sua funcionalidade espiritual, atua como catalisadora de debates sobre vida, morte, fé, tecnologia, epistemologia e mídia.

Ao penetrar pelas dinâmicas digitais, reconfigura imaginários, subjetividades e práticas comunicacionais, afirmando-se como um campo legítimo de estudo, reflexão e produção simbólica. De certa forma, busca uma forma de “presença” que vai além das pegadas digitais, aspirando a uma comunicação viva.

Assim, o imaginário pós-morte na sociedade em rede, atravessado pela TCI, é um campo dinâmico onde antigas questões sobre a mortalidade encontram novas formas de expressão e exploração através das tecnologias digitais, refletindo tanto as ansiedades quanto as esperanças de uma cultura imersa na conectividade.



9

## 9

# “QUESTIONÁRIO TCI”: CORPUS VIVO NA CULTURA MIDIÁTICA

## 9.1 INTRODUÇÃO

“To die, to sleep; to sleep, perchance to dream...”<sup>95</sup>

Como na formulação clássica do entrelaçamento morte/sono/sonho presente em Hamlet, em alusão ao diálogo com o imaginário pós-morte na sociedade em rede (Castells, Bauman, Meyer), o percurso teórico e histórico empreendido nos capítulos anteriores estabeleceu as fundações conceituais para a compreensão da TCI como um fenômeno híbrido, situado na confluência entre a espiritualidade, a tecnologia e as dinâmicas da cultura digital.

Se os capítulos anteriores se dedicaram a mapear os fundamentos históricos, as representações midiáticas e as narrativas céticas e crenças que circundam o tema, o presente Capítulo 9 concentra-se na cartografia do “Questionário TCI”, *corpus* empírico primário que confere materialidade às disputas discursivas e às experiências subjetivas dos atores envolvidos no fenômeno, *vide* **APÊNDICE B - "Questionário - TCI"**.

O “Questionário TCI”, de natureza semiestruturada e aplicado a uma amostra de dez respondentes qualificados - **praticante, pesquisador(a), crítico(a)** - não é meramente um repositório de dados estatísticos.

Ele se configura, metodologicamente, como um corpus vivo de enunciados, onde se manifestam as vozes, as crenças, as resistências e as estratégias de legitimação que dão forma ao campo simbólico da Transcomunicação Instrumental na contemporaneidade. As respostas coletadas representam, em si, posições de sujeito distintas, cada uma mobilizando um arsenal de capital simbólico (BOURDIEU, 2004) para narrar, descrever ou refutar a TCI.

---

<sup>95</sup> “Morrer, dormir; dormir, talvez sonhar...” Obra: Hamlet, solilóquio “To be or not to be”, de William Shakespeare. Traduzido pelo autor. Disponível em: <https://www.oxfordcollege.ac/news/five-best-shakespeare-quotes-actually-mean/> Acesso em: 11 Set. 2025.

Conforme delineado na metodologia, a análise deste *corpus* demandará uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, que transcende a mera descrição de conteúdo para se aprofundar na sua arquitetura discursiva e performática.

Assim, este capítulo articula a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016), focada na categorização e na frequência de temas (como luto, consolo, tecnologia, pareidolia), com a Análise do Discurso (GREGOLIN, 2020), voltada à identificação das formações discursivas, dos regimes de verdade (FOUCAULT, 1995) e das relações de poder subjacentes aos enunciados.

A netnografia, utilizada para compreender o contexto de circulação em plataformas digitais, será aqui integrada para contextualizar as respostas em suas esferas de origem.

Por exemplo, a linguagem e as fontes citadas por um "praticante", encontrado em fóruns ou grupos de redes sociais digitais, tendem a ser distintas das mobilizadas por um "crítico", frequentemente ligado a grupos de ceticismo científico. Temos, nessa acepção, uma prática discursiva que se constrói e se performa nos territórios da cultura digital (SANTAELLA, 2019a).

O Referencial Teórico da Dissertação, fundamentado nos Estudos Culturais (HALL, 2016), na Antropologia da Religião (MEYER, 2020) e na Teoria dos Campos (BOURDIEU, 2004), fornece as chaves analíticas para desvendar as complexidades do **“Questionário TCI”**.

Igualmente, Stuart Hall (2016) orienta a investigação sobre como a TCI é **representada (construída simbolicamente)** e **recebida (interpretada)** em **diferentes esferas discursivas**, que vão desde a **comunidade espiritualista, o pesquisador independente, o cético acadêmico e o público em geral**, que consome o fenômeno via mídia.

Neste ponto, cumpre esclarecer, por mais evidente que possa parecer, que não se pretendeu generalizar em rótulos ou reduzir os respondentes a grupos monolíticos ou blocos coesos ou simplistas. O óbvio deve ser dito: nem todo(a) **“praticante”** de TCI é religioso(a) ou espiritualista, assim como nem todo(a) **“pesquisador(a)”** é acadêmico(a) ou independente, e nem todo(a) cientista é **“crítico(a)”** ou cético(a).

A perspectiva de Birgit Meyer (2020), que aborda a religião como mediação, é indispensável para analisar as respostas dos praticantes. Para Meyer, a tecnologia não é apenas um veículo, mas um agente constitutivo do sagrado. As descrições das experiências, por parte dos crentes, serão examinadas sob a ótica da materialidade da fé, onde o dispositivo eletrônico, o rádio, ou o *software* de IA, adquire um valor simbólico-espiritual que transcende sua funcionalidade técnica. A máquina se torna, na narrativa do praticante, um "artefato sagrado" capaz de mediar o luto e fornecer consolo (MEYER, 2020).

Por sua vez, Pierre Bourdieu (2004) ilumina as disputas discursivas. As respostas dos críticos e céticos serão lidas como uma forma de luta pela manutenção do capital simbólico do discurso científico.

Ao propor uma nova competência, a de se comunicar com o além sem a chancela institucional, seja da Ciência ou da Religião tradicional, talvez possa vir a ameaçar o monopólio da competência simbólica de agentes tradicionais, sejam eles agentes religiosos, cientistas ortodoxos. A análise, dessa forma, irá confrontar as categorias **emic**, as categorias nativas dos praticantes, com as categorias **etic**, as categorias teóricas da Comunicação e da Antropologia.

A TCI trabalha em um terreno de incerteza e ambiguidade epistêmica, onde a tecnologia, ao invés de esclarecer, por vezes amplifica sua complexidade (LEMOS, 2010; SANTAELLA, 2019b). As respostas do questionário, ao detalharem procedimentos, vivências e convicções, permitirão mapear o grau de tensão entre o racionalismo instrumental e o reencantamento tecnológico (SODRÉ, 2022).

## **9.2 CONSTRUÇÃO DISCURSIVA: CONSOLO, CONTINUIDADE, LUTO**

Como fenômeno de massa na cultura digital, a TCI é recebida e interpretada em múltiplas esferas discursivas, cada qual operando sob um regime de verdade distinto, conforme observado no **"Questionário TCI"**. A análise categoriza as respostas em quatro grandes grupos de recepção, identificando matrizes discursivas que definem aceitação ou rejeição, a saber:

- a) Esfera Espiritualista (Crentes/Praticantes): É vista como evidência irrefutável da sobrevivência da consciência e da**

continuidade da comunicação. O discurso é fundado na experiência subjetiva e no consolo. A tecnologia, rádio, *software*, é percebida como um dispositivo de milagre (MEYER, 2020).

- b) **Esfera Cética/Científica (Críticos):** É desqualificada como pseudociência e explicada por fenômenos naturais como pareidolia ou falha de *hardware*. O discurso é baseado no paradigma da refutabilidade (POPPER, 1972) e na necessidade de evidência replicável.
- c) **Esfera Pesquisadora (Neutros/Interdisciplinares):** A TCI é tratada como um objeto de estudo sociológico e comunicacional. A narrativa foca nas implicações culturais do fenômeno, luto, tecnologia, crença, e busca a neutralidade metodológica, sem justificar a hipótese espiritual, mas sem desqualificar a experiência humana.
- d) **Esfera Midiática/Público Geral (Jornalistas/Consumidores):** A TCI é enquadrada primariamente como entretenimento ou mistério (*clickbait*). O discurso é marcado pelo sensacionalismo e pelo paradoxo da dúvida permanente (MOREIRA, 2018; TUCHMAN, 2020), mantendo o fenômeno na periferia da legitimidade.

A articulação entre Comunicação Digital (SANTAELLA, 2019a) e Estudos Culturais (HALL, 2016) permite concluir que a TCI não é um fenômeno singular, mas um conjunto de representações que se transformam ao circular entre essas Esferas. O que é "consolo" para o praticante é "erro cognitivo" para o cético, e "entretenimento" para a mídia.

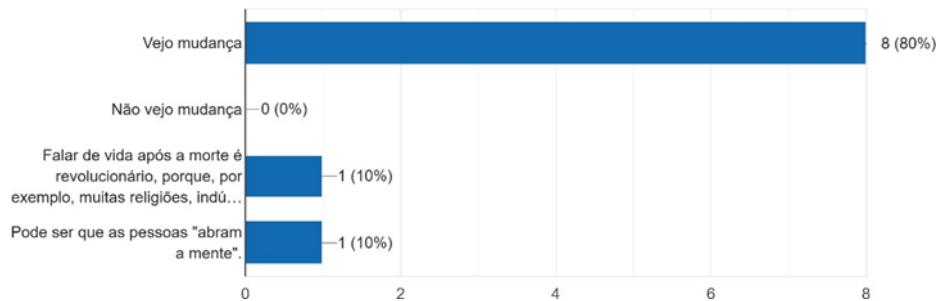
O **"Questionário TCI"**, ao coletar essas vozes contrastantes, oferece **um mapa da polifonia discursiva** (BAKHTIN, 2018) que estrutura o debate sobre a Transcomunicação na sociedade em rede.

Em relação a Disputas de Sentido na Esfera Digital, a *internet* e as redes sociais são vistas por 60% dos respondentes como fatores que **ampliam** o debate sobre TCI (Q19), o que reforça o papel dessas plataformas como **arenas de discussão e produção de sentido** descentralizado (CASTELLS, 2018).

Essa ampliação, contudo, é acompanhada pela proliferação de **conteúdo de fraude e sensacionalismo** (Q26), que Recuero (2022)

associa à tendência algorítmica de privilegiar o **conteúdo emocional** sobre o **rigoroso** na *web*.

25. Vê mudanças no imaginário social sobre vida após morte a partir da popularização da TCI?  
10 respostas



A TCI também exerce um impacto notável no **imaginário pós-morte** (Q25), com 80% dos respondentes observando alguma **mudança**. Isso se dá porque a prática propõe uma **comunicação ativa** (Q29) com o "além" (SAMPEDRO, 2015), que vai além dos meros "rastros digitais" (SANTAELLA, 2019b) deixados pelos falecidos, reconfigurando a experiência do luto e da **continuidade da consciência**.

A Q27, sobre a possibilidade de colaboração entre diferentes esferas (praticantes, céticos, acadêmicos, comunicadores), é respondida com um enfático **Sim** (100% de positividade nos temas).

Os participantes sugerem a construção de pontes através da **transparência e reprodutibilidade**, do uso de **tecnologia avançada** (IA) para coibir fraudes e da **criação de espaços neutros de diálogo**. Essas propostas ressoam com a urgência acadêmica de reconhecer a **diversidade epistêmica** (LACEY, 1999) e fomentar o diálogo interdisciplinar em torno de fenômenos limítrofes.

Desse modo, a análise dos dados empíricos revela que a Transcomunicação Instrumental (TCI) é majoritariamente significada, nos discursos dos praticantes e simpatizantes, como um **canal de consolo**, cuja função simbólica central reside na elaboração do luto e na manutenção de vínculos afetivos com entes falecidos.

Essa construção discursiva emerge de forma reiterada nas respostas ao questionário, nas entrevistas semiestruturadas e nas interações observadas em ambientes digitais, configurando uma regularidade que permite compreendê-la como eixo estruturante da legitimação simbólica da prática.

Nos enunciados, a TCI é frequentemente referida como possibilidade de **continuidade relacional**, operando contra a ruptura radical imposta pela morte. Os sujeitos mobilizam narrativas nas quais a experiência de comunicação com o além é descrita como reconfortante, terapêutica e transformadora, atribuindo à prática um valor existencial que transcende a curiosidade técnica ou o interesse científico.

Importa sublinhar que, nesta pesquisa, tais narrativas são analisadas **como discursos socialmente situados**, e não como evidência empírica da existência de comunicação pós-morte.

À luz da Antropologia da Religião, especialmente das contribuições de Birgit Meyer (2019), pode-se afirmar que essas narrativas operam como **práticas de mediação do sofrimento**, nas quais tecnologias e dispositivos técnicos assumem papel semelhante ao de rituais religiosos tradicionais.

A eficácia simbólica da TCI, nesse contexto, não depende de sua validação científica, mas da capacidade de produzir **sensações de presença**, reorganizar afetos e oferecer sentidos compartilháveis para experiências de perda.

Essa dimensão discursiva do consolo é reforçada pela recorrência de testemunhos pessoais, habitualmente apresentados como prova de autenticidade. Tais testemunhos cumprem função performática: ao narrar a experiência, o sujeito não apenas relata um evento, mas **reafirma sua pertença a uma comunidade simbólica**, que reconhece e valida esse tipo de vivência.

Conforme Stuart Hall (2016), as representações culturais não apenas refletem a realidade, mas **produzem identidades**, organizando modos de sentir, interpretar e agir no mundo.

No campo da Comunicação Digital, esses testemunhos circulam amplamente por meio de vídeos, fóruns e redes sociais, ampliando sua visibilidade e reforçando sua legitimidade interna.

A repetição dessas narrativas produz um efeito de normalização da prática, na medida em que a experiência individual é reinscrita como experiência coletiva. Tal dinâmica evidencia o papel central das plataformas digitais como **infraestruturas de produção de sentido**, conforme argumenta Santaella (2018).

No entendimento da Análise do Discurso, inspirada em Foucault (1995), observa-se que o discurso de canal de consolo se estabelece como **formação discursiva relativamente estável**, caracterizada por enunciados cíclicos: a ideia de continuidade da consciência, a noção de mensagem pessoal, a valorização da experiência direta e a desconfiança em relação às instituições religiosas tradicionais.

Esses enunciados não surgem de forma isolada, mas são produzidos em condições históricas específicas, marcadas pela secularização, pela individualização da fé e pela crise de autoridade das religiões institucionalizadas.

Por correspondência, a TCI pode ser interpretada como prática que participa da **reconfiguração contemporânea do campo religioso**, deslocando a mediação do sagrado das instituições para dispositivos técnicos e midiáticos.

Tal deslocamento implica uma redistribuição da competência simbólica, conforme proposto por Pierre Bourdieu (2004), uma vez que os praticantes da TCI passam a reivindicar autoridade para falar sobre o além sem a mediação clerical tradicional.

Os dados também indicam que essa estrutura narrativa do consolo não ocorre sem tensões. Em diversos enunciados, os sujeitos reconhecem a controvérsia cética e a deslegitimação pública da prática, mas reinterpretem esses julgamentos como incompreensão, preconceito ou apego excessivo a paradigmas científicos.

Essa reação revela que o discurso do consolo não é apenas afetivo, mas também

**defensivo**, funcionando como estratégia de proteção simbólica diante das disputas epistêmicas.

É relevante destacar que, mesmo entre sujeitos que não se identificam plenamente como praticantes da TCI, a ideia de consolo aparece como elemento central de sua recepção social. Parte do público em geral manifesta ambivalência: embora não endosse a prática como científica, reconhece sua função emocional e simbólica para aqueles que a adotam.

Essa posição intermediária evidencia a existência de **zonas cinzentas** no campo discursivo, rompendo com leituras binárias entre crença e ceticismo.

Por certo, a análise deste subitem demonstra que a TCI é discursivamente construída como prática de consolo e continuidade simbólica, cuja legitimidade se ancora menos em critérios científicos formais e mais na **eficácia simbólica das narrativas de experiência**.

Ao compreender essa construção, a dissertação reforça seu posicionamento analítico: investigar como os sentidos são produzidos, negociados e disputados, sem tomar partido quanto à veracidade ontológica do fenômeno.

### **9.3 RETÓRICA DA CIENTIFICAÇÃO E LEGITIMAÇÃO SIMBÓLICA**

O cerne das respostas dos praticantes, **como previsto nas hipóteses da dissertação**, reside na função afetiva e terapêutica do fenômeno. A TCI não é buscada primariamente como prova científica, mas como alívio para o luto (CABRAL, 2017).

As experiências narradas, quando se referem a mensagens de entes queridos falecidos, foram analisadas como enunciados de consolo, carregados de uma subjetividade que resiste à desqualificação cética.

As descrições detalhadas dos rituais de gravação e escuta (a preparação do ambiente, a escolha dos equipamentos, o silêncio e a concentração) são interpretadas como uma **performance da fé**.

Conforme Birgit Meyer (2020) sugere, o digital não é um espaço menos sagrado, mas sim um meio onde o sagrado se manifesta através de novas formas sensoriais e materiais. O dispositivo de gravação (seja um rádio analógico ou um *software* de Inteligência Artificial) torna-se o artefato de mediação que confere materialidade à experiência do invisível.

A análise de conteúdo permitiu desta forma categorizar os temas predominantes nas mensagens supostamente recebidas:

- a) Temas de Confirmação: Frases que buscam validar a identidade do comunicador (menção a nomes, apelidos, eventos específicos).**
- b) Temas de Conforto: Mensagens que oferecem paz, que dizem “estar bem” ou expressam amor.**

### c) Temas de Orientação: Avisos, sugestões ou guias para a vida do praticante.

A análise do discurso examinou a linguagem da certeza empregada pelos praticantes, identificando como eles constroem a credibilidade de suas experiências em oposição ao discurso cético.

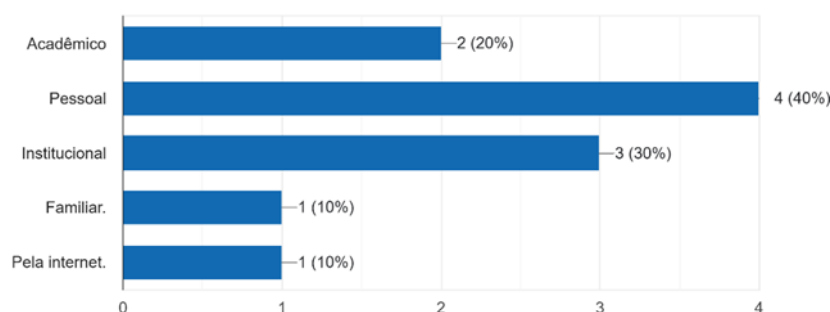
O uso de termos técnicos (“EVP”, “ruído branco”, “espectrograma”) em seus relatos atestou a tentativa de conferir uma aura de cientificidade à prática, articulando o espiritual com o tecnológico, o que Santaella (2019b) denomina de traço da cibercultura, onde a tecnognose midiática floresce (LIMA; TAVARES, 2019).

As questões de contextualização (Q5, Q6) e de impacto (Q10) demonstram que a motivação principal para a iniciação na TCI, em diversos casos, está ligada ao **luto** e à **necessidade de encontrar respostas** que as religiões tradicionais não satisfizeram.

Relatos como “Depois da perda de um ente amado passei a tentar alguma forma de contato” (Q5) e “A partir desse acontecimento, minha inconformação inicial disparou o desejo de compreender o que e porquê havia acontecido. Depois, durante esse processo de estudos, pude me sentir confortado e acolhido no entendimento de que, em verdade, ninguém morre” (Q6 e Q10) evidenciam a TCI como um **canal de mediação afetiva** (CABRAL, 2017).

5. Em que contexto você atua com a TCI?

10 respostas



Essa busca por validação existencial (“Certeza na vida após a morte” – Q10) e a obtenção de “transimagens consoladoras” (Q10) reforçam a tese de Gilberto Velho (2011), sobre a **valorização da experiência individual** como fonte de sentido e verdade na contemporaneidade. O indivíduo, desiludido com as narrativas hegemônicas, constrói sua própria identidade espiritual (HALL, 2016) através da performance tecnológica da comunicação.

A adesão a essa prática, muitas vezes em grupos (80% de envolvimento em grupos – Q4), é facilitada pela **comunidade em rede** (RECUERO, 2022), onde a experiência pessoal encontra validação coletiva e acolhimento mútuo, solidificando a crença compartilhada (SANTAELLA, 2013).

A análise aprofundada dos dados indica que a Transcomunicação Instrumental não é construída apenas como um dispositivo de consolo emocional, mas também como uma tentativa de inserção no regime de legitimidade científica.

Esse movimento se realiza por meio do que, no âmbito desta pesquisa, é definido como **retórica da cientificação**, um conjunto de estratégias discursivas pelas quais a prática da TCI é apresentada como tecnicamente controlável, metodologicamente organizada e potencialmente passível de investigação científica.

Nas entrevistas, nas respostas ao “Questionário TCI” e nos materiais que circulam em ambientes digitais, observa-se o uso sistemático de uma linguagem de matriz científica. São frequentes as menções a equipamentos, algoritmos de áudio, frequências, condições experimentais e procedimentos de registro de dados específicos e técnicos.

Esse vocabulário não atua como mero recurso descritivo, mas como **dispositivo de legitimação discursiva**, cujo objetivo é deslocar a TCI do campo da crença subjetiva para uma zona de maior reconhecimento simbólico, associada à autoridade científica.

À luz da Teoria dos Campos de Pierre Bourdieu (2004), esse processo pode ser interpretado como uma **estratégia de acumulação de capital simbólico**.

Em sociedades contemporâneas, a ciência ocupa posição central como instância legitimadora do conhecimento, de modo que a apropriação de sua linguagem permite aos praticantes da TCI reposicionar simbolicamente sua prática em um campo de maior prestígio. Todavia, esta dissertação não interpreta tal movimento como comprovação de cientificidade, mas como um **posicionamento discursivo estratégico**.

A noção foucaultiana de **regimes de verdade** (FOUCAULT, 1995) contribui para aprofundar essa análise. Para ele, o discurso científico

produz efeitos não apenas por seus métodos, mas por sua inserção histórica, institucional e política.

Por pertinência, a cientificação da TCI pode ser compreendida como uma tentativa de acesso ao regime de verdade dominante, ainda que sem o reconhecimento pleno das instituições científicas responsáveis por regulá-lo.

Os dados analisados demonstram que a retórica da cientificação frequentemente se articula a discursos de caráter defensivo. As críticas céticas são representadas como expressão de “mentalidade fechada”, “materialismo excessivo” ou resistência a novos paradigmas.

Dessa forma, a linguagem científica não é mobilizada apenas para legitimar a prática, mas também como **instrumento de contra-argumentação**, que busca redefinir o ceticismo não como exigência metodológica, mas como limitação epistemológica.

Conforme destaca Gregolin (2020), a análise do discurso deve ir além da identificação de temas recorrentes, investigando as condições que permitem a certos enunciados adquirirem autoridade, enquanto outros são marginalizados.

No caso da TCI, a retórica da cientificação cria condições discursivas nas quais a prática pode ser apresentada como “séria”, “investigável” e “digna de atenção”, mesmo permanecendo à margem do consenso científico.

No ambiente digital, essa narrativa amplifica seu poder. Vídeos demonstrativos, registros técnicos e divulgação de “experimentos” positivos em redes sociais produzem um efeito de credibilidade visual e tecnológica.

Conforme argumenta Santaella (2018), na cultura midiaticizada contemporânea, a tecnologia não apenas media a experiência, mas **funciona como evidência simbólica**, cooperando para a edificação de confiança e autoridade.

Ainda assim, a pesquisa demonstra que a cientificação discursiva não suprime as tensões existentes, mas as desarticula. A absorção da linguagem científica não significa aceitação institucional plena, mas cria um espaço intermediário onde a TCI pode ser descrita como forma de “conhecimento alternativo”.

Esse espaço é caracterizado por instabilidade e conflito em que se combina a busca por reconhecimento científico com a recusa da regulação institucional própria do campo científico.

Conclui-se, que a retórica da cientificação da TCI deve ser compreendida como **estratégia simbólica de legitimação**, e não como confirmação de sua cientificidade. Tal estratégia revela a centralidade da ciência como fonte de autoridade no imaginário contemporâneo e evidencia como diferentes regimes de verdade entram em confronto e negociação no campo da Comunicação Digital.

## 9.4 CRÍTICA CÉTICA, PAREIDOLIA, DISPUTAS EPISTÊMICAS

**Esta seção se concentra na análise das respostas dos críticos e pesquisadores céticos do “Questionário TCI”.** Este grupo, essencial para o mapeamento das disputas discursivas no campo científico-midiático, mobiliza o aparato teórico da Comunicação Digital e o rigor do pensamento cético para desqualificar, classificando como ilusão perceptiva ou interpretação enviesada.

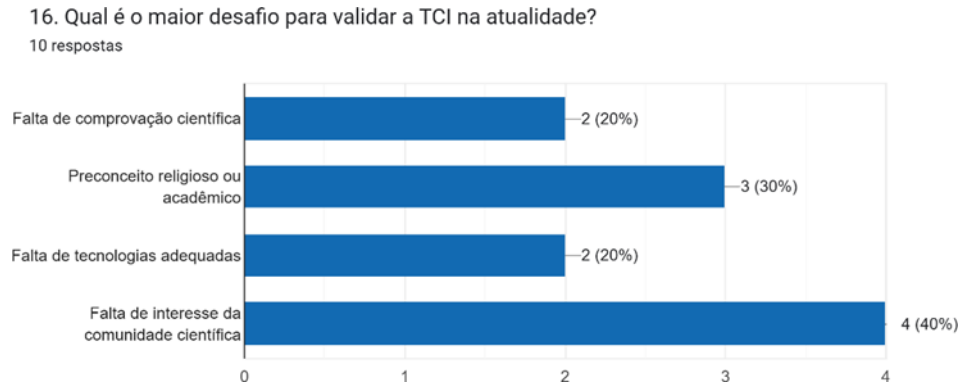
O foco analítico será a confrontação de regimes de verdade, utilizando os **conceitos de representação** (HALL, 2016), **pareidolia** (WISEMAN, 2012) e **análise de discurso** (GREGOLIN, 2020).

A análise dos dados evidencia que a Transcomunicação Instrumental se constitui como objeto de intensa contestação no campo científico-midiático, sendo frequentemente interpelada por discursos céticos que mobilizam o paradigma científico-materialista dominante.

Esses discursos não se limitam a refutar a prática, mas produzem sentidos específicos sobre racionalidade, ciência e crença, estruturando um **regime de verdade** que busca delimitar os contornos do conhecimento legítimo na esfera pública.

A crítica cética e as disputas epistêmicas repercutem a colisão na arena da validação e da mídia. A análise do “Questionário TCI”, combinada com a matriz teórica, evidencia que a TCI está imersa em um campo de disputa discursiva (BAKHTIN, 2018), onde a racionalidade instrumental colide com a experiência subjetiva (FOUCAULT, 1995).

Os céticos e críticos (20% dos respondentes – Q3) desafiam a TCI com base em princípios metodológicos de replicação e objetividade, enquanto os praticantes defendem a validade de suas experiências através da tecnologia.



Em relação aos Desafios Epistêmicos e a Legitimidade Social, a Q16 identifica os três maiores desafios para a validação da TCI na atualidade:

1. **Falta de interesse da comunidade científica (40%);**
2. **Preconceito religioso ou acadêmico (30%);**
3. **Falta de comprovação científica e Falta de tecnologias adequadas (20% cada).**

Esses achados corroboram a visão de que a TCI é marginalizada pelo **regime de verdade dominante** (FOUCAULT, 1995), que opera como um **filtro institucional** (TUCHMAN, 2020) que exclui saberes não hegemônicos.

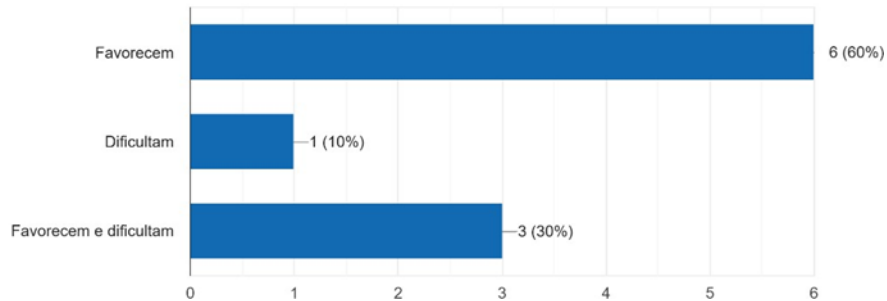
Nos materiais analisados, entrevistas, comentários em plataformas digitais, artigos de divulgação científica e manifestações de pesquisadores céticos, a TCI é recorrentemente explicada por meio de conceitos oriundos da psicologia cognitiva e da neurociência, com destaque para a **pareidolia**, entendida como a tendência humana de identificar padrões significativos em estímulos ambíguos.

Essa explicação é apresentada como alternativa racional às interpretações espiritualistas, sendo frequentemente acompanhada de uma retórica de esclarecimento e desmistificação.

O **preconceito** é visto como um obstáculo ainda maior que a própria falta de tecnologia ou comprovação, o que indica que a peleja

é, antes de tudo, uma contenda simbólica pela **legitimação** no campo acadêmico (BOURDIEU, 2004).

15. Acredita que constantes inovações tecnológicas favorecem ou dificultam a pesquisa de TCI?  
10 respostas



O avanço da tecnologia digital e da IA é majoritariamente percebido como um fator que **Favorece** (60%) a pesquisa, ou que **Favorece e Dificulta** (30%) (Q15).

Em Richard Wiseman (2011), tais abordagens integram um esforço mais amplo de defesa do método científico como único caminho legítimo para a produção de conhecimento confiável.

No entanto, conforme propõe esta Dissertação, o interesse analítico não reside em avaliar a correção empírica dessas explicações, mas em compreender **como elas operam discursivamente** para estabelecer fronteiras entre ciência e não-ciência, razão e crença, legitimidade e desvio.

A partir de Michel Foucault (1995), é possível compreender o discurso cético como parte de uma formação discursiva que produz efeitos de verdade ao definir quais objetos podem ser reconhecidos como científicos e quais devem ser excluídos do campo do saber legítimo. Por afinidade, a pareidolia não atua apenas como conceito explicativo, mas como **operador discursivo**, capaz de reclassificar a experiência relatada pelos praticantes da TCI como erro perceptivo, ilusão ou viés cognitivo.

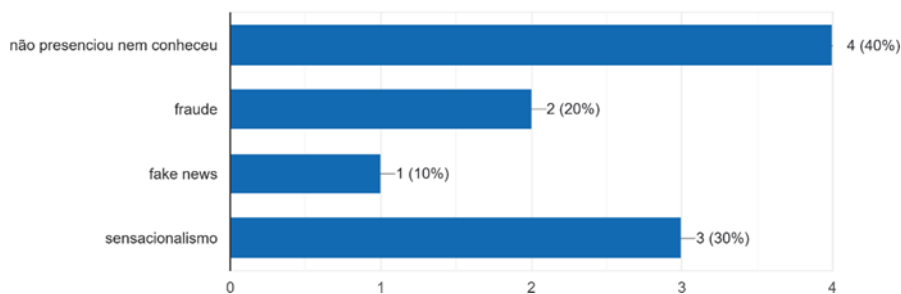
Essa reclassificação implica uma assimetria epistêmica: enquanto o discurso cético se apresenta como universal, objetivo e desinteressado, os discursos espiritualistas são frequentemente representados como subjetivos, emocionais e epistemologicamente frágeis.

Conforme observa Gregolin (2020), essa hierarquização discursiva não é neutra, dado que reflete relações de poder que atravessam a produção do conhecimento, privilegiando determinados modos de enunciação em detrimento de outros.

Em outro exemplo, observa-se que o lado que **Favorece** reflete a crença de que dispositivos digitais oferecem **Mais vantagens** (60%) sobre os analógicos (Q13) e podem “coibir fraudes e *fake 278ews*” (Q27).

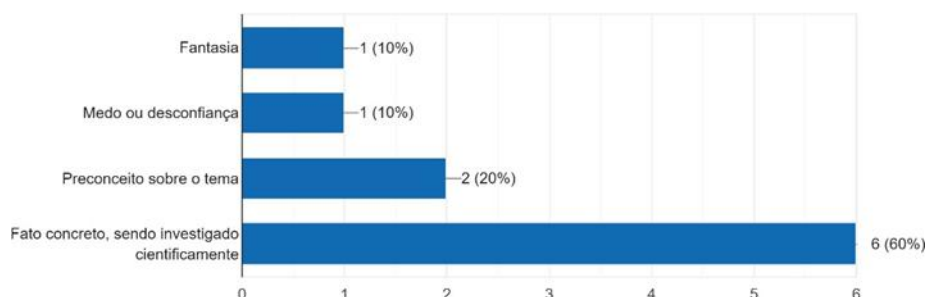
Já o lado que **Dificulta** se relaciona à proliferação de **práticas antiéticas** (fraude, *fake 278ews*, sensacionalismo – 60% dos respondentes presenciaram ou souberam – Q26) nas redes sociais, o que deslegitima o tema no debate público (Q29).

26. Já presenciou ou conheceu práticas antiéticas no campo da TCI?  
10 respostas



Igualmente, a percepção de que a **mídia tradicional** aborda o tema como “Fato concreto, sendo investigado cientificamente” (60% - Q18) pode ser interpretada como um **desejo manifesto** dos praticantes, ou uma **visão distorcida** da realidade midiática. O Capítulo 2 da Dissertação, MATRIZ TEÓRICA: ESTRUTURA E CULTURA, aponta para a histórica oscilação da mídia entre o **sensacionalismo** e o **ceticismo apriorístico** (LOPES, 2017), o que molda a percepção pública do fenômeno (GREGOLIN, 2020).

18. Como você percebe que a mídia tradicional costuma abordar a TCI?  
10 respostas



Sob a perspectiva da Teoria dos Campos de Pierre Bourdieu (2004), o confronto entre defensores e críticos da TCI pode ser interpretado como uma **disputa por capital simbólico** no interior do campo científico ampliado, que hoje se estende para além das instituições acadêmicas formais, alcançando a mídia e as plataformas digitais.

O discurso cético, ao reivindicar a autoridade da ciência institucionalizada, busca preservar sua posição dominante, reforçando critérios de validação que excluem epistemologias consideradas marginais.

Entretanto, os dados indicam que essa disputa não ocorre apenas no interior do campo científico estrito, mas em um **campo midiático-digital híbrido**, no qual a autoridade é negociada publicamente.

Em redes sociais digitais, incluindo plataformas de vídeo, pesquisadores céticos, divulgadores científicos e praticantes competem por visibilidade, audiência e reconhecimento, nas formas de poder, fama e dinheiro. Nesse ambiente, a retórica científica é adaptada a formatos midiáticos, simplificando conceitos e, por vezes, assumindo tom confrontacional.

Do ponto de vista dos sujeitos investigados que se identificam com a TCI, a crítica cética é frequentemente percebida como reducionista. Muitos relatos expressam a sensação de que a explicação pela pareidolia ignora dimensões afetivas, existenciais e espirituais da experiência vivida.

Importa destacar que tais posicionamentos são analisados aqui **como discursos de resistência simbólica**, e não como refutações válidas ou inválidas do ponto de vista científico.

Stuart Hall (2016) oferece instrumentos analíticos para compreender esse embate como uma disputa de representações.

Nos discursos céticos a TCI é representada como pseudociência ou ilusão perceptiva; nos discursos crentes, como prática legítima de comunicação espiritual mediada por tecnologia. Essas representações não são meramente descritivas, mas produzem identidades, posicionando sujeitos como racionais ou crédulos, esclarecidos ou enganados.

A análise revela, ainda, que **o discurso cético tende a operar com uma leitura binária do campo**, ciência *versus* fé, enquanto **os discursos dos praticantes da TCI frequentemente reivindicam um espaço intermediário**, no qual a tecnologia seria capaz de mediar experiências espirituais sem recorrer exclusivamente à autoridade religiosa tradicional.

Essa reivindicação tensiona as fronteiras epistêmicas estabelecidas, contribuindo para a intensificação das disputas simbólicas.

Conforme Santaella (2018), a cultura digital potencializa essas disputas ao ampliar a circulação de discursos concorrentes e reduzir os filtros institucionais tradicionais.

Nesse cenário, a crítica cética perde parte de seu monopólio discursivo, sendo obrigada a disputar atenção e credibilidade em um espaço comunicacional fragmentado. Tal deslocamento não implica a superação do paradigma científico-materialista, mas sua reconfiguração em um ambiente de pluralidade discursiva.

Por certo, este subitem demonstra que a crítica cética, especialmente por meio do conceito de pareidolia, deve ser compreendida como elemento central das **disputas epistêmicas contemporâneas**.

Longe de constituir um julgamento definitivo sobre a prática, essa crítica participa ativamente da construção social dos sentidos atribuídos à TCI, reforçando a ideia de que o foco desta dissertação reside na análise dos discursos e dos regimes de verdade que os sustentam.

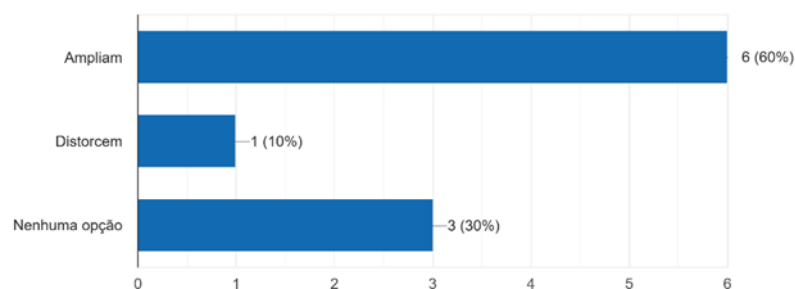
## **9.5 MEDIAÇÃO DA ESPIRITUALIDADE E RECONFIGURAÇÃO DA AUTORIDADE SIMBÓLICA**

As respostas céticas no “Questionário TCI” foram analisadas como discursos de vigilância que buscam manter a hegemonia da racionalidade científica. Os críticos, frequentemente, abordam formação discursiva (FOUCAULT, 1995) marcada por precisão técnica, citando lacunas metodológicas, ausência de replicabilidade e fragilidade dos equipamentos amadores.

O principal argumento cético analisado é o conceito de pareidolia, popularizado por Richard Wiseman (2012). A pareidolia, como explicado anteriormente, a tendência psicológica de buscar padrões, vozes, rostos, em dados aleatórios, ruído, estática, é a lente central pela qual o cético interpreta “sinais”. As respostas dos cétricos foram examinadas para identificar:

- a) **Frequência da Pareidolia: O quanto este termo, ou análogos, como “ilusão auditiva”, “viés de confirmação”, é mobilizado para explicar tais fenômenos.**
- b) **Foco Metodológico: A ênfase na necessidade de câmaras anecoicas, na filtragem de ruído e na análise espectral profissional como requisitos de validade, contrastando com as práticas amadoras descritas pelos crentes.**

19. Avalia que internet e redes sociais ampliaram ou distorceram o debate sobre TCI?  
10 respostas



Do ponto de vista dos Estudos Culturais, a crítica cética opera como um processo de desqualificação simbólica da TCI (HALL, 2016).

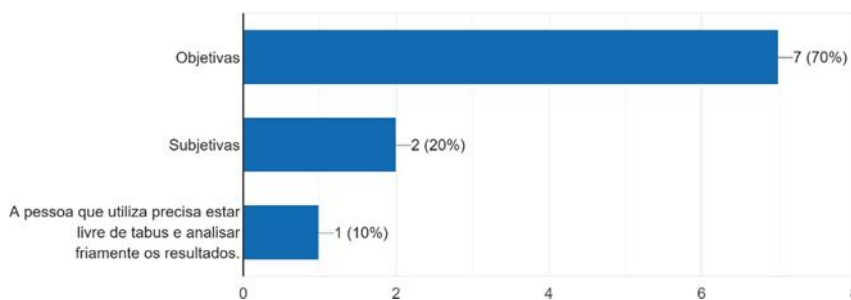
A TCI é representada (construída simbolicamente) pelo cético não como uma forma alternativa de comunicação, mas como um erro cognitivo (a pareidolia) ou um subproduto do *deep learning* (no caso da IA) (BEISCHEL; ROCK, 2023).

**A análise de discurso investigou a escolha lexical:** o cético evita termos como “espírito” ou “consciência extrafísica” em favor de “fenômeno eletrônico de voz (EVP)” ou “artefatos digitais”. A decisão por este vocabulário não é por acaso, é uma tática de poder discursivo, visando reduzir o fenômeno a uma categoria técnica e refutável.

A netnografia, neste ponto, reforça a análise em que cétricos e críticos da TCI também formam suas próprias câmaras de eco em fóruns e canais de *YouTube*, onde o discurso da ciência, muitas vezes popularizada, é reforçado mutuamente, em um ciclo de validação oposto ao dos praticantes (RECUERO, 2022).

9. Em relação a interpretação de resultados, em sua opinião, na TCI há evidências:

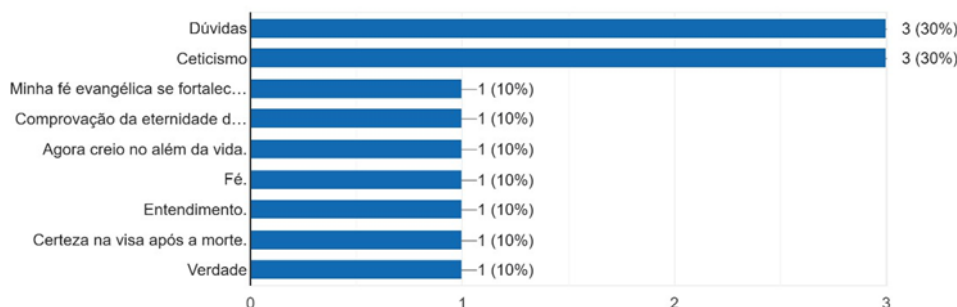
10 respostas



A (Q9) revela que 70% dos praticantes consideram as evidências da TCI como **Objetivas**, em contraste com 20% que as veem como Subjetivas. Essa convicção na objetividade é paradoxal, a saber, se choca com o **regime de verdade científico** hegemônico, que demanda critérios de **falseabilidade** e **replicabilidade** (POPPER, 1972; BUNGE, 1980), dificilmente alcançáveis em um campo com tantas variáveis incontroláveis (Q29, Q30, Q31).

10. As experiências que você presenciou ou realizou, geraram que tipo de impacto em sua vida?

10 respostas

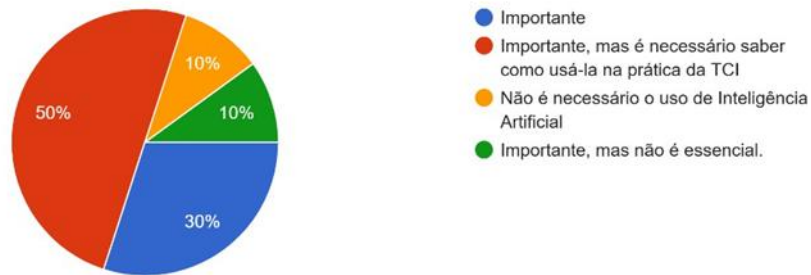


O cerne da crítica cética (Q10) reside na interpretação dos resultados, que o cientista Richard Wiseman (2012) e outros autores céticos (BEISCHEL; ROCK, 2023) atribuem à **pareidolia** ou à **ilusão auditiva**.

A aplicação de Inteligência Artificial (IA) (Q12 e Q16) na captação e análise de sinais (50% veem a IA como “Importante, mas é necessário saber como usá-la”, 30% como “Importante”) intensifica essa disputa, levando à possibilidade da **pareidolia algorítmica** (SILVA; FERRARI, 2023; BEISCHEL; ROCK, 2023), onde o *software*, treinado para encontrar padrões, pode fabricar o sentido que se busca, em vez de apenas revelá-lo.

12. Como avalia o papel da Inteligência Artificial na captação e análise de sinais na prática da TCI?

10 respostas



A análise dos dados evidencia que a Transcomunicação Instrumental (TCI) é discursivamente estruturada a partir de uma relação intrínseca entre espiritualidade e tecnologia, na qual dispositivos técnicos não apenas viabilizam a prática, mas assumem papel central na produção de sentidos, na legitimação simbólica e na reorganização das autoridades tradicionais no campo religioso. A mediação tecnológica surge, assim, como elemento constitutivo, e não acessório, das narrativas analisadas.

Nos discursos dos praticantes e simpatizantes, a tecnologia é apresentada como meio capaz de reduzir a interferência humana e, conseqüentemente, a subjetividade. Gravadores digitais, *softwares* de edição de áudio e vídeo, algoritmos de filtragem e dispositivos eletrônicos são referidos como aparelhos que confeririam “neutralidade” ao processo comunicacional.

Importa destacar que, neste estudo, tais afirmações não são tomadas como evidência empírica de objetividade técnica, mas como **estratégias discursivas de legitimação**, por meio das quais a prática busca se aproximar de regimes de verdade associados à racionalidade científica.

À luz de Lucia Santaella (2018), a tecnologia deve ser compreendida no contexto mais amplo da cultura digital, caracterizada pela crescente mediação técnica das experiências humanas. É que a tecnologia, nesse cenário, não apenas transmite conteúdos, mas **reconfigura modos de percepção, presença e autoridade**, produzindo novas formas de experiência simbólica. No caso da TCI, os dispositivos passam a operar como mediadores do invisível, conferindo materialidade sensível a narrativas sobre o além.

Do ponto de vista da Antropologia da Religião, especialmente a partir das contribuições de Birgit Meyer (2019), essa mediação

tecnológica pode ser interpretada como forma contemporânea de materialização do sagrado.

Meyer diz que as experiências religiosas são sempre mediadas por objetos, imagens, sons e práticas corporais. A TCI insere-se em uma tradição mais ampla de mediações religiosas, ainda que se diferencie por mobilizar tecnologias associadas à modernidade e à ciência.

Os dados indicam que essa mediação técnica contribui para uma **reconfiguração da autoridade simbólica** no campo religioso. Ao recorrer a dispositivos tecnológicos, os praticantes da TCI deslocam a mediação do sagrado das instituições religiosas tradicionais para um domínio técnico-midiático. Esse deslocamento implica uma ruptura parcial com o monopólio simbólico historicamente exercido por agentes religiosos instituídos, como igrejas e lideranças clericais.

A Teoria dos Campos de Pierre Bourdieu (2004) oferece utensílios analíticos valiosos para compreender esse processo. A autoridade religiosa, entendida como forma específica de capital simbólico, passa a ser disputada em um campo aberto, onde novos agentes reivindicam legitimidade com base em capacidades técnicas e midiáticas.

Os praticantes posicionam-se como mediadores legítimos do além não por ordenação institucional, mas por domínio de tecnologias e narrativas de experiência.

Essa reconfiguração, contudo, não ocorre sem ambivalências. Em diversos enunciados analisados, observa-se a coexistência de desconfiança em relação às instituições religiosas tradicionais e, simultaneamente, a valorização de elementos discursivos oriundos dessas mesmas tradições, como a crença na continuidade da consciência e na sobrevivência da alma. Tal ambivalência reforça a ideia de que a TCI não substitui integralmente as religiões instituídas, mas **rearticula seus sentidos em um novo regime de mediação**.

Sob a perspectiva foucaultiana, a tecnologia pode ser compreendida como parte das condições de produção deste discurso. Conforme Foucault (1995), os discursos são inseparáveis dos dispositivos que os sustentam.

Nesse entendimento, os equipamentos técnicos não apenas registram supostas comunicações, mas participam ativamente da

construção discursiva da experiência espiritual, delimitando o que pode ser dito, mostrado e compartilhado.

No ambiente digital, essa mediação tecnológica é amplificada pela lógica das plataformas. Vídeos, transmissões ao vivo, tutoriais e registros de “experimentos” circulam amplamente, produzindo efeitos de autenticidade e transparência.

Conforme destaca Santaella (2018), a visualidade técnica e a performatividade dos dispositivos contribuem para a construção de confiança, ainda que tal confiança seja de natureza simbólica e cultural, e não científica.

Os dados também revelam que essa centralidade da tecnologia permite à TCI dialogar com públicos que se afastaram das religiões tradicionais, mas que mantêm interesse por espiritualidade. A tecnologia funciona, assim, como ponte simbólica entre racionalidade técnica e busca transcendental, reforçando a ideia de que a espiritualidade contemporânea é marcada por processos de individualização e desinstitucionalização.

É fundamental destacar que a análise aqui proposta evita interpretar essa mediação tecnológica como prova de validade do fenômeno. Nem discutiremos o mérito. O foco reside em compreender **como a tecnologia é discursivamente investida de autoridade**, funcionando como elemento legitimador em um contexto de disputas simbólicas. Essa abordagem reforça o distanciamento crítico da dissertação e recusa em endossar (ou não) premissas sobrenaturais.

Destarte, este subitem demonstra que a mediação tecnológica da espiritualidade, no caso da TCI, desempenha papel central na reorganização das formas de autoridade simbólica no campo religioso-midiático.

A tecnologia atua como mediadora do sagrado, estratégia de legitimação discursiva e vetor de reconfiguração das relações de poder, evidenciando como a Comunicação Digital se torna espaço privilegiado para a negociação de sentidos sobre fé, ciência e transcendência.

## 9.6 SÍNTESE ANALÍTICA E ANÁLISE DOS DADOS

A análise do “Questionário TCI”, em sua diversidade de vozes (crentes, céticos, pesquisadores), revela um fenômeno que se sustenta

em uma Dupla Mediação na cultura midiática: a Mediação Técnica (o dispositivo eletrônico) e a Mediação Simbólica (a interpretação cultural).

Os principais achados, a partir de uma análise que articula o discurso dos crentes e dos céticos, podem ser assim sintetizados:

- a) **Gerenciamento do Luto na Pós-Modernidade: A retórica do consolo serve como força motriz do praticante. A TCI é narrada como uma tecnologia afetiva, oferecendo um encerramento para o luto que a narrativa religiosa tradicional ou o discurso científico-médico não consegue oferecer. Este papel terapêutico autentica a prática na esfera pessoal, independentemente da validação científica.**
- b) **Reconfiguração da Autoridade Simbólica (Bourdieu): As respostas dos praticantes demonstram uma crescente autonomia em relação às instituições. A TCI atua como um vetor de ruptura do monopólio da competência simbólica de agentes religiosos tradicionais, transferindo o poder de mediação para a tecnologia acessível e a experiência pessoal validada pelas “curtidas” da comunidade digital. O indivíduo se torna seu próprio “empresário do sagrado” (BOURDIEU, 2004), seu “céu” ou “inferno”.**
- c) **Código Versus Crença (Santaella e Wiseman): A disputa discursiva centra-se na interpretação do ruído. Enquanto os crentes mobilizam a tecnologia (*softwares*, IA) para objetivar o invisível, os céticos a utilizam para desmistificar o fenômeno, recorrendo a conceitos como pareidolia (WISEMAN, 2012) e viés de confirmação. A IA, nesse contexto, surge como um novo campo de batalha, onde a apofenia algorítmica (BEISCHEL; ROCK, 2023) se contrapõe à escuta espiritualizada (MEYER, 2020).**
- d) **A TCI como Representação Híbrida (Hall): A recepção do fenômeno é intrinsecamente ligada à esfera discursiva. A TCI é uma representação polifônica (HALL, 2016; BAKHTIN, 2018), onde a “voz do além” é um mistério para a mídia, um erro cognitivo para o cético e um consolo para o crente.**

Destarte, a análise integrada dos dados empíricos permite compreender a Transcomunicação Instrumental como um **objeto discursivo complexo**, cuja existência social se constrói na intersecção entre espiritualidade, tecnologia, mídia e ciência.

Longe de constituir um fenômeno homogêneo, a TCI emerge, nos materiais analisados, como campo de disputas simbólicas, atravessado por múltiplos regimes de verdade que coexistem, se tensionam e se confrontam no ambiente midiático-digital contemporâneo.

A partir das categorias analíticas desenvolvidas nos subitens anteriores, observa-se que a TCI é discursivamente sustentada por narrativas de consolo, continuidade simbólica e elaboração do luto, nas quais a experiência subjetiva dos praticantes ocupa posição central.

Essas narrativas, conforme demonstrado, não operam apenas como relatos individuais, mas como **estratégias coletivas de produção de sentido**, que conferem legitimidade interna à prática e favorecem sua circulação em comunidades digitais.

Stuart Hall (2016) no diz que tais discursos funcionam como sistemas de representação que organizam identidades, afetos e pertencimentos, atribuindo significado à experiência da finitude.

Paralelamente, a pesquisa evidenciou a centralidade da **retórica da cientificação** como estratégia valiosa para a edificação da validade reconhecida da TCI. A apropriação de vocabulário técnico, protocolos experimentais e dispositivos tecnológicos permite aos praticantes posicionar o método em uma zona intermediária entre ciência e espiritualidade.

Conforme discutido a partir de Pierre Bourdieu (2004), essa operação pode ser interpretada como tentativa de acumulação de capital simbólico, ao aproximar a TCI de um campo dotado de elevada autoridade social. Importa reiterar que essa cientificação é analisada como retórica e estratégia simbólica, e não como endosso à cientificidade da prática.

A crítica cética, por sua vez, revelou-se elemento estruturante das disputas epistêmicas. O recurso ao conceito de pareidolia e a outras explicações oriundas do paradigma científico- materialista funciona como mecanismo de delimitação das fronteiras do conhecimento legítimo.

Na perspectiva foucaultiana (FOUCAULT, 1995), esses discursos produzem efeitos de verdade ao classificar determinadas experimentações como erro perceptivo ou ilusão cognitiva,

reafirmando a autoridade máxima da ciência institucionalizada. Apesar disso, a análise demonstrou que o discurso cético também é situado, histórico e atravessado por relações de poder, jamais sendo constituindo instância neutra de julgamento.

A mediação tecnológica atravessa transversalmente todas essas construções discursivas. A tecnologia aparece, nos dados, não apenas como instrumento operacional, mas como **dispositivo de legitimação**, capaz de conferir materialidade técnica a experiências espirituais.

Conforme argumenta Lucia Santaella (2018), na cultura digital a tecnologia assume estatuto de evidência simbólica, produzindo efeitos de objetividade e confiança. No caso da TCI, essa mediação contribui para a reconfiguração das formas tradicionais de autoridade religiosa, deslocando a competência simbólica das instituições para agentes tecnicamente habilitados.

A articulação entre discurso, campo e representação, conforme proposta por Foucault, Bourdieu e Hall, mostrou-se fundamental para compreender a TCI como prática cultural performática.

Enquanto formação discursiva, a TCI se compõe a partir de harmonias enunciativas e condições históricas particulares. Enquanto prática inserida em campos de força, ela disputa por capital simbólico no campo científico-midiático. Enquanto sistema de representações, produz sentidos partilháveis sobre morte, transcendência e tecnologia. Essa comunhão evita leituras superficiais e reforça seu caráter relacional e processual.

Os dados também indicam que a recepção varia significativamente conforme as esferas discursivas consideradas. Entre espiritualistas e praticantes, predomina a valorização da experiência vivida e do consolo simbólico; entre pesquisadores e divulgadores científicos, observa-se maior ênfase na crítica metodológica e na explicação cognitiva; no público em geral, emergem posições ambivalentes, que reconhecem a função emocional da prática sem necessariamente endossar sua validade científica.

Essa pluralidade confirma que a TCI não pode ser compreendida a partir de uma oposição binária entre ciência e fé, mas como fenômeno situado em um campo de **paradigmas em disputa**.

A transcomunicação instrumental não se apresenta como ciência reconhecida, tampouco se limita a prática religiosa tradicional, mas ocupa espaço liminar, no qual discursos científicos, espiritualistas e midiáticos se entrecruzam, produzindo sentidos híbridos e instáveis. Nesse vínculo, a análise reafirma a importância de substituir leituras dicotômicas por uma abordagem que considere **diferentes regimes de verdade**, conforme sugerido por Foucault.

Conclui-se, que sua legitimação ocorre menos por validação empírica e mais por meio de estratégias discursivas que mobilizam tecnologia, ciência e experiência subjetiva. Essa constatação reforça o foco central desta dissertação: analisar **como os discursos sobre a TCI são construídos, negociados e disputados socialmente**, e não avaliar a veracidade ontológica do fenômeno.

Ao iluminar essas dinâmicas, a pesquisa contribui para o campo da Comunicação Digital, evidenciando como práticas espiritualizadas buscam reconhecimento e autoridade em contextos profundamente mediados.

## **9.7 A PERFORMANCE DA CRENÇA NA CONSTRUÇÃO DA LEGITIMIDADE**

**Iniciamos esta seção nos dedicando à análise das respostas do “Questionário TCI” provenientes de praticantes e entusiastas.** A chave de leitura aqui reside na articulação entre a Antropologia da Religião (MEYER, 2020) e a Teoria dos Campos (BOURDIEU, 2004), para examinar o papel da TCI na reconfiguração da competência simbólica na sociedade em rede.

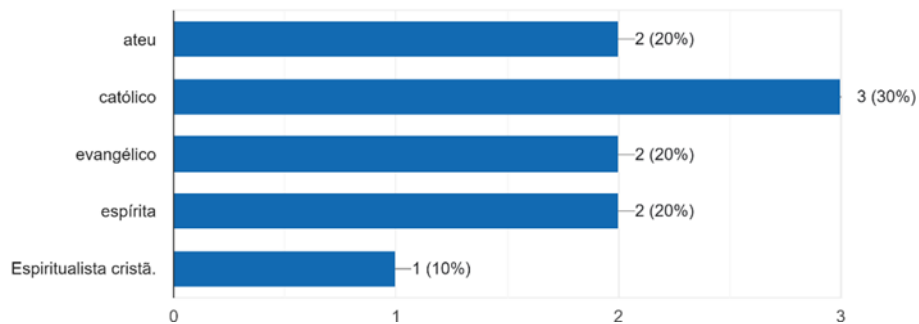
A TCI, ao se posicionar como um caminho tecnológico para o contato com o “além” (“A TCI me pareceu um elo entre ciência avançada e religião convencional” – Q5), atua como um vetor de ruptura do monopólio da competência simbólica (BOURDIEU, 2011).

O campo religioso tradicional, ao deter a autoridade de mediar o sagrado e a vida após a morte, enfrenta o desafio de uma prática que prescinde do médium humano, substituindo-o por um dispositivo técnico (“o uso de tecnologia é um ponto crucial na tentativa de estabelecer comunicação sem a necessidade de médiuns humanos” – Q30).

O discurso de alguns participantes, como “Que não tem nada a ver com igreja ou centro nem religião nenhuma” (Q29) e “Foi crucial para mim me permitir entender para além do que as religiões pregam” (Q30), ilustra essa desvinculação da autoridade religiosa institucionalizada.

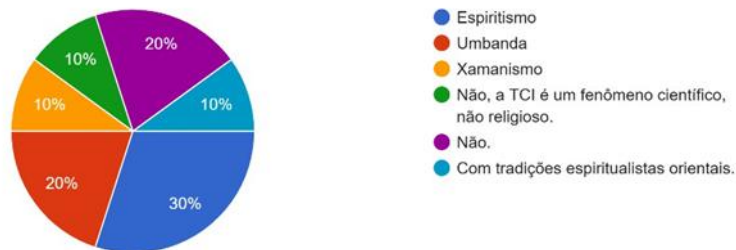
Essa descentralização da escuta (ANTOUN, 2015) e a apropriação de tecnologias digitais para fins espirituais (LEMOS, 2010) sugerem que a TCI é um fenômeno de “reencantamento tecnomidiático” (SODRÉ, 2022), onde a máquina é imbuída de um potencial sagrado, tornando-se mediadora do mistério (FELINTO, 2005).

21. Qual o seu perfil, em termos de crença e formação?  
10 respostas



A Q22, ao perguntar sobre a aproximação com tradições espirituais, mostra uma pluralidade de visões: enquanto alguns veem a TCI como um fenômeno científico e não religioso (10%), outros a conectam diretamente com o Espiritismo (30%) e a Umbanda (10%), revelando a natureza híbrida (50% veem a TCI como um híbrido de científico, espiritual e cultural – Q17) e transreligiosa da prática (CABRAL, 2017).

22. Percebe aproximações da TCI com tradições espirituais/nativas ? (ex: espiritismo, umbanda, xamanismo ou outras)  
10 respostas



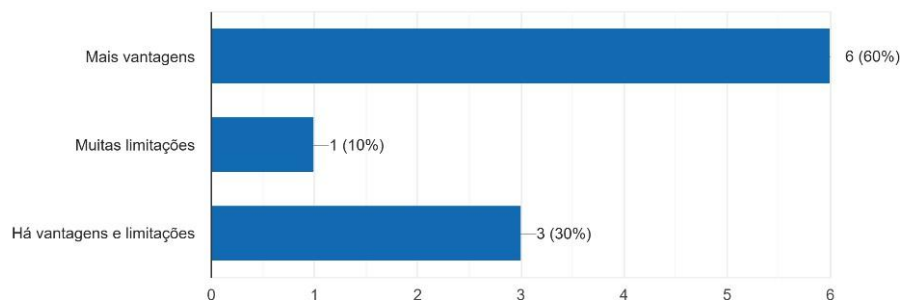
A ascensão da TCI como prática espiritual autônoma e descentralizada, amplificada pelas redes sociais (RECUERO, 2018),

coloca em xeque o monopólio da competência simbólica historicamente detido por agentes religiosos tradicionais (sacerdotes, pastores, líderes espirituais). Pierre Bourdieu (2004, 2011) postula que a autoridade religiosa não reside na fé em si, mas na capacidade dos “empresários do sagrado” de impor a definição legítima da relação com o invisível.

A TCI, ao permitir que o indivíduo comum, munido de um gravador ou *smartphone*, estabeleça seu próprio canal de comunicação com o além, aparentemente democratiza a mediação espiritual. As respostas dos praticantes assim foram analisadas para identificar o grau de sua autonomia em relação às instituições:

- a) Desinstitucionalização da Fé: Os praticantes se veem como “pesquisadores” ou “experimentadores” em vez de “fiéis” ou “médiuns” ligados a templos.**
- b) Tecnologia como *Habitus* Espiritual: A apropriação do dispositivo (o *habitus* técnico) possibilita ao praticante o capital técnico-espiritual necessário para atuar como mediador, rivalizando com a mediação tradicional.**

13. Para você, há vantagens ou limitações dos dispositivos digitais em relação aos analógicos?  
10 respostas



É o que se depreende da percepção dos pesquisados de que existem mais vantagens no uso de dispositivos digitais em relação a dispositivos analógicos (60% entende que há mais vantagens), há vantagens e limitações (30%), e muitas limitações (10%).

As respostas do “Questionário TCI”, ao descreverem a TCI como um caminho direto e não-dogmático para a conexão, ilustram a quebra do monopólio: o capital simbólico da TCI reside na evidência pessoal (o áudio, a imagem) e na mediação tecnológica, e não na interpretação autorizada de um agente religioso tradicional (BOURDIEU, 2004). A

própria experiência, performada e compartilhada na rede, torna-se a nova fonte de legitimidade.

No contexto da “modernidade líquida”, termo cunhado por Bauman (2020), as instituições tradicionais perdem sua solidez e capacidade de fornecer respostas universais aos dilemas existenciais, como a finitude e o luto. Esse cenário de fluidez institucional favorece a emergência de uma espiritualidade “à la carte”, na qual o sujeito, agindo como consumidor de sentidos, seleciona elementos de diversos sistemas de crença de maneira personalizada e desvinculada de dogmas institucionais.

Justifica-se tal entendimento ao observar que **a TCI atua como um vetor de ruptura do monopólio da competência simbólica, historicamente detido por agentes religiosos tradicionais.**

Conforme Bourdieu (2011), o campo religioso fundamenta-se na mediação autorizada do sagrado; no entanto, a TCI transfere esse poder para o próprio indivíduo, que se torna seu próprio “empresário do sagrado” ao utilizar dispositivos técnicos para perscrutar o invisível. Nesse nexos, a tecnologia deixa de ser apenas uma ferramenta funcional e assume o papel de “artefato sagrado” ou “interface espiritual”, capaz de mediar experiências subjetivas de transcendência.

Exemplifica-se essa dinâmica pelo uso crescente de aplicativos de “*spirit box*” e *softwares* de Inteligência Artificial, que permitem ao enlutado gerenciar sua dor de forma autônoma e privada.

Essa gestão do luto via tecnologia pessoal preenche as lacunas deixadas pela racionalidade científica ou pela religião oficial, oferecendo um consolo imediato através da materialidade do registro técnico. Como propõe Meyer (2020), as mídias não apenas veiculam o sagrado, elas o constituem por meio de formas sensoriais que organizam a percepção e a fé.

Sob uma ótica neutra e analítica, a TCI não deve ser vista como uma prova ontológica da vida após a morte, mas como um **“reencantamento tecnomidiático”** que responde à escassez simbólica da modernidade.

A validação dessas experiências ocorre horizontalmente em redes digitais, como fóruns no *Reddit* ou grupos no *Facebook*, onde o compartilhamento de “evidências” pessoais substitui a necessidade de

chancelas externas. Em suma, a TCI representa uma forma de subjetivação espiritual situada na confluência entre a técnica, o afeto e a cultura participativa.

Esta subseção também explora a circulação dessa crença. As respostas dos praticantes frequentemente citam outros praticantes digitais (*YouTube, podcasts*) como fonte de aprendizado e validação, o que reforça a natureza horizontal e rizomática da autoridade na TCI.

A rede social digital funciona como o novo campo de legitimidade do fenômeno, onde a crença compartilhada é mantida e reforçada através de laços afetivos e narrativos, o que complementa a análise das representações midiáticas.

A discussão dos achados empíricos permite compreender que a Transcomunicação Instrumental (TCI) não se sustenta apenas como um conjunto de enunciados sobre a possibilidade de comunicação com o além, mas como uma **prática performática**, na qual crença, técnica e discurso se articulam de modo indissociável.

A crença, nesse contexto, não se apresenta como estado interior puramente subjetivo, mas como algo que se **encena**, se atualiza e se torna socialmente inteligível por meio de performances discursivas, corporais e midiáticas.

Os dados analisados indicam que os praticantes da TCI constroem sua legitimidade não apenas pelo que dizem, mas **pela forma como dizem**, pelo modo como organizam os rituais técnicos, pelos gestos, silêncios, preparações e narrativas que antecedem, acompanham e sucedem os supostos contatos.

A crença, assim, é performada como prática disciplinada, controlada e metodologicamente orientada, afastando-se, discursivamente, da ideia de improvisação ou superstição.

Para Michel Foucault se torna possível compreender a performance da crença como prática inserida em regimes discursivos. Conforme Foucault (1995), os discursos não apenas descrevem o mundo, mas produzem sujeitos, práticas e objetos possíveis.

Sendo assim, a performance da crença na TCI opera como prática discursiva que produz o “praticante legítimo”, distinguindo-o do curioso, do charlatão ou do crédulo ingênuo.

Essa performance é mediada pela tecnologia. O uso de aparelhamentos, a descrição de procedimentos e o *check list* de protocolos técnicos constituem elementos da prática. Conforme os dados demonstram, a performance da crença se aporta na materialidade técnica com a finalidade de reduzir a aparência de subjetividade. Essa estratégia não elimina a crença, mas a **reformula e até a justifica** em termos ajustados aos valores da racionalidade científica.

Lucia Santaella (2018) contribui para entender essa dinâmica ao argumentar que, na cultura digital, a performatividade técnica assume função central na construção de autoridade. A tecnologia não apenas media a experiência, mas **performativiza a verdade**, produzindo efeitos de credibilidade.

Neste caso, a fé se materializa de modo visível, compartilhável e replicável em vídeos, *lives* e tutoriais, ampliando sua circulação e sua eficácia simbólica.

Pelo entendimento dos Estudos Culturais, Stuart Hall (2016) permite compreender a performance da crença como prática de representação. Os praticantes representam a si mesmos como sujeitos racionais, investigativos e abertos ao diálogo científico, ao mesmo tempo em que se distanciam das figuras estigmatizadas do fanático religioso ou do místico irracional. Essa representação não é espontânea, mas construída discursivamente em resposta às críticas céticas e às expectativas do público.

A Antropologia da Religião, especialmente a partir de Birgit Meyer (2019), oferece elementos fundamentais para compreender essa performance como experiência sensorial e material. Meyer argumenta que a crença não se reduz a proposições cognitivas, mas envolve corpos, objetos, sons e afetos.

A TCI, nesse diapasão, constitui uma **prática ritualizada, ainda que não reconhecida como tal por seus praticantes, na qual sons, ruídos, imagens e dispositivos técnicos produzem experiências de presença e transcendência.**

Os dados indicam que a performance da crença também cumpre função defensiva no campo das disputas epistêmicas. Ao enfatizar o controle técnico, a repetição de procedimentos e a cautela interpretativa, os praticantes buscam se proteger da acusação de

credulidade. Essa postura revela a internalização parcial dos critérios do paradigma científico-materialista, ainda que ressignificados em uma epistemologia nativa da TCI.

Pierre Bourdieu (2004) permite compreender essa performance como estratégia de posicionamento no campo simbólico. A crença, quando performada como prática técnica e reflexiva, adquire valor simbólico superior à crença apresentada como fé espontânea. Assim, os praticantes da TCI disputam capital simbólico não apenas com instituições religiosas tradicionais, mas também com o campo científico, ainda que em posição subalterna.

Essa performance não é homogênea. Os dados revelam variações expressivas conforme o nível de envolvimento com a prática, seu capital cultural e sua inserção midiática. Alguns praticantes ressaltam a dimensão espiritual e afetiva, e outros privilegiam a linguagem técnica e experimental. Essa diversidade reforça a compreensão do campo plural, atravessado por diferentes modos de performar a crença.

Do ponto de vista da Análise do Discurso, conforme Gregolin (2020), a performance da crença deve ser analisada a partir de suas condições de produção e de seus efeitos de sentido. Os enunciados performativos da TCI produzem efeitos de autoridade, pertencimento e autenticidade, ao mesmo tempo em que delimitam fronteiras simbólicas entre “crentes responsáveis” e “críticos desinformados”. Esses efeitos são centrais para a manutenção da prática em ambientes digitais marcados pela visibilidade e pela contestação constante.

Em resumo, a performance da crença na TCI revela-se como prática cultural complexa, na qual discurso, técnica e espiritualidade se entrelaçam para produzir legitimidade simbólica.

A crença não é aqui compreendida como adesão ingênua a uma proposição sobrenatural, mas como prática performativa situada, construída em resposta a disputas epistêmicas e mediada por tecnologias da comunicação.

Essa compreensão reforça o posicionamento crítico da dissertação, que se dedica a analisar **como a crença é construída e performada**, e não a avaliar sua veracidade ontológica.

## 9.8 PARADIGMAS EM CONFLITO, REGIMES DE VERDADE, AUTORIDADE CIENTÍFICA

A análise dos dados evidencia que a Transcomunicação Instrumental se insere em um cenário marcado por **disputas epistêmicas complexas**, nas quais diferentes paradigmas de conhecimento competem pela definição do que pode ser reconhecido como verdadeiro, legítimo e socialmente aceitável.

Essas disputas não se restringem a divergências metodológicas, mas envolvem conflitos mais amplos acerca dos critérios de validade do saber, das formas de autoridade cognitiva e dos regimes de verdade que estruturam a cultura contemporânea.

No campo científico-materialista dominante, a TCI é majoritariamente posicionada como objeto ilegítimo, associada à pseudociência, à ilusão perceptiva ou ao erro metodológico. Esse enquadramento é sustentado por discursos que mobilizam conceitos da psicologia cognitiva, da neurociência e da metodologia científica, como o viés de confirmação, a expectativa do observador e a pareidolia.

Importa destacar que, neste estudo, tais explicações não são analisadas quanto à sua correção empírica, mas como **discursos dotados de autoridade**, que operam como instrumentos de delimitação do campo do conhecimento legítimo.

A partir de Michel Foucault (1995), essas disputas podem ser compreendidas como confrontos entre **regimes de verdade**, entendidos como conjuntos de procedimentos, discursos e instituições que determinam quais enunciados podem circular como verdadeiros em determinado contexto histórico.

O regime científico-materialista ocupa posição hegemônica, sendo sustentado por universidades, periódicos, agências de fomento e sistemas de avaliação que regulam a produção do conhecimento. Nesse regime, práticas como a TCI são excluídas não apenas por seus conteúdos, mas por não atenderem aos critérios institucionais que definem o que é ciência.

Os dados indicam, contudo, que os praticantes não se posicionam de forma passiva diante dessa exclusão. Ao contrário, inventam uma **epistemologia nativa**, que combina elementos do discurso científico com referências espirituais e experiências subjetivas.

Essa epistemologia alternativa não busca necessariamente substituir o paradigma dominante, mas reivindica um espaço de reconhecimento simbólico, no qual a experiência vivida e a mediação tecnológica sejam consideradas fontes legítimas de sentido.

Pierre Bourdieu (2004) oferece instrumentos analíticos centrais para entender essas disputas como guerra por capital simbólico no interior do campo científico. **O campo científico, longe de ser homogêneo ou neutro, é estruturado por hierarquias, exclusões e relações de poder.** A rejeição da TCI pode ser entendida, logo, como tentativa de preservação das fronteiras do campo, protegendo seus critérios internos de validação e sua autoridade social.

Entretanto, os dados revelam que essas disputas extrapolam os limites institucionais do campo científico, deslocando-se para o **campo midiático-digital**, onde a autoridade epistêmica é constantemente renegociada.

Em plataformas digitais, divulgadores científicos, pesquisadores céticos, praticantes da TCI e o público em geral participam de debates públicos que tensionam os critérios tradicionais de legitimidade. Nesse ambiente, a ciência deixa de falar exclusivamente a partir de suas instituições e passa a disputar atenção, credibilidade e confiança em um espaço comunicacional fragmentado.

Sob a perspectiva dos Estudos Culturais, Stuart Hall (2016) permite compreender essas disputas como conflitos de representação.

A narrativa cética tende a representar a TCI como ameaça à racionalidade e ao esclarecimento, enquanto a narrativa dos praticantes a representa como prática injustamente marginalizada, portadora de um conhecimento que escaparia às limitações do paradigma materialista.

Essas representações polarizadas produzem identidades antagônicas: o cientista racional *versus* o crente “crédulo”. Tais discursos reduzem, empobrecem e simplificam um campo naturalmente mais heterogêneo, diversificado e complexo.

A análise dos dados demonstra que essa oposição binária é insuficiente para compreender a complexidade das disputas epistêmicas em torno da TCI.

Conforme sugerido por Gregolin (2020), a análise do discurso deve evitar reduções maniqueístas, examinando as condições de produção dos enunciados e seus efeitos de sentido. Andamento, observa-se que tanto o discurso cético quanto o discurso crente mobilizam estratégias retóricas específicas, reivindicando autoridade e desqualificando o outro.

A cultura digital intensifica essas disputas ao reduzir os filtros institucionais e ampliar a circulação de discursos concorrentes.

Conforme Santaella (2018), a midiaticização contemporânea fragmenta as fontes de autoridade e favorece a emergência de saberes alternativos, ainda que não reconhecidos pelo campo científico. A TCI se beneficia dessa dinâmica ao encontrar nas plataformas espaço de visibilidade e legitimação simbólica que lhe é negado em instâncias acadêmicas formais.

Destaco que a análise aqui desenvolvida não relativiza indiscriminadamente os critérios científicos, nem propõe equivalência entre todos os regimes de verdade. Mais que isso, o que se busca é o **entendimento de como esses regimes são historicamente construídos, socialmente sustentados e discursivamente defendidos.**

A ciência mantém posição central como forma institucionalizada de produção de conhecimento, mas sua autoridade não é exercida fora das relações de poder e dos contextos culturais em que se insere.

Os dados também indicam que parte do público ocupa posições intermediárias nessas disputas. Alguns sujeitos desconfiam da cientificidade, ao mesmo tempo em que reconhecem sua função simbólica, emocional ou espiritual. Tal ambivalência explica a existência de zonas de negociação epistêmica, onde a autoridade científica convive com outras formas de atribuição de sentido.

Assim sendo, as disputas epistêmicas em torno da TCI revelam um cenário de **pluralização dos regimes de verdade**, no qual o paradigma científico materialista permanece dominante, mas é constantemente interpelado por epistemologias alternativas que buscam reconhecimento simbólico. A TCI emerge, nesse contexto, como objeto privilegiado para analisar como a autoridade do conhecimento é construída, defendida e contestada na cultura digital contemporânea.

A **análise qualitativa e interdisciplinar dos dados** do “**Questionário TCI**” e sua articulação com o Referencial Teórico geram implicações significativas para a Comunicação Digital, os Estudos Culturais e a Antropologia da Religião, a saber:

**a) Implicações Teóricas na Comunicação Digital: O estudo propõe a TCI como um novo e legítimo Dispositivo de Espiritualidade na Cultura Midiática.**

A mediação técnica digital (*smartphones, softwares, IA*) deve ser analisada não apenas por sua eficiência de transmissão, mas pela sua capacidade de reencantar o mundo e conferir presença à ausência, alinhando-se à perspectiva de Lúcia Santaella (2019b) sobre a reconfiguração da sensorialidade na cibercultura. A TCI prova que a comunicação pós-morte é um campo de estudo emergente e legítimo da Comunicação.

**b) Implicações nos Estudos Culturais e Antropologia: O estudo reforça a tese de que a fé na sociedade contemporânea é mediada e materializada (MEYER, 2020), fugindo do ideal de espiritualidade desencarnada.**

A TCI é um laboratório cultural para analisar como a tecnologia se integra às narrativas de identidade e resistência, desafiando a racionalidade instrumental (WEBER, 2002; PIERUCCI, 2003) com o reencantamento tecnomidiático (SODRÉ, 2022).

**c) Implicações Metodológicas: A combinação de Netnografia, Análise de Discurso e Entrevistas Semiestruturadas mostrou-se eficaz para desvendar as complexas camadas de um fenômeno limítrofe.**

A netnografia ajudou a situar os sujeitos (onde eles se encontram e o que eles compartilham), e a análise de discurso permitiu confrontar as categorias *emic* (o que o praticante diz ser) com as categorias *etic* (o que a teoria diz sobre o que o praticante faz).

## **9.9 IMPLICAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS: INVESTIGAÇÕES FUTURAS**

A síntese dos achados desta pesquisa até o momento permite afirmar que a TCI, tal como emerge nos dados analisados, constitui-se

como um **objeto discursivo privilegiado para a reflexão teórica e metodológica no campo da Comunicação Digital**.

Longe de ser abordada como fenômeno a ser validado ou refutado em termos ontológicos, a TCI revelou-se um terreno fértil para a análise das dinâmicas contemporâneas de produção de sentido, legitimação simbólica e disputa por autoridade cognitiva em ambientes profundamente midiaticizados.

Do ponto de vista teórico, uma das principais contribuições do estudo reside na **articulação aprofundada entre Análise do Discurso, Teoria dos Campos e Teoria da Representação**, evitando a justaposição mecânica de referenciais.

A partir de Michel Foucault (1995), a TCI foi compreendida como formação discursiva, cujos enunciados se organizam em regularidades, condições de produção e efeitos de verdade historicamente situados. Essa perspectiva permitiu deslocar o foco da análise do “fenômeno em si” para os **modos de dizer, mostrar e legitimar** a prática no espaço público.

A incorporação da Teoria dos Campos de Pierre Bourdieu (2004) possibilitou compreender essas formações discursivas como inseridas em **campos de força**, nos quais agentes distintos, sejam praticantes, céticos, pesquisadores, mídia e público, disputam capital simbólico e reconhecimento social.

Essa abordagem revelou que as controvérsias em torno da TCI não se explicam apenas por divergências epistemológicas abstratas, mas por posições desiguais ocupadas no campo científico-midiático, marcado por hierarquias, exclusões e assimetrias de poder.

Por sua vez, o aporte de Stuart Hall (2016) mostrou-se vital para decompor a TCI como objeto de representação cultural. As narrativas produzem sentidos sobre ciência, fé, tecnologia e morte, construindo identidades discursivas que nos posicionam como racionais, crédulos, esclarecidos ou resistentes.

Essa dimensão representacional é que nos faz entender porque se torna inteligível socialmente, entre estigmatização, curiosidade e adesão simbólica.

Ao integrar essas três matrizes teóricas, a dissertação avança no debate metodológico ao demonstrar que a análise dos discursos sobre

práticas espiritualizadas na cultura digital exige uma abordagem relacional, capaz de articular **discurso, poder e representação**.

Tal articulação reforça a ideia de que a Comunicação Digital não se limita ao estudo de tecnologias ou plataformas, mas envolve a investigação crítica dos processos simbólicos que estruturam a vida social contemporânea.

No plano metodológico, a pesquisa contribuiu ao demonstrar a pertinência da **triangulação de métodos qualitativos** — análise de conteúdo, análise de discurso, Netnografia e entrevistas semiestruturadas — para o estudo de fenômenos controversos e disputados.

Essa triangulação permitiu captar tanto a regularidade dos enunciados quanto suas variações contextuais, evitando leituras simplificadoras ou excessivamente normativas. Conforme Minayo (2014), a triangulação fortalece a validade interpretativa da pesquisa qualitativa ao ampliar o campo de observação e confrontar diferentes perspectivas analíticas.

A netnografia revelou-se particularmente relevante para compreender a circulação e a performatividade dos discursos sobre a TCI em ambientes digitais.

Plataformas de vídeo, redes sociais e fóruns *online* funcionam como arenas de legitimação simbólica, nas quais a autoridade é construída por meio de engajamento, visibilidade e repetição discursiva. Essa constatação reforça a centralidade da Comunicação Digital como campo estratégico para a análise das disputas epistêmicas contemporâneas.

Outra implicação metodológica importante diz respeito ao **distanciamento crítico** adotado ao longo da pesquisa. Ao recusar tanto a postura militante de defesa da TCI quanto a desqualificação apriorística da prática, a dissertação posiciona-se como análise dos discursos e não como avaliação da veracidade do fenômeno.

Essa escolha metodológica mostrou-se fundamental para preservar a coerência analítica e evitar a fragilização do estudo diante de bancas acadêmicas, sobretudo em temas sensíveis que envolvem crença, espiritualidade e ciência.

Os achados também têm implicações relevantes para o debate sobre **cientificação discursiva**. A análise evidenciou que a apropriação da linguagem científica deve ser compreendida como estratégia simbólica de legitimação, e não como evidência de cientificidade.

Tal comprovação contribui para o campo da Comunicação Digital ao iluminar os mecanismos pelos quais discursos alternativos buscam reconhecimento em contextos nos quais a ciência ocupa posição hegemônica como fonte de autoridade.

No que se refere às relações epistemológicas, a pesquisa reforça a necessidade de superar simplórias leituras binárias entre ciência e fé. Ao ser analisada como prática situada em um campo de **paradigmas em disputa**, o estudo evidencia que o conhecimento contemporâneo é marcado por pluralidade, negociação e conflito.

Isso não implica relativizar os critérios científicos, mas reconhecer que a ciência, enquanto instituição social, trabalha em diálogo, e em tensão, com outras formas de produção de sentido.

Quanto às contribuições para a Comunicação Digital, a dissertação evidencia que práticas espiritualizadas como a TCI oferecem um observatório privilegiado para analisar a **reconfiguração das autoridades simbólicas** na era das plataformas.

A tecnologia, que, convém lembrar, não foi, nem é, e nunca será neutra, atua como mediadora de experiências, produtora de confiança simbólica e elemento central na construção de legitimidade discursiva. Essa comprovação amplia o escopo do campo e o aproxima das discussões sobre espiritualidade, afetividade e cultura digital.

No que diz respeito às possibilidades de investigações futuras, o estudo aponta diversos caminhos promissores.

Pesquisas comparativas poderiam analisar a circulação de discursos sobre a TCI em diferentes contextos culturais e nacionais, investigando como regimes de verdade variam conforme tradições religiosas, sistemas midiáticos e arranjos institucionais.

Estudos longitudinais poderiam examinar a transformação desses discursos ao longo do tempo, especialmente em relação às mudanças tecnológicas e às dinâmicas das plataformas digitais.

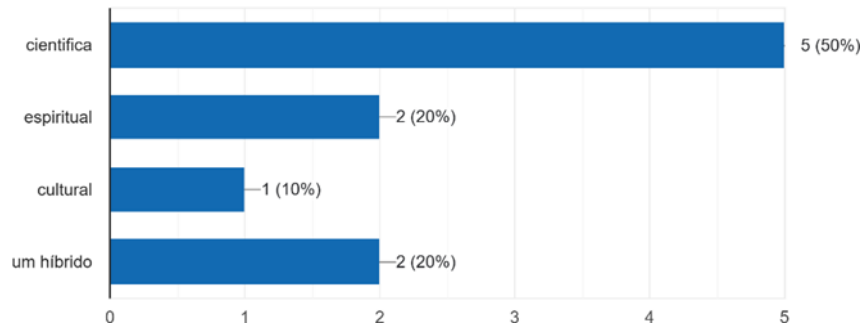
Outra possibilidade relevante consiste em aprofundar a análise da recepção pública da TCI, investigando como diferentes grupos sociais, por faixa etária, escolaridade ou filiação religiosa, negociam os sentidos atribuídos à prática.

Ademais, pesquisas futuras poderiam ampliar o escopo para outras práticas espiritualizadas mediadas por tecnologia, permitindo comparações que contribuam para uma compreensão mais ampla da espiritualidade na cultura digital contemporânea.

Em síntese, o “**Questionário TCI**” confirma a hipótese de que a TCI atua como um **dispositivo simbólico híbrido** (FOUCAULT, 1995; SANTAELLA, 2019b), integrando códigos técnicos e espirituais. Os achados indicam:

**1. Natureza Híbrida e Plural: A TCI é percebida como mistura de prática científica, espiritual e cultural (Q17), sendo usurpada por variadas organizações religiosas (Q21) e perfis de fé (Q22).**

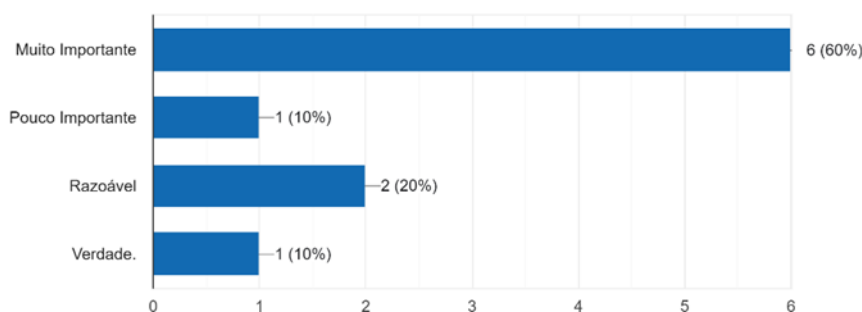
17. Na sua visão, a TCI é mais científica, espiritual, cultural ou um híbrido?  
10 respostas



**2. Tecnologia como Mediadora da Fé: A tecnologia digital (incluindo IA) é percebida como essencial (Q11, Q13), não apenas como ferramenta, mas como um canal potencial de objetividade (Q9) na mediação do invisível, desafiando a necessidade de mediunidade humana e o monopólio simbólico de agentes religiosos (BOURDIEU, 2011).**

11. Qual a importância da tecnologia digital nas experiências atuais de TCI?

10 respostas

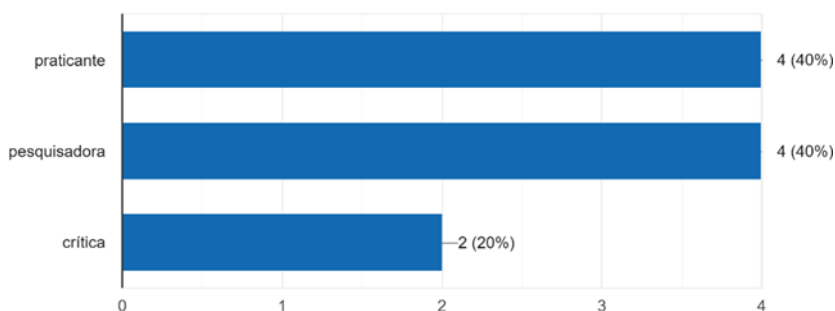


**3. Disputa Simbólica e Legitimação: O grande entrave é o preconceito e a falta de interesse acadêmico (Q16), o que mantém a TCI na “zona de ambiguidade cultural” (VELHO, 1994), apesar da intensa circulação e validação interna nas comunidades digitais.**

O “Questionário-TCI”, ao capturar as vozes de sujeitos em diferentes esferas discursivas (praticantes, pesquisadores, céticos – Q3), revela a TCI como um fenômeno comunicacional híbrido, profundamente atravessado pela lógica da midiaticização (VERÓN, 2013) e pela cultura da convergência (JENKINS, 2020).

3. Você se identifica mais como pessoa praticante, pesquisadora ou crítica da TCI?

10 respostas



Com base nas lacunas e nos desdobramentos identificados na análise, o presente estudo aponta para algumas direções promissoras de investigações futuras:

- a) Estudo Longitudinal da Recepção Midiática: Investigar como a grande mídia e os *streamings* (Netflix, Apple TV+) enquadram a TCI após a popularização da IA (como o projeto *HereAfter AI*), analisando se a ficção científica tem um poder maior de**

legitimação simbólica do que o discurso jornalístico tradicional.

- b) **Análise da Produção de Mensagens por IA: Um estudo experimental focado no uso de *softwares* de síntese vocal, tipo IAG na TCI. A pesquisa poderia confrontar a recepção de mensagens intencionalmente geradas por IA com outras captadas de forma anômala, explorando o limite entre dissimulação, autenticidade e fé.**
- c) **A TCI e o Imaginário da Máquina Mediadora: Aprofundar o estudo da Antropologia da Religião na TCI, analisando a gênese e a evolução dos “artefatos sagrados” digitais (aplicativos, *spirit boxes*) e seu papel na construção de um novo imaginário sobre a Máquina Mediadora, dando continuidade à linha de pesquisa de Erick Felinto (2005).**

Estes apontamentos de futuro não apenas garantem a continuidade da pesquisa, mas reiteram a relevância da TCI como um ponto de observação privilegiado para as transformações da comunicação, da espiritualidade e da cultura na era digital. Por tudo isso, pode-se entender como sugestões para investigações futuras:

1. **Entrevistas em Profundidade: aprofundar os relatos de luto, motivação e experiência prática para mapear com mais detalhes as performances de fé (Q5, Q6, Q10), validando os padrões encontrados na pesquisa (Q27).**
2. **Netnografia e Análise de Discurso (BAKHTIN, 2018): Expandir a análise das disputas discursivas em distintas plataformas (*YouTube, Reddit, TikTok*), examinando as “vozes” (testemunhos, especialistas, céticos) amplificadas e os enquadramentos midiáticos (TUCHMAN, 2020; LOPES, 2017).**
3. **Estudo Comparativo entre IA e TCI: Investigar a recepção de tecnologias de simulação pós-morte (como *HereAfter AI*) e sua diferença percebida em relação à TCI tradicional, a fim de refinar o debate sobre a intencionalidade comunicativa e a pareidolia algorítmica (Q12, Q16).**

O presente estudo, diante disso, ilumina um objeto de pesquisa urgente, mostrando que a TCI não é uma relíquia, mas um sintoma das tensões da cultura digital diante de questões existenciais perenes, conforme **Tabela 12. Síntese de Dados Chave do “Questionário – TCI”**.

**Tabela 12** – Síntese de Dados Chave do “Questionário – TCI.”

<b>Tabela</b>	<b>Síntese de Dados Chave do Questionário -TCI</b>
<b>Envolvimento (Q3/Q4)</b>	80% Praticante/Pesquisador; 80% em Grupos
<b>Validação (Q9)</b>	70% veem as evidências como <b>Objetivas</b>
<b>Tecnologia (Q11)</b>	60% consideram a tecnologia digital <b>Muito Importante</b>
<b>Impacto (Q10)</b>	Foco em <b>Consolo/Certeza</b> da vida após a morte
<b>Desafio (Q16)</b>	40% citam <b>Falta de Interesse da Comunidade Científica</b>
<b>Natureza (Q17)</b>	50% definem a TCI como um <b>Híbrido</b> (científica, espiritual, cultural)
<b>Mudança de Imaginário (Q25)</b>	80% <b>Veem Mudança</b> no imaginário pós-morte

Fonte: Elaborado pelo Autor (2025).

Em última análise, este subitem final consolida as contribuições teóricas e metodológicas da dissertação, reafirmando seu posicionamento como estudo crítico dos discursos e das disputas simbólicas em torno da TCI.

Ao iluminar os modos pelos quais legitimidade, autoridade e verdade são construídas e contestadas na Comunicação Digital, a pesquisa oferece aportes relevantes para o campo, sem endossar premissas sobrenaturais e mantendo o distanciamento analítico exigido pela investigação científica.



TO

## 10

# ANÁLISE EMPÍRICA E DISPUTAS SIMBÓLICAS

## 10.1 INTRODUÇÃO

"Dê voz à dor; a dor que não fala Acumula-se no coração até que ele se parta."

— William Shakespeare, Macbeth (Ato IV, Cena III)

Uma das motivações centrais para a prática da TCI revelada pela prática empírica é a busca por consolo e a elaboração do luto. Esta citação de Malcolm a Macduff, que acaba de saber da morte de sua família, conecta-se justamente com esta mesma dimensão afetiva e existencial.

A TCI, para muitos, é uma forma de "dar voz à dor" que, de outra forma, permaneceria silenciosa e insuportável. Esta epígrafe humaniza os dados e aponta para o cerne da disputa simbólica: **a busca por sentido diante da perda.**

A opção pela triangulação metodológica, a convergência de dados de diferentes fontes e métodos, é o pilar epistemológico deste capítulo. O objetivo é realizar uma triangulação, articulando os achados do **"Questionário TCI"**, da **Netnografia** e da **Análise Documental** sob as lentes conceituais de Pierre Bourdieu, Michel Foucault e Stuart Hall.

A finalidade não é apenas apresentar os dados, mas demonstrar como a Transcomunicação Instrumental se manifesta como um objeto discursivo complexo, um sintoma e um campo de batalha onde se enfrentam diferentes visões de mundo, regimes de verdade e políticas de representação na tecnocultura contemporânea.

O ensaio microscópico que se estuda decompõe cada achado empírico em suas implicações sociológicas, discursivas e comunicacionais, promovendo um diálogo contínuo entre a teoria e a empiria.

O rigor desta análise reside na capacidade de mostrar como as estruturas de poder (Bourdieu), as estratégias de saber-poder (Foucault) e as políticas de significação (Hall) se materializam nas

práticas, nos discursos e nas interações dos sujeitos envolvidos com o fenômeno da TCI.

## 10.2 TRIANGULAÇÃO METODOLÓGICA E CAMPO DE DISPUTAS: MAPEANDO FORÇAS

Aqui temos o núcleo analítico, onde o arcabouço teórico, apresentado e aplicado previamente, é mobilizado de forma intensiva para a interpretação dos dados empíricos. Este fenômeno híbrido que articula tecnologia, espiritualidade e comunicação, exige uma abordagem que vá além da unidimensionalidade, permitindo que a experiência subjetiva, a interação social e a disputa por legitimidade sejam analisadas em conjunto.

A **estrutura da triangulação e a complementaridade dos dados** em análise se organiza em torno de três eixos empíricos, cada um fornecendo uma perspectiva única sobre o objeto e sendo predominantemente, mas não exclusivamente, analisado por uma lente teórica principal, conforme se demonstra na **Tabela 13. Estrutura da Triangulação Metodológica**:

Tabela 13 – Estrutura da Triangulação Metodológica			
Método de Coleta	Foco Empírico	Lente Teórica Principal	Contribuição Analítica
<b>Questionário TCI</b>	Motivações, crenças e perfil sociodemográfico dos praticantes.	<b>Bourdieu</b> (Habitus, Capital Simbólico)	Revela a estrutura de disposições, a economia simbólica da prática e o discurso do consolo.
<b>Análise Documental</b>	Artigos de defesa/refutação, papers científicos e websites céticos.	<b>Foucault</b> (Regimes de Verdade, Poder-Saber)	Expõe a luta discursiva pela verdade e os mecanismos de exclusão do saber da TCI.

Fonte: Elaborado pelo Autor (2025).

A intersecção desses eixos é o que permite a sua compreensão como um **campo de disputas**. A TCI é o resultado de forças sociais que se tensionam: a busca por consolo (Questionário) se choca com a

deslegitimação científica (Documentos), e a resistência a essa deslegitimação se manifesta na produção autônoma de sentido (Netnografia).

Sob a ótica de Bourdieu, **o campo da TCI é um campo em formação**, onde as regras do jogo e as formas de capital legítimo ainda estão em disputa. A análise dos dados revela a existência de posições antagônicas:

- 1. Posição dos Praticantes (Questionário/Netnografia): Detentores de capital de experiência e capital social digital (engajamento, comunidade). Buscam a conversão desse capital em capital simbólico de legitimidade.**
- 2. Posição dos Céticos/Cientistas (Documentos): Detentores de capital científico e capital midiático. Buscam a manutenção do *status quo* e sua desqualificação como pseudociência.**

Cá temos um microcosmo da contenda pela acepção da realidade na sociedade atual. A disputa não é tão somente sobre a existência de espíritos, mas sobre quem tem o direito de estabelecer o real. A triangulação nos permite ver essa luta em suas múltiplas manifestações, o luto desde sua intimidade confessional ao multiverso das redes sociais.

### **10.3 DISCURSO DE CONSOLO E RECONFIGURAÇÃO DO CAMPO RELIGIOSO POR BOURDIEU**

O “**Questionário TCI**”, ao investigar as motivações e o perfil dos praticantes, transparece que ela se insere em uma grave crise de autoridade simbólica, especialmente no campo religioso. O **achado empírico central** é a sua função terapêutica como discurso de consolo e continuidade simbólica na gestão do luto.

**A crise do capital religioso e a emergência do *habitus* tecnológico** são evidenciadas pelo Questionário. Os dados demonstram, *vide* adiante **Tabela 14. Crise dos Capitais e Emergência da TCI**, que a transcomunicação é frequentemente buscada após a insatisfação com as respostas oferecidas pelas instituições religiosas tradicionais. A TCI aflora como uma solução de nicho para o luto na pós-modernidade.

**Exemplo (Q10):** “Perdi meu filho e a igreja só me dizia para ter fé. Eu precisava de algo mais, de uma prova, de uma voz. A TCI me deu isso. Não é fé, é evidência.”

Essa busca por “evidência” em detrimento da “fé” é a manifestação de um *habitus* que valoriza a tecnologia como mediadora do sagrado. O praticante, ao recorrer ao dispositivo eletrônico, opera uma reconfiguração da autoridade simbólica, deslocando o poder de mediação do clero para o seu próprio domínio técnico.

Tabela 14 – Crise dos Capitais e Emergência da TCI		
Capital em Crise	Manifestação Empírica	Consequência Bourdieana
<b>Capital Sacerdotal</b>	Falha das instituições religiosas em prover consolo eficaz.	Desconfiança na autoridade clerical e busca por autonomia espiritual.
<b>Capital Científico</b>	Rejeição da TCI como pseudociência.	Busca por uma retórica da cientificação (Foucault) para legitimação.
<b>Capital de Experiência</b>	A experiência direta e a gravação da voz do ente querido.	Acumulação de um capital de experiência que é a moeda de troca no campo TCI.

Fonte: Elaborado pelo Autor (2025).

A TCI permite **ao praticante acumular um capital de experiência** que o transforma em um **“empresário do sagrado”**. Ele não apenas consome a prática, mas a produz, a distribui (nas redes) e a legitima. Este capital é acumulado através de:

- a) **Capital Técnico: Domínio dos softwares, equipamentos e técnicas de gravação.**
- b) **Capital Social: Número de seguidores, engajamento da comunidade, reconhecimento por outros praticantes.**
- c) **Capital de Prova: A qualidade e quantidade de “evidências” (EVPs, transimagens) que ele possui.**

**Justificativa e Aprofundamento:** A análise de Bourdieu nos permite entender a TCI não como uma simples crença, mas como uma economia simbólica, com suas próprias moedas, o capital de experiência, seus próprios agentes, os praticantes como empresários, e suas próprias lutas por poder e legitimidade.

## 10.4 REGIMES DE VERDADE E LUTA PELA LEGITIMIDADE POR FOUCAULT

A Análise Documental, que abrangeu artigos científicos, *websites* céticos e publicações de defesa da TCI, revela uma acirrada luta discursiva pela definição da verdade. A perspectiva de Michel Foucault, com seus conceitos de **regimes de verdade e poder-saber**, é a ferramenta teórica ideal para decifrar essa batalha.

Em relação à **TCI e o regime de verdade científico**, por exemplo, Foucault argumenta que a “verdade” não é algo a ser descoberto, mas algo que é produzido por um “regime de verdade” – um conjunto de regras, procedimentos e instituições que determinam o que conta como um enunciado verdadeiro em uma determinada época.

O regime de verdade dominante em nossa sociedade é o científico. A Análise Documental mostra como este regime opera para excluir a TCI.

**Exemplo (Website Cético):** “Os proponentes da TCI falham em aderir aos princípios mais básicos do método científico, como a controlabilidade, a falseabilidade e a revisão por pares. Seus ‘experimentos’ são anedóticos e suas ‘evidências’ são meras interpretações subjetivas de ruído. Portanto, a TCI não pode ser considerada uma hipótese científica, mas sim uma pseudociência.”

Este discurso não está supostamente apenas “dizendo a verdade”; ele está **exercendo poder**. Ao mobilizar o vocabulário e os rituais do regime de verdade científico (método científico, falseabilidade, revisão por pares), ele desqualifica a TCI, relegando-a ao domínio do irracional.

O poder-saber da ciência funciona definindo as fronteiras do que pode ser dito e conhecido legitimamente.

Confrontados com essa exclusão, os defensores não abandonam o terreno da ciência. Pelo contrário, eles tentam se apropriar de sua

linguagem e de seus métodos em um subterfúgio que pode ser chamado de **retórica da cientificação como estratégia de resistência**. Eles buscam provar que a TCI é, sim, compatível com o regime de verdade científico.

**Exemplo (Artigo de Defesa da TCI):** “Nossos experimentos foram conduzidos em um ambiente de laboratório acusticamente isolado, utilizando uma caixa de Faraday para eliminar interferências eletromagnéticas. As gravações foram analisadas por diferentes pesquisadores independentes e os resultados foram submetidos à análise espectrográfica, revelando anomalias que não podem ser explicadas por causas naturais conhecidas.”

Este discurso é uma tentativa de falar a língua do poder. Ao usar termos como “laboratório”, “caixa de Faraday” e “análise espectrográfica”, os praticantes estão tentando transformar seu “saber sujeitado” em um saber legítimo, que possa ser aceito pelo regime de verdade dominante. Eles estão lutando para converter seu capital de experiência (Bourdieu) em capital científico.

**Justificativa e Aprofundamento:** A análise foucaultiana revela que esta disputa não é apenas sobre fatos, mas sobre as regras do jogo que definem o que conta como um fato. É preciso analisar em detalhe os documentos coletados, mostrando o contraste entre todos os discursos.

Em uma margem do rio, o discurso cético usa a ciência como embarcação para navegar e aniquilar a TCI. Na outra margem, o discurso dos defensores que usa o mesmo barco da ciência pelas águas nem sempre tranquilas da legitimidade.

Esta análise mostrará “a terceira margem do rio”, onde esta “verdade” não é uma questão de percepção, mas o produto de uma complexa trama, feito uma “rede de pescaria”, pelo contínuo poder discursivo.

## **10.5 REPRESENTAÇÕES HÍBRIDAS E NEGOCIAÇÃO DE IDENTIDADES POR HALL**

A Netnografia, focada nas interações em canais de *YouTube* e fóruns sobre TCI, nos transporta para o terreno da cultura digital, onde as políticas de representação e identidade são fluidas e contestadas.

A teoria da representação de Stuart Hall é a lente para analisar como os praticantes constroem suas identidades e negociam os sentidos de sua prática.

Hall argumenta que a identidade não é fixa, mas é constantemente produzida e negociada através da representação. Nos espaços digitais, os praticantes constroem ativamente uma identidade específica: a do **“pesquisador paranormal”** ou **“investigador paranormal”**. Esta não é uma identidade que lhes é dada, mas que constroem através de um cuidadoso trabalho de representação, como num teatro.

**Exemplo (Descrição de um Canal de YouTube):** “Somos uma equipe de investigadores paranormais dedicados a buscar evidências da vida após a morte usando métodos científicos e tecnologia de ponta. Junte-se a nós em nossa busca pela verdade. Não somos caça-fantasmas, somos pesquisadores.”

Este discurso é um ato de posicionamento identitário. Ao se autodenominarem “pesquisadores” e não “interface espiritual”, eles estão rejeitando a representação espetacularizada e buscando se alinhar com a seriedade da ciência (a mesma que os rejeita). Eles constroem essa identidade através de um conjunto de signos:

- a) **Visual: O uso de roupas pretas, logotipos de equipe, equipamentos de aparência técnica.**
- b) **Verbal: O uso de jargão técnico (“EVP classe A”, “portal energético”), a postura séria e focada durante as “investigações”.**
- c) **Contextual: A escolha de locais “assombrados” com uma história documentada, o que confere um ar de pesquisa histórica à prática.**

Como prevê o modelo de **codificação/decodificação de Hall**, essa tentativa de construir uma identidade séria é constantemente desafiada por **decodificações oposicionais**. A seção de comentários dos vídeos é o palco principal dessa batalha.

**Exemplo (Comentário em um Vídeo de TCI):** “Pesquisadores? Vocês são só um bando de adultos brincando no escuro com brinquedos caros. Isso é 100% pareidolia e viés de confirmação. Parem de enganar as pessoas.”

Este comentário é um ato de **“guerrilha semiótica”**. Ele ataca diretamente a identidade que o produtor do vídeo tentou construir, re-codificando “pesquisadores” como “adultos brincando” e “tecnologia de ponta” como “brinquedos caros”.

A comunidade, por sua vez, reage a esses ataques, defendendo a identidade do grupo e reforçando o sentido preferencial. Respostas como **“Se você não acredita, o que está fazendo aqui?”** ou “Você não pode julgar sem ter a experiência” são tentativas de proteger as fronteiras da comunidade interpretativa e deslegitimar a posição oposicional.

**Justificativa e Aprofundamento:** A análise de Hall nos permite ver a TCI online não apenas como um conjunto de crenças, mas como uma performance de identidade. É preciso mostrar como a identidade do “pesquisador paranormal” é construída em detalhes – desde a escolha do nome do canal até a edição dos vídeos.

A análise da interação nos comentários é vital para demonstrar a natureza contestada dessa identidade. O objetivo é mostrar que, no mundo digital, a “verdade” da TCI é inseparável da luta pela representação e pelo reconhecimento de uma identidade coletiva.

## **10.6 A TRIANGULAÇÃO FINAL DE BOURDIEU, FOUCAULT E HALL**

A verdadeira força da triangulação não reside na análise separada de cada lente teórica, mas em sua sobreposição. Ao final, Bourdieu, Foucault e Hall cá não nos contam três histórias diferentes, mas três capítulos da mesma história, que se iluminam mutuamente. A síntese final nos permite construir um modelo compreensivo da TCI como um fenômeno comunicacional.

### **O MODELO INTEGRADO:**

- 1. O Ponto de Partida (Bourdieu): A TCI emerge de uma necessidade social, de um habitus moldado pela insatisfação com as respostas do campo religioso tradicional ao problema do luto. Os praticantes, buscando um capital de consolo, entram em um novo campo em formação, o da TCI, onde a moeda principal é o capital de experiência.**

**2. A Reação do Poder (Foucault):** Este novo campo, ao produzir seus próprios discursos e saberes, entra em conflito direto com o regime de verdade dominante, o da ciência. O poder-saber científico reage, desqualificando a TCI como um saber sujeitado, uma pseudociência. Para resistir, os praticantes da TCI adotam uma retórica da cientificação, tentando mimetizar a linguagem do poder para ganhar legitimidade.

**A Batalha na Arena Digital (Hall):** A mídia digital torna-se a arena principal para essa disputa. Nela, os praticantes de TCI engajam-se em uma **política da representação**, construindo a identidade do “pesquisador paranormal” para contestar a imagem de charlatão ou iludido.

Eles **codificam** suas experiências de uma forma que busca ser lida como autêntica, mas enfrentam a constante **decodificação oposicional** dos céticos em uma incessante

**guerrilha semiótica**, conforme Tabela 15. A Tabela da Triangulação Final, a seguir:

Tabela 15 – A Tabela da Triangulação Final			
Fenômeno Analisado	Lente de Bourdieu	Lente de Foucault	Lente de Hall
Motivação do Praticante	Busca por capital de consolo devido à crise do campo religioso.	Expressão de um saber sujeitado que busca autonomia.	Necessidade de construir uma identidade que dê sentido à perda.
Discurso da TCI	Acumulação de capital de experiência e capital técnico.	Retórica da cientificação para resistir ao regime de verdade.	Codificação de uma narrativa de autenticidade e pesquisa.
Reação Cética	Defesa do monopólio do capital científico.	Exercício do poder-saber para desqualificar o saber insurreto.	Decodificação oposicional que contesta a representação de seriedade.
Arena da Disputa	O campo social geral, onde	As instituições que definem o que é	As plataformas de mídia digital

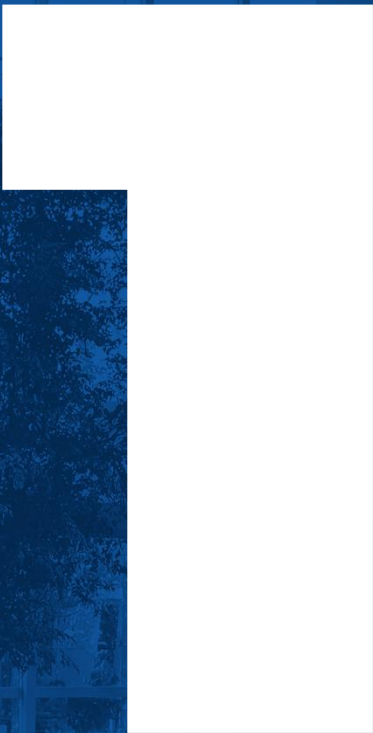
	diferentes capitais estão em luta.	conhecimento (universidades, mídia).	(YouTube, fóruns, redes sociais digitais).
--	------------------------------------	--------------------------------------	--

Fonte: Elaborado pelo Autor (2025).

A TCI, vista através desta triangulação, revela-se um fenômeno extraordinariamente complexo. Ela é, ao mesmo tempo, sintoma de crise sociológica, a crise do campo religioso, palco para batalha política, a luta entre regimes de verdade, e laboratório para a construção de novas identidades culturais na era digital.

A análise integrada nos mostra que não podemos simplesmente perguntar “**a TCI é real?**”. A questão mais produtiva, do ponto de vista da Comunicação, é: “**Quais lutas por poder, sentido e identidade se manifestam através do discurso sobre a TCI?**”.

Este capítulo, ao responder a essa pergunta, demonstra a capacidade da teoria da comunicação de iluminar as mais profundas tensões da tecnocultura contemporânea.



# CONSIDERAÇÕES FINAIS: SÍNTESE, IMPLICAÇÕES, HORIZONTES

## 11.1 INTRODUÇÃO

“We are such stuff as dreams are made on...”<sup>96</sup>

A fala de Próspero, em *The Tempest*, de William Shakespeare, nos traz um pensamento que alude ao reencantamento tecnomidiático (Felinto, Sodré) e a insubstancialidade das mediações.

Numa interpretação livre, Próspero é o protagonista que, traído e banido, vive isolado em uma ilha e usa magia como uma ferramenta de transcomunicação para orquestrar a história.

Ao longo da peça, Próspero evolui de um desejo de vingança para a clemência, decidindo perdoar seus inimigos.

Esta Dissertação começou com a premissa de que a TCI, longe de ser um tema marginal, é um objeto de estudo privilegiado para a Comunicação Digital. A jornada analítica percorrida confirmou e aprofundou essa premissa.

A TCI nos levou ao coração das tensões que definem a nossa era: a luta entre a ciência e a crença, a crise das autoridades tradicionais, a construção de identidades na arena digital e a redefinição do que significa ser humano em um mundo saturado de tecnologia.

Ao final, se expressa menos sobre a conversa dos mortos e mais pela fala dos vivos. É a exposição de luto, memória, esperança e medo. É a tentativa de empregar ferramentas inovadoras de racionalidade técnica para responder à mais antiga e irracional das perguntas humanas: **o que acontece depois do fim?**

A Comunicação, como disciplina, não pode oferecer uma resposta a essa pergunta.

---

<sup>96</sup> “Somos feitos da mesma matéria dos sonhos...” Obra: *The Tempest*, fala de Próspero, de William Shakespeare. Traduzido pelo autor. Disponível em: <https://www.azquotes.com/author/13382-WilliamShakespeare/tag/science> Acesso em: 11 Set. 2025

Mas ela pode, e deve, analisar as complexas e fascinantes maneiras como os seres humanos tentam respondê-la, construindo mundos de sentido na fronteira entre o visível e o invisível, o audível e o silencioso, o humano e a máquina.

O presente Capítulo encerra a jornada investigativa desta Dissertação, dedicando-se à síntese profunda dos achados, à reflexão e s t e n d i d a sobre as implicações teóricas e à proposição de horizontes de pesquisa para o campo da Comunicação Digital.

Longe de ser um mero resumo, esta seção constitui uma exegese conclusiva que articula os resultados da Análise Empírica com o Referencial Teórico, conferindo o fechamento epistemológico com a densidade analítica exigida.

A Transcomunicação Instrumental foi abordada como um objeto híbrido<sup>97</sup>, um sintoma da tecnocultura contemporânea que desafia as fronteiras entre o técnico e o espiritual, o legítimo e o marginal.

O desfecho aqui apresentado reafirma o posicionamento da pesquisa: a TCI não é uma relíquia, é um fenômeno comunicacional urgente que ilumina os modos pelos quais a autoridade, a verdade e a identidade são construídas e disputadas na era digital.

## **11.2 SÍNTESE DOS ACHADOS: OBJETO HÍBRIDO E DISCURSIVO**

A pesquisa cumpriu seu objetivo ao demonstrar que a TCI é um fenômeno de dupla mediação, a Mediação Técnica, o dispositivo eletrônico, e a Mediação Simbólica, a interpretação cultural, que se manifesta como um campo de disputas<sup>98</sup> na esfera pública.

A triangulação metodológica (Questionário, Netnografia, Documentos) permitiu validar as hipóteses e consolidar os achados em três eixos centrais.

---

<sup>97</sup> CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. São Paulo: Edusp, 2008.

<sup>98</sup> BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: Sobre a Teoria da Ação*. Campinas: Papirus, 1996.

### 11.2.1 A CRISE DA AUTORIDADE SIMBÓLICA (BOURDIEU)

O “Questionário TCI” revelou que a prática é motivada pela busca por consolo e continuidade simbólica na gestão do luto. Sob a lente de Pierre Bourdieu, a TCI é interpretada como uma reconfiguração da autoridade simbólica<sup>99</sup> no campo religioso, o que evidenciaria uma **crise da autoridade simbólica (Bourdieu)**.

**Síntese do Achado:** O praticante, ao utilizar a tecnologia para mediar sua experiência espiritual, atua como “empresário do sagrado”<sup>100</sup>, acumulando capital de experiência que se valoriza na medida em que o capital institucional (religioso) se desvaloriza. Sendo assim, trata-se de exercício de distinção que marca a posição do ser na sociedade, reivindicando independência e declinando submissão às autoridades clericais.

**Aprofundamento:** A implicação dessa síntese é que a TCI é um sintoma da fragmentação do campo religioso na pós-modernidade, onde a tecnologia se torna o instrumento de reencantamento<sup>101</sup> do mundo, mas sob novas regras e novas formas de capital.

O praticante não busca apenas o contato, mas a apropriação dos meios de produção simbólica, um movimento que Bourdieu descreveria como uma luta pela redefinição das fronteiras e das hierarquias do campo.

### 11.2.2 A LUTA PELO REGIME DE VERDADE (FOUCAULT)

A Análise Documental expôs a intensa luta discursiva pela legitimidade da TCI. Sob a ótica de Michel Foucault, essa disputa é interpretada como uma **luta pelo regime de verdade**<sup>102</sup>.

**Síntese do Achado:** Os defensores da TCI utilizam uma retórica da cientificação<sup>103</sup> como tática de poder-saber, apropriando-se do vocabulário técnico para inserir a TCI no discurso da verdade.

<sup>99</sup> BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

<sup>100</sup> BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Linguísticas. São Paulo: Edusp, 1996.

<sup>101</sup> WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

<sup>102</sup> FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. São Paulo: Loyola, 1996.

<sup>103</sup> FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

Em contrapartida, o discurso cético atua como um dispositivo de normalização<sup>104</sup>, classificando a TCI como erro (pareidolia) e produzindo o sujeito praticante como marginal ou iludido.

**Aprofundamento:** A implicação dessa síntese é que a TCI é uma luta política pela definição da realidade. A desqualificação da TCI não é ato de condenação em si, mas, sim, de um poder disciplinar<sup>105</sup> que procura modelar a experiência e o saber dos seres, reafirmando a supremacia da erudição científica. A batalha não é sobre a presença de vozes, mas sobre quem tem a autoridade para ouvi-las e interpretá-las.

### 11.2.3 A TCI E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DIGITAL (HALL)

A Netnografia revelou como a TCI circula e se constrói nas plataformas digitais. Sob a teoria de Stuart Hall, o fenômeno é visto como uma representação híbrida<sup>106</sup> e um campo de políticas de identidade<sup>107</sup>.

**Síntese do Achado:** Os praticantes de TCI atuam como codificadores autônomos<sup>108</sup> de suas experiências, utilizando a linguagem digital para produzir um sentido que é oposicional à leitura hegemônica.

A TCI se articula como um discurso polifônico<sup>109</sup> que une tecnologia, espiritualidade e pertencimento, formando comunidades de sentido<sup>110</sup> que validam a experiência individual e oferecem consolo coletivo.

**Aprofundamento:** A implicação dessa síntese é que a TCI é um exemplo de resistência cultural<sup>111</sup> na era digital.

---

<sup>104</sup> FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

<sup>105</sup> FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

<sup>106</sup> HALL, Stuart. Representation: Cultural Representations and Signifying Practices. London: Sage Publications, 1997.

<sup>107</sup> HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

<sup>108</sup> HALL, Stuart. Encoding/Decoding. In: HALL, Stuart et al. Culture, Media, Language. London: Hutchinson, 1980.

<sup>109</sup> BAKHTIN, Mikhail. Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

<sup>110</sup> ANDERSON, Benedict. Comunidades Imaginadas. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

<sup>111</sup> WILLIAMS, Raymond. Cultura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

A tecnologia permite a formação de espaços de enunciação onde o indivíduo pode construir sua própria narrativa e desafiar a ordem simbólica, utilizando a decodificação oposicional como ferramenta de empoderamento comunicacional.

A identidade do “pesquisador paranormal” é uma construção estratégica que busca dignidade e reconhecimento em um contexto de marginalização.

### **11.3 IMPLICAÇÕES TEÓRICAS: REENCANTAMENTO TECNOLÓGICO E CRISE DA AUTORIDADE**

A síntese dos achados conduz a implicações teóricas que transcendem o objeto TCI, tocando em questões fundamentais da Comunicação Digital e da Sociologia da Cultura.

A TCI promove **o reencantamento tecnológico do mundo (Meyer e Santaella)** ao evidenciar que a tecnologia, longe de ser um agente de secularização, atua como um catalisador do reencantamento<sup>112</sup> do mundo. A máquina, um gravador ou *software*, adquire o estatuto de artefato do sagrado<sup>113</sup>, tornando-se um dispositivo de mediação entre o material e o imaterial.

**Reflexão Aprofundada:** Birgit Meyer e sua análise sobre a antropologia da religião e a materialidade da fé é decisiva aqui. A TCI materializa o que não se vê e o que se ouve na imagem de um espectrograma, conferindo objetividade técnica à experiência subjetiva.

Essa materialização é o que permite sua circulação e validação na cultura digital. É, por isso, um exemplo de como a tecnocultura (Santaella) **reconfigura a relação entre o real e o virtual, o crente e o cético**.

**Aprofundamento:** A implicação teórica é que a Comunicação Digital deve incorporar a dimensão da crença e da espiritualidade em sua análise, reconhecendo que a tecnologia não é apenas um meio de informação, mas um dispositivo de produção de sentido e de experiência transcendente.

---

<sup>112</sup> MEYER, Birgit. *A Antropologia da Religião*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

<sup>113</sup> SANTAELLA, Lúcia. *Comunicação Ubíqua: Repercussões na Cultura e na Educação*. São Paulo: Paulus, 2013.

A TCI nos permite a **questionar a dicotomia simplista entre técnica (razão) e religião (fé)**, mostrando que, na prática, esses domínios estão profundamente entrelaçados.

**A TCI é um sintoma da crise de autoridade (Bourdieu e Foucault)** que assinala a sociedade moderna. A falência das instituições tradicionais (religião, ciência, mídia) em prover soluções razoáveis para o luto e a morte funda um vazio de sentido que por ela é devidamente preenchido.

**Exegese Crítica:** A TCI é um fenômeno de fronteira<sup>114</sup> que opera na encruzilhada de campos em crise. A disputa pela sua legitimidade é, em verdade, a peleja pela redistribuição do poder simbólico<sup>115</sup>. O praticante, ao tomar posse da tecnologia e do discurso científico, desafia a hierarquia de saberes e reivindica o direito de construir sua própria verdade.

**Aprofundamento:** A implicação teórica é que a Comunicação Digital deve ser analisada como um campo de forças onde a autoridade é constantemente negociada e disputada. A TCI é um exemplo de como a microfísica do poder<sup>116</sup> se manifesta nas práticas comunicacionais cotidianas, onde a resistência se dá através da produção autônoma de sentido.

A análise contribui para uma teoria da comunicação que não apenas descreve os fluxos de informação, mas que também analisa as lutas por poder que determinam o que pode ser dito, por quem e com qual autoridade.

A TCI ratifica a **flexibilidade simbólica**<sup>117</sup> do fenômeno na cultura digital (**Hall**). A capacidade da TCI de se adaptar a diferentes plataformas e gêneros midiáticos (YouTube, fóruns, artigos) é a prova de sua resiliência e de sua capacidade de articulação.

**Reflexão sobre a Representação:** A TCI é um exemplo de como a cultura da convergência<sup>118</sup> permite a hibridização de práticas que eram tradicionalmente separadas. A TCI articula o espiritual e o material, o crente e o tecnólogo, o passado (luto) e o futuro (tecnologia).

---

<sup>114</sup> BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

<sup>115</sup> BOURDIEU, Pierre. O Senso Prático. Petrópolis: Vozes, 2009.

<sup>116</sup> FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

<sup>117</sup> HALL, Stuart. Cultura e Representação. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2003.

<sup>118</sup> JENKINS, Henry. Cultura da Convergência. São Paulo: Aleph, 2009.

Essa articulação é o que confere à TCI sua eficácia simbólica<sup>119</sup> e sua capacidade de formar comunidades de sentido.

**Aprofundamento:** A implicação teórica é que a Comunicação Digital deve reconhecer a **polifonia discursiva**<sup>120</sup> dos fenômenos híbridos, onde a verdade é negociada e a identidade é construída através da **decodificação oposicional**<sup>121</sup> e da produção autônoma de conteúdo.

A TCI ensina que o sentido não é fixo, é o resultado de um processo contínuo de articulação e contestação, um jogo de linguagem que se desenrola na arena.

## 11.4 O CENÁRIO DA IA: SIMULAÇÃO, AUTENTICIDADE E FUTURO PÓS-MORTE

A emergência da Inteligência Artificial (IA) e das tecnologias de simulação (como *deepfakes* de voz e imagem) confere à TCI uma nova e urgente dimensão analítica.

A TCI, que busca a voz do ente querido através do ruído, encontra na IA a capacidade de sintetizar essa voz com perfeição técnica.

A IA coloca em xeque a **crise da evidência**<sup>122</sup> que já marcava a TCI. Se a TCI tradicional dependia da interpretação do ruído (pareidolia), a IA oferece a **simulação perfeita** da voz e da imagem do morto.

**Ensaio Teórico:** A IA transforma a TCI de um fenômeno de interpretação para um fenômeno de simulação. A pergunta deixa de ser “O que a máquina está dizendo?” e passa a ser “O que a máquina está simulando, e o que essa simulação significa para o luto e a identidade?”.

**Aprofundamento:** A análise de Lúcia Santaella sobre a tecnocultura e a crise da evidência é fundamental nesta seção. A IA leva

---

<sup>119</sup> BOURDIEU, Pierre. A Distinção: Crítica Social do Julgamento. São Paulo: Edusp, 2007.

<sup>120</sup> BAKHTIN, Mikhail. Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

<sup>121</sup> HALL, Stuart. Encoding/Decoding. In: HALL, Stuart et al. Culture, Media, Language. London: Hutchinson, 1980.

<sup>122</sup> SANTAELLA, Lúcia. Linguagens Líquidas na Era da Informação. São Paulo: Paulus, 2007.

a TCI ao seu limite epistemológico: a simulação perfeita dissolve a fronteira entre o real e o virtual, o autêntico e o fabricado.

O consolo, antes buscado na prova (o EVP), pode ser encontrado na simulação (a voz sintetizada). Isso nos obriga a questionar a própria noção de autenticidade na comunicação. Se uma voz sintetizada por IA pode trazer mais consolo a um enlutado do que as palavras de um líder religioso, qual comunicação é mais “autêntica”?

A IA permite ao **imaginário pós-morte** a **eternização digital**<sup>123</sup> do indivíduo. A voz, a imagem e até a personalidade do morto podem ser recriadas e mantidas em um *chatbot* ou em um avatar. A TCI, nesse cenário, se expande para o campo da comunicação pós-morte assistida por IA.

**Implicação Ética e Comunicacional:** A IA inflama herméticas discussões éticas sobre a legitimidade da comunicação e o direito à morte simbólica.

Se a voz da pessoa morta pode ser recriada, o luto se torna um processo de interação contínua com uma simulação, quiçá *ad aeternum*. A TCI, que era uma busca por contato, torna-se uma gestão da simulação.

**Aprofundamento:** A implicação teórica é que a Comunicação Digital deve desenvolver um novo arcabouço conceitual para lidar com a comunicação sintética e o imaginário pós-morte digital.

Conceitos como “luto algorítmico”, “identidade póstuma digital” e “ética da simulação” tornam-se centrais. A TCI é o laboratório onde essas questões se manifestam com maior urgência, forçando-nos a debater os limites do que significa ser humano e do que significa morrer na era da IA.

## 11.5 CONTRIBUIÇÕES PARA O CAMPO DA COMUNICAÇÃO DIGITAL

A principal contribuição para o campo da Comunicação Digital é a consolidação da TCI como um **paradigma da comunicação híbrida**<sup>124</sup>.

---

<sup>123</sup> TURKLE, Sherry. *Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other*. New York: Basic Books, 2011.

<sup>124</sup> SANTAELLA, Lúcia. *Culturas e Artes do Pós-Humano: Da Cultura das Mídias à Cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

A TCI demonstra que a comunicação contemporânea é marcada pela intersecção de esferas tradicionalmente separadas, como se demonstra na Tabela 16. A TCI como Fenômeno Híbrido, adiante:

Tabela 16 – A TCI como Fenômeno Híbrido		
Esfera Tradicional	Esfera Híbrida na TCI	Implicação para a Comunicação
<b>Ciência vs. Religião</b>	Tecnologia/Espiritualidade	A comunicação é um campo de disputa epistemológica.
<b>Mídia vs. Audiência</b>	Produção Autônoma/Resistência	A comunicação é um campo de políticas de identidade.
<b>Luto vs. Tecnologia</b>	Consolo/Tecnologia	A comunicação é um campo de reconfiguração da autoridade.

Fonte: Elaborado pelo Autor (2025).

**Aprofundamento:** A TCI nos obriga a abandonar modelos de comunicação lineares e a adotar uma perspectiva ecológica, que reconhece a complexidade e a interconexão dos diferentes atores, discursos e tecnologias. Ela serve como um estudo de caso exemplar para a análise de outros fenômenos híbridos na tecnocultura.

A TCI exige uma **revisão epistemológica do campo da Comunicação**, forçando-o a ir além da análise dos meios de massa e a incorporar a análise das práticas comunicacionais marginais<sup>125</sup>.

Tratamos aqui de um saber insurreto que desafia a ordem simbólica e exige uma nova forma de olhar para a comunicação.

**Contribuição Metodológica:** A triangulação teórica (Bourdieu, Foucault, Hall) e metodológica (Questionário, Netnografia, Documentos) se estabelece como um modelo de análise para fenômenos híbridos e controversos na cultura digital.

**Aprofundamento:** A dissertação defende que a Comunicação, como disciplina, deve se tornar mais porosa e interdisciplinar,

<sup>125</sup> DE CERTEAU, Michel. A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

dialogando com a sociologia da religião, a história da ciência e os estudos de ciência e tecnologia. A TCI mostra que os fenômenos comunicacionais mais interessantes muitas vezes acontecem nas fronteiras, e não no centro do sistema midiático.

## **11.6 LIMITAÇÕES E POSSIBILIDADES PARA FUTURAS PESQUISAS**

Apesar da profundidade alcançada, toda pesquisa possui limitações que abrem caminho para futuros estudos. Assim, percebemos **limitações e sugestões para futuras pesquisas:**

### **LIMITAÇÕES:**

- a) **Escopo da Amostra:** O questionário, embora revelador, representa uma amostra de conveniência da comunidade de TCI *online*, não permitindo generalizações estatísticas para todos os praticantes.
- b) **Foco no Discurso:** A pesquisa se concentrou na análise do discurso e da representação, não na verificação da autenticidade do fenômeno TCI em si, o que está fora do escopo da Comunicação.
- c) **Recorte Geográfico:** A análise se concentrou predominantemente no contexto brasileiro e ocidental, sendo que a TCI é uma prática global com diferentes nuances culturais.

### **POSSIBILIDADES PARA FUTURAS PESQUISAS:**

1. **Estudos de Recepção com IA:** Investigar, através de métodos qualitativos (entrevistas em profundidade), a recepção e o impacto psicológico da comunicação com avatares de IA no processo de luto.
2. **Análise Comparativa Internacional:** Realizar estudos comparativos sobre como a TCI é praticada e representada em diferentes contextos culturais (Japão, Índia), explorando a relação entre a TCI e as tradições espirituais locais.
3. **Genealogia da Pareidolia:** Fazer uma genealogia do próprio conceito de Pareidolia, investigando como ele foi

construído historicamente pela psicologia e pela ciência como uma ferramenta para deslegitimar experiências anômalas.

4. A TCI e a Lei: Analisar as implicações jurídicas da comunicação pós- morte assistida por IA, incluindo questões de herança digital, direito à imagem póstuma e a possibilidade de “testemunho” de um avatar.

## 11.7 CONCLUSÃO FINAL: A COMUNICAÇÃO NA FRONTEIRA DO HUMANO

“Somos feitos da mesma matéria dos sonhos, e a nossa pequena vida é cercada por um sono.”  
— William Shakespeare, A Tempestade (Ato IV, Cena I)

A enigmática reflexão de Próspero, ao contemplar a natureza insubstancial de sua própria magia, serve como epígrafe e espelho para a jornada que aqui se encerra. Esta dissertação partiu da premissa de que a Transcomunicação Instrumental, longe de ser um tema marginal, é um objeto de estudo privilegiado para a Comunicação.

O percurso analítico não apenas confirmou, mas aprofundou radicalmente essa premissa, revelando a TCI como um sintoma e um palco das mais prementes tensões que definem a nossa era.

Este trabalho demonstrou que a TCI, em sua complexa articulação simbólica, técnica e cultural, opera como um **dispositivo simbólico híbrido** que desafia as fronteiras entre ciência e crença, técnica e sagrado, humano e não-humano. Ao situar a TCI não como uma verdade a ser provada ou refutada, mas como um campo de disputas discursivas, foi possível desvendar as dinâmicas de poder e legitimidade que a constituem.

A matriz teórica interdisciplinar mostrou-se uma ferramenta analítica de alta precisão. Com **Foucault**, desvelamos os **regimes de verdade** em confronto, compreendendo por que a TCI é sistematicamente marginalizada pelo discurso científico hegemônico.

Com **Bourdieu**, mapeamos o **campo** de disputas, onde praticantes lutam por **capital simbólico**, mimetizando rituais da ciência para validar suas experiências.

Com **Stuart Hall**, decodificamos a TCI como um fenômeno de **representação**, uma batalha pela significação onde o mesmo signo — uma voz no ruído, uma forma na estática — é lido como prova irrefutável por uns e como mera pareidolia por outros.

Por fim, as lentes de **Birgit Meyer** e **Lucia Santaella** nos permitiram ancorar a análise na materialidade da **mediação** e da **tecnocultura**, mostrando que os dispositivos não são neutros, mas agentes que moldam a própria experiência do sagrado.

Ao final, a jornada analítica revelou que a TCI é menos sobre a comunicação com os mortos e mais sobre as necessidades urgentes dos vivos. É um discurso sobre o luto em uma sociedade que o nega, sobre a busca por memória na era da informação volátil, sobre a esperança em meio ao desencantamento do mundo e sobre o medo primordial da finitude.

É a tentativa paradoxal de usar as ferramentas mais avançadas da racionalidade técnica para responder à mais antiga e irracional das questões humanas: **o que acontece depois do fim?**

**Abertura para o Futuro: Novas Agendas de Investigação.** A Comunicação, como disciplina, não pode oferecer uma resposta a essa pergunta. Mas ela pode, e deve, analisar as complexas e fascinantes maneiras como os seres humanos tentam respondê-la.

Esta pesquisa, longe de esgotar o tema, abre uma clareira para novas e urgentes agendas de investigação, das quais destacamos:

- 1. A Genealogia da Pareidolia: Uma investigação histórica e crítica sobre como o conceito de pareidolia foi forjado pela psicologia e pela ciência, não apenas como uma ferramenta descritiva, mas como um dispositivo de poder para deslegitimar experiências anômalas e policiar as fronteiras do conhecimento válido.**
- 2. A TCI e a Lei do Pós-Humano: Uma análise das implicações jurídicas e éticas da comunicação pós-morte assistida por Inteligência Artificial, abordando questões emergentes como a herança digital, o direito à imagem póstuma e a possibilidade do “testemunho” de um avatar algorítmico em disputas legais.**
- 3. Estudos Comparativos da Mediação Espiritual: Aprofundar a análise comparativa sobre como a TCI é praticada e**

representada em diferentes contextos culturais (como no Japão, com o *kuchiyose*, ou na Índia, com suas ricas tradições de mediação), explorando a relação entre a tecnologia e as cosmologias locais.

4. **A Economia Psíquica da IA: Investigar o impacto da comunicação com avatares de IA no processo de luto e na saúde mental, analisando se tais práticas funcionam como ferramentas terapêuticas de elaboração da perda ou como mecanismos que podem prolongar a dor e criar novas formas de dependência afetiva.**
5. **Fechamento: A Fronteira da Comunicação.** Ao promover o diálogo entre campos do saber e sujeitos dissonantes, a TCI transforma o espaço digital em um laboratório de novos regimes de escuta, sentido e presença. Ela nos força a questionar os limites de nossas próprias ferramentas e conceitos, expandindo as fronteiras da teoria, da pesquisa e do horizonte simbólico da Comunicação.
6. **Se, como nos lembra Próspero, somos feitos da matéria dos sonhos, a Transcomunicação Instrumental talvez seja o sonho febril de uma cultura que, ao se ver refletida em suas próprias máquinas, busca nelas um eco de sua alma. Analisá-la não é buscar fantasmas nos aparatos, mas encontrar o humano no coração da técnica.**
7. **Próspero pode ser lido como uma representação do próprio Shakespeare, simbolizando o artista que usa sua arte, a magia, como ferramenta de transcomunicação com o mundo, a fim de confrontar seus desafios e, por fim, se despedir de sua obra.**



# REFERÊNCIAS

# REFERÊNCIAS

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Hernani Guimarães. *Psi quântico: um modelo para a parapsicologia*. São Paulo: Pensamento, 1994.

ANDRADE, Mário Celso Ramiro de. *O Gabinê fluidificado e a fotografia dos espíritos*. 2008. Tese (Doutorado em Artes) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27159/tde-13072009-190522/publico/1614087.pdf>. Acesso em: 30 maio 2025.

ANTOUN, Henrique. *Religião e internet: em busca do cibercrente*. In: \_\_\_\_\_. *Religião e mídias digitais: novas formas do sagrado no ciberespaço*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

BARBOSA, Laura. *Jornalismo e espiritualidade: limites da cobertura sobre fenômenos extraordinários*. Curitiba: Appris, 2022.

BARBOSA, Lucas. *Tecnologias da fé: o espiritismo e a mediação digital*. 2020. 150 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: Crítica Social do Julgamento*. São Paulo: Edusp, 2007.

\_\_\_\_\_. *A Economia das Trocas Linguísticas*. São Paulo: Edusp, 1996.

\_\_\_\_\_. *A economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

\_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

- \_\_\_\_\_. *O Senso Prático*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Os usos sociais da ciência*. São Paulo: UNESP, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Razões Práticas: Sobre a Teoria da Ação*. Campinas: Papirus, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Redefinição da Competência Simbólica*. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BROWN, Peter. *O corpo e a sociedade: homens, mulheres e renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- \_\_\_\_\_. *The Cult of the Saints: Its Rise and Function in Latin Christianity*. Chicago: University of Chicago Press, 2014.
- BRUNE, François; CHAUVIN, Rémy. *Os mortos nos falam: transcomunicação instrumental*.
- CABRAL, Ana. *Transcomunicação instrumental e espiritualidade tecnológica*. São Paulo: LiberArs, 2017.
- CABRAL, Gabrielle Bazacas. *Entre mídias e médiuns: o grupo Transcomunicação Instrumental da Casa do Jardim, em Porto Alegre*. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. São Paulo: Edusp, 2008.
- CAMPBELL, Heidi A. *Digital Religion: Understanding Religious Practice in New Media Worlds*. London: Routledge, 2013.
- CASTELLS, Manuel. *Ruptura: a crise da democracia liberal*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- \_\_\_\_\_. *The Information Age: Economy, Society, and Culture – The Rise of the Network Society*. 3. ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2015.
- DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente: 1300-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. *O medo no Ocidente: uma cidade sitiada (séculos XIV-XVIII)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DENZIN, Norman K. *The research act: a theoretical introduction to sociological methods*. New York: Routledge, 2017.

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. 2. ed. São Paulo: Vozes, 2018.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FELINTO, Erick. *A máquina e o imaginário: notas sobre as relações entre técnica, cultura e religião*. São Paulo: Paulus, 2005.

\_\_\_\_\_. *As Máquinas de Deus: Técnica, Cultura e Religião*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.

FONTANA, D. *AI and the Afterlife: New Frontiers in Instrumental Transcommunication*.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

GIL, Antonio Carlos. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GIBBS, Graham. *Análise de Dados Qualitativos*. Porto Alegre: Artmed, 2018.

GOLDSTEIN, Carlos. *Transcomunicação: as vozes do além*. São Paulo: Pensamento, 1997. Para B

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Análise do discurso e mídia*. São Paulo: Contexto, 2020.

\_\_\_\_\_. *Análise do discurso: teoria e prática*. 6. ed. Campinas: Pontes, 2020.

\_\_\_\_\_. *Discurso e mídia: uma análise crítica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2020.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2016.

\_\_\_\_\_. *Cultura e Representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2003.

\_\_\_\_\_. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London: Sage Publications, 1997.

HAN, Byung-Chul. *A Sociedade do Cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2018.

\_\_\_\_\_. *No enxame: perspectivas do digital*. Petrópolis: Vozes, 2018.

HOOVER, Stewart M. *Religion in the media age*. London: Routledge, 2006.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2020.

JÜRGENSON, Friedrich. *Sprechfunk mit Verstorbenen*. Düsseldorf: Kindt Verlag, 1972.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Brasília: FEB, 2021. (1ª ed.)

KASTRUP, B. *The Idea of the World: A Multi-Disciplinary Argument for the Mental Nature of Reality*. Winchester: Iff Books, 2019.

KOZINETTS, Robert V. *Netnography: redefining qualitative research*. 2. ed. London: Sage, 2014.

LACEY, Hugh. *Is Science Value Free: Values and Scientific Understanding*. London: Routledge, 1999.

LATOUR, Bruno. *Jamais Fomos Modernos: Ensaio de Antropologia Simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

LIMA, Aline; TAVARES, Felipe. *Tecnognose midiática e espiritualidade digital: mediações do invisível*. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 42, n. 1,

LIMA, Rodrigo da Silva. *TCl: ciência, mito ou espiritualidade? Uma análise das tensões epistemológicas da transcomunicação*

*instrumental*. Revista Intercom, São Paulo, v. 45, n. 1, Londres: Routledge, 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MARQUES, Mariana. *Mediatização da espiritualidade nas redes sociais digitais: uma análise do Facebook espiritualista*. 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2021.

MARTINS, Timm. *Fluxo & Refluxo: Poesia Livre a Navegar no Planeta Água*. Brasília: LGE Editora, 2006.

MEYER, Birgit. *A Antropologia da Religião*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

\_\_\_\_\_. *Mediação do espírito: religião como tecnologia*. São Paulo: Terceiro Nome, 2020.

\_\_\_\_\_. *Mediation and the Immediacy of the Spirit: The Materiality of Religious Experience*. Disponível em: <https://doi.org/10.46586/ER.11.2020.8444>. Acesso em: 31 maio 2025.

\_\_\_\_\_. *Religion as mediation*. Entangled Religions, v. 11, n. 3, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.46586/ER.11.2020.8444>. Acesso em: 31 maio 2025.

\_\_\_\_\_. *Religious sensations: why media, aesthetics and power matter in the study of contemporary religion*. New York: Fordham University Press, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio da pesquisa social*. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; SANCHES, Oswaldo; OLIVEIRA, Regina Célia de. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 9-33.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MONTEIRO, João Fellet. *Conheça os 'caçadores de fantasmas' que afirmam se comunicar com espíritos usando aparelhos eletrônicos*. BBC News Brasil, 24 jun. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-44587174>. Acesso em: 31 maio

2025. p. 49-71, jan./mar. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1809-5844.2022v45n1p49>.

PIERUCCI, A. F. *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo: Editora 34, 2003.

\_\_\_\_\_. *O Desencantamento do Mundo: Max Weber e o Fim da Ética*. São Paulo: Editora 34, 2003.

RAUDIVE, Konstantin. *Breakthrough: an amazing experiment in electronic communication with the dead*. New York: Taplinger Publishing, 1971.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais e sociabilidade digital*. Porto Alegre: Sulina, 2022.

RINALDI, Sônia. *Contatos Interdimensionais*. São Paulo: Editora Pensamento, 2006.

\_\_\_\_\_. *Instrumental transcommunication: voices from beyond*. São Paulo: IPATI, 2004.

\_\_\_\_\_. *Espírito - O Desafio da Comprovação – Pesquisas Avançadas em Transcomunicação Instrumental*. São Paulo: Editora Elevação, 2000.

RIVAS, Luis Hu. *Transcomunicação Fácil. Coleção Espiritismo Fácil*. São Paulo: Boa Nova Editora, 2023.

SAMPEDRO, Javier. *Vida virtual após a morte*. El País, 4 nov. 2015. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/30/tecnologia/1446237696\\_750231.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/30/tecnologia/1446237696_750231.html). Acesso em: 15 maio 2025.

SANTAELLA, Lucia. *A cultura das mídias*. São Paulo: Experimento, 2019.

\_\_\_\_\_. *A pós-verdade é verdadeira ou falsa?* Barueri: Estação das Letras e Cores, 2018.

\_\_\_\_\_. *Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação*. São Paulo: Paulus, 2019<sup>a</sup>

\_\_\_\_\_. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2019b.

\_\_\_\_\_. *Linguagens Líquidas na Era da Informação*. São Paulo: Paulus, 2007.

SCHÄFER, Hildegard. *Ponte entre o aqui e o além: novas experiências da transcomunicação instrumental*. 2. ed. São Paulo: Pensamento, 1997.

SENKOWSKI, Ernst. *Instrumental Transcommunication: voices from the other world*.

\_\_\_\_\_. *Instrumentelle Transkommunikation*. Darmstadt: Scherz Verlag, 1989.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Tradução de Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2022.

SILVA, Vinícius; FERRARI, André. *A inteligência artificial como mediadora de crenças espirituais na cultura digital*. Revista Comunicação e Religião, Londrina, v. 19, n. 2, p. 33-56, jul./dez. 2023. DOI: <https://doi.org/10.5433/comrel.v19n2.58761>.

SODRÉ, Muniz. *A ciência do comum: notas para o método comunicacional*. Petrópolis: Vozes, 2022.

\_\_\_\_\_. *O reencantamento do mundo: política e poética do afeto*. Petrópolis: Vozes, 2022.

\_\_\_\_\_. *Reinventando a cultura: identidade e comunicação na sociedade contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2006.

SOUSA, Jorge Pedro. *Uma história do jornalismo no Ocidente: gênese e desenvolvimento de uma instituição social até ao final do século XX*. Covilhã: LabCom Comunicação & Artes, 2024. Disponível em: [https://labcom.ubi.pt/wp-content/uploads/2024/11/2024\\_Uma-historia-do-Jornalismo-no-Ocidente.pdf](https://labcom.ubi.pt/wp-content/uploads/2024/11/2024_Uma-historia-do-Jornalismo-no-Ocidente.pdf). Acesso em: 15 maio 2025.

THE BRITISH MUSEUM. Clay tablet; library of Ashurbanipal (K 8538). [S. l.: s. n.], [ca. 650 a.C.]. 1 fotografia. Disponível em: [https://www.britishmuseum.org/collection/object/W\\_K-8538](https://www.britishmuseum.org/collection/object/W_K-8538). Acesso em: 08 Mar. 2025.

TUCHMAN, Gaye. *A objetividade como ritual estratégico*. São Paulo: Intercom, 2020.

TURKLE, Sherry. *Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other*. New York: Basic Books, 2011.

VATTIMO, Gianni. *Acreditar em acreditar*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

\_\_\_\_\_. *Indivíduo e sociedade: a estrutura da ambiguidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

VIEIRA, Wagner Borges. *Transcomunicação instrumental e as fronteiras da ciência*. Revista Espiritualidade e Sociedade, São Paulo, n. 5, p. 21-29, 2002.

WEBER, Max. *A ciência como vocação*. In: \_\_\_\_\_. *Ensaio de sociologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WISEMAN, Richard. *Paranormalidade: por que vemos o que não existe*. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012.

\_\_\_\_\_. *Paranormality: why we see what isn't there*. London: Macmillan, 2011.



GLOSSÁRIO

**GLOSSÁRIO**

## GLOSSÁRIO

Para assegurar a precisão terminológica e o rigor conceitual exigidos nesta dissertação, apresentamos a definição detalhada dos **conceitos fundamentais** que compõem a **Matriz Teórica**, justificando sua aplicação no estudo da Transcomunicação Instrumental, os **Autores de Referência**, a **Fenomenologia**, e os **Termos e Práticas** que compõem o cotidiano do transcomunicador.

### A

**Afterlife (Projeto):** Projeto desenvolvido pelo MIT Media Lab em 2021 que emprega algoritmos de processamento de linguagem natural para simular diálogos com base em registros digitais de falecidos. Exemplifica a convergência entre IA, memória digital e espiritualidade, mas difere da TCI por se basear em simulação algorítmica, não em captação "ao vivo".

**Alteridade:** No contexto da TCI e da comunicação, refere-se à noção de que o "outro" da comunicação (a consciência desencarnada) não está mais circunscrito ao visível ou mensurável, desafiando modelos clássicos e propondo uma ontologia comunicacional expandida.

**Ambiguidade epistêmica e cultural:** Zona na qual a TCI se insere, transitando entre os campos da ciência marginal, da fé espiritualista e das tecnologias de mediação contemporâneas. Conceito-chave para entender a TCI como fenômeno limítrofe e desafiador de classificações rígidas.

**Análise de conteúdo:** Metodologia qualitativa adotada na pesquisa, combinada com análise de discurso, Netnografia e entrevistas semiestruturadas. Complementado pela análise de discurso para capturar dimensões de poder e sentido.

**Análise de discurso:** Metodologia qualitativa empregada na pesquisa, buscando compreender a TCI como construção discursiva e socialmente situada. Baseada em Gregolin (2020) e Foucault (1995), adotada para examinar como os discursos sobre a TCI são construídos, circulam e disputam legitimidade.

**Andrade, Hernani Guimarães:** Engenheiro e pesquisador que fundamentou a hipótese da sobrevivência da consciência por meio de

modelos parapsicológicos, e que propõe um paradigma não materialista para a TCI baseado em princípios da física quântica. Obra mencionada: "Psi Quântico: um modelo para a parapsicologia" (1994).

**Andrade, Mário Celso Ramiro de:** Analisa a relação histórica entre fotografia e espiritualidade, situando a TCI como herdeira de práticas visuais mediúnicas do século XIX. Sua pesquisa contribui para contextualizar a TCI em uma tradição de mediação técnica do sagrado. Obra mencionada: "O Gabinê fluidificado e a fotografia dos espíritos" (2008).

**Antropologia da Religião:** Área de estudo que compõe o referencial teórico da dissertação, utilizando autores como Birgit Meyer e Peter Brown.

**Antropologia Social:** Campo voltado à compreensão dos sistemas simbólicos, rituais e dispositivos mediadores por meio dos quais os sujeitos constroem e vivenciam experiências de transcendência.

**Apofenia algorítmica:** Questão levantada no contexto da IA na TCI, referindo-se ao risco de o sistema, treinado para encontrar padrões, acabar por "criar" sentido onde não há, interpretando ruídos como comunicação intencional de uma entidade.

**Autocomunicação de massas:** Conceito que descreve a era em que os indivíduos produzem e compartilham suas próprias narrativas, inclusive sobre a vida após a morte, por meio das redes.

**Autoria digital:** Dilema levantado pela IA na TCI: se uma máquina reconstrói uma palavra a partir de ruído, questiona-se quem é o autor da comunicação: o espírito, o operador ou o próprio software.

**Antoun, Henrique:** Antoun discute a descentralização da autoridade religiosa nas redes digitais, contexto em que a TCI se desenvolve como prática autônoma e horizontal. Seu conceito de "espiritualidade em rede" ajuda a compreender a migração da TCI para plataformas digitais. Obra mencionada: "Religião e internet: em busca do cibercrente" (2004).

## B

**Bakhtin, Mikhail:** Bakhtin contribui com a noção de polifonia e dialogismo, útil para analisar as múltiplas vozes (céticas, crentes,

midiáticas) que disputam o sentido da TCI. Sua teoria ajuda a entender a TCI como campo discursivo em constante negociação. Obra mencionada: "Estética da criação verbal" (2018).

**Barbosa, Laura:** Analisa o papel do jornalismo na construção de legitimidade simbólica da TCI, destacando a tendência à espetacularização ou ao ceticismo apriorístico. Obra mencionada: "Jornalismo e espiritualidade: limites da cobertura sobre fenômenos extraordinários" (2022).

**Bardin, Laurence:** Bardin fornece a base metodológica para a análise qualitativa dos dados empíricos da dissertação, como respostas a questionários e conteúdos midiáticos. Obra mencionada: "Análise de conteúdo" (2016).

**Bauman, Zygmunt:** Teórico que oferece uma chave para compreender a fluidez com que o imaginário pós-morte é vivido na contemporaneidade, menos submetido a dogmas fixos. O conceito de "modernidade líquida" ajuda a entender a fluidez das crenças espirituais na contemporaneidade, contexto em que a TCI emerge como prática flexível e personalizada, distante das estruturas religiosas rígidas. Obra mencionada: "Modernidade líquida" (2020).

**Bips BCN Spirit Box:** Aplicativo de TCI cujo principal objetivo é tentar estabelecer comunicação com entidades extrafísicas através da manipulação de áudio e frequências, buscando capturar FVEs.

**Bolhas de filtro:** Dinâmica das redes sociais onde os indivíduos interagem predominantemente com quem compartilha das mesmas crenças, reforçando visões de mundo e dificultando a penetração de discursos céticos.

**Bourdieu, Pierre:** Autor cujos conceitos sobre capital simbólico, dominação simbólica e estratégias de consagração e exclusão são aplicados para analisar o campo social da TCI e do discurso religioso. Bourdieu oferece ferramentas para analisar a TCI como campo de disputa por capital simbólico, onde agentes religiosos, científicos e midiáticos competem pela legitimação do sagrado. Sua noção de competência simbólica é central para entender como a TCI desafia monopólios institucionais. Obra mencionada: "O poder simbólico" (2011) e "O campo religioso" (2004), entre outras.

**Brune, François e Chauvin, Rémy:** São autores pioneiros na sistematização da TCI como campo de estudo, descrevendo-a como "zona cinzenta" entre ciência e espiritualidade. Obra mencionada: "Os mortos nos falam: transcomunicação instrumental" (1994).

## C

**Cabral, Gabrielle Bazacas:** Analisa a TCI como prática comunitária e mediada digitalmente, destacando seu caráter afetivo e consolador. Obra mencionada: "'Entre mídias e médiuns: o grupo Transcomunicação Instrumental da Casa do Jardim, em Porto Alegre" (2020).

**Caixa de Faraday:** Uma caixa de Faraday, ou blindagem de Faraday, é um invólucro projetado para bloquear campos eletromagnéticos, e na TCI é usada para tentar bloquear a passagem de campos eletromagnéticos e eliminar interferências externas e internas, tanto estáticas quanto variáveis, isolar os equipamentos de gravação e **melhorar a qualidade das evidências.**

**Câmaras de eco:** Ambiente digital onde a interação com pessoas de mesma crença reforça a visão de mundo, solidificando a crença compartilhada, como observado em grupos dedicados à TCI.

**Campbell, Heidi A.:** Campbell estuda a religião digital e a apropriação de mídias online para práticas espirituais, oferecendo um arcabouço para entender a TCI como expressão da ciberespiritualidade. Obra mencionada: "Digital Religion: Understanding Religious Practice in New Media Worlds" (2013).

**Campo (Pierre Bourdieu):** Campo é um espaço social estruturado, um campo de forças e de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças. Na TCI, o campo é a arena onde praticantes, cientistas e religiosos disputam a autoridade sobre a comunicação com o invisível. A aplicação deste conceito permite identificar as posições de poder e as estratégias de legitimação dos agentes envolvidos (Conceito-Chave da Matriz Teórica).

**Capital simbólico:** Conceito de Bourdieu (2011) referente a recursos de prestígio, reconhecimento, autoridade e poder que as instituições (como a ciência ou a religião) ou agentes (como a mídia) acumulam para validar ou excluir saberes no campo social. Na TCI, refere-se à luta por

legitimidade entre cientistas, religiosos, praticantes e mídia. A TCI representa uma disputa por esse capital no campo da experiência espiritual onde o Capital Simbólico é acumulado através do uso de tecnologia avançada e da produção de “evidências” que simulam o rigor científico. É o que permite que um praticante seja ouvido e respeitado em sua comunidade (Conceito-Chave da Matriz Teórica).

**Castells, Manuel:** Autor da teoria da "sociedade em rede" e da "era da descrença informada", cujos *insights* sobre a autonomia dos sujeitos na produção e disseminação de informação são pertinentes à TCI digital. Castells fornece a base teórica para entender a TCI na sociedade em rede, onde a Comunicação Digital permite novas formas de sociabilidade e produção de sentido, incluindo práticas espirituais. Obra mencionada: "A era da informação: economia, sociedade e cultura" (2015), entre outras.

**Ceticismo:** Posição discursiva que questiona a TCI por ausência de evidência empírica, ancorando-se na racionalidade científica. O discurso cético adota um papel vigilante, regulando o que pode ou não ser considerado válido no campo do conhecimento humano.

**Cibercultura:** Cultura emergente das redes digitais, analisada por Santaella (2019b) e Lévy (2019), marcada pela sinergia entre vida social e tecnologia, onde a digitalização e a IA remodelam as formas de mediação do sagrado. Contexto no qual a TCI se expande como prática espiritual mediada por tecnologia.

**Ciência cidadã:** Conceito que se assemelha à autorregulação de comunidades online de TCI que criam protocolos de verificação inspirados no método científico, como no projeto SETI@home.

**Ciência marginal:** Campo de pesquisa que busca rigor, mas é excluído pelo regime de verdade dominante. A TCI é frequentemente enquadrada como ciência marginal, conforme discutido por Lacey (1999) e Sodré (2022). Também denominada de “saber não hegemônico”, é um campo de pesquisa que utiliza métodos não ortodoxos.

**Clickbait:** técnica de marketing digital que utiliza títulos, manchetes ou imagens sensacionalistas, exagerados ou enganosos para atrair a atenção do usuário e induzi-lo a clicar em um *link*.

**Código e crença:** Tensão central na análise da IA na TCI, onde se confrontam a lógica algorítmica (o código) e a natureza da fé e da experiência subjetiva (a crença).

**Competência simbólica:** Capacidade de impor definições legítimas sobre o sagrado, segundo Bourdieu (2004). A TCI desafia o monopólio dessa competência por parte de agentes religiosos tradicionais.

**Comunicação Digital:** Área de concentração do estudo, que investiga fenômenos como a TCI a interface entre espiritualidade, tecnologia e mídias digitais.

**Comunicação ubíqua:** Conceito de Lúcia Santaella que descreve como as tecnologias digitais transformaram as formas de percepção, cognição e sensibilidade na cultura contemporânea.

**Comunidades de Prática:** Grupos de pessoas que compartilham um interesse, um conjunto de problemas comuns ou um domínio de conhecimento e que interagem regularmente para aprender a fazê-lo melhor.

**Convergência midiática:** Processo pelo qual conteúdos circulam por múltiplas plataformas, conforme Jenkins (2020). A TCI é exemplo de convergência, transitando entre YouTube, podcasts, redes sociais e TV.

**Consciências extrafísicas:** Entidades não corpóreas ou seres espirituais com os quais a TCI busca estabelecer comunicação por meio de instrumentos tecnológicos.

**Continuidade da consciência:** Hipótese fundamental da TCI, defendida por pesquisadores como Hernani Guimarães Andrade, segundo a qual a consciência não se extingue com a morte biológica e pode interagir com dispositivos físicos.

**Cultura Digital:** O conjunto de práticas, costumes e formas de interação social que são moldados pelo uso das tecnologias digitais e da internet.

**Crença compartilhada:** Processo de validação e reforço mútuo de convicções que ocorre em comunidades online de TCI, muitas vezes à margem de discursos científicos hegemônicos.

**Cronotopos:** Termo de Bakhtin referente aos tempos-espacos discursivos que diferentes grupos sociais mobilizam para defender suas visões sobre a TCI.

**Cultura da convergência:** Conceito de Henry Jenkins que descreve como o conteúdo flui através de múltiplas plataformas midiáticas e como a inteligência coletiva se manifesta em comunidades *online*.

**Cultura Digital:** Contexto contemporâneo onde a TCI se manifesta e circula de maneira crescente em ambientes digitais, sendo um dos termos-chave da dissertação.

**Cultura midiática:** Contexto em que a TCI é construída discursivamente como prática controversa, e onde as tecnologias digitais afetam a percepção contemporânea da espiritualidade e da comunicação.

## D

**Deathbots:** Sistemas concebidos por IA para simular vozes, padrões de fala e personalidades que se fundamentam nas pegadas digitais de pessoas falecidas — gravações de voz e vídeos, mensagens de texto, *e-mails* e postagens nas redes sociais — para criar avatares interativos que parecem “conversar” além-túmulo.

**Deep learning:** Técnica de aprendizado de máquina utilizada por alguns pesquisadores e entusiastas da TCI para reconhecer padrões vocais em gravações consideradas paranormais, representando uma revolução tecnológica.

**Desencantamento do mundo:** Conceito weberiano que descreve a perda do significado mágico e espiritual na modernidade racionalizada, segundo o qual a vida passa a ser concebida como objeto passível de cálculo e controle, esvaziada de sua dimensão sagrada. A TCI pode ser vista como uma tentativa de reverter esse desencantamento.

**Dialogismo:** Conceito de Mikhail Bakhtin que destaca a natureza interativa e social da linguagem e do discurso, onde diferentes vozes e perspectivas se confrontam e se influenciam.

**Direct Radio Voice (DRV)** O DRV é a captação de vozes que saem diretamente do alto-falante do rádio em tempo real, permitindo um diálogo imediato. Esta prática é considerada o “Santo Graal” da TCI, pois elimina o tempo de espera da gravação. A fenomenologia do DRV é de

uma intensidade emocional única, pois simula uma conversa telefônica com o além.

**Discurso Midiático:** A forma como a mídia constrói e veicula narrativas sobre determinados fenômenos, utilizando linguagem, enquadramentos e seleções que influenciam a percepção pública.

**Dispositivo (Michel Foucault):** Dispositivo é a rede que se estabelece entre elementos heterogêneos (discursos, instituições, arquiteturas, leis, enunciados científicos). Na TCI, a tecnologia (IA, rádio) funciona como um dispositivo que organiza as relações de poder e os regimes de visibilidade, definindo o que pode ser visto ou ouvido como “espiritual” (Conceito- Chave da Matriz Teórica).

**Dispositivo simbólico híbrido:** Hipótese da pesquisa de que a TCI atua na sociedade em rede integrando códigos técnicos e espirituais em uma lógica comunicacional própria da midiatização. Baseado em Foucault (1995) e Santaella (2019b), este termo foi usado para descrever a TCI como um artefato que integra códigos técnicos e espirituais.

**Dispositivo espiritual:** Dispositivo comunicacional que organiza a experiência do sagrado na cultura midiática, conectando sujeitos a narrativas de transcendência por meio de aparatos técnicos.

**Disputas discursivas:** Embate entre narrativas céticas e crentes em torno da TCI, onde diferentes epistemologias e sistemas de crença colidem e buscam legitimidade, manifestando-se em vários âmbitos sociais e midiáticos.

**Dissolução de fronteiras:** Processo, na cibercultura, onde as fronteiras entre o físico e o virtual, o presente e o ausente, são rompidas. A TCI tenta estender essa dissolução ao limiar entre vida e morte.

## E

**Ecologia midiática:** Ambiente onde a TCI digital circula, que é participativo e multifacetado.

**Ectoplasma:** em parapsicologia, diz-se da substância visível, descrita na crença espiritualista como uma energia espiritual que pode ser exteriorizada por médiuns para manifestações como a materialização de espíritos e cura.

**Eliade, Mircea:** Descreve o sagrado como uma realidade de ordem diferente da cotidiana, manifestada através de hierofanias. Para os praticantes, os sons, vozes ou imagens captados – os artefatos transcomunicados – funcionam como essas hierofanias: momentos de irrupção do sagrado no profano, mediados pelo aparato tecnológico. Obra mencionada: O Sagrado e o Profano: A Essência das Religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

**Epistemologias do Sensível:** Formas de conhecimento que valorizam a intuição, a fé, a experiência subjetiva e outras formas de saber que não se limitam à lógica científica formal.

**Escassez simbólica (era de):** Conceito de Muniz Sodré onde a técnica tende a eclipsar os sentidos mais profundos, e a TCI digital pode ser lida como uma forma de reencantamento tecnomidiático.

**Escuta espiritual:** O ato de interpretar sinais ou vozes como manifestações espirituais.

No contexto da IA, esta escuta torna-se mediada pela objetivação algorítmica.

**Espiritualidade:** Termo-chave do estudo, que, no contexto digital, é praticada, narrada e experienciada sob o impacto das tecnologias emergentes. Busca por sentido, propósito ou conexão com algo maior que si mesmo, que pode ou não estar ligada a uma religião institucionalizada.

**Espiritualidade em rede:** Termo que descreve a descentralização da autoridade religiosa em plataformas digitais, onde sujeitos comuns constroem suas performances espirituais fora de estruturas institucionais. Conceito de Antoun (2015) que descreve práticas espirituais descentralizadas e mediadas por redes digitais. A TCI é um exemplo paradigmático.

**Estudos Culturais:** Referencial teórico que guia a pesquisa, articulando autores como Stuart Hall.

**EVP (Electronic Voice Phenomena):** Fenômeno de Voz Eletrônica, termo utilizado para se referir a supostas vozes captadas em gravações, antes analógicas e agora digitais. Refere-se à gravações eletrônicas precursoras da TCI cujo estudo pioneiro deve-se à Jürgenson (1972) e Raudive (1971). Consiste na captação de vozes em dispositivos eletrônicos que não foram ouvidas no momento da gravação.

Fenomenologicamente, o EVP é uma experiência de “escuta diferida”: a surpresa ocorre no momento da reprodução, quando o silêncio da gravação revela-se povoado por vozes.

**EVP Burst:** Uma sequência rápida de várias vozes em um curto espaço de tempo. É vivido como um momento de alta intensidade comunicacional, um “pico” de atividade espiritual.

## F

**Fé:** Condição que sustenta as narrativas da TCI. As experiências de fé na TCI buscam consolo e a confirmação da sobrevivência da alma.

**Feedback de Vídeo:** Técnica de apontar a câmera para o monitor para criar um túnel de luz. Fenomenologicamente, é uma experiência de imersão visual no infinito digital.

**Felinto, Erick:** Autor que argumenta que o sagrado se reinscreve nas superfícies midiáticas e que a técnica e o imaginário são mutuamente constitutivos. Felinto discute como as máquinas são investidas de significado simbólico e espiritual, ajudando a entender a TCI como reencantamento tecnológico. Obra mencionada: "A máquina e o imaginário: notas sobre as relações entre técnica, cultura e religião" (2005).

**FFT (Fast Fourier Transform):** Algoritmo que transforma o som em imagem (espectrograma). Para o praticante, é a ferramenta que permite “ver” a voz.

**Forma Sensacional (Birgit Meyer):** Conceito que descreve como as religiões utilizam mídias e objetos para produzir experiências sensoriais de presença divina ou espiritual. A TCI é uma Forma Sensacional que utiliza o som e a imagem digital para materializar a presença do invisível, tornando a fé uma experiência tangível (Conceito-Chave da Matriz Teórica).

**Foucault, Michel:** Autor articulado no referencial teórico, especialmente com o conceito de regimes de verdade e dispositivo simbólico híbrido e formação discursiva, essenciais para analisar como a TCI é legitimada ou marginalizada em diferentes campos (científico, religioso, midiático). Obra mencionada: "Microfísica do poder" (1995). "A arqueologia do saber" (1995), entre outras.

**G**

**Gatekeepers tradicionais:** Agentes tradicionais (como a mídia ou a academia) que historicamente controlam a circulação de informação e que são contornados pelos adeptos da TCI nas redes sociais.

**Ghost boxes / Spirit boxes:** Dispositivos (físicos ou simulados) que varrem rapidamente frequências de rádio, gerando ruído branco do qual se espera que vozes paranormais se manifestem.

**Goldstein, Carlos:** Define a TCI como comunicação com consciências extrafísicas, com ou sem intermediação humana, sendo uma referência conceitual básica no campo. Obra mencionada: "Transcomunicação: as vozes do além" (1997).

**Gregolin, Maria do Rosário:** Autora do referencial teórico que aborda a relação entre discurso e mídia, destacando como as práticas discursivas são fundamentais na constituição de sentidos e na organização das relações de poder. Obra mencionada: "Análise do discurso e mídia" (2020). "Análise do discurso: teoria e prática" (2020). "Discurso e mídia: uma análise crítica" (2020).

**H**

**Hall, Stuart:** Autor dos Estudos Culturais, cujo conceito de representação (construção de sentido socialmente partilhado por meio de signos) e identidade cultural na pós-modernidade é essencial para entender como a TCI é construída simbolicamente e recebida em diferentes contextos culturais. Obra mencionada: "A identidade cultural na pós-modernidade" (2016), entre outras.

**Han, Byung-Chul:** Han critica a superficialidade da comunicação digital, mas também aponta para a estetização do espiritual nas mídias, contexto em que a TCI ganha visibilidade. Obra mencionada: "No enxame: perspectivas do digital" (2018). A Sociedade do Cansaço. Petrópolis (2018).

**HereAfter AI:** Aplicativo que reconstrói personalidades a partir de dados e simula interações com falecidos, criando uma ilusão de continuidade, mas que carece do componente transcendente da TCI autêntica.

**Hidroimagens:** Pesquisadores de TCI buscam imagens de entidades não corpóreas através de meios técnicos não convencionais, como câmeras de vídeo ou fotografia em meios líquidos, plásticos bolha e outras superfícies reflexivas.

**Hierofanias:** Conceito de Mircea Eliade que descreve manifestações do sagrado no profano, que podem ocorrer através de objetos, lugares, tempos ou eventos. Para praticantes da TCI, os sons e vozes captados podem funcionar como hierofanias.

**Hoover, Stewart M.:** Hoover analisa a mídia como espaço de prática religiosa, onde crenças e identidades são construídas. Sua obra ajuda a entender a TCI como fenômeno midiático. Obra mencionada: "Religion in the media age" (2006).

## I

**IA na escuta espiritual:** Processo onde algoritmos e interfaces inteligentes são usados para analisar e processar dados, introduzindo o código na mediação do invisível na TCI.

**Identidade Híbrida (Stuart Hall):** Refere-se à natureza fragmentada e multifacetada do sujeito contemporâneo. O praticante de TCI manifesta uma Identidade Híbrida ao conciliar a racionalidade técnica com a busca espiritual, desafiando categorias fixas de "crente" ou "cientista" (Conceito-Chave da Matriz Teórica).

**Imaginário pós-morte:** Conjunto de imagens, símbolos e narrativas que uma sociedade constrói para dar sentido à experiência da morte, reconfigurado na sociedade em rede pela TCI e tecnologias digitais.

**Instrumentelle Transkommunikation:** Termo original em alemão cunhado por Ernst Senkowski, que deu origem à sigla TCI.

**Inteligência Artificial (IA):** Ferramenta e dispositivo tecnológico emergente que, ao gerar vozes sintéticas e manipular imagens, afeta a percepção de espiritualidade e reconfigura as fronteiras entre técnica e transcendência na TCI. A IA amplia e problematiza a TCI, seja por refinamento de sinais, seja por risco de pareidolia algorítmica. Discutida por Beischel e Rock (2023) e Fontana (2021).

**Inteligência Artificial Generativa (IAG):** Na TCI, pode ser definida como o uso de sistemas de IA avançados capazes de criar novos conteúdos —

como áudios, imagens ou textos — para auxiliar ou simular a comunicação com entidades incorpóreas (como espíritos ou entidades extrafísicas). A IAG, que é projetada para criar conteúdo novo e original a partir de padrões aprendidos, oferece um novo e poderoso conjunto de ferramentas tecnológicas que, na TCI, seriam aplicadas para facilitar, simular ou interpretar a comunicação entre o mundo material e o espiritual. Em semiótica, um catalisador da performatividade técnica, capaz de produzir efeitos de verdade avassaladores através da reconstrução algorítmica de sinais.

## J

**Jenkins, Henry:** Jenkins fornece o conceito de convergência midiática e inteligência coletiva, útil para entender como as narrativas da TCI circulam e são ressignificadas em múltiplas plataformas digitais. Obra mencionada: "Cultura da convergência" (2020).

**Jürgenson, Friedrich:** Considerado o precursor da TCI moderna, relatou ter captado vozes humanas em gravações feitas ao ar livre na década de 1950. Obra mencionada: Sprechfunk mit Verstorbenen. Düsseldorf: Kindt Verlag, 1972.

## K

**Kardec, Allan:** Hippolyte Léon Denizard Rivail foi um educador, autor e tradutor francês. Sob o pseudônimo de Allan Kardec, notabilizou-se como o codificador do espiritismo. Obra mencionada: O Livro dos Espíritos. Brasília: FEB, 2021. (1ª ed.) – título do original francês "Le Livre des Spirits" (Paris, 1857).

## L

**Lacey, Hugh:** Lacey argumenta que a ciência não é neutra, sendo influenciada por valores culturais. Sua crítica ao materialismo científico oferece suporte para defender a TCI como ciência marginal. Sua abordagem é fundamental para desnaturalizar o ceticismo científico frente à TCI. Obra mencionada: "Is Science Value Free: Values and Scientific Understanding" (1999).

**Legitimação simbólica:** Processo pelo qual certas representações, discursos e práticas sociais (como a TCI) são validados ou desvalidados pela mídia e pelo jornalismo, conferindo-lhes autoridade e aceitação.

**Lemos, André:** Autor da cibercultura e da lógica das tecnologias da subjetivação, que contribui para a análise de como os dispositivos digitais moldam a forma como os sujeitos constroem significados e se relacionam com o sagrado. Lemos discute a tecnognose midiática e a subjetivação digital, ajudando a entender a TCI como prática espiritual mediada por dispositivos técnicos. Obra mencionada: "Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea" (2010).

**Lévy, Pierre:** Teórico da cibercultura que discute a autoria digital e a inteligência coletiva em um contexto de textos e autores difusos. Lévy discute a inteligência coletiva e a autoria difusa na rede, conceitos úteis para pensar a TCI como construção colaborativa e polifônica. Obra mencionada: "Cibercultura" (2019).

## M

**Mediação:** Conceito central em Meyer (2020), referente ao papel constitutivo das mídias e artefatos na experiência religiosa. A TCI é analisada como prática de mediação técnica do sagrado.

**Mediação pós-morte:** Busca por formas de comunicação com o que se concebe como "além" através de inovações tecnológicas, criando um paradoxo entre o científico e o espiritual.

**Mediunidade:** Capacidade de sentir a influência dos Espíritos. A TCI é vista como uma forma de mediação espiritual sem a necessidade de um médium tradicional.

**Metodologia qualitativa e interdisciplinar:** Abordagem adotada na pesquisa, combinando análise de conteúdo, análise de discurso, netnografia e entrevistas semiestruturadas.

**Meyer, Birgit:** Autora articulada no referencial teórico cuja perspectiva sugere que as mídias não apenas veiculam o sagrado, mas o constituem por meio de formas sensoriais e materiais. Meyer propõe entender a religião como mediação, onde mídias e artefatos técnicos constituem o sagrado. Sua abordagem é central para analisar a TCI como prática material e sensorial. Obra mencionada: "Religion as mediation" (2020), entre outras.

**Midiatização:** Processo pelo qual a TCI, com raízes em experiências mediúnicas, está profundamente atravessada pelas dinâmicas da tecnocultura e das redes digitais.

**Modernidade líquida:** Conceito de Zygmunt Bauman que indica a fluidez com que o imaginário pós-morte é vivido, aberto a experiências subjetivas e narrativas afetivas.

**Muniz Sodré:** Autor que critica a racionalidade tecnocrática e propõe a valorização de epistemologias do sensível, vendo a TCI como uma prática de resistência epistêmica e um possível reencantamento tecnomidiático.

## N

**Narrativas céticas e crentes:** O embate discursivo central da pesquisa, refletindo a colisão entre paradigmas materialistas (céticos) e espiritualistas (crentes) que disputam o imaginário coletivo sobre a TCI.

**Netnografia:** Metodologia qualitativa que complementa a pesquisa, focando na análise de interações em ambientes digitais, como vídeos, reportagens e depoimentos de praticantes.

**Neutralidade da ciência:** Ideia criticada por filósofos como Hugh Lacey, que sugere que o ceticismo também deve ser interpretado como uma narrativa situada, e não como verdade absoluta.

**Noise Gate:** Filtro que elimina sons abaixo de um certo volume. Na TCI, é usado para “limpar” o silêncio, permitindo que apenas as vozes mais fortes emergjam.

## O

**Objetivação algorítmica do invisível:** Novo paradigma imposto pela IA na TCI, onde a escuta, antes subjetiva do operador, passa por um processo de análise e decodificação digital.

**Ontolgia comunicacional expandida:** O desafio que a TCI propõe aos modelos clássicos de comunicação, ao redefinir a noção de interlocutor para incluir seres não corpóreos ou consciências extrafísicas.

**P**

**Paradigma não materialista:** Perspectiva defendida por Hernani Guimarães Andrade para a TCI, baseada na física quântica, que pressupõe a continuidade da consciência após a morte.

**ParaText ITC System:** Um aplicativo que funciona como uma ferramenta desenvolvida para a prática da TCI cuja função é atuar como dispositivo que supostamente facilita a comunicação com entidades espirituais, a partir de um banco de dados de palavras, para que supostos espíritos possam manipulá-lo e enviar mensagens (se os sensores não estiverem disponíveis, as entradas de leitura serão substituídas por algoritmos).

**Pareidolia:** Fenômeno psicológico em que a mente humana é inclinada a buscar padrões reconhecíveis (como rostos ou vozes) em estímulos aleatórios ou ambíguos, como ruído ou imagens abstratas, mesmo onde não há nenhum, o que é um argumento central do ceticismo para explicar os sons ou imagens indistintos captados na TCI. Na TCI, é o desafio constante que exige o desenvolvimento de uma escuta crítica e treinada.

**Pareidolia Artificial:** A ocorrência da pareidolia em sistemas de inteligência artificial, onde o algoritmo interpreta ruídos ou padrões como informações significativas.

**Performatividade Técnica (Lucia Santaella):** Conceito que descreve como a tecnologia produz efeitos de realidade e verdade através de sua própria operação. Na TCI, a Performatividade Técnica ocorre quando a interface digital (um *software* de limpeza de áudio, por exemplo) “cria” a evidência que valida a crença do praticante (Conceito-Chave da Matriz Teórica).

**Pierucci, Antônio Flávio:** Discute o processo de racionalização e secularização, ajudando a situar a TCI como tentativa de reencantamento na modernidade. Sua análise é fundamental para contextualizar a TCI como resposta ao desencantamento weberiano. Obra mencionada: "O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber" (2003). "O Desencantamento do Mundo: Max Weber e o Fim da Ética" (2003).

**P-SB7T:** Dispositivo projetado para investigação paranormal que gera uma fonte de áudio aleatória e contínua que, segundo a teoria da TCI,

serve como base para que entidades possam modular frequências e formar palavras ou frases.

**Performances de fé:** Modo como a espiritualidade se manifesta e é praticada em ambientes digitais, marcada pela circulação de sentidos em ecossistemas midiáticos participativos.

**Pós-verdade (Era da):** Contexto contemporâneo onde a fragmentação das autoridades discursivas e a emergência de "bolhas" permitem que discursos alternativos, como os da TCI, floresçam mesmo confrontando o consenso científico.

**Pseudociência:** Termo frequentemente utilizado pelo discurso científico hegemônico e pela mídia tradicional para classificar a TCI, devido à ausência de evidências replicáveis e de uma teoria explicativa compatível com modelos atuais. Contrasta com a defesa da TCI como ciência marginal.

## R

**Racionalidade instrumental:** Visão de mundo que define a experiência moderna, onde a vida é concebida como passível de cálculo e controle, em contraste com a dimensão sagrada que a TCI tenta reintroduzir.

**Raudive, Konstantin:** Pesquisador influenciado por Jürgenson que acumulou mais de cem mil gravações analisadas, buscando encontrar padrões sonoros e estabelecer critérios de validação da TCI. Raudive é um dos pioneiros da pesquisa com EVP (Electronic Voice Phenomena). Sua obra é referência histórica obrigatória. Obra mencionada: "Breakthrough: an amazing experiment in electronic communication with the dead" (1971).

**REAPER:** O software serve como um laboratório digital onde os praticantes da TCI processam e analisam os dados de áudio em busca de evidências de comunicação paranormal. O *software* em si é apenas uma ferramenta técnica, e a interpretação dos resultados depende inteiramente da crença e metodologia dos praticantes da TCI.

**Reencantamento Tecnomidiático (Muniz Sodré):** Refere-se ao processo pelo qual a técnica, em vez de apenas racionalizar o mundo, passa a ser o meio pelo qual o ser humano busca recuperar a dimensão do sagrado e do mistério. Na TCI, o Reencantamento Tecnomidiático

transforma o dispositivo eletrônico em um objeto de fascínio e mediação espiritual (Conceito-Chave da Matriz Teórica).

**Recuero, Raquel:** Analisa como as redes sociais constroem sentidos coletivos e fortalecem laços comunitários, contexto em que a TCI se dissemina e é validada. Sua abordagem é útil para entender a TCI como fenômeno de rede, embora não aborde especificamente espiritualidade. Obra mencionada: "Redes sociais e sociabilidade digital" (2022).

**Regimes de verdade:** Sistemas discursivos que, em determinado contexto histórico (como o científico hegemônico), determinam o que pode ser legitimado como verdadeiro ou falso. A TCI é marginalizada pelo regime de verdade científico hegemônico.

**Reencantamento tecnomidiático:** A TCI é um caso exemplar de processo pelo qual a tecnologia readquire função simbólica e espiritual, conforme Felinto (2005) e Sodré (2022).

**Replicabilidade:** Um dos pilares da ciência moderna. Na TCI, a dificuldade em replicar experimentos com os mesmos resultados (devido às variáveis subjetivas e técnicas) é uma das maiores controvérsias científicas.

**Representação:** Processo de construção social de sentido por meio de signos, conforme Hall (2016). Conceito que define a construção de sentido socialmente partilhado por meio de signos. A TCI constrói um regime específico de representação ao combinar signos técnicos e espirituais para significar o invisível. A TCI é analisada como representação polifônica e disputada.

**Regimes de Verdade:** Conceito de Michel Foucault que se refere aos sistemas de poder e conhecimento que, em uma determinada época ou sociedade, definem o que é considerado verdadeiro, quem tem autoridade para produzir conhecimento e quais discursos são legitimados.

**Rivas, Luis Hu:** Autor peruano, reside atualmente no Brasil. Designer gráfico e dedica-se desde os dezessete anos ao estudo e divulgação do Espiritismo. Foi responsável pelo setor multimídia da Federação Espírita Brasileira - FEB. Obra mencionada: "Transcomunicação Fácil – Coleção Espiritismo Fácil" (2023).

**Rinaldi, Sônia:** Pesquisadora brasileira, fundadora do IPATI, cujo trabalho com gravações digitais, imagens transcomunicativas e o uso de IA para captação e interpretação de mensagens se destaca no contexto nacional e internacional. Obra mencionada: “Contatos Interdimensionais” (2006). “Instrumental transcommunication: voices from beyond” (2004). “Espírito - O Desafio da Comprovação – Pesquisas Avançadas em Transcomunicação Instrumental” (2000), entre outras.

**Ruído branco:** Ruído gerado pela varredura rápida de frequências de rádio (usando ghost boxes), do qual se espera a manifestação de vozes paranormais.

## S

**Sagrado:** Realidade de ordem diferente da cotidiana, que é mediada e, segundo Meyer, constituída pelas mídias.

**Santaella, Lúcia:** Santaella discute a cibercultura, a comunicação ubíqua e a dissolução de fronteiras entre real e virtual, oferecendo bases para pensar a TCI como fenômeno pós-humano e tecnognóstico. Sua teoria é amplamente utilizada nesta dissertação para analisar a TCI como expressão da cultura digital. Obra mencionada: "Cultura e artes do pós-humano" (2019b) e "Comunicação ubíqua" (2019a), entre outras.

**Santos, Simone:** Pesquisadora brasileira em Transcomunicação Instrumental residente em Seattle, EUA (ITC Researcher-Seattle). Especializada na captação de transimagens pela TV através do método “Cross-Video Feedback Loop”. Maiores detalhes em: <http://www.tciseattle.com/@TCISeattleSIMONESANTOS>.

**Sensacionalismo:** Estratégia narrativa frequentemente utilizada pela mídia tradicional (TV, jornalismo) ao abordar a TCI, que oscila entre o mistério e o deboche, marginalizando o debate sério.

**Senkowski, Ernst:** Físico alemão que cunhou o termo Instrumentelle Transkommunikation na década de 1980, buscando conferir cientificidade e sistematização ao campo. Sua obra é seminal, refletindo o contexto tecnológico pré-digital. Obra mencionada: "Instrumentelle Transkommunikation" (1989).

**Sodré, Muniz:** Sodré defende a valorização de epistemologias sensíveis e o reencantamento como resistência à racionalidade tecnocrática, base teórica para entender a TCI como prática de resgate do sagrado.

Sua crítica à hegemonia científica aqui é alinhada à defesa da TCI como saber marginal. Obra mencionada: "O reencantamento do mundo: política e poética do afeto" (2022).

**Sociedade em Rede:** Conceito de Castells (2015) que descreve a estrutura social contemporânea baseada em redes digitais, segundo o qual as sociedades contemporâneas estão marcadas pela conectividade digital constante e pelo fluxo descentralizado de informações e interações através de redes tecnológicas. Contexto de expansão da TCI.

**Softwares de processamento audiovisual:** Ferramentas, muitas vezes baseadas em *machine learning* ou *deep learning*, utilizadas para analisar minuciosamente áudios e vídeos captados, isolando possíveis mensagens ou sinais espirituais.

**Spiricom:** Criado pelo pesquisador George Meek em colaboração com o que acreditava ser a entidade desencarnada do Dr. George Mueller, um cientista da NASA, trata-se de dispositivo eletrônico, desenvolvido nos anos 1970, que combinava gerador de ruído, transmissor e receptor de rádio com o objetivo de facilitar a comunicação direta com supostas entidades espirituais, produzindo vozes audíveis.

**Spiritus Ghost Box:** Ferramenta experimental de TCI que simula um rádio varrendo frequências para, supostamente, captar vozes ou sons de entidades paranormais.

**Spirit Box:** Dispositivo que realiza uma varredura rápida pelas frequências de rádio (AM/FM), gerando um fluxo contínuo de ruído branco e fragmentos de áudio. Acredita-se que as consciências extrafísicas utilizam esses fragmentos para formar palavras e frases. A fenomenologia do Spirit Box é fragmentada e rítmica, exigindo uma decodificação rápida e intuitiva por parte do praticante.

## T

**TCI (Transcomunicação Instrumental):** Fenômeno comunicacional e conjunto de práticas voltadas à tentativa de estabelecer comunicação com entidades espirituais (não corpóreas ou consciências extrafísicas) por meio de dispositivos tecnológicos como rádios, gravadores, televisores, e, mais recentemente, *softwares* e IA. Prática de tentar estabelecer comunicação com entidades extrafísicas por meio de

dispositivos tecnológicos. Termo cunhado por Senkowski (1989) e definido por Goldstein (1997).

**Tecnognose midiática:** Conceito que analisa como dispositivos de comunicação contemporâneos são apropriados para fins de escuta espiritual, canalização de mensagens e construção de narrativas de fé.

**Tecnocultura (Lucia Santaella):** A inter-relação entre tecnologia e cultura, onde a tecnologia não é apenas uma ferramenta, mas um elemento que molda valores, práticas e identidades sociais. Contexto cultural onde a TCI, como produto e produtora, atualiza imaginários espirituais a partir de mediações técnicas sofisticadas. A TCI, como um fenômeno típico da tecnocultura, funde a busca ancestral pelo sagrado com a infraestrutura digital da sociedade contemporânea (Conceito-Chave da Matriz Teórica).

**Tecnologias da subjetivação:** Lógica na cibercultura onde os dispositivos digitais não apenas mediam a comunicação, mas também moldam a forma como os sujeitos constroem suas identidades e significados, transformando a TCI em um exercício de subjetivação espiritual. Transcomunicação (Instrumentelle Transkommunikation): Ver TCI.

**Transimagem:** Uma representação visual captada por meios eletrônicos. É um simulacro tecnocultural que performa a verdade do contato através da interface digital. Refere-se à captação de rostos ou formas humanas em suportes visuais (TV, computador, vapor d'água).

## V

**Velho, Gilberto:** Antropólogo cujas ideias sobre "zona de ambiguidade epistêmica e cultural" e a articulação de crenças urbanas a dispositivos técnicos são centrais para entender a TCI. Velho discute zonas de ambiguidade cultural e a valorização da experiência individual, conceitos úteis para situar a TCI entre ciência, fé e tecnologia. Sua antropologia urbana ajuda a contextualizar a TCI na cultura contemporânea, mas não a aborda diretamente. Obra mencionada: "Individualismo e cultura" (2011) e "Indivíduo e sociedade" (1994).

**Vidicom:** Em TCI, é um sistema experimental para a captação de imagens de supostas entidades do além, utilizando uma televisão e

uma filmadora, desenvolvido na década de 1980 por Klaus Schreiber e o casal Fischbach.

**Viés de confirmação:** Alerta no uso da IA na TCI, onde o ser humano tende a interpretar padrões simulados pela máquina como mensagens significativas, mesmo que sejam estatisticamente irrelevantes, reforçando crenças preexistentes.

**Viés interpretativo:** Desafio metodológico da TCI, onde as mensagens captadas dependem da escuta subjetiva e são interpretadas de forma distinta por diferentes ouvintes.

**Videocomunicação:** Em TCI, a prática da videocomunicação utiliza o feedback de vídeo (apontar a câmera para o monitor) para criar um túnel de luz onde as imagens supostamente se materializam. A fenomenologia é visual e hipnótica, exigindo que o praticante “enxergue” padrões em meio ao caos de pixels.

**Vozes eletrônicas:** Termo utilizado por Friedrich Jürgenson e, subsequentemente, por jornais, para descrever as gravações de áudio tidas como comunicações do além.

**Voice Notebook:** Aplicativo utilizado em TCI para tentar capturar e transcrever automaticamente potenciais comunicações anômalas que seriam inaudíveis ou difíceis de interpretar de outra forma, envolvendo captura de áudio, transcrição automática, busca por padrões ou mensagens, registro e análise.

## W

**Water TCI:** Técnica de captar imagens em superfícies de água em movimento. Fenomenologicamente, é a união do elemento natural com a captura digital, criando uma estética fluida e orgânica.

**Weber, Max:** Weber discute o desencantamento do mundo, processo que a TCI parece contestar ao reinvestir a tecnologia com significado espiritual. Sua teoria é fundamental para entender a TCI como resposta à racionalização moderna. Obra mencionada: "A ciência como vocação" (2002).

**Wiseman, Richard:** Wiseman é um crítico cético que atribui a TCI à pareidolia e a vieses cognitivos. Sua obra representa o discurso científico ortodoxo de desqualificação da TCI. Embora cético, sua análise é

importante para equilibrar o debate e introduzir cautela metodológica. Obra mencionada: "Paranormalidade: por que vemos o que não existe" (2012).

## **Z**

**Zonas de ambiguidade cultural:** Termo de Gilberto Velho (1994) que descreve os territórios de tensão entre racionalidade e crença que marcam a vida urbana moderna. A TCI é situada nessa zona, entre ciência, fé e tecnologia.



APÊNDICES

**APÊNDICES**

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Prezada colaboradora, prezado colaborador,

Sou José Valentim Martins Melo, discente do Programa de Mestrado em Comunicação do Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa - IDP. Estou conduzindo uma pesquisa sobre **TRANSCOMUNICAÇÃO INSTRUMENTAL NAS MÍDIAS DIGITAIS: ENTRE CRENÇA E CETICISMO NA CULTURA**

**CONTEMPORÂNEA** sob a orientação do Professor Doutor Edwaldo Costa. Considerando sua experiência, gostaria de convidá-la ou convidá-lo a participar da pesquisa por meio de um questionário semiestruturado, a seguir. Em qualquer etapa do estudo você terá acesso ao pesquisador responsável para esclarecimentos de eventuais dúvidas no *e-mail* [tciespiritualidade@gmail.com](mailto:tciespiritualidade@gmail.com). **As informações coletadas serão analisadas em conjunto com as de outros participantes e será garantido o sigilo, a privacidade e a confidencialidade das questões respondidas. Nenhum nome, e-mail ou qualquer outra identificação sobre os participantes será utilizado no relato final dos resultados.** Desde já, agradeço sua rica colaboração em responder o presente questionário, sua participação será de extrema importância para o estudo.

## APÊNDICE B - "QUESTIONÁRIO - TCI"

Questionário semiestruturado disponibilizado *online* a pessoa praticante, pesquisadora ou crítica da TCI.

:: Pesquisa Científica ::

### TRANSCOMUNICAÇÃO INSTRUMENTAL NAS MÍDIAS DIGITAIS: ENTRE CRENÇA E Ceticismo NA CULTURA CONTEMPORÂNEA

Instruções para Aplicação *Online*

- Este "**Questionário - TCI**" é composto por trinta perguntas e faz parte de uma pesquisa científica de Mestrado em Comunicação Digital, cujo objetivo é compreender perspectivas, experiências e críticas sobre o fenômeno da Transcomunicação Instrumental (TCI).
- A participação é voluntária e pode ser encerrada a qualquer momento, sem prejuízo.
- As respostas são confidenciais, usadas apenas para fins acadêmicos, preservando a identidade dos entrevistados.
- Caso deseje esclarecer dúvidas durante o preenchimento ou queira retirar sua participação, contate o responsável pela pesquisa pelo e-mail informado (tciespiritualidade@gmail.com).
- Desde já, agradecemos por sua colaboração. A exatidão de suas respostas é de fundamental contribuição para a realização desta pesquisa científica.

#### Consentimento Informado

"Eu, participante, declaro que preenchi o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em anexo e que estou ciente sobre os objetivos da pesquisa, que minha participação é voluntária e que posso desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Autorizo o uso das

informações fornecidas neste questionário para fins acadêmicos, com garantia de anonimato e confidencialidade. Confirmando que não foram prometidos benefícios ou pagamentos de qualquer natureza.

Estou ciente de que os dados poderão ser publicados em artigos, dissertações ou apresentações acadêmicas sem identificação dos participantes."

---

\* Indica uma pergunta obrigatória



## Identificação

- As respostas são confidenciais, usadas apenas para fins acadêmicos, preservando a identidade dos entrevistados. \*

**Idade:**

---

**Local de residência:**

---

**Grau de Instrução:**

*Marcar apenas uma.*

- Fundamental
- Ensino Médio
- Ensino Superior
- Pós-Graduação





## Qualificação

Você participou de alguma sessão de Transcomunicação Instrumental (TCI) nos últimos seis meses? \*

*Marcar apenas uma.*

Sim

Não

## Contextualização

1. Poderia relatar sua trajetória pessoal e/ou profissional relacionada à TCI? \*

---

---

---

---

---

2. Como conheceu o fenômeno da TCI e quais fatores motivaram seu interesse pelo tema? \*

---

---

---

---

---



3. Você se identifica mais como pessoa praticante, pesquisadora ou crítica da TCI? \*

*Marque todas que se aplicam.*

- praticante
- pesquisadora
- crítica

4. Qual seu nível de envolvimento atual com experimentos ligadas à TCI? \*

*Marque todas que se aplicam.*

- Em Grupos
- Individual
- Outro: \_\_\_\_\_

5. Em que contexto você atua com a TCI? \*

*Marque todas que se aplicam.*

- Acadêmico
- Pessoal
- Institucional
- Outro: \_\_\_\_\_



## Experiências Práticas

6. Descreva uma experiência marcante que teve com TCI. \*

---

---

---

---

---

7. Quais métodos ou aparelhos já utilizou em tentativas de transcomunicação? \*

---

---

---

---

---

8. Que tipos de resultados ou registros você já obteve durante suas práticas? \*

---

---

---

---

---



9. Em relação a interpretação de resultados, em sua opinião, na TCI há evidências: \*

*Marque todas que se aplicam.*

- Objetivas
- Subjetivas
- Outro:

---

10. As experiências que você presenciou ou realizou, geraram que tipo de impacto em sua vida? \*

*Marque todas que se aplicam.*

- Dúvidas
- Ceticismo
- Outro:

---

## Aspectos Técnicos e Inovação

11. Qual a importância da tecnologia digital nas experiências atuais de TCI? \*

*Marque todas que se aplicam.*

- Muito Importante
- Pouco Importante
- Razoável
- Outro:

---

12. Como avalia o papel da Inteligência Artificial na captação e análise de sinais na prática da TCI? \*

*Marcar apenas uma.*

- Importante
- Importante, mas é necessário saber como usá-la na prática da TCI
- Não é necessário o uso de Inteligência Artificial
- Outro: \_\_\_\_\_

13. Para você, há vantagens ou limitações dos dispositivos digitais em relação aos analógicos? \*

*Marque todas que se aplicam.*

- Mais vantagens
- Muitas limitações
- Há vantagens e limitações
- Outro: \_\_\_\_\_

14. Algum *software*/aplicativo foi decisivo em suas experimentações? Qual e por quê? \*

---



---



---



---



---

15. Acredita que constantes inovações tecnológicas favorecem ou dificultam a pesquisa de TCI? \*

*Marque todas que se aplicam.*

- Favorecem
- Dificultam
- Favorecem e dificultam
- Outro: \_\_\_\_\_

## Epistemologias, Crença e Ceticismo

16. Qual é o maior desafio para validar a TCI na atualidade? \*

*Marque todas que se aplicam.*

- Falta de comprovação científica
- Preconceito religioso ou acadêmico
- Falta de tecnologias adequadas
- Falta de interesse da comunidade científica
- Outro: \_\_\_\_\_

17. Na sua visão, a TCI é mais científica, espiritual, cultural ou um híbrido? \*

*Marque todas que se aplicam.*

- científica
- espiritual
- cultural
- um híbrido \_\_\_\_\_

## Mídia, Redes Sociais e Representação

18. Como você percebe que a mídia tradicional costuma abordar a TCI? \*

*Marque todas que se aplicam.*

- Fantasia
  - Medo ou desconfiança
  - Preconceito sobre o tema
  - Fato concreto, sendo investigado cientificamente
  - Outro: \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_

19. Avalia que *internet* e redes sociais ampliaram ou distorceram o debate sobre TCI? \*

*Marque todas que se aplicam.*

- Ampliam
  - Distorcem
  - Nenhuma opção
  - Outro: \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_

20. Já compartilhou algum registro de TCI (áudio, vídeo, texto) na internet? Obteve alguma reação negativa ou positiva? \*

---



---



---



---



---

## Comunidade e Diversidade

21. Qual o seu perfil, em termos de crença e formação? \*

*Marque todas que se aplicam.*

- ateu
- católico
- evangélico
- espírita
- Outro:

---

22. Percebe aproximações da TCI com tradições espirituais/nativas? (ex: espiritismo, umbanda, xamanismo ou outras)

*Marcar apenas uma.*

- Espiritismo
- Umbanda
- Xamanismo
- Outro: \_\_\_\_\_



23. Já participou de eventos, congressos ou seminários sobre TCI? \*

Quais experiências destacaria?

---

---

---

---

---

### Perspectivas históricas e culturais

24. Conhece figuras importantes para o desenvolvimento da TCI no Brasil e no exterior? Quais e por quê? \*

---

---

---

---

---

25. Vê mudanças no imaginário social sobre vida após morte a partir da popularização da TCI?

*Marque todas que se aplicam.*

- Vejo mudança
- Não vejo mudança
- Outro:

---



## Questões Metodológicas e Éticas

26. Já presenciou ou conheceu práticas antiéticas no campo da TCI?

*Marque todas que se aplicam.*

não presenciou nem conheceu

fraude

*fake news*

sensacionalismo

Outro: \_\_\_\_\_

## Tendências, Futuro e Reflexões

27. Existe espaço para colaboração entre praticantes, céticos, acadêmicos e comunicadores? Como construir pontes? \*

---



---



---



---



---

28. Que conselhos daria a quem deseja iniciar pesquisas ou práticas em TCI? \*

---



---



---



---



---

## Síntese, Aconselhamento e Comentários Finais

29. O que gostaria que fosse melhor compreendido sobre a TCI no debate público? \*

---



---



---



---

30. Há alguma experiência pessoal ou profissional sobre TCI que ainda não contou e gostaria de relatar aqui? Gostaria de acrescentar algum aspecto ou reflexão que julgue importante e que não foi contemplado? \*

---



---



---



---

Agradecemos por sua colaboração.  
 A exatidão de suas respostas é de fundamental  
 contribuição para a realização desta pesquisa científica.  
**Muito obrigado!**

## APÊNDICE C - FONTES ICONOGRÁFICAS

As imagens foram obtidas em fontes públicas e especializadas, com base em critérios de relevância temática e disponibilidade de acesso para fins acadêmicos e seguem as normas da ABNT NBR 14724:2022 para documentação iconográfica online (Tabela 17. Fontes Iconográficas).

Figura	Instituição/Autor	Título da Imagem	Ano	URL (estável)	Acesso
1	Bradshaw Foundation	Pinturas rupestres de Lascaux (Pré-História)	2025	<a href="https://www.bradshawfoundation.com/lascaux/">https://www.bradshawfoundation.com/lascaux/</a>	23 abr. 2025
2	The British Museum	O Planisfério de Nínive: astronomia e escrita como conexão	2025	<a href="https://brunelleschi.inns.fi.it/galileopalazzo/rozzio/object/StarsAndConstellationsZoom.html">https://brunelleschi.inns.fi.it/galileopalazzo/rozzio/object/StarsAndConstellationsZoom.html</a>	21 abr. 2025
3	Bible Study Tools	Belshazzar's Feast (Rembrandt van Rijn, 1635)	2025	<a href="https://www.biblestudytools.com/encyclopedias/isbe/belshazzar.html">https://www.biblestudytools.com/encyclopedias/isbe/belshazzar.html</a>	23 abr. 2025
4	Wikimedia Commons	Allan Kardec – photographie originale (c. 1865) – (Hippolyte Léon Denizard Rivail)	2025	<a href="https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Allan_Kardec_2.jpg">https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Allan_Kardec_2.jpg</a>	23 abr. 2025
5	Science Museum Group	Early electromagnetic recording device (c. 1890) – (Fim do século XIX)	2025	<a href="https://collection.sciencemuseumgroup.org.uk/objects/co8084610.early-recording-device">https://collection.sciencemuseumgroup.org.uk/objects/co8084610.early-recording-device</a>	23 abr. 2025
6	ITC Journal	Ernst Senkowski com equipamento de TCI (2006) – ( <i>Instrumente ile Transkommunikation</i> )	2025	<a href="http://www.itcjournal.org/archives/senkowski/">http://www.itcjournal.org/archives/senkowski/</a>	23 abr. 2025
7	Federação Espírita Brasileira	Chico Xavier durante psicografia (década de 1970) - (Século XX – Chico Xavier)	2025	<a href="https://www.febnet.org.br/chico-xavier/">https://www.febnet.org.br/chico-xavier/</a>	23 abr. 2025
8	Transcommunication Research	Diagrama de configuração básica para captura de EVP (Aparelhos eletroeletrônicos)	2025	<a href="http://www.transcommunication-research.org/equipment.html">http://www.transcommunication-research.org/equipment.html</a>	23 abr. 2025
9	Association for ITC	Klaus Schreiber em seu laboratório (década de 1980)	2025	<a href="https://www.aipc.org/history/schreiber">https://www.aipc.org/history/schreiber</a>	23 abr. 2025
10	Jürgenson Foundation	Friedrich Jürgenson com gravador (c. 1960)	2025	<a href="http://www.jurgensonfoundation.org/gallery">http://www.jurgensonfoundation.org/gallery</a>	23 abr. 2025
11	Instituto de Cultura Espírita	Divaldo Pereira Franco (2023)	2025	<a href="https://www.ice.org.br/divaldo-franco/">https://www.ice.org.br/divaldo-franco/</a>	23 abr. 2025
12	CABRAL, Gabrielle Baracas	Processo de formação de imagens em TCI (2020)	2020	In: "Entre mídias e médiums", p. 89.	23 abr. 2025
13	Associação Brasileira de TCI	Espectrograma de voz eletrônica (EVP) captada em laboratório (2023)	2023	<a href="https://www.abti.org.br/evp-examples">https://www.abti.org.br/evp-examples</a>	18 abr. 2025
14	HereAfter AI	HereAfter AI para preservação de memórias (2024)	2024	<a href="https://www.hereafter.ai/interface">https://www.hereafter.ai/interface</a>	21 abr. 2025
15	Replika AI	Exemplo de avatar digital interativo Replika (2024)	2025	<a href="https://replika.ai/showcase">https://replika.ai/showcase</a>	23 abr. 2025
16	Spirit box	PARANORMAL RESEARCH SOCIETY. Spirit Box P-SB7T		<a href="https://www.paranormalresearchsociety.org/equipment">https://www.paranormalresearchsociety.org/equipment</a>	21 abr. 2025.
17	Acervo Digital Hilda Hist	Hilda Hist durante experimento com TCI	2025	<a href="https://www.hildahist.com.br/acervo">https://www.hildahist.com.br/acervo</a>	23 abr. 2025
18	Paranormal Research Society	Dispositivo Spirit Box P-SB7T em investigação de campo (2023)	2025	<a href="https://www.paranormalresearchsociety.org/equipment">https://www.paranormalresearchsociety.org/equipment</a>	21 abr. 2025
Tabela 5	Grupo de TCI Jon-Erik	Transmissões processadas com IA (2025)	2025	<a href="https://www.youtube.com/@tcijonerik-correioespirituais">https://www.youtube.com/@tcijonerik-correioespirituais</a>	17 abr. 2025
Tabela 6	Grupo de TCI Jon-Erik	Transmissões captadas e aperfeiçoadas com IA (2025)	2025	<a href="https://www.youtube.com/@tcijonerik-correioespirituais">https://www.youtube.com/@tcijonerik-correioespirituais</a>	17 abr. 2025



idp

Bo  
pro  
cit  
ref  
Ness  
são e

**idp**

A ESCOLHA QUE  
**TRANSFORMA**  
O SEU CONHECIMENTO